

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

Rebeca Leite Camarotto

HOLLYWOOD

**TRADUÇÃO DOS DEPOIMENTOS
DOS DEZ DE HOLLYWOOD
AO COMITÊ DE ATIVIDADES
CONTRA-AMERICANAS**



ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

Rebeca Leite Camarotto

HOLLYWOOD

**TRADUÇÃO DOS DEPOIMENTOS
DOS DEZ DE HOLLYWOOD
AO COMITÊ DE ATIVIDADES
CONTRA-AMERICANAS**



2024
São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C173t

Camarotto, Rebeca Leite -

Tradução dos depoimentos dos Dez de Hollywood ao
Comitê de Atividades Contra-Americanas / Rebeca Leite
Camarotto. - São Paulo: Pimenta Cultural, 2024

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-897-3

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.98973

1. Anticomunismo. 2. Hollywood. 3. Macarthismo.
4. Tradução e política. 5. Visibilidade do tradutor. I. Camrotto,
Rebeca Leite. II. Título.

CDD: 321.9273

Índice para catálogo sistemático:

I. Anticomunismo

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 a autora.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Imagens da capa	oneinchpunch - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Belarius
Revisão	A autora
Autora	Rebeca Leite Camarotto

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa de Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

TRADUÇÃO DOS DEPOIMENTOS
DOS DEZ DE HOLLYWOOD
AO COMITÊ DE ATIVIDADES
CONTRA-AMERICANAS

Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidade Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



TRADUÇÃO DOS DEPOIMENTOS
DOS DEZ DE HOLLYWOOD
AO COMITÊ DE ATIVIDADES
CONTRA-AMERICANAS

À Stella, minha força motriz

TRADUÇÃO DOS DEPOIMENTOS
DOS DEZ DE HOLLYWOOD
AO COMITÊ DE ATIVIDADES
CONTRA-AMERICANAS



Mesmo se admitirmos que cada geração tenha o direito de escrever sua própria história, admitimos mais nada além do direito de reorganizar os fatos conforme sua própria perspectiva; não admitimos o direito de manipulação da própria matéria factual.

Hannah Arendt

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	<i>American Business Consultants</i>
CC	Cultura de chegada
CP	Cultura de partida
CPUSA	<i>Communist Party USA</i> , Partido Comunista dos Estados Unidos
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
HT	<i>Hollywood Ten</i>
HUAC	<i>House Un-American Activities Committee</i> , Comitê de Atividades Contra - Americanas da Câmara dos Deputados
LC	Língua de chegada
LP	Língua de partida
SWG	<i>Screen Writers Guild</i> , Sindicato dos Roteiristas
TC	Texto de chegada
TP	Texto de partida

SUMÁRIO

Introdução	15
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

A era McCarthy	19
-----------------------------	-----------

1.1 O anticomunismo, os comitês parlamentares e as listas negras	20
---	----

1.2 Hollywood, o HUAC a as audiências de 1947	32
--	----

1.3 Desdobramentos da era McCarthy	40
--	----

CAPÍTULO 2

Fundamentação teórica	44
------------------------------------	-----------

2.1 Estudos Funcionalistas da Tradução.....	45
---	----

2.2 A tradução como ato político e a visibilidade do tradutor	48
--	----

CAPÍTULO 3

Objetivos, <i>corpus</i> e metodologia	52
---	-----------

3.1 Objetivos de pesquisa	53
---------------------------------	----

3.2 <i>Corpus</i>	54
-------------------------	----

3.3 O processo de tradução	55
----------------------------------	----

CAPÍTULO 4

Análise e tradução	58
4.1 Análise e interpretação do escopo do texto de chegada	59
4.2 Análise do texto de partida	60
4.2.1 Análise dos fatores extra e intratextuais.....	61
4.2.2 Problemas de tradução	70
4.3 Definição das estratégias de tradução e soluções encontradas	72
4.3.1 Pragmáticos.....	73
4.3.2 Relativos a convenções culturais.....	74
4.3.2.1 American/Un-american.....	74
4.3.2.2 <i>House of Representatives</i>	78
4.3.2.3 <i>Committee</i>	78
4.3.2.4 Juramento.....	78
4.3.2.5 <i>The meeting will come to order / a lot of points which he knows are out of order before this tribunal / That statement is out of order</i>	79
4.3.2.6 <i>Cross-examine</i>	80
4.3.2.7 <i>Contempt of court/Contempt of Congress</i>	80
4.3.2.8 Pronome de Tratamento (<i>You</i>)	81
4.3.3 Específicos do par linguístico	81
4.3.4 Específicos do texto.....	82
Considerações finais.....	85
Referências bibliográficas	87

Apêndice

Tradução dos depoimentos dos Dez de Hollywood
ao Comitê de Atividades Contra-Americanas

da Câmara **95**

Prefácio da Tradutora **97**

Audiências sobre a infiltração comunista
na indústria cinematográfica **104**

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1947 106

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 1947 114

QUARTA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 1947 170

Hearings regarding the communist
infiltration of the motion picture industry **209**

MONDAY, OCTOBER 20, 1947 211

MONDAY, OCTOBER 27, 1947 217

WEDNESDAY, OCTOBER 29, 1947 270

Os Dez de Hollywood **307**

Advogados **315**

Presidente do HUAC **316**

Índice remissivo 317

PREFÁCIO

Esta obra é a dissertação de Mestrado que defendi em fevereiro de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Luciana Carvalho Fonseca. Aos que chegaram a este livro motivados pelos depoimentos dos Dez de Hollywood, sugiro que leiam o capítulo 1 para contextualização; os capítulos 2 a 4 podem interessar aos estudantes e interessados nas questões relativas à Tradução. Esses capítulos contextualizam e informam a respeito da pesquisa desenvolvida para a elaboração da tradução dos depoimentos, que pode ser encontrada no Apêndice juntamente com o texto original e a minibiografia dos principais envolvidos.

INTRODUÇÃO

Em 1947, um grupo de dez roteiristas e diretores que trabalhavam para estúdios de cinema em Hollywood foram intimados a depor pelo *House Un-American Activities Committee* [Comitê de Atividades Contra-Americanas da Câmara] (HUAC), comitê parlamentar de inquérito instalado pela Câmara dos Deputados dos Estados Unidos que investigava supostas inserções de propaganda comunista nos filmes produzidos por esses estúdios. Contestando a constitucionalidade dos questionamentos dirigidos a eles, recusaram-se a cooperar e foram presos por desacato ao Congresso, além de terem perdido seu trabalho e sua credibilidade na indústria e na sociedade, sofrendo os efeitos da chamada "*Blacklist*" [Lista Negra]. Foram eles: Adrian Scott, Albert Maltz, Alvah Bessie, Dalton Trumbo, Edward Dmytryk, Herbert Biberman, John Howard Lawson, Lester Cole, Ring Lardner Jr. e Samuel Ornitz.

O grupo ficou conhecido como "*Hollywood Ten*" [Dez de Hollywood] e foram os primeiros de milhares de profissionais investigados e perseguidos na chamada "era McCarthy" (décadas de 1940 e 1950) devido a suas posições políticas. O macarthismo, assim chamado em referência a seu maior expoente, o senador Joseph McCarthy (1908-1957), foi marcado por uma intensa repressão política que tinha como foco principal o comunismo soviético.

Embora haja consenso atualmente sobre os exageros e injustiças cometidos na época, não apenas por parlamentares e pelo judiciário, mas também pela sociedade em geral, os efeitos foram acachapantes para o pensamento político dos Estados Unidos e impactaram os desdobramentos da política externa estadunidense, especialmente na América Latina, com o apoio e instrumentação às ditaduras militares anos depois.

Passados setenta anos, encontramos ressonâncias do *corpus* e de seu contexto no atual cenário político nacional e internacional, em que posições ultraconservadoras e intolerância de todas as formas têm crescido em detrimento da pluralidade de pensamento, da negociação e do diálogo. Fatos recentes que ensejaram essa situação foram, no Brasil, o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016 e seus desdobramentos, culminando na eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro, que, assim como os grupos hegemônicos estadunidenses do período pós-guerra, enfatiza em seu discurso e ações a crença de que o comunismo e demais posicionamentos à esquerda do espectro político são uma ameaça à democracia, à identidade e aos valores nacionais (Bolsonaro, s/d; Praça, 2019; Reuters, 2019). No exterior, guerras civis e ações de grupos terroristas na África e no Oriente Médio levaram à migração em massa de pessoas em busca de condições de vida mais seguras a partir de 2015, situação que foi explorada por partidos conservadores europeus em favor de posições ultranacionalistas e, por vezes, xenófobas, que têm ganhado terrenos e eleições (Moreno, 2018; Duarte-Plon, 2015; Lövy, 2015). Já nos Estados Unidos, o presidente eleito em 2017, Donald Trump, não apenas compartilha de visões muito parecidas com aquelas dos membros do HUAC, como seu próprio assessor de campanha, Newt Gingrich, chegou a declarar que seria necessário reativar o HUAC para derrotar o radicalismo islâmico (Hensch, 2016).

As audiências do HUAC foram transcritas para registro e estão disponíveis na internet (House of Representatives, 1947). Essas transcrições constituem um documento histórico, que pode ser classificado como fonte documental primária, ou seja, é um registro produzido pelas pessoas que viveram o episódio estudado. Esse tipo de fonte, em contraste com fontes indiretas ou secundárias, é a mais conveniente para as pesquisas historiográficas, jornalísticas e de outras ciências sociais. Uma vez que documentos desse tipo poucas vezes são traduzidos, restam aos interessados em conhecê-los,

quando não são proficientes na língua original, os comentários e relatos sobre o episódio. Ademais, quando há uma distância temporal considerável entre o momento presente e o contexto em que o documento foi produzido, há sempre uma dificuldade com os referentes, além das diferenças entre os referentes culturais da cultura de partida e os da cultura de chegada.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi produzir uma tradução dos depoimentos dos “*Hollywood Ten*” (HT) que cumprisse a função de informar os interessados no tema sobre esse episódio da história estadunidense para que o conheçam e para que possam analisar em primeira mão o conteúdo das audiências.

Segundo Christiane Nord (2005, p.1), “um processo tradutório é normalmente iniciado por um cliente ou “iniciador”, que demanda o trabalho ao tradutor e define o propósito da tradução. Neste trabalho, a tradutora é a própria “iniciadora”, ou seja, a tradutora escolheu o texto a ser traduzido e definiu qual é o seu propósito. A nosso ver, essa condição implica numa maior responsabilidade da tradutora em relação às suas escolhas. Por essa razão, buscamos garantir que a tradutora estivesse visível (Venuti, 2008) por meio do prefácio e das notas, assumindo suas escolhas para o leitor e marcando assim sua posição.

Este livro está estruturado em quatro capítulos, considerações finais, referências bibliográficas e apêndice. No primeiro capítulo, apresentamos um panorama do contexto histórico em que o episódio das audiências está inserido. Fazemos um apanhado da conjuntura política e social dos Estados Unidos no período, bem como uma descrição do anticomunismo, das audiências do HUAC e seus desdobramentos.

No segundo capítulo, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa, sobretudo os conceitos das teorias funcionalistas da tradução e da dimensão política da tradução e do tradutor.

No terceiro capítulo, detalhamos o objetivo do trabalho, a composição do corpus e a metodologia adotada para o processo de tradução.

No quarto capítulo, demonstramos as análises do texto, os problemas de tradução encontrados e as estratégias e soluções adotadas para a produção do texto final. Em seguida, apresentamos as considerações finais, as referências bibliográficas e o apêndice contendo a tradução dos depoimentos acompanhada por um prefácio e pelas minibiografias dos HT.

An aerial photograph of a hillside with sparse vegetation and a town visible in the distance. A large, bright yellow number '1' is overlaid on the right side of the image.

1

A ERA MCCARTHY

Neste capítulo faremos uma breve exposição sobre o contexto histórico em que as audiências ocorreram. Iniciaremos com uma descrição da conjuntura política e social em que o anticomunismo se desenvolveu nos Estados Unidos da primeira metade do século 20 e como funcionavam os comitês parlamentares e as listas negras. No item seguinte, apresentamos um panorama sobre Hollywood, o HUAC e as audiências de 1947. Finalmente, apontamos alguns desdobramentos e consequências desse episódio não apenas para os indivíduos envolvidos como também para a sociedade estadunidense de forma geral.

1.1 O ANTICOMUNISMO, OS COMITÊS PARLAMENTARES E AS LISTAS NEGRAS

A Guerra de Secessão, também conhecida como “Guerra Civil Americana”, ocorrida de 1861 a 1865 entre os estados do norte e os estados do sul do país, resultou na abolição da escravidão nos estados sulistas e na expansão da economia manufatureira e do trabalho assalariado, não apenas nos estados do leste como também no restante do país que se expandia para o oeste do continente. A partir de então, a industrialização cresceu vertiginosamente e atraiu um grande fluxo de imigrantes europeus e asiáticos no final do século 19 e início do século 20 em busca de melhores condições de vida e trabalho na “Terra da Liberdade”. Esses imigrantes, especialmente os europeus, traziam de seus países de origem ideais anarquistas, socialistas, feministas, entre outros, que constituíram um contraponto ao darwinismo social preconizado pela elite econômica e pressionavam para que houvesse melhorias nas condições abusivas de trabalho nos grandes centros urbanos que se formavam (Karnal *et al.*, 2011, p. 175).

Mais tarde, a Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918) e a Revolução Russa (1917) fortaleceram os sentimentos nacionalistas e aumentaram os temores das classes dominantes em relação aos movimentos sindicais e sociais. A organização de grandes greves gerais (Greve Geral de Seattle, Grande Greve dos Siderúrgicos, Greve do Sindicato pela Equidade dos Atores), atentados realizados por anarquistas radicais (entre abril e junho de 1919) e a desconfiança geral em relação aos imigrantes foram usados como argumentos para sustentar o discurso da elite econômica de que contestações às estruturas sociais eram uma ameaça aos valores de liberdade e democracia conquistados pelos fundadores da nação. A retaliação, porém, não foi apenas no campo discursivo. Leis publicadas para restringir liberdades civis (*Espionage Act* [Lei contra Espionagem] de 1917 e *Sedition Act* [Lei contra Perturbação da Ordem] de 1918), prisões e deportações em massa, perseguições e violações a direitos civis foram recorrentes durante o período denominado "*First Red Scare*" [Primeira Ameaça Vermelha].

Em 1919, ex-integrantes do *Socialist Party of America* [Partido Socialista da América] formaram novos partidos, inspirados pela Revolução Russa, que alteraram sua configuração e nome algumas vezes ao longo da década de 1920 até unirem-se no *Communist Party of the United States of America* (CPUSA) [Partido Comunista dos Estados Unidos] em 1929. Em meados da década de 1930, os comunistas buscaram unir-se a outras correntes progressistas para formar uma coalizão contra o avanço do fascismo na Europa, especialmente durante a Guerra Civil Espanhola e após o fim do Pacto Nazi-Soviético em 1941. Esse movimento, denominado *Popular Front* [Frente Popular], teve muitas nuances políticas, mas foi fortemente pautado pela organização dos trabalhadores dos mais variados setores. Assim, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sendo os soviéticos aliados dos Estados Unidos contra os países do Eixo, o discurso anticomunista esmoreceu frente à necessidade de se combater o nazi-fascismo.

Atuante no movimento sindicalista, o CPUSA cresceu em influência e número de membros e simpatizantes na década de 1930, quando houve um desencantamento da população com o sistema capitalista devido à Grande Depressão. O apoio à política do *New Deal* – programa de recuperação econômica implementado a partir da década de 1930 pelo então presidente Franklin D. Roosevelt, que aliava a participação direta do Estado na economia a ações de assistência social –, a luta contra a política de segregação racial e o fascismo, especialmente o engajamento na Guerra Civil Espanhola, fez com que o CPUSA se estabelecesse como uma das principais instituições progressistas do país, o que atenuou a imagem do comunismo nesse período. Segundo Stanley Aronowitz,

O Partido Comunista Americano cresceu de sete mil membros em 1930 para cerca de oitenta mil em 1938 pela força de sua afiliação ao movimento internacional, sua busca bem-sucedida de uma estratégia de coalizão após 1935, e seu trabalho infatigável de organização de sindicatos e organizações populares – pela paz, direitos civis, cultura, e política local – saindo da guerra mais influente do que nunca. Em 1945, a *Communist Political Association* [Associação Política Comunista], sua sucessora, talvez tenha alcançado perto de cem mil membros, talvez um terço dos quais eram ativistas, e muitos outros dos quais estavam inseridos em alguns dos mais importantes setores da vida americana – os sindicatos, o movimento pelos direitos civis, organizações culturais, especialmente em Hollywood e entre a juventude. Embora suas intervenções eleitorais independentes fossem insignificantes – após 1936 passou a fazer parte da coalizão de reforma social do *New Deal* – o Partido Comunista tornou-se uma força dentro do Partido Democrata, não apenas nas grandes cidades mas até mesmo em algumas comunidades rurais, especialmente Iowa, Wisconsin, Minnesota e Dakota do Sul e do Norte (Aronowitz, 1996, p.8).

No entanto, com o fim da Segunda Guerra, os Estados Unidos saíram fortalecidos e prontos para assumir a liderança no cená-

rio internacional, sendo a União Soviética seu maior “concorrente” em termos de hegemonia política. Além disso, interesses econômicos e militares também pressionavam para que o país permanecesse em estado de guerra, sendo para isso necessário que houvesse um inimigo específico. Por outro lado, as forças mais conservadoras do país passaram a dominar o Congresso em 1946 e procuravam desconstruir a imagem do governo anterior, sobretudo do ex-presidente Roosevelt, morto em 1945, acusando-o de fazer propaganda soviética e de impor mecanismos restritivos à liberdade econômica com o *New Deal*, que muitos consideravam uma política de viés “comunista”.

As forças conservadoras, não apenas do Congresso, mas também do executivo (que firmou sua própria agenda anticomunista, com a Doutrina Truman, do presidente Henry Truman) passaram a apoiar-se numa cultura do medo que de fato causou paranoia em relação às supostas “ameaças comunistas”. Havia o temor de uma guerra nuclear entre as duas potências, o qual era reforçado pela experiência recente das armas nucleares lançadas em Nagasaki e Hiroshima pelos Estados Unidos. A propaganda anticomunista passou a fazer parte do cotidiano das pessoas e estava presente diariamente em todos os lugares e nos canais de comunicação. Filmes, programas de rádio e televisão, quadrinhos e publicidade passaram a explorar o tema de forma cada vez mais estereotipada, imprimindo no subconsciente coletivo a imagem dos espiões soviéticos e do ambiente de terror de uma possível dominação pelos comunistas. As figuras a seguir são exemplos dessa propaganda:

Figura 1 – Parte de livreto publicado em 1949: “Quão vermelha é a escola local? É hora de os pais americanos conhecerem os fatos!”



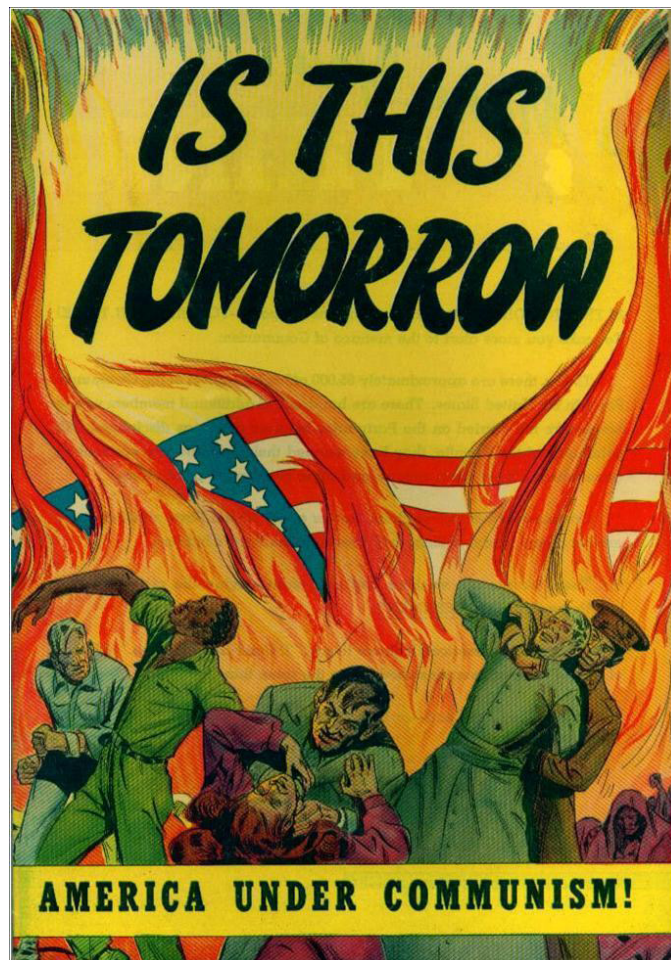
Fonte: Harold Taylor Papers, 1949. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46502709>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Figura 2 – Publicação do Ku Klux Klan de 1933, ameaçando os negros que participassem de “reuniões comunistas”



Fonte: Alabama Department of Archives and History, 1933. Disponível em:
<https://segregationinamerica.eji.org/report/massive-resistance.html>.
Acesso em 18 nov. 2019.

Figura 3 – Gibi publicado em 1947 pela "Catechetical Guild Educational Society" em St. Paul, Minnesota: "Este é o amanhã - América sob o Comunismo!"



Fonte: Wikimedia Commons, 1947. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Is_this_tomorrow.jpg. Acesso em: 18 nov. 2019.

Porém, a histeria anticomunista não foi apenas disseminada pelos agentes governamentais e não foi direcionada apenas ao CPUSA. Jonathan Michaels (2017, p. 19) afirma que a origem do fenômeno do *"red scare"* está no conflito entre os detentores dos meios de produção e os trabalhadores em relação ao status que a mão de obra deveria ter nas empresas (se a força de trabalho deveria ser apenas uma mercadoria ou se os trabalhadores teriam direitos ao negócio por serem parte integrante dele; no segundo caso, que direitos e qual sua extensão). A visão mais extrema do lado trabalhista era a que considerava a propriedade privada uma instituição opressora que deveria ser abolida. Michaels afirma que

Esses radicais – um grupo que incluía anarquistas, Socialistas, sindicalistas e Comunistas – possuíam um conjunto de diferentes teorias sobre como esse fim deveria ser alcançado, mas a maioria dos americanos não se importava com as tênues distinções entre eles; em vez disso, eram frequentemente colocados juntos numa massa mal definida e mal compreendida, mas ameaçadora denominada *"vermelhos"* (Michaels, 2017, p. 21).

Segundo Ellen Schrecker (2002, p. 12), *"a rede anticomunista não era um monólito, mas uma coalizão que aos poucos atraiu grupos e indivíduos."* Com diferentes configurações e táticas, a mistura de tipos de ataques tornou-se mais potente e atraiu até mesmo liberais e socialistas. No entanto, os parâmetros desse movimento contínuo foram estabelecidos pelos conservadores com o efeito de assegurar os programas econômicos e sociais da direita. Os interesses mais importantes dessa cadeia eram os da comunidade empresarial que se opunha à organização trabalhista.

Schrecker aponta ainda que o anticomunismo estadunidense tem suas raízes na tradição contra-subversiva da nação, que vê no *"Outro"* uma ameaça e o demoniza, seja ele representado por dissidentes políticos, estrangeiros ou membros de minorias raciais ou religiosas (Schrecker, 2002, p. 13). Essa *"fonte subterrânea de*

irracionalidade popular e xenofobia” pôde ser usada por políticos e grupos com interesses específicos para direcionar a hostilidade aos oponentes que escolhessem.

O anticomunismo tinha como alvo não apenas comunistas filiados ao CPUSA, mas qualquer indivíduo que tivesse qualquer inclinação a ideais mais progressistas ou qualquer relação, ainda que indireta, com organizações favoráveis à igualdade racial ou de gênero, trabalhistas, pacifistas, entre outras. Todos eram chamados de “vermelhos” e “comunistas”, e eram tidos como ameaça aos Estados Unidos e agentes ou espiões em potencial da União Soviética.

Diversos comitês investigativos multiplicaram-se nas instâncias locais, estaduais e federais. O expoente maior dessa era foi sem dúvida o senador Joseph McCarthy, que fez uso do crescente movimento para ascender politicamente. À frente do *Committee on Government Operations of the Senate* [Comitê de Operações Governamentais do Senado] e de seu *Permanent Subcommittee on Investigations* [Subcomitê Permanente de Investigações], o foco de seus ataques foram sobretudo funcionários do executivo. Embora nunca tenha conseguido encaminhar qualquer denúncia plausível, seus interrogatórios atraíram muita atenção pela forma espetacular e agressiva com que eram conduzidos. Quando resolveu investigar membros das Forças Armadas, perdeu o apoio no Congresso e a opinião pública voltou-se contra ele. Foi substituído no subcomitê de investigação e condenado pelo Senado por conduta contrária às tradições do Senado em 1954, tendo falecido dois anos depois. O termo “macarthismo” passou a designar a prática de acusar alguém de traição ou subversão sem ter provas.

As oitivas dos comitês investigativos viraram rotina e seguiam um ritual simbólico que tinha como intuito expor certas pessoas como membros ou ex-membros do CPUSA. Schrecker (2002, p. 65) descreve como essas cerimônias funcionavam:

Primeiro, um colaborador ex-Comunista ou testemunha especialista descrevia o padrão de infiltração comunista na área da vida americana que o comitê supostamente estava examinando e listava os supostos infiltrados pelo nome. Então o comitê interrogava aquelas pessoas uma por uma, invariavelmente fazendo a elas a pergunta crucial "O senhor é agora, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?!" As testemunhas que respondiam afirmativamente tinham então que citar nomes. (...) Como o comitê já conhecia os nomes que pedia para as testemunhas identificarem, ficava claro que o objetivo era expor, e não obter informação (Schrecker, 2002, p. 65-66).

Diversas organizações da sociedade civil entraram na cruzada anticomunista, algumas foram formadas com esse propósito, e muitos indivíduos tomaram para si a missão de denunciar e expor os "comunistas". Os que tinham a infelicidade de serem apontados como tal sofriam o desprezo dos pares e o rompimento de relações familiares e sociais, além das mais diversas sanções profissionais e financeiras. Especialmente na indústria do entretenimento, as chamadas "listas negras" eram o instrumento pelo qual os vigilantes anticomunistas faziam valer sua retaliação aos "inimigos".

As "listas negras" não eram listas oficiais. Frequentemente sua existência era negada por aqueles que a aplicavam, pois havia o risco jurídico de serem impugnadas com base em sua inconstitucionalidade. No entanto, o mero fato de ser intimado por um dos comitês já era suficiente para causar problemas ao indivíduo, ainda que seu nome não aparecesse nas publicações dedicadas a expor os supostos "vermelhos". Na indústria do entretenimento, Schwartz (1999, p. 1-2) afirma que

as indústrias do entretenimento contavam com listas compiladas por grupos de cidadãos privados como o *American Legion*, que publicava *Firing Line* [Linha de Tiro] e do qual o grupo de Siracusa publicava o boletim *Spotlight* [Holofote]; *The Wage Earners Committee, Aware Inc.*, e o *American Business Consultants*, uma empresa

formada por três ex-agentes do FBI que publicava a revista *Counterattack* [Contra-ataque] e publicou o livreto de 1950 *Red Channels* [Canais Vermelhos]. Indivíduos que influenciavam as decisões da indústria relativas à lista negra incluem o rabino Benjamin Schultz, diretor do *American Jewish League Against Communism* [Liga Judaica Americana Contra o Comunismo]; Laurence A. Johnson, um empresário de Siracusa, e Vincent Hartnett, que escreveu a introdução do *Red Channels*, editou e distribuiu *File 13*, uma sequência do *Red Channels* mais abrangente, e que formou o *Aware Inc.*, que publicou uma série de boletins que foram distribuídos para executivos da indústria (Schwartz, 1999, p. 1-2).

Essas listas, como o *Red Channels*, publicavam o nome do indivíduo e a motivação para incluí-lo na lista. Muitos figuravam ali apenas por terem assinado uma petição, outros porque seu cônjuge o havia feito. Alguns eram prejudicados por terem um homônimo na lista, como relata Mark Goodson (1991) a respeito de uma atriz que tinha o mesmo nome de alguém que escrevia para o jornal comunista *The Daily Worker*; os patrocinadores de um programa de televisão exigiram que ela não fosse escalada por estar numa das listas.

O historiador David King Dunaway (2019) afirma que qualquer um poderia figurar nas listas negras, pois

as pessoas tinham tanto pavor dos comunistas que bastava dizer que alguém era comunista para acabar com ele. Então, se você não gostava do seu vizinho, que colocava música muito alta, ou se você não gostava do cachorro dele latindo o tempo todo e quisesse que ele fosse embora do prédio, você ligava para o FBI e dizia que ele era comunista. Ele seria despejado do apartamento e você não teria mais problema, com o cachorro latindo (Dunaway, 2019).

Outro aspecto importante que devemos mencionar é a dimensão econômica que as listas negras assumiram. A *American Business Consultants* (ABC), empresa formada por ex-agentes do

FBI que publicaram *Counterattack* e *Red Channels*, ofereciam também serviços de investigação particulares. Se um empregador queria saber se seus funcionários eram “vermelhos”, por exemplo, podia contratar seus serviços. Outro serviço oferecido era a “limpeza” de nomes citados nas publicações. Havia um ritual para tal, que consistia na maior parte das vezes em escrever diversas cartas de retração, admitindo culpa e arrependimento, além de reuniões com os comitês parlamentares ou com o FBI para citar outros nomes. Por quantias suficientes para comprar uma casa, a ABC guiava o “ex-comunista” pelo processo de redenção, serviço que também era oferecido por outras organizações. Após a publicação de *Red Channels* em 1950, Stefan Kanfer (1973, p. 122) afirma que

O frenesi calculado dos autores das listas negras trouxe dividendos inesperados. Por volta do Ano Novo, a *American Business Consultants*, com novos clientes e um futuro garantido, tinha apenas um arrependimento sobre *Red Channels*. Keenan [um dos fundadores da empresa] expressou-o: “Cometemos um erro ao cobrar apenas um dólar... não achávamos que haveria uma demanda tão alta por ela. Deveríamos ter cobrado dois dólares cada. Agora seremos mais espertos do que fomos” (Kanfer, 1973, p. 122).

Para ilustrar as dificuldades enfrentadas por aqueles que se recusavam a cooperar com o HUAC ou outros comitês do gênero, citamos um caso descrito por Dunaway (1989, p. 229), ocorrido com o escritor alemão Thomas Mann, que morou nos Estados Unidos entre 1938 e 1952:

Em 2 de novembro, Thomas Mann anunciou que tinha a honra de expor a si mesmo como uma testemunha hostil. Esse foi o começo de muitas dificuldades para Mann: em seguida, sua palestra na Biblioteca do Congresso foi cancelada; quando tentou palestrar em Hollywood, vários hotéis recusaram hospedá-lo. Depois das oitavas do HUAC, nem todos deixaram a cidade tão rapidamente quanto Brecht, mas o mundo dos exilados de Hollywood estava definitivamente em declínio” (Dunaway, 1989, p. 229).

No item a seguir, descrevemos como Hollywood tornou-se alvo do HUAC e como se deram as audiências de 1947.

1.2 HOLLYWOOD, O HUAC A AS AUDIÊNCIAS DE 1947

As primeiras empresas de produção de filmes estavam localizadas em Nova York, aproveitando a estrutura e os recursos humanos da Broadway. No entanto, a sofisticação tecnológica permitiu e demandou espaços mais amplos e variados para as filmagens. O local ideal para encontrar paisagens diversas (deserto, oceano, montanhas, fazendas) com boa iluminação o ano inteiro e terras com custo baixo foi a ainda incipiente cidade de Los Angeles. Assim, Hollywood nasceu na década de 1910, quando algumas empresas se estabeleceram e passaram a organizar o chamado *studio system* [sistema de estúdio]. No entanto, essas empresas mantinham seus escritórios em Nova York, de onde vinha grande parte de seu financiamento, originário de grandes conglomerados de outros segmentos (indústria automobilística, alimentícia, bancos, petróleo, etc).

Por volta da década de 1920, quase toda a produção de cinema dos Estados Unidos já estava concentrada em Los Angeles. As empresas não apenas produziam, como também distribuíam e vendiam diretamente os filmes, sendo que algumas eram também proprietárias de redes de cinema. No sistema de estúdio, além dessa verticalização da atividade, havia a prática de manter artistas e funcionários técnicos sob longos contratos exclusivos. Na época denominada "*The Golden Age*" [Era de Ouro], entre o início do cinema falado e o fim do sistema de estúdio (1927-1948), apenas oito estúdios dominavam o mercado de filmes e o trabalho de produção tornou-se cada vez mais especializado.

Peter Decherney (2016, p. 20) afirma que outro motivo para que os estúdios se estabelecessem em Hollywood era o fato de que a mão de obra não estava sindicalizada. As primeiras categorias a se organizarem foram os técnicos e os atores figurantes, em 1926. Atores, roteiristas e diretores somente formaram seus sindicatos na década de 1930, pois os executivos dos estúdios conseguiram postergá-lo com a criação da *Academy of Motion Picture Arts and Sciences* [Academia de Artes e Ciências Cinematográficas] em 1927. Além da premiação *Academy Awards* [Prêmios da Academia], conhecida como Oscar, a academia foi criada também para negociar contratos de trabalho. Sobre o *Academy Awards*, Decherney afirma:

Examinando sua história, podemos ver como o *Academy Awards* cresceu a partir dos esforços dos produtores para firmar os filmes como mercadorias e redefinir a produção de filmes como arte e não trabalho, em resposta à ameaça crescente de sindicalização. Os produtores perceberam que o valor da arte, quando embalada adequadamente, aumenta com o tempo. Também sabiam que descrever roteiristas, diretores e atores como artistas desafiava as tentativas de proteger roteirização, direção e atuação como trabalho contratado (Decherney, 2005, p. 8).

O *Screen Writers Guild* (SWG) [Sindicatos dos Roteiristas] e o *Screen Actors Guild* [Sindicato dos Atores de Cinema], fundados em 1933, e o *Screen Directors Guild* [Sindicato dos Diretores de Cinema], fundado em 1936, foram criados para fazer frente às condições injustas dos contratos e salários pagos pelos estúdios, que acumulavam os lucros milionários da indústria. Desde o início, foram marcados por disputas internas, exploração por oportunistas e ataques dos estúdios (Navasky, 1980, p. 174-177). Havia, é claro, muitos membros do CPUSA nesses Sindicatos, sobretudo no SWG, do qual John Howard Lawson e Lester Cole foram dois dos fundadores, sendo Lawson seu primeiro presidente. Patrick McGillian e Paul Buhle observam que

Não foi por acaso que todos os Dez de Hollywood – as primeiras dez pessoas a serem convocadas para depor diante do HUAC em Washington, D.C., em outubro de 1947 – foram em algum momento membros do Partido. Também não foi por acaso que sete dos Dez eram roteiristas conhecidos por seu ativismo e por ocuparem a linha de frente no Sindicato dos Roteiristas. Os comunistas de Hollywood deram forma às lutas para organizar tanto o Sindicato dos Roteiristas como o Sindicato dos Atores, e os comunistas de Hollywood também se envolveram de forma crucial no esforço para democratizar os sindicatos, que existiam sob o rígido controle de diretores corruptos e do crime organizado. Nenhum evento dos anos de 1930 e 1940 foi tão amargo ou causou mais divisão dentro da indústria do que as infundáveis batalhas dos sindicatos (McGilligan; Buhle, 2012, p. xvi).

Durante a Segunda Guerra Mundial, e mesmo antes dela, Hollywood envolveu-se nas campanhas contra o nazi-fascismo, congregando todas as categorias e vertentes políticas na *Hollywood Anti-Nazi League* [Liga Anti-Nazista de Hollywood]. A Liga organizava eventos educacionais e protestava contra visitas de cineastas fascistas em Hollywood, entre outras ações. Porém, a maior contribuição de Hollywood para os esforços de guerra foram os próprios filmes produzidos na época. O governo de Franklin Delano Roosevelt firmou contratos com os estúdios para que produzissem filmes com temática antinazista e que reforçassem a imagem dos Estados Unidos e de seus aliados como a força do bem e da liberdade lutando contra as forças maléficas do Eixo (Decherney, 2016, p. 54).

Os executivos dos estúdios, muitos imigrantes judeus, tinham suas razões pessoais para investirem nessa empreitada, além de quererem demonstrar seu patriotismo e integração ao país. Por outro lado, o governo ofereceu como contrapartida a compensação da perda de mercados na Europa e na Ásia com a ajuda das agências governamentais para ampliar a distribuição dos filmes na América Latina, além da suspensão de uma investigação antitruste

de Hollywood para depois da guerra (que acabou levando ao fim do sistema de estúdio em 1948). Muitos dos filmes de guerra produzidos durante o conflito apresentavam uma visão favorável dos russos, posto que eram aliados dos Estados Unidos. Mais tarde, esses filmes e o acordo com o governo foram usados como evidências pelo HUAC em suas acusações de que havia propaganda soviética nos filmes de Hollywood.

O HUAC foi criado como comissão parlamentar de inquérito em 1938 para investigar atividades subversivas, especialmente fascistas, porém, devido ao início da Segunda Guerra, não avançou muito em seus trabalhos. Em 1945, tornou-se comitê permanente regido pela "*Public Law 601*", que autorizava o comitê a investigar

(i) a extensão, caráter e objetos de atividades de propaganda contra-americanas nos Estados Unidos, (ii) a difusão dentro dos Estados Unidos de propaganda subversiva e contra-americana instigada por países estrangeiros ou de origem interna e que ataca o princípio da forma de governo como está garantido em nossa Constituição, e (iii) todas as outras questões relacionadas que possam auxiliar o Congresso em qualquer legislação corretiva necessária (Estados Unidos, 1946, p. v).

O item (iii) é importante porque demonstra exatamente a intenção do comitê: introduzir leis que tornassem ilegal associar-se a partidos ou instituições cuja ideologia fosse contrária àquela do governo.

O *Federal Bureau of Investigation* (FBI) investigou centenas e o HUAC entrevistou dezenas de pessoas em Hollywood antes das oitavas em Washington, por isso já sabiam e tinham provas de que muitos, como os HT, eram ou haviam sido membros do CPUSA. Assim, a intenção das investigações e das oitavas conduzidas pelo comitê era expor os indivíduos de forma que fossem "condenados" pela opinião pública estadunidense, além de fazer o comitê ganhar atenção da imprensa e firmar-se como força política.

Tendo investigado e reunido provas de que diversos profissionais, especialmente roteiristas, que trabalhavam em estúdios de Hollywood eram ou haviam sido membros do CPUSA, e considerando a repercussão que alcançariam com essa “revelação”, o HUAC decidiu intimidar quarenta e duas pessoas ligadas à indústria cinematográfica para depor em Washington, entre os dias 20 e 30 de outubro de 1947. Dezenove dos intimados disseram antecipadamente que não colaborariam, sendo que dez deles foram efetivamente convocados a depor, os Dez de Hollywood.

Em todos os depoimentos, o Comitê inquiria as testemunhas sobre sua opinião em relação ao comunismo e se conheciam pessoas ligadas aos sindicatos ou ao CPUSA. Com exceção dos dez, os demais denunciaram colegas e corroboraram as alegações do HUAC, entre elas Walt Disney, Gary Cooper e Ronald Reagan. A condução dos depoimentos dos HT pelo comitê foi bem diferente da condução dos depoimentos das testemunhas amistosas. Enquanto essas últimas puderam ler declarações que haviam preparado para a ocasião e falaram livremente durante a sessão, os HT não foram autorizados a ler suas declarações (com exceção de Albert Maltz e Alvah Bessie, que pôde ler parte dela) e eram interrompidos a todo momento. Depois que cada um deles era dispensado, o presidente do comitê chamava um dos investigadores para que testemunhasse sobre o que havia sido descoberto sobre a testemunha, atestando que de fato ela era comunista.

Figura 4 – Os Dez de Hollywood e os advogados Martin Popper e Robert Kenny em novembro de 1947, após serem indiciados por desacato ao Congresso



Fonte: Bruce Hoertel/The New York Times, 1947.

Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/october-20-1947-the-house-un-american-activities-committee-opens-an-investigation-of-communism-in-hollywood/>.

Acesso em 18 nov. 2019.

Os dez dias de audiência foram marcados por uma enorme cobertura jornalística e acompanhados por apoiadores e opositores do HUAC. Confiantes de que a conduta do comitê era inconstitucional, os Dez de Hollywood adotaram a mesma estratégia de defesa, que era a de não responder às perguntas alegando que o direito à liberdade de associação e expressão, assim como o direito à privacidade, estavam garantidas pela Constituição Federal. Acreditavam que a Suprema Corte decidiria favoravelmente a eles caso a acusação de desacato fosse encaminhada pelo HUAC.

Figura 5 – À esquerda, o ator Gary Cooper durante seu depoimento ao Comitê; os membros do HUAC estão sentados à direita da foto, na bancada superior



Fonte: Library of Congress, 1947. Disponível em <https://www.loc.gov/exhibits/hope-for-america/a-climate-of-fear.html>. Acesso em 18 nov. 2019.

Antes das oitavas, os estúdios apoiaram os Dez, afirmando que não cederiam às pressões do HUAC para que não aceitassem subversivos e comunistas em seus quadros. No entanto, após o indiciamento por desacato e com a crescente negatividade da opinião pública em relação aos Dez e às demais testemunhas hostis, temendo represálias e perdas financeiras, os executivos dos maiores estúdios reuniram-se no hotel Waldorf-Astoria em Nova York e publicaram uma declaração anunciando a demissão dos Dez e que não os contratariam novamente enquanto não declarassem sob juramento que não eram comunistas. Além disso, a declaração afirmava que não contratariam comunistas ou membros de qualquer grupo que defendesse a derrubada do governo por força ou métodos inconstitucionais. Dois anos depois, a Suprema Corte confirmou a condenação por desacato e sentenciou os Dez a penas entre seis e doze meses de prisão. (Bose, 1999; Hollywood..., 1976).

Em sua autobiografia, Alvah Bessie expõe sua visão sobre o episódio:

O que o Comitê queria era bastante simples: tudo o que queria era que nós disséssemos "Sim, eu sou". Então eles poderiam dizer, "Como dissemos, os Vermelhos estão infiltrados na indústria cinematográfica. Quem são os *outros*?"

Ou, queriam que disséssemos, "Não, não somos", então eles convocariam uma testemunha que iria atestar que mentimos, e falso testemunho implica em cinco anos de reclusão, enquanto que desacato implica no máximo um; e ninguém na história, tanto quanto pudemos verificar, havia sido preso por esse crime – até aquele momento.

A verdade, que nunca veio à tona apesar de nossos custosos esforços para torná-la pública, era esta: o Comitê não estava nem um pouco interessado em nada do que tínhamos para dizer. Estava interessado em intimidar – e controlar – a indústria cinematográfica, e conseguiu. Não estava interessado na verdade, mas até hoje encontramos milhões de americanos que simplesmente não podem ser convencidos de que um comitê do nosso Congresso (ou, nesse caso, qualquer administração ou autoridade eleita), possa falar de uma maneira e agir de outra¹ (Bessie, 1965, p. 8).

Após as audiências de 1947, o HUAC voltou a investigar Hollywood e a conduzir novas oitivas apenas em 1951. As testemunhas intimadas nesse período mudaram a estratégia utilizada pelos HT e passaram a apelar para a Quinta Emenda, que garante o direito do cidadão de não se autoincriminar. Após o encerramento

1 *What the Committee wanted was simple enough: all it wanted was for us to say, "Yes, I am." Then it could say, "Just like we said, the Reds are infiltrating the motion-picture industry. Who are the others?" Or, it wanted us to say, "No, we're not," so that it could produce a witness who would swear that we had lied, and perjury is a felony worth five years, while Contempt carries a maximum of one; and nobody in history, as far as we could discover, had ever been jailed for that misdemeanor - up to that point. The real point, which never emerged despite our expensive efforts to publicize it, was this: the Committee was not in the least interested in anything we had to say. It was interested in intimidating - and controlling - the motion-picture industry, and it succeeded. It was not interested in the truth, but to this day you will find millions of Americans who simply cannot be convinced that a committee of our Congress (or, for that matter, any elected official or administration) can talk one way and act another.*

dessa segunda fase de investigações e audiências, o HUAC não conseguiu provar sua tese de que havia propaganda soviética ou comunista nos filmes. A seguir, apresentaremos as consequências das audiências para os Dez de Hollywood e do macarthismo para a vida política dos Estados Unidos.

1.3 DESDOBRAMENTOS DA ERA MCCARTHY

Na indústria do entretenimento, cerca de 300 profissionais tiveram suas carreiras prejudicadas ou interrompidas pelas listas negras. Para os roteiristas, era possível conseguir alguma renda escrevendo sob pseudônimos. Para os atores, no entanto, era muito mais difícil, embora alguns conseguissem trabalho no teatro. Dentre os Dez de Hollywood, apenas Dalton Trumbo, que continuou a escrever sob pseudônimos ou como *ghost writer*, e Edward Dmytryk, que depois se retratou diante do Comitê para salvar a carreira, continuaram a produzir em Hollywood após as audiências de 1947. Os demais não conseguiram prosseguir com sua carreira e são creditados em poucas ou nenhuma obra. As listas negras perderam efeito apenas na década de 1970, quase trinta anos após seu início.

Vimos anteriormente que não foi apenas o campo do entretenimento que sofreu com o anticomunismo e as listas negras. David Cauter (1978, p. 403) afirma que a maioria das associações profissionais (médicos, arquitetos, etc) estabeleceram juramentos de lealdade como obrigatórios para seus associados, de forma a garantir que não houvesse comunistas entre eles. Especialmente em relação aos professores, afirma que sempre foram um “alvo para desconfiança e agressão em tempos de sensibilidade superpatriótica”²,

2 *target for suspicion and aggression at times of superpatriotic sensitivity.*

e em todos os níveis, da escola primária às universidades, houve demissões, perseguições e tentativas de controle da atividade docente. Aqueles que se recusassem a assinar os juramentos de lealdade eram demitidos. Reed (2017, p. xiv) lembra que bibliotecas públicas eram obrigadas por censores locais a retirar de suas prateleiras livros que supostamente eram favoráveis ao comunismo.

A cultura política dos Estados Unidos foi brutalmente afetada pelos efeitos do macarthismo. Schrecker (2002, p. 104) narra um episódio ocorrido na Universidade de Chicago no final da década de 1950, em que um grupo de alunos desejava que uma máquina de venda automática de bebidas fosse instalada no departamento de Física para atender aos que trabalhavam ali durante a noite. Para isso, fizeram circular um abaixo-assinado, mas seus colegas se recusaram a assiná-lo porque não queriam ser associados a estudantes supostamente radicais que haviam assinado o documento. Schrecker afirma que

Esse incidente – e não é o único – exemplifica o tipo de timidez que passou a ser vista, mesmo naquele momento, como a consequência mais prejudicial do furor anticomunista. Como atividades políticas podiam causar problemas ao indivíduo, as pessoas prudentes evitavam-nas. Pelo contrário, para o desespero dos intelectuais, os americanos de classe média tornaram-se conformistas sociais. Uma geração de estudantes silenciosos habitava os campi da nação, enquanto seus professores evitavam ensinar qualquer coisa que pudesse ser interpretada como controversa³ (SCHRECKER, 2002, p. 104).

3 *This incident - and it is not unique - exemplifies the kind of timidity that came to be seen, even at the time, as the most damaging consequence of the anti-Communist furor. Because political activities could get you in trouble, prudent folk avoided them. Instead, to the despair of intellectuals, middle-class Americans became social conformists. A silent generation of students populated the nation's campuses, while their professors shrank from teaching anything that might be construed as controversial.*

Para o CPUSA, a era McCarthy foi fatal, embora seu sectarismo em resposta também tenha contribuído em grande parte para isso. Segundo Aronowitz (1996, p. 9),

(...) por volta de 1950, sob o fardo de sua cisão prematura e calamitosa do Partido Democrata, seu isolamento dos sindicatos industriais, os ataques à sua legalidade pelo governo inspirado pela Guerra Fria e a fraqueza interna inerente, o Partido Comunista foi reduzido – e reduziu-se a si mesmo – à insignificância política. Com as revelações dos crimes de Stalin apresentadas para o Vigésimo Congresso do Partido Comunista Soviético em 1956, os comunistas americanos foram feridos mortalmente⁴ (...) (Aronowitz, 1996, p. 9).

A derrocada do CPUSA e das demais organizações da Frente Popular, manchadas pelo estigma do comunismo, acabou por afetar todos os movimentos e partidos progressistas, que desde então têm expressão quase nula nos Estados Unidos.

O consenso alcançado pelo discurso hegemônico conservador, em grande parte baseado na cultura do medo e da desconfiança em relação a qualquer contestação do status quo, causou o lamentável resultado de homogeneizar completamente o discurso político do país, de tal forma que qualquer tentativa de aproximação com abordagens mais socialistas ou com vistas à igualdade civil é condenada como radical demais e “antiamericana” até os dias de hoje.

Erica Bose (1999, p. 326) aponta que os três advogados que defenderam os Dez de Hollywood também sofreram retaliações e perderam clientes, e afirma: “devemos nos perguntar então se os direitos de livre expressão e opinião estão seguramente protegidos

4 *By 1950, under the burden of its premature and calamitous break with the Democratic Party, its isolation from the industrial unions, Cold War inspired government attacks on its legality, and inherent internal weaknesses, the CP was reduced- and reduced itself - to political insignificance. With the revelations of Stalin's crimes delivered to the Twentieth Congress of the Soviet Communist Party in 1956, the American Communists were mortally wounded*

em tempos de presumida emergência nacional”⁵ Essa é a questão de fundo do embate entre os conservadores e os progressistas durante o macarthismo, que viria aparecer novamente na década de 1960 com os movimentos pelos direitos civis e pelo movimento antiguerra: a relação entre o poder presidencial de ir à guerra e os direitos civis básicos dos cidadãos.

Para Thomas J. Reed (2017, p. xi), essa relação estabelecida na Constituição é tênue, incerta e pode ser interpretada de formas contraditórias. Há os que defendem que as liberdades civis são subordinadas à sobrevivência da nação e que a guerra justifica sua suspensão; há os que aceitam limitações às liberdades civis como consequência inevitável embora condene excessos, sobretudo militares; e há os que consideram que o poder de guerra está subordinado ou limitado pela Declaração dos Direitos. Reed afirma que “a história do tratamento dos dissidentes em tempos de guerra geralmente sustenta um modelo de comportamento moral consequencialista para os políticos e o povo dos Estados Unidos”⁶, ou seja, é um tratamento em que os fins justificam os meios e, se o fim desejado foi alcançado, então os meios são moralmente corretos.

No próximo capítulo, apresentaremos a fundamentação teórica e as premissas que orientaram este trabalho.

5 *One must then ask if the rights to free speech and opinion are securely protected in times of perceived national emergency.*

6 *The story of treatment of dissenters in time of war generally supports a consequentialist moral behavior model for politicians and the people of the United States*

An aerial photograph of a hilly landscape. The foreground and middle ground show a steep, eroded hillside with sparse, dry vegetation and exposed soil. In the background, a town or city is visible, nestled in a valley. The overall lighting is warm, suggesting late afternoon or early morning. A large, bright yellow number '2' is overlaid on the right side of the image.

2

**FUNDAMENTAÇÃO
TEÓRICA**

Este capítulo tem por objetivo apresentar as bases teóricas que nortearam este trabalho e com as quais dialoga. Na primeira parte, descrevemos os conceitos dos estudos funcionalistas da tradução que constituem as premissas desta pesquisa. Na segunda parte, apresentamos uma seleção da literatura no que tange o aspecto político da tradução e o papel do tradutor no processo de mediação entre duas culturas.

2.1 ESTUDOS FUNCIONALISTAS DA TRADUÇÃO

Esta pesquisa está inserida na vertente dos Estudos Funcionalistas da Tradução, utilizando os conceitos da *Skopostheorie* desenvolvida por Reiss e Vermeer (1984, apud Nord, 2005, p. 1) e da análise textual para tradução proposta por Nord (2005). Sendo a tradução uma ação, e considerando que toda ação possui um propósito, pode-se afirmar que toda tradução possui um objetivo, que geralmente será orientado pela e para a cultura de chegada (CC). Sendo assim, texto de partida (TP) e texto de chegada (TC) podem divergir não apenas em sua formulação e distribuição de conteúdo, mas também nos objetivos estabelecidos originalmente para cada um. Assim, o *skopos* do TC é o propósito definido para ele (por quem solicita a tradução), em que está embutida a função que ele deverá cumprir em seu contexto de chegada.

Nord (2005) estabelece que há dois tipos fundamentais de relacionamento entre TP e TC, que são em parte herdeiros dos conceitos de fidelidade e liberdade correntes nas reflexões sobre tradução desde a Antiguidade: (1) o TC pode ser um documento de uma ação comunicativa passada em que um emissor da cultura de partida (CP) oferece informação a um receptor da CP por meio do

TP (tradução documental); (2) o TC é um instrumento em uma nova ação comunicativa na CC, em que um receptor da CC recebe informação cujo material é fornecido pelo TP (tradução instrumental).

Ao considerarmos o objetivo do TP em seu contexto de produção, podemos distinguir entre o objetivo da oitiva em si e o objetivo da transcrição, que constitui nosso *corpus* de estudo. O objetivo das oitivas era o de obter informações sobre a participação de indivíduos afiliados ao *Communist Party USA* (CPUSA) na indústria cinematográfica e sobre a inserção de propaganda soviética nos filmes. O objetivo da transcrição foi o de cumprir a exigência legal de registrar os procedimentos da Câmara dos Deputados.

Neste o, o objetivo da tradução é o de informar e tornar um documento histórico de fonte primária acessível a um público de cultura distinta daquela em que foi produzido, com o objetivo de que esse público receptor conheça os fatos e o contexto sócio-histórico em que o TP se insere. Por esse motivo, o tipo de tradução que adotamos foi o documental, pois

Em uma tradução documental, certos aspectos do TP ou o TP inteiro em seu contexto situacional são reproduzidos para os destinatários do TC, que são conscientes de que estão “observando” uma situação comunicativa da qual eles não fazem parte (Nord, 2005, p. 80)⁷.

Dessa forma, a tradução tem função metatextual, já que será “um texto sobre um texto”⁸ (Nord, 1997, p. 47), em que a situação comunicativa original é reproduzida na língua de chegada (LC) com o intuito de permitir que o público receptor a conheça.

7 “In a documentary translation, certain aspects of the ST or the whole ST-in-situation are reproduced for the TT receivers, who is conscious of “observing” a communicative situation of which they are not a part.”

8 “a text about a text”

Uma crítica comum às teorias funcionalistas é a de não levarem em consideração a dimensão ética do ato tradutório, uma vez que a melhor estratégia é a que melhor atende o propósito do cliente. Não se responde a questão de como proceder quando o propósito do cliente ou iniciador não condiz com os princípios éticos do tradutor. Nord (1997) estabelece o conceito de “lealdade”, como sendo a responsabilidade do tradutor para com o cliente, o leitor e também o autor do texto de partida, de tal maneira que haveria um conjunto limitado de funções justificáveis para o texto de chegada (Schäffner, 2009, p. 121). O conceito de “lealdade” opõe-se ao conceito de “fidelidade”, que durante muito tempo esteve no centro dos Estudos de Tradução e que se refere à relação entre os textos, ou seja, uma boa tradução seria aquela em que o texto de chegada é “fiel” ao texto de partida, cabendo sempre a discussão sobre em que níveis (linguísticos e socio-culturais) essa fidelidade deveria se dar ou ser negociada.

Assim, a partir das teorias funcionalistas o tradutor passou a ser considerado não mais um mero reproduzidor de um texto em outra língua, mas o autor do texto de chegada, especialista na ação translacional. Some-se a isso a perspectiva da mediação intercultural, a partir da “virada cultural” dos Estudos de Tradução nos anos de 1980, que passou a considerar a tradução não apenas como operação linguística, mas também como uma atividade contextualizada culturalmente e influenciada por fatores externos à linguagem. Segundo Anthony J. Liddicoat

O papel mediador do tradutor, portanto, vai além da expressão do significado por meio da linguagem para encapsular a necessidade de comunicar os significados que estão presentes no texto, mas que estão expressos implicitamente, por meio do contexto. Nesse sentido, o mediador é um intérprete do significado e um comunicador do significado interpretado⁹ (Liddicoat, 2016, p. 355).

9 *The mediational role of the translator, therefore, goes beyond the expression of meaning through language to encapsulate the need to communicate the meanings that are present in text but which are expressed implicitly, through context. In this sense too, the mediator is an interpreter of meaning and a communicator of interpreted meaning.*

Neste trabalho, a tradutora também é a iniciadora (ou “cliente” da tradução), portanto é ela própria quem define o propósito da tradução. Além disso, suas escolhas refletem a sua interpretação do texto de partida, que é ancorada no seu conhecimento e compreensão do contexto e da conjuntura em que o texto de partida está inserido, bem como da conjuntura atual em que se insere no momento da tradução.

Essa fundamental importância do tradutor enquanto mediador intercultural e intérprete do texto de partida implica uma dimensão política que discutiremos a seguir.

2.2 A TRADUÇÃO COMO ATO POLÍTICO E A VISIBILIDADE DO TRADUTOR

O processo de tradução de qualquer tipo de texto, mesmo daqueles que aparentemente não envolvem qualquer intenção ou conteúdo político, possui uma dimensão política que deve ser considerada para sua correta compreensão. Segundo Esteves,

Num sentido amplo, todo ato de tradução tem uma dimensão política, já que articula pelo menos duas culturas diferentes (com tudo o que “cultura” implica em termos de nação, identidade, soberania, etc.) e essa diferença é, em grande medida, informada pelo aspecto político (Esteves, 2014, p. 259).

Christina Schäffner afirma que as traduções, enquanto produtos, podem ser usadas como ferramentas para ação política, às vezes de forma velada, como ocorre com a tradução de muitas obras literárias, por exemplo, que procuram reforçar estereótipos ou sentimentos negativos em relação a certas culturas (2007, p. 146).

Schäffner (2007) aponta três perspectivas da relação tradução-política: a política da tradução, a tradução de textos políticos e a politização (dos estudos) da tradução. Em relação à primeira, ela aponta que “qualquer decisão de encorajar, permitir, promover, impedir ou evitar que se traduza é uma decisão política”¹⁰ (p. 137). Nesse aspecto, a escolha que fazemos neste trabalho de produzir uma tradução é determinada pelo objetivo e interesse do tradutor-iniciador enquanto agente social.

Em relação à segunda perspectiva, da tradução de textos políticos, cita Peter Newmark (1991, p. 161) que afirma que “a neutralidade do tradutor é um mito”¹¹. Para a tradução desse tipo de texto, que pode ser de diversos gêneros e podem cumprir diferentes funções de atividade política, é necessário o conhecimento de aspectos sensíveis e culturais específicos de conceitos políticos, entre outros, além de aspectos legais das culturas de partida e de chegada, para evitar confusões e compreensões equivocadas.

A última perspectiva diz respeito à atitude dos tradutores como agentes da política, que em muitos casos interferem em conflitos, por exemplo, e também aos diversos teóricos dos Estudos da Tradução que têm refletido sobre esse papel e sobre aspectos éticos, de poder e assimetria em mediações interculturais. Maria Tymoczko e Edwin Gentzler (2002), por exemplo, apresentam um histórico dos estudos de tradução voltados às questões de poder. Em sua antologia de trabalhos que analisam a ação de instituições de poder em textos traduzidos, eles afirmam

A tradução, portanto, não é simplesmente um ato de reprodução fidedigna mas, em vez disso, é um ato deliberado e consciente de seleção, organização, estruturação e fabricação – e até mesmo, em alguns casos, de falsificação, negação de informação, fraude e criação de códigos secretos.

10 *any decision to encourage, allow, promote, hinder or prevent to translate is a political decision.*

11 *the translator's neutrality is a myth*

Desse modo, os tradutores, assim como escritores literários e políticos, participam dos atos poderosos que criam conhecimento e moldam a cultura¹² (Tymoczko; Gentzler, 2002, p. xxi).

A dimensão política do ato tradutório, portanto, nos leva à questão da visibilidade do tradutor (Venuti, 2008), uma vez que sua atuação como mediador intercultural não pode ser ignorada pelo leitor do texto de chegada. Para Lawrence Venuti, o tradutor é invisível quando há uma domesticação do texto de partida de tal forma que o leitor não percebe que está lendo um texto produzido em outra língua e cultura. Embora sua crítica refira-se à tradição anglo-americana de traduzir textos de culturas periféricas extirpando toda a especificidade dessas culturas e, assim, reforçando o imperialismo e o etnocentrismo, a questão da visibilidade do tradutor se mantém para o nosso caso, pois a intenção é que o leitor tenha consciência dessa mediação exercida pelo tradutor.

Uma das formas de fazer-se visível são os paratextos, que são os elementos textuais ou visuais que acompanham o texto principal. Gérard Genette (1997, p. 1) afirma que os paratextos apresentam a obra literária e garantem sua presença no mundo, sua recepção e consumo na forma de livro¹³. Embora refira-se a obras literárias, pensamos que o mesmo vale para as traduções em geral. Venuti observa que

Traduções literárias, em particular, frequentemente possuem prefácios que declaram a estratégia do tradutor e alertam o leitor para a presença de peculiaridades

12 *Translation thus is not simply an act of faithful reproduction but, rather, a deliberate and conscious act of selection, assemblage, structuration, and fabrication – and even, in some cases, of falsification, refusal of information, counterfeiting, and the creation of secret codes. In these ways translators, as much as creative writers and politicians, participate in the powerful acts that create knowledge and shape culture.*

13 *precisely in order to present it, in the usual sense of this verb but also in the strongest sense: to make present, to ensure the text's presence in the world, its "reception" and consumption in the form (nowadays, at least) of a book.*

estilísticas perceptíveis. Mas talvez traduções em outras disciplinas devessem também conter prefácios que não apenas descrevam os problemas colocados pelo texto estrangeiro e as soluções do tradutor, mas racionalizem a estratégia global desenvolvida e implementada pelo tradutor, incluindo o tipo específico de discurso escolhido para a tradução e as interpretações específicas atribuídas a conceitos-chave¹⁴ (Venuti, 2008, p. 221).

O prefácio, a epígrafe, as notas de rodapé e demais paratextos escritos pelo tradutor são registros de seu processo de interpretação e tradução e são elementos importantes para a compreensão do texto de chegada e também para que seu posicionamento e intenção seja transparente ao leitor, mantendo assim a lealdade preconizada por Nord, que descrevemos anteriormente.

No próximo capítulo, apresentaremos os objetivos da pesquisa, a descrição do *corpus* e a metodologia utilizada.

14

Literary translations, in particular, often bear prefaces which announce the translator's strategy and alert the reader to the presence of noticeable stylistic peculiarities. But perhaps translations in other disciplines should also contain prefaces that not merely describe the problems posed by the foreign text and the translator's solutions, but rationalize the global strategy developed and implemented by the translator, including the specific kind of discourse chosen for the translation and the specific interpretations assigned to key concepts.



3

**OBJETIVOS,
CORPUS
E METODOLOGIA**

Este capítulo está subdividido em três itens. No primeiro, apresentamos os objetivos de pesquisa. No segundo, descrevemos o *corpus* da pesquisa e como foi selecionado. No último item, descrevemos a metodologia utilizada no processo de tradução.

3.1 OBJETIVOS DE PESQUISA

O objetivo principal da pesquisa é produzir uma tradução dos depoimentos dos HT ao HUAC para o conhecimento e estudo desse episódio e do contexto histórico em que está inserido, tendo como público-alvo leitores do português brasileiro interessados em ter acesso à essa fonte histórica primária. A intenção é provocar uma reflexão sobre o momento presente do Brasil, que guarda muitas semelhanças com aquele do texto de partida. Assim, embora o público-alvo principal sejam estudantes ou interessados na História dos Estados Unidos, seu conteúdo é de interesse também para aqueles que desejam compreender mais sobre a democracia, como será discutido nas considerações finais desta dissertação.

Outro objetivo é descrever os desafios do processo de tradução relativos ao gênero em questão (inquirição), a fontes documentais de forma geral e a textos com conteúdo político, contribuindo assim para a prática de outros tradutores.

Um objetivo secundário é a produção de um *corpus* paralelo resultante da pesquisa, ou seja, o texto original e o texto traduzido, que integrará o Projeto COMET (*Corpus* Multilíngue para Ensino e Tradução) e será disponibilizado para consulta online. Os corpora paralelos são utilizados por tradutores para a pesquisa de termos e expressões equivalentes, por exemplo, além de poderem ser utilizados por pesquisadores dos Estudos de Tradução em diferentes vertentes como ensino e formação de tradutores, estudos descritivos, entre outros.

3.2 CORPUS

Como dissemos anteriormente, as audiências do HUAC foram transcritas como registro das atividades do comitê e estão disponíveis na internet em domínio público (House of Representatives, 1947). O volume com a íntegra das transcrições das audiências sobre a infiltração comunista na indústria cinematográfica ocorridas entre 20 e 30 de outubro de 1947 possui 549 páginas com 52 depoimentos e anexos.

Em todos os depoimentos, o comitê questiona as testemunhas sobre sua opinião em relação ao comunismo e se conhecem ou têm informação sobre pessoas ligadas ao CPUSA. Foram testemunhas, além dos HT, três investigadores que apresentaram os resultados de suas investigações sobre os HT e 27 indivíduos ligados à indústria, denominados *friendly witnesses* [testemunhas amistosas] pelos membros do HUAC, por terem denunciado colegas e corroborado as acusações do comitê.

O recorte deste trabalho compreende os dez depoimentos dos HT, o depoimento do advogado de defesa do grupo e duas falas do presidente do comitê na abertura de dois dias de oitivas, que contextualizam o objetivo do HUAC.

Diferentemente dos depoimentos das “testemunhas amistosas”, os HT não eram autorizados a falar o quanto quisessem nem a ler declarações que haviam preparado. Quando perguntados sobre sua vinculação ao SWG e ao CPUSA, eles iniciavam suas respostas destacando os direitos garantidos aos estadunidenses pela Constituição e questionavam os procedimentos do comitê.

Importante ressaltar que as filmagens de alguns trechos das oitivas estão disponíveis na internet (Varela, 2018). Comparamos o áudio dessas filmagens com a transcrição e verificamos que estas são bastante fiéis às falas, inclusive nas interrupções de turno,

manifestações da plateia, etc. Não encontramos nas transcrições omissões ou retextualizações.

O *corpus* selecionado é representativo do embate ideológico entre dois lados antagônicos existentes naquele contexto e da resistência à massificação por parte do grupo não hegemônico, representado pelos HT. Terry Eagleton (1991) define ideologia como a manifestação do poder na linguagem, seja pela manutenção ou pela ruptura da estrutura social vigente, e as formas como esses interesses são “mascarados, racionalizados, naturalizados, universalizados, legitimados em nome de certas formas de poder político”¹⁵ (Eagleton, 1991, p. 202). É possível notar essa operação da ideologia nas falas dos parlamentares e dos HT, sobretudo em relação à disputa em torno do significado de “*American*”, reivindicado por ambos os lados.

Como os dez indivíduos seguiram a mesma estratégia ao apresentarem seus depoimentos e foram representados pelos mesmos advogados, acreditamos que esse recorte esteja coerente com este trabalho.

A seguir, descreveremos o processo de tradução do texto de partida.

3.3 O PROCESSO DE TRADUÇÃO

Para o processo de tradução do TP, utilizamos o método de tradução proposto por Nord (2005), denominado “*looping model*”, em que o tradutor constitui a figura central do processo. O método é composto por quatro passos principais:

15

“*masked, rationalized, naturalized, universalized, legitimated in the name of certain forms of political power.*”

1º passo: análise e interpretação do escopo do texto de chegada;

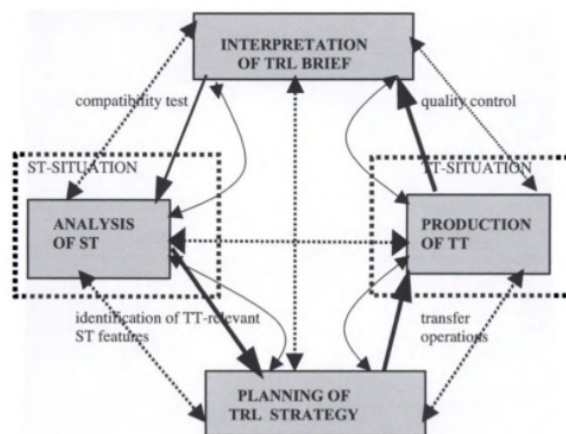
2º passo: análise do texto de partida e identificação dos elementos relevantes para a tradução;

3º passo: adaptação dos elementos/características relevantes para a tradução ao escopo do texto de chegada e adequação aos elementos correspondentes na língua de chegada;

4º passo: estruturação final do texto de chegada.

O processo, contudo, é circular, em *loops* sucessivos e simultâneos. Pois, outras iterações ocorrem entre a situação de partida e o texto de partida, entre o texto de partida e a situação do texto de chegada, entre o texto de chegada e os passos individuais de análise, entre a análise do texto de partida e a síntese do texto de chegada. Assim, a cada passo adiante o tradutor revisa os fatores já analisados e cada nova descoberta confirma ou corrige o que foi feito na etapa anterior, conforme ilustra o esquema abaixo.

Figura 6 - O processo de tradução



Fonte: Nord, 2005, p. 35.

No primeiro passo, estabelecemos o propósito da tradução, a função que o texto exercerá no contexto de chegada e os pressupostos que orientaram a estruturação do texto e as estratégias de tradução. Já foi dito anteriormente que a tradução será documental, conforme definição de Nord (2005). No segundo passo, procedemos com a análise dos fatores extra e intratextuais do texto de partida, com o objetivo não apenas de compreender de forma abrangente o texto e o contexto de partida, mas também identificar os problemas de tradução que tivemos que solucionar.

No terceiro passo, definimos as estratégias de tradução para concretizarmos o escopo proposto e buscamos soluções para os problemas encontrados. Para isso, consultamos trabalhos com objeto similar, textos de gêneros semelhantes e obras de referência. Além disso, muitos termos e palavras já foram traduzidos em textos sobre o período ou sobre o próprio episódio, ou possuem equivalentes *prima facie*. Contudo, é preciso desconfiar dessas soluções automáticas, pois como afirma Newmark, “conversões rápidas são traiçoeiras” (1991, p. 148)¹⁶. Para traduzir essas palavras é necessário compreender o desenvolvimento histórico do conceito e a moldura que o incorpora (Schäffner, 1997, p. 130). Um exemplo é a tradução do próprio nome do comitê, que descrevemos no capítulo 4 (4.3).

No último passo, redigimos a primeira versão da tradução, aplicando as soluções encontradas. A tradução foi realizada na ferramenta *Wordfast Anywhere* (Champollion, 2019), que possui funcionalidades que auxiliam o tradutor em sua tarefa, tais como: memória de tradução, gerenciamento de terminologia, pesquisa em concordância e alinhamento de versões.

No próximo capítulo, será apresentada a análise do texto de partida, os problemas encontrados e as estratégias adotadas para a produção do texto de chegada.

An aerial photograph of a hilly landscape. The foreground and middle ground show a steep, eroded hillside with sparse, dry vegetation and exposed soil. In the background, a town or city is visible, nestled in a valley. The overall lighting is warm, suggesting late afternoon or early morning. A large, bold, yellow number '4' is overlaid on the right side of the image.

4

**ANÁLISE
E TRADUÇÃO**

Este capítulo é composto por três partes. A primeira descreve o escopo do texto de chegada, ou seja, qual a função que o texto de chegada deverá exercer. A segunda parte apresenta a análise do texto de partida e os problemas de tradução encontrados. A última parte descreve as estratégias e soluções encontradas para atingir o propósito que determinamos para o texto de chegada.

4.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO ESCOPO DO TEXTO DE CHEGADA

O primeiro passo do modelo de análise de texto para tradução de Nord (2005) é a análise e interpretação do escopo do texto de chegada (p. 154). Para guiar essa análise, ela elenca algumas perguntas a serem respondidas:

<i>Quem</i>	<i>Sobre qual conteúdo</i>
<i>transmitirá</i>	<i>ele ou ela irá dizer</i>
<i>para quem</i>	<i>o quê</i>
<i>com que propósito</i>	<i>(o quê não)</i>
<i>por qual mídia</i>	<i>em qual ordem</i>
<i>onde</i>	<i>usando quais elementos não verbais</i>
<i>quando</i>	<i>com quais palavras</i>
<i>por quê</i>	<i>com quais tipos de frases</i>
<i>um texto</i>	<i>em que momento</i>
<i>com qual função?</i>	<i>com qual efeito?¹⁷</i>

17	<i>Who</i>	<i>On what subject matter</i>
	<i>is to transmit</i>	<i>is s/he to say</i>
	<i>to whom</i>	<i>what</i>
	<i>what for</i>	<i>(what not)</i>
	<i>by which medium</i>	<i>in which order</i>
	<i>where</i>	<i>using which non-verbal elements</i>
	<i>when</i>	<i>in which words</i>
	<i>why</i>	<i>in what kind of sentences</i>
	<i>a text</i>	<i>in which time</i>
	<i>with what function?</i>	<i>to what effect?</i>

Neste trabalho, quem irá transmitir o texto é uma candidata a título de Mestrado, que transmitirá a transcrição dos depoimentos dos HT ao HUAC primeiramente dentro de uma dissertação a acadêmicos e potencialmente a brasileiros interessados em história política dos EUA (especialmente história do pós-guerra, do comunismo, ou de Hollywood dos anos 40), com algum conhecimento sobre o tema, para que analisem criticamente esse episódio histórico. A razão é porque não há tradução dessas transcrições para o português, uma vez que fontes primárias poucas vezes são traduzidas, e porque o conhecimento desse episódio pode contribuir para o entendimento e reflexão sobre acontecimentos atuais.

O TC será apresentado em dissertação de Mestrado em 2020 para obtenção do grau e será disponibilizada em plataforma online, dando acesso aos leitores do português brasileiro ao documento para que o episódio seja conhecido. O layout e estrutura sintática do TP serão preservadas no TC para que a leitura seja o mais próximo possível da experiência de ler o documento histórico original. Porém, o TC será acrescido de um prefácio e de notas com informações sobre fatos, pessoas, termos, etc. que o receptor possivelmente desconheça. O efeito pretendido é que o leitor compreenda criticamente o embate ideológico dos emissores e o contexto sócio-histórico que o produziu, para que possa refletir de forma crítica sobre o passado à luz do presente que é resultado dele.

4.2 ANÁLISE DO TEXTO DE PARTIDA

Este item está subdividido em duas partes. Na primeira, apresentamos a análise dos fatores extra e intratextuais do texto de partida. A partir dessa análise, identificamos os problemas de tradução, que são descritos na segunda parte.

4.2.1 ANÁLISE DOS FATORES EXTRA E INTRATEXTUAIS

O segundo passo do modelo é a análise dos fatores extratextuais e intratextuais do TP. Para cada um dos fatores, Nord (2005, p. 47-135) propõe uma série de perguntas que podem ajudar a revelar aspectos importantes para a compreensão e para a tradução do texto. Aspectos da diferença entre os objetivos do TP e do TC são revelados nessa análise, de tal maneira que o tradutor consegue enxergar as possibilidades conforme o escopo estabelecido para a tradução. Sobretudo, essa análise auxilia o tradutor a perceber quais são os elementos implícitos no texto que os destinatários do texto original conheciam, mas que possivelmente não fazem parte do repertório dos destinatários da tradução e que, portanto, deverão ser trabalhados pelo tradutor para que a compreensão pretendida ocorra.

1) *Fatores extratextuais*

São oito fatores extratextuais analisados: emissor, intenção, destinatário, mídia, local, tempo, pretexto e função. As perguntas propostas para a análise de cada fator direcionam a análise de forma a evidenciar as relações desses fatores entre si, entre eles e fatores intratextuais e diferenças situacionais entre o contexto de partida e o contexto de chegada.

O emissor do texto é o Comitê de Atividades Contra-Americanas da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos. Uma vez que o texto é uma transcrição literal das audiências, podemos dizer que há diversos produtores, agrupados em interrogadores (Comitê de Atividades Contra-Americanas) e interrogados (*Hollywood Ten*). O primeiro grupo de produtores está representado pelos membros J. Parnell Thomas e Robert E. Stripling. O segundo grupo está representado pelos dez depoentes (Adrian Scott, Albert Maltz, Alvah Bessie, Dalton Trumbo, Edward Dmytryk, Herbert Biberman, John Howard Lawson, Lester Cole, Ring Lardner Jr. e Samuel Ornitz) e seus advogados (Bartley Crum e Robert Kenny). Desconsideramos o fato de que a transcrição tenha

vido efetuada por um terceiro, possivelmente um estenotipista, uma vez que ele apenas transcreveu, ou seja, não produziu o texto.

O entorno do texto nos fornece informação sobre a posição ocupada pelos emissores (membros do comitê). Os receptores devem saber o que é a Câmara dos Deputados e que ela pode criar comitês investigativos ou comissões parlamentares de inquérito, como chamados no Brasil. A partir dos demais fatores extratextuais, podemos inferir que os interrogadores buscavam expor diante da sociedade estadunidense indivíduos cujas convicções políticas estivessem em desacordo com as suas, qualificando-os como inimigos da nação. Os interrogados pretendiam evitar a condenação por falso testemunho, por um lado, e a exposição pública, por outro, ao mesmo tempo buscando a simpatia e apoio da sociedade estadunidense.

As informações sobre emissor e produtores geram a expectativa de que os interrogados tentem defender suas posições e que os interrogadores façam questionamentos que dificultem a defesa, e que o texto contenha referentes situados no contexto dos Estados Unidos da década de 1940. Em relação aos fatores intratextuais, espera-se que o texto contenha fraseologia e léxico específico do gênero inquirição e marcas do contexto sócio-histórico, e que seja utilizada uma variante padrão da língua inglesa dos Estados Unidos.

A **intenção** do texto de partida é declarada pelos interrogadores quando manifestam seus objetivos em relação à condução das oitivas. Os depoentes, quando lhes é permitido pelo Comitê, também manifestaram suas intenções em relação a suas respostas. Contudo, há que se considerar que havia outras intenções não manifestas de ambas as partes, como apresentado no Capítulo 1.

O gênero “inquirição” tem por objetivo obter depoimento de testemunha para esclarecer determinados fatos. Os interrogadores estão em posição de poder em relação aos interrogados, pois seu papel é o de investigar a “verdade”, sendo que apenas indivíduos que possuem um cargo e uma nomeação específica no sistema

legislativo ou judiciário podem exercê-lo. A estrutura do gênero é de pergunta e resposta, sendo que obviamente o interrogador faz as perguntas e exerce o controle, e o interrogado as responde dentro do que lhe é possibilitado.

A partir de outros fatores situacionais, podemos inferir que a intenção do comitê não era simplesmente de apurar os fatos, mas de expor os interrogados, já que durante as audiências os investigadores relataram possuir provas de que os interrogados eram ou foram em algum momento afiliados ao CPUSA. Já os interrogados não podiam negar essa afiliação sob risco de serem condenados por falso testemunho (*perjury*), porém ao afirmá-la poderiam não apenas sofrer ostracismo como comprometer outras pessoas.

Em relação aos fatores intratextuais, a intenção do emissor gera a expectativa de que seja utilizada linguagem persuasiva e que a estrutura do gênero seja respeitada. Em relação aos receptores do texto, que consideramos serem três (o próprio HUAC, os interrogados e a sociedade estadunidense), a análise da intenção nos indica: (1) HUAC - que o conteúdo das oitivas fosse utilizado posteriormente pelo comitê para justificar a necessidade de tornar o CPUSA ilegal; (2) interrogados - que o conteúdo das oitivas fosse utilizado em sua defesa em julgamento posterior; (3) opinião pública estadunidense - que o cidadão médio conhecesse a situação política e possíveis intenções dos emissores, embora possivelmente desconhecesse todos os fatores do jogo político em andamento.

Os paratextos informam que as transcrições foram feitas para uso do próprio HUAC, ou seja, os **destinatários** da transcrição são os próprios membros do Comitê, e possivelmente outros membros do Congresso e do Judiciário do país. Se considerarmos o destinatário das oitivas em si, que foram amplamente cobertas pela imprensa, claramente os emissores direcionaram suas falas à sociedade estadunidense em geral (há inclusive menções diretas aos cidadãos

dos Estados Unidos nas falas). Também são destinatários os próprios interrogados, que são os interlocutores diretos dos interrogadores.

As oitivas foram acompanhadas presencialmente por muitas pessoas, dentre as quais a imprensa, grupos de profissionais da indústria cinematográfica, parentes e amigos dos interrogados (tanto do HT como das testemunhas amistosas). Em diversos momentos há reações do público presente em aprovação e desaprovação aos pronunciamentos, sendo que o presidente do comitê pede que não haja manifestação. Os próprios interrogadores e interrogados, enquanto destinatários uns dos outros, reagem às falas do respectivo enunciatório de formas diversas, seja com ironia, exaltação, etc., o que nem sempre fica evidente em texto transcrito.

Em relação à **mídia**, cumpre observar que o texto é uma comunicação oral que foi transcrita. A comunicação oral foi registrada em formato audiovisual, ao qual temos acesso parcial pela internet, tendo sido veiculado à época nesse formato. A transcrição completa das oitivas foi registrada por escrito para uso do HUAC.

Inicialmente foi veiculado em parte pela imprensa, no rádio e nas salas de cinema (o registro audiovisual). A transcrição em si ficou restrita à Câmara dos Deputados e ao Judiciário dos Estados Unidos.

Além da transcrição das oitivas, constam no volume as declarações escritas apresentadas pelos interrogados assim como outros documentos apresentados durante as oitivas, porém apenas aqueles que o comitê autorizou que fossem inseridos.

O **local** em que as oitivas ocorreram foi o *Old House Office Building*, na capital dos Estados Unidos, Washington, D.C. Os destinatários sabem que o local é a sede da Câmara dos Deputados. A partir dos outros fatores situacionais, podemos inferir que o espaço em que se deu a comunicação não era um espaço neutro, e sim um espaço que reforçava e demonstrava a situação de poder dos interrogadores.

Em relação ao **tempo**, sabemos que o texto foi produzido e transmitido entre 20 e 30 de outubro de 1947. Pressupõe-se que o receptor esteja familiarizado com a situação política dos Estados Unidos no pós-guerra.

Embora consideremos que será utilizada linguagem padrão, pode haver particularidades sintáticas ou lexicais da época. Também haverá referências a fatos, pessoas ou instituições específicas do momento histórico, além de dêiticos.

Decorridos 70 anos do TP, a conjuntura é muito diferente, embora alguns aspectos sejam semelhantes aos encontrados atualmente. Os referentes mencionados também são bastante ancorados no contexto situacional da época.

As oitivas foram realizadas porque o comitê queria provar que os filmes produzidos em Hollywood estavam veiculando propaganda comunista e que os responsáveis por essas produções eram membros do CPUSA, sendo esse o **pretexto** das oitivas. Com isso, pretendiam obter a justificativa necessária para criarem leis que tornassem os partidos comunistas e de outras ideologias afins ilegais. Esse pretexto é declarado pelo comitê em alguns momentos, porém não é pressuposto que os receptores conhecessem esse pretexto.

O texto foi produzido nessa ocasião específica, e possivelmente seria lido depois para fins correlatos (como parte de julgamentos ou processos do legislativo e do judiciário). Por ser um documento histórico, é presumível que seria lido posteriormente para outros fins. Concluimos pela pesquisa realizada sobre o contexto que o pretexto era parte de uma intenção maior de expurgar todo o pensamento político contrário ao dominante na ocasião.

Já o pretexto do TC é dar acesso ao TP a leitores de outro contexto histórico e geográfico, que não têm o mesmo conhecimento de mundo dos receptores do contexto de origem, embora possam possuir conhecimento sobre os desdobramentos do episódio e sua

própria opinião sobre ele. Sendo o pretexto do TC também revelar estratégias do discurso dominante para eliminar o discurso concorrente, mecanismo que continua sendo utilizado no atual momento histórico, faz-se necessária uma intervenção maior do tradutor explicitando e esclarecendo o que for relevante para essa compreensão.

A **função** primeira do texto é a informativa, uma vez que na página de rosto consta a informação de que o volume foi impresso para uso do HUAC. Também é informativa a função das oitivas em si, pois o objetivo era informar determinados fatos. Contudo, podemos identificar também as funções apelativas e expressivas nas falas dos interrogados e na dos interrogadores, quando procuram argumentar sobre suas afirmações e quando expressam seus sentimentos em relação aos fatos apurados e às oitivas em si.

Quadro 1 – Resumo dos fatores extratextuais do texto de partida

Emissor	Emissor: HUAC Produtores: interrogadores (membros do Comitê) e interrogados (HT e advogados)
Intenção	Provar que havia indivíduos ligados ao CPUSA no SWG e que eles estariam disseminando propaganda soviética nos filmes. Com isso, pretendiam justificar a criação de leis que colocassem partidos de orientação comunista, socialista, anarquista, etc. na ilegalidade.
Destinatário	HUAC, Câmara dos Deputados, público presente na audiência e sociedade estadunidense.
Mídia	Comunicação oral transcrita, registrada em papel.
Local	<i>The Old House Office Building</i> , sede da Câmara dos Deputados, Washington, D.C., Estados Unidos.
Tempo	20 a 30 de outubro de 1947.
Pretexto	Suprimir os movimentos e organizações que defendiam e reivindicavam direitos e melhores condições de vida e de trabalho para minorias e para a classe trabalhadora, bem como aqueles que apoiavam formas diferentes de governo.
Função	Primordialmente informativa, mas há trechos em que predomina a função apelativa ou emotiva.

Fonte: a autora, 2018.

II) *Fatores intratextuais*

São oito fatores intratextuais analisados: tema, conteúdo, pressupostos, estrutura textual, elementos não verbais, léxico, estrutura sintática e elementos suprasegmentais. As perguntas direcionam a análise para relação desses fatores entre si e com fatores extratextuais, de forma a revelar diferenças entre TP e TC que sejam relevantes para a tradução.

Podemos dizer que o texto de partida é uma combinação de textos, já que são alternados os questionamentos com declarações mais longas, escritas para serem lidas, além do fato de serem 11 interrogados. O **tema** principal é a existência de pessoas ligadas ou simpatizantes do CPUSA entre os profissionais da indústria cinematográfica de Hollywood, que estariam disseminando propaganda soviética nos filmes. Outros subtemas ocorrem, como as carreiras profissionais dos interrogados, a motivação para a produção de determinados filmes e a legalidade do HUAC e das oitivas.

O tema é verbalizado no discurso de abertura do presidente do HUAC e está vinculado ao contexto cultural estadunidense da década de 1940, embora o contexto geopolítico geral fosse internacional.

Em relação ao **conteúdo**, observamos que os fatores extratextuais são verbalizados no texto sobretudo por meio de referências a fenômenos e objetos da realidade extralinguística, embora o próprio texto torne-se objeto quando os enunciados dos falantes são contestados. Procura-se a realização extratextual da isenção, por um lado, e da culpabilização, do outro, por meio da verbalização de argumentos. Há lacunas na coesão e coerência do texto em alguns momentos, quando a fala dos interrogados é interrompida pelo presidente.

Sobre os **pressupostos**, verificamos que as informações verbalizadas no texto referem-se à realidade estadunidense do final da década de 1940, no início da Guerra Fria, quando os Estados Unidos emergiam como grande potência mundial capitalista no contexto internacional.

Internamente, o país vivia o fim da era Roosevelt em direção a políticas governamentais menos protecionistas, privilegiando o livre mercado. A referência à realidade é verbalizada explicitamente no texto, com alusão a nomes de pessoas, lugares, leis, organizações, etc.

O modelo de realidade é compartilhado entre emissores e destinatários, embora interrogadores e destinatários que compartilhem de seus princípios possuam uma visão desse modelo de realidade distinta da visão dos interrogados e de seus apoiadores.

Todos os referentes específicos do contexto situacional que não serão conhecidos do leitor brasileiro, como os nomes de pessoas ou organizações, são pressupostos por parte do receptor do TP e serão verbalizados para o destinatário do TC. Também é pressuposta a negatividade geral em relação ao comunismo naquele momento.

No que se refere à **estrutura textual**, os depoimentos selecionados fazem parte de um volume maior em que estão registrados todos os depoimentos de todas as oitivas realizadas pelo HUAC entre 20 e 30 de outubro de 1947. A macroestrutura do texto é marcada visualmente quando são mencionados documentos ou declarações apresentadas pelos interrogados, que o presidente permitiu que fossem lidos ou inseridos nos autos, esses textos são destacados com fonte diferente da transcrição das falas. Na estrutura padrão de transcrições, o nome ou cargo do enunciador precede sua fala, como ocorre, por exemplo, com textos teatrais.

Há poucos **elementos não verbais** no texto. Há indicações como “batendo o malhete” e “entrega papel ao presidente”, que auxiliam na compreensão da situação e do estado afetivo dos interlocutores.

Sobre o **léxico**, observamos que é utilizada linguagem padrão e fórmulas convencionais do gênero. São utilizadas metáforas e palavras carregadas de sentido ideológico para expressar o posicionamento político e argumentar em favor dele. Há terminologias jurídicas relativas ao gênero em questão. Embora haja certa formalidade,

termos jurídicos e uso de linguagem padrão, o estilo não é rebuscado; as palavras utilizadas são em geral palavras comuns utilizadas na linguagem oral.

Em relação à **estrutura sintática**, no geral temos a estrutura do gênero “inquirição”, em que predomina o padrão de par-adjacente pergunta-resposta. Há muitas frases curtas nos momentos em que os questionamentos iniciais são feitos, mas há também muitos períodos compostos de forma hipotática quando os interrogados argumentam sobre suas posições.

Os **elementos suprasegmentais** como entonação, tensão, volume etc. das falas não são indicadas no texto escrito. Contudo, nos trechos a que temos acesso em formato audiovisual, é possível perceber a exaltação dos participantes em diversos momentos, assim como o tom de ironia, o que contribuiria para a compreensão do texto. Também há sinais gráficos (travessão) indicando quando a fala foi interrompida. Os elementos suprasegmentais trazem informações sobre a receptividade em relação ao interlocutor.

Quadro 2 – Resumo dos fatores intratextuais do texto de partida

Tema	Relação dos interrogados com o CPUSA e com o SWG. Há outros subtemas, como a biografia e a carreira dos interrogados.
Conteúdo	Muito ancorado na realidade extralinguística.
Pressupostos	Sentimentos em relação ao comunismo nos Estados Unidos do pós-guerra.
Estrutura textual	Em sua maior parte, perguntas e respostas entremeados por intervenções mais longas, algumas citações e documentos inseridos nos autos.
Elementos não verbais	Não há elementos não verbais. Contudo, há indicações como “batendo o malhete” e “entrega papel ao presidente”, que auxiliam na compreensão da situação e do estado afetivo dos interlocutores.
Léxico	Linguagem padrão e fórmulas convencionais do gênero “inquirição”. São utilizadas metáforas e palavras carregadas de sentido ideológico.

Estrutura sintática	Padrão do gênero "inquirição", com predominância de frases interrogativas e declarativas, mas também muitos períodos compostos de forma hipotática quando os interrogados argumentam sobre suas posições.
Elementos suprasegmentais	Não são observáveis na transcrição.

Fonte: a autora, 2018.

Feita a análise dos fatores extra e intratextuais, passamos a elencar os problemas de tradução que teremos que resolver.

4.2.2 PROBLEMAS DE TRADUÇÃO

A partir da análise relatada acima, foi possível levantar alguns problemas de tradução (Nord, 2005, p. 169) que exigem escolhas integradas compatíveis ao *skopos*. Nord diferencia "dificuldade de tradução" de "problema de tradução" (Nord, 2005, p. 162). A primeira é subjetiva e está relacionada ao indivíduo e suas condições de trabalho. A segunda é objetiva e diz respeito a uma tarefa de transferência que todo tradutor deverá resolver durante o processo de tradução independentemente do seu nível de competência e de suas condições técnicas de trabalho.

Os problemas de tradução são classificados em quatro categorias (Nord, 2005, p. 162):

- a) pragmáticos: originários do contraste entre a situação em que o TP foi utilizado e a situação em que o TC é produzido (ex.: referências dêiticas, direcionamento ao destinatário)¹⁸;

18

arising from the contrast between the situation in which the source text is or was used and the situation for which the target text is produced (e.g. the audience-orientation of a text or deictic references to time or place)

- b) relativos a convenções culturais: originários de diferenças entre convenções culturais entre CP e CC (ex.: convenções do gênero textual, unidades de medida)¹⁹;
- c) específicos do par linguístico: originários da diferença estrutural entre LP e LC (ex.: a tradução do gerúndio inglês para o alemão ou das partículas modais do alemão para o espanhol)²⁰;
- d) específicos do texto: originários de características particulares do TP (ex. jogos de palavras)²¹.

Apresentamos no quadro abaixo os problemas de tradução que encontramos no TP. No próximo item, apresentaremos as soluções encontradas para cada um desses problemas.

Quadro 3 – Problemas de tradução do TP

Problemas de Tradução	Exemplo no corpus	Questões
Pragmáticos	- nomes de leis - nomes de programas de rádio, filmes e organizações - nomes de lugares, endereços	- Manter o termo em inglês ou traduzir por termo aproximado?
Relativos a convenções culturais	- conceitos "American" e "Un-American" - pronomes de tratamento - fraseologias do gênero discursivo - termos jurídicos sem correspondência	- Utilizar pronomes equivalentes <i>prima facie</i> ou aqueles utilizados no gênero correspondente na CC? - Traduzir literalmente ou utilizar a fraseologia/nomes equivalente na CC?
Específicos do par linguístico	- ordem adjetivo/substantivo - interrupção da frase	Como resolver?

19 *arising from the differences in behaviour conventions between the source and the target culture (e.g. text-type conventions, measurement conventions, translation conventions)*

20 *arising from the structural differences between source and target language (e.g. the translation of the English gerund into German or of German modal particles into Spanish)*

21 *arising from the particular characteristics of the source text (e.g. the translation of a play on words).*

Problemas de Tradução	Exemplo no corpus	Questões
Específicos do texto	Ironia Metáfora	- Explicar na nota, ou deixar para o leitor perceber? - Traduzir literalmente ou por um semelhante na CC?

Fonte: a autora, 2018.

4.3 DEFINIÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO E SOLUÇÕES ENCONTRADAS

As decisões tradutórias foram tomadas a partir do *skopos* definido para a tradução. Como o objetivo da tradução é apresentar um documento histórico em outro contexto cultural para que os destinatários conheçam e compreendam o episódio relatado, a estratégia adotada foi a da tradução documental, com caráter informativo. Para isso, mantivemos a formatação original do documento, e as soluções tradutórias para os problemas listados acima foram direcionadas para preservar tanto quanto possível o efeito de sentido do original. Optamos por produzir uma versão bilíngue, permitindo ao leitor comparar ambos os textos, além de permitir que recriássemos alguns nomes em português, tornando a leitura mais fluida, sem o prejuízo de ter os nomes originais à mão. Essa estratégia reforça o compromisso do tradutor com a transparência em relação a seus procedimentos e a seu posicionamento crítico.

Outro objetivo da tradução é estimular a reflexão sobre o momento atual à luz desse episódio relatado. Para isso, redigimos um prefácio e notas com o objetivo de esclarecer as razões pelas quais o texto foi traduzido, assim como fornecer subsídios para sua compreensão, buscando assim fazer com que o leitor identifique as

semelhanças daquele momento histórico com o momento presente e quais as possíveis consequências futuras.

A seguir, descreveremos as estratégias e soluções encontradas para os problemas descritos no item 4.2.2 (Problemas de tradução).

4.3.1 PRAGMÁTICOS

Como na tradução documental reproduzimos a situação comunicativa original, não identificamos muitos problemas em relação a essa questão pragmática. No entanto, consideramos que a tradução de nomes próprios pode ser considerada um problema de ordem pragmática quando o referente inexistente na cultura de chegada. No geral, nossa estratégia foi traduzir apenas os nomes de locais, filmes e organizações quando possuíam o nome correspondente em português; do contrário, mantivemos o nome em inglês. Os nomes dos estados dos Estados Unidos, por exemplo, possuem nome em português, mas as cidades nem sempre possuem. Os filmes que foram lançados no Brasil ou em Portugal possuem um título em português, mas nem todos os mencionados no TP o foram, por isso mantivemos o nome em inglês. Nossa fonte para essa consulta foi o *Internet Movie Database* (www.imdb.com). Organizações em geral tiveram os nomes traduzidos para facilitar sua compreensão, como o Sindicato dos Roteiristas (*Screen Writers Guild*).

Buscamos tanto quanto possível manter acessível o significado das referências, evitando adicionar informações em excesso. *OPA*, por exemplo, refere-se ao *Office of Price Administration* que foi um órgão da administração Roosevelt criado em 1941 com o intuito de controlar preços e aluguéis. Como a sigla aparece apenas na declaração de Albert Maltz, na frase "*I opposed them in my support of OPA controls*" traduzimos *OPA controls* como "controle de preços e de aluguel", evitando explicitar o que era a OPA.

Já o *New Deal* foi mantido com o nome em inglês, pois consideramos que seu uso já esteja consagrado em português. Mesmo livros didáticos de História do Ensino Básico utilizam o termo original. "*Bill of Rights*", no entanto, não é tão conhecido e a expressão "Declaração dos Direitos" é pacífica em traduções de gêneros jurídicos (Fonseca, 2011), por isso optamos por ela e para que seu sentido estivesse mais claro.

4.3.2 RELATIVOS A CONVENÇÕES CULTURAIS

Identificamos diversos termos relativos a aspectos da cultura de partida que diferem ou não existem na cultura de chegada. Entre eles, conceitos políticos, pronomes de tratamento, termos jurídicos e expressões específicas do gênero (inquirição). A seguir descreveremos alguns deles e a estratégia escolhida.

4.3.2.1 *American/Un-american*

É sabido que os Estados Unidos desde a sua fundação utilizam o termo "*American*" para se referir à sua nacionalidade, ignorando o fato de que o restante do continente também é "americano". Para marcar essa diferença, nesta dissertação e no prefácio à tradução dos depoimentos, referimo-nos a essa nacionalidade ou ao que é relacionado aos Estados Unidos como "estadunidense". Além dessa dimensão, o termo "*American*" constitui um conceito com cargas valorativas que variam muito em função dos objetivos e da perspectiva do enunciador. Seus sentidos variam de "democracia" a "imperialismo", passando por "livre mercado" e "liberdade". Por esse motivo, mantivemos na tradução das audiências o termo "americano" – com inicial minúscula, já que em português os adjetivos pátrios começam com letra minúscula, e não maiúscula como no inglês.

Nos depoimentos, é possível perceber a disputa hegemônica em torno do significado dos termos "American" e "un-American" entre dois modos de representação da nação estadunidense. O uso do termo "un-American" é central em todo o corpus, inclusive no título do próprio comitê. Embora já fosse utilizado desde o início do século 19, seu uso foi disseminado e intensificado no pós-guerra graças ao HUAC, que passou a fazer parte de sua rede associativa. A tradução de *Committee on Un-American Activities* é geralmente "Comitê de Atividades Antiamericanas". No entanto, optamos por utilizar "Contra-Americanas" e "contra-americano" no restante das instâncias de "un-American", pois observamos uma variação diacrônica em seu uso ao longo do tempo. O *Corpus of Historical American English*, que consiste em um corpus de textos dos anos de 1810 até 2000 com 400 milhões de palavras, demonstra que o termo *un-American* foi amplamente utilizado na primeira metade do século 20. A partir dos anos 1960, seu uso diminuiu enquanto cresceu o de *anti-American* (figuras 7 e 8). Do mesmo modo, a ferramenta *Ngram Viewer*, que utiliza a base *Google Books*, apresenta o mesmo resultado (figura 9). Por essa razão, optamos pelo termo "contra-americano" em vez de "antiamericano". Há um possível antagonismo entre os termos, iniciado durante os anos de 1960, quando os movimentos pelas liberdades civis espalharam-se pelos Estados Unidos. No volume completo das audiências, não há ocorrência de *anti-American*, mas há ocorrências de *anti-Communist*, *antilynching*, *anti-Semitism*, *anti-Semitic*, *anti-Fascist*, *anti-Nazi*, *antitotalitarian*, *anti-Negro*, *anti-labor*, *anti-Franco*, *anticapitalistic*, *anti-Dies*, *anti-English*, *anti-God*, *anti-Hitler*, *anti-IATSE*, *antiliberals*, *anti-religious*, *anti-Russian*, *anti-Socialist*, *anti-war*.

Figura 7 – Frequência de *un-American*

SECTION	ALL	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
FREQ	659	32	49	64	119	137	77	46	22	25	20
WORDS (M)	405	22.7	25.7	24.6	24.3	24.5	24.0	23.8	25.3	27.9	29.6
PER MIL	1.63	1.41	1.91	2.60	4.89	5.58	3.21	1.93	0.87	0.89	0.68
SEE ALL YEARS AT ONCE											

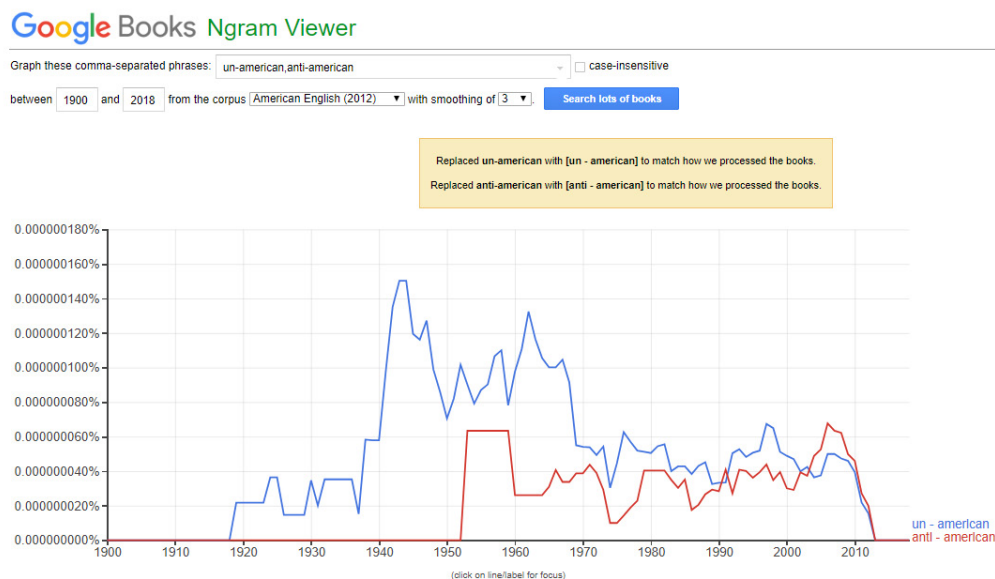
Fonte: *The Corpus of Historical American English (COHA)*.
Disponível em: <https://corpus.byu.edu/coha/>. Acesso em 17 abr. 2018.

Figura 8 – Frequência de *anti-American*

SECTION	ALL	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
FREQ	428	14	26	9	20	64	82	39	55	20	71
WORDS (M)	405	22.7	25.7	24.6	24.3	24.5	24.0	23.8	25.3	27.9	29.6
PER MIL	1.06	0.62	1.01	0.37	0.82	2.61	3.42	1.64	2.17	0.72	2.40
SEE ALL YEARS AT ONCE											

Fonte: *The Corpus of Historical American English (COHA)*.
Disponível em: <https://corpus.byu.edu/coha/>. Acesso em 17 abr. 2018.

Figura 9 - Frequência de *un-American* e *anti-American*



Fonte: Google Books Ngram Viewer. Disponível em: <https://books.google.com/ngrams>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Figura 10 – Manifestação durante uma oitiva do HUAC em San Francisco, em 13 de maio de 1960



Fonte: Still de Operation Correction, 1960. Lê-se no cartaz do manifestante: "Comitê de Atividades Contra-Americanas é Anti-Americano".

4.3.2.2 *House of Representatives*

O Congresso dos Estados Unidos é composto pela *House of Representatives*, equivalente à Câmara dos Deputados brasileira, e pelo *Senate*, equivalente ao Senado brasileiro. Embora haja traduções como “Casa dos Representantes” ou “Câmara dos Representantes”, resolvemos manter “Câmara dos Deputados” já que são termos equivalentes e funcionam de forma bastante parecida nas duas culturas. O *House Un-American Activities Committee* (HUAC), portanto, era o Comitê de Atividades Contra-Americanas da Câmara.

4.3.2.3 *Committee*

A Câmara dos Deputados dos Estados Unidos é composta por diversos *Committees*, cada um responsável pela análise e acompanhamento de leis e medidas para um determinado tema. São similares às Comissões Permanentes da Câmara dos Deputados do Brasil. A Câmara nos Estados Unidos possui também os *Commissions*, que podem ser permanentes ou temporários, responsáveis por atividades menos legislativas e mais investigativas, administrativas ou interparlamentares. No Brasil, a Câmara possui Comissões Permanentes, Comissões Temporárias, Comissões Mistas e Grupos de Trabalho, cujas atribuições podem ser similares às dos *Committees* e às dos *Commissions*, não havendo uma correspondência exata. Embora não existam “Comitês” na Câmara brasileira, e portanto o equivalente seria “Comissão”, para marcar a distinção entre *Committee* e *Commission* no contexto original, bem como para utilizar o termo já consagrado pelo uso, optamos por “Comitê”.

4.3.2.4 *Juramento*

O Código de Processo Penal brasileiro não estabelece juramento prévio ao depoimento: “Art. 186. *Depois de devidamente qualificado e cientificado do inteiro teor da acusação, o acusado será*

informado pelo juiz, antes de iniciar o interrogatório, do seu direito de permanecer calado e de não responder perguntas que lhe forem formuladas.” Esse procedimento não é realizado com testemunhas ouvidas nas Comissões Parlamentares de Inquérito. Portanto, traduzimos literalmente a fórmula de juramento, ocorrendo numa estrangeirização que acrescenta esse estranhamento diante da outra cultura, ainda que essa fórmula em específico seja comum em filmes consumidos aqui:

Do you solemnly swear the testimony you are about to give is the truth, the whole truth, and nothing but the truth, so help you God?

O senhor jura solenemente que o depoimento que irá prestar é a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade, em nome de Deus?

4.3.2.5 The meeting will come to order / a lot of points which he knows are out of order before this tribunal / That statement is out of order.

“Order” nos contextos acima não possui um correspondente único em português. É comum a utilização das expressões “pela ordem” e “questão de ordem” em sessões do legislativo e do judiciário, no entanto seu significado pragmático é diferente daqueles: são expressões utilizadas para solicitar esclarecimentos sobre a forma de condução da sessão ou sobre a própria matéria em discussão, ou quando o enunciador considera que sofreu acusação ou censura indevida.

Assim, para cada ocorrência foi identificada uma expressão correspondente para o contexto situacional:

The meeting will come to order

Está aberta a sessão.

a lot of points which he knows are out of order before this tribunal

inúmeros apontamentos que estão fora do contexto deste tribunal

That statement is out of order

A declaração é inapropriada

4.3.2.6 *Cross-examine*

Diferentemente do sistema da *common law*²², apenas recentemente (2008) o ordenamento jurídico brasileiro passou a permitir que as partes possam fazer perguntas diretamente à testemunha, já que anteriormente apenas o juiz poderia fazê-lo. O verbo em inglês "*cross-examine*" corresponde em português ao substantivo "repergunta", que se refere à segunda inquirição da testemunha, conduzida pelo advogado da parte contrária daquela que a interrogou primeiro.

4.3.2.7 *Contempt of court/Contempt of Congress*

O correspondente mais comum para "*contempt*" em português é "desacato", embora as situações em que são aplicados sejam diferentes. Segundo Assis, o *contempt of court* é

a ofensa ao órgão judiciário ou à pessoa do juiz, que recebeu o poder de julgar do povo, comportando-se a parte conforme suas conveniências, sem respeitar a ordem emanada da autoridade judicial (Assis: 2004, 8).

É um dispositivo para estimular a cooperação, tanto no judiciário (*court*) como no legislativo (*Congress*). Diferentemente, no Brasil, o Código Penal define como crime o desacato e a desobediência, ambos praticados por um particular contra um funcionário público. Embora o crime de desobediência talvez seja mais próximo ao sentido de "*contempt of Congress*", a palavra "desobediência" talvez não contemple o sentido de crime que "desacato" tem em português, por isso optamos por esse último.

22

Common law é o "sistema jurídico anglo-americano, o adotado na Inglaterra e na maioria de suas ex-colônias. Um sistema que difere do romano-germânico (*civil law system*) por ter origem no *stare decisis*, princípio segundo o qual as decisões judiciais anteriores (*precedent*) vinculam as posteriores" (Fonseca, 2014, 67).

Há ainda uma perda conotativa pois o termo em inglês, "*contempt*", tem o sentido de "desprezo", que "desacato" não possui. Dalton Trumbo, um dos HT, em entrevista concedida para o documentário "*Hollywood on Trial*", afirmou que considerava sua condenação por "*contempt of Congress*" justa, porque de fato ele sentia "*contempt*" por aquele Congresso e, por muitos outros depois daquele, utilizando, portanto, a outra acepção da palavra.

Interessante notar que esse crime é cometido linguisticamente, ou seja, mediante a utilização da linguagem, portanto constitui um ato de fala (Austin, 1975). No entanto, cabe à interpretação de quem julga estabelecer se houve ou não o crime.

4.3.2.8 *Pronome de Tratamento (You)*

O pronome "*you*" é utilizado entre os membros do comitê e as testemunhas. A tradução *prima facie* de "*you*" é "você", que soa demasiadamente informal nesse tipo de gênero. No Brasil, nesse tipo de contexto situacional, é comum que a forma de tratamento seja "Vossa Excelência", "Vossa Senhoria", "Senhor(a) Deputado(a)", etc., usadas alternadamente com 'o senhor' e 'a senhora'. Vale notar que as primeiras formas são empregadas com naturalidade entre membros do legislativo e do judiciário ao se dirigirem uns aos outros. Como os inquiridos não ocupam cargos públicos, optamos por utilizar "o senhor" tanto quanto as autoridades se dirigiam a eles como quando eles se dirigiram às autoridades.

4.3.3 ESPECÍFICOS DO PAR LINGUÍSTICO

A princípio, não identificamos problemas relacionados a diferenças linguísticas entre o inglês e o português, como ocorre frequentemente com pares de línguas que possuem estruturas sintáticas muito diferentes. Em apenas um enunciado, em que a testemunha

John Howard Lawson é interrompida, sua frase termina no adjetivo, que precede o substantivo, de modo que não sabemos o que ele estava qualificando. Em português, como a ordem nominal é inversa (substantivo-adjetivo), ao reproduzir a interrupção, se mantivermos o adjetivo sem o substantivo, a frase ficaria um tanto incompreensível. Por isso optamos por ocultar o adjetivo:

MR. LAWSON. It is unfortunate and tragic that I have to teach this committee the basic principles of American ----

SR. LAWSON. É lamentável e trágico que eu tenha que ensinar a este comitê os princípios básicos do ----

É possível que as dificuldades específicas do par linguístico teriam se sobressaído se estivéssemos fazendo uma versão de um texto em português para o inglês. Por exemplo, o termo *conspiração*, que adotamos na tradução, em português, pode ser traduzido por *conspiration* ou *conspiracy* (Fonseca, 2014, p. 178-180), sendo este último o correspondente adequado, como se observa no original.

4.3.4 ESPECÍFICOS DO TEXTO

Em relação a problemas específicos do texto, identificamos momentos em que os enunciadores utilizam de ironia, ancorada em referentes externos à situação comunicativa. Para compreensão do caráter irônico do enunciado, na maior parte das vezes basta a explicação desse referente externo, não sendo necessário explicitar que o autor está sendo irônico. Em apenas uma instância consideramos que seria necessário um conhecimento maior sobre os valores e disputas históricos em torno do conceito associado à ironia (no caso, "*American*"). Contudo, consideramos que o próprio prefácio pode elucidar essa questão e por isso também não explicitamos a ironia.

SR. STRIPLING. Passaremos à pergunta de US\$64, Sr. Bessie. O senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

NOTA: Nos anos de 1940 havia um programa da rádio CBS, *Take it or Leave it*, em que os convidados respondiam a perguntas sucessivas valendo dinheiro. A última pergunta era a do prêmio máximo, de US\$ 64. Em 1947, o galão (equivalente a 3,78 litros) de gasolina custava cerca de US\$ 0,22.

SR. MALTZ. Eu respondi a pergunta, Sr. Quisling. Sinto muito.

NOTA: Vidkun Quisling (1887-1945) foi um militar norueguês que foi Ministro-Presidente da Noruega durante sua ocupação pelos nazistas, tendo colaborado pessoalmente para que a Alemanha invadisse a Noruega. Segundo o dicionário Merriam-Webster, desde a década de 1940 a palavra "quisling" é utilizada nas línguas escandinavas e inglesa com o sentido de "traidor", "que colabora com o inimigo".

PRESIDENTE. O senhor não pode perguntar mais nada agora. Por favor, sente-se.

SR. CRUM. Muito americano.

Há também um caso de metáfora para a qual não encontramos correspondente direto em português e cuja tradução literal talvez não reproduzisse o sentido original em português: *walk the plank*. Essa expressão, pertencente ao campo semântico das histórias de piratas, significa denotativamente "andar na prancha", em referência à plataforma dos navios em que os condenados eram forçados a caminhar até caírem ao mar. Conotativamente, a expressão significa estar em uma situação em que não há alternativas a não ser aceitar as consequências que lhe são impostas. Assim, optamos por uma expressão em português que tem significado semelhante, ainda que tenhamos perdido a metáfora:

Hollywood attorney Robert W. Kenny said he would also advise the other "to walk the plank."

...o advogado de Hollywood, Robert W. Kenny, disse que também recomendaria aos outros 18 que "corram o risco".

Well now, what I undoubtedly did say is that they are probably going to be invited to walk the plank. I don't advise anybody to walk any plank. I am not that bad a lawyer.

Bem, o que eu disse sem dúvida é que eles provavelmente serão convidados a correr o risco. Eu não oriento ninguém a correr riscos. Não sou um advogado tão ruim assim.

Cabe ressaltar que os paratextos foram redigidos com o intuito de elucidar informações sobre os referentes, no caso das notas ao longo do texto, e de contextualizar o episódio histórico, esclarecer algumas escolhas de tradução que consideramos importantes e estabelecer a ponte entre o texto e o nosso contexto atual de recepção, no caso do prefácio. Evidentemente, como a tradução foi concebida como um produto da dissertação e, portanto, de certa forma independente dela por poder ser lida separadamente, haverá repetição no prefácio de muitas informações constantes nos capítulos anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o projeto desta dissertação era produzir um documento para estudantes e interessados em História dos Estados Unidos. Contudo, os acontecimentos nacionais e internacionais ao longo destes três últimos anos fizeram-nos crer que este material é de interesse de todos os que desejam compreender mais sobre a democracia e sobre a situação política e social que vivemos hoje. Particularmente no Brasil, esse período tem sido marcado por uma grande polarização que não leva em conta diferentes gradações de opiniões e de espectro político, prejudicando o debate e o avanço das pautas necessárias ao país. Ademais, o novo governo tem apresentado em discurso e ações a negação de fatos e restrição de direitos em favor de sua própria agenda política e ideológica que tem por princípio a exclusão da pluralidade de pensamento.

Assim como no macarthismo, atualmente o maniqueísmo dos que querem expurgar a divergência da arena política e cultural assume um caráter anti-intelectual que, no Brasil, tem se mostrado na contestação de dados científicos, na substituição de pessoal técnico especializado por indicações políticas na direção de órgãos importantes do meio ambiente e da cultura, na censura à produção cinematográfica e cultural por parte dos agentes financiadores do governo, vigilância e perseguição de professores e da comunidade acadêmica (Correio Braziliense, 2019; Correio do Povo, 2019; Globo, 2019; Góes, 2019; Reuters, 2019; Silva, 2019; Uol, 2019; Venceslau e Cafardo, 2019).

Uma vez que a tradução, assim como outras formas de comunicação intercultural, oferece a oportunidade de uma cultura refletir sobre si mesma a partir de um texto produzido por outra cultura, entendemos desde o princípio desta pesquisa que a tradutora deve-

ria proceder com transparência, oferecendo a sua interpretação do texto para o leitor. Essa interpretação foi orientada por uma pesquisa bibliográfica sobre o contexto, que nos permitiu, portanto, elucidar os enunciados dos depoimentos. Procuramos ainda, iluminados pela distinção de Hannah Arendt (1967) entre fato e opinião, priorizar sempre a verdade factual.

Se, por um lado, queremos contribuir para a reflexão sobre a importância da democracia, da liberdade de expressão e do estado de direito, contribuindo ainda para que o episódio em questão e seus atores sejam conhecidos e lembrados, por outro lado esperamos que o trabalho possa contribuir para os estudos da prática de tradução, sobretudo a de textos com conteúdo político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Perry. **A Política Externa Norte-Americana e seus Teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ARENDR, Hannah. Truth and Politics. **The New Yorker**, New York, 25 fev. 1967, p. 49.
- ARONOWITZ, Stanley. **The Death and Rebirth of American Radicalism**. New York/ London: Routledge, 1996.
- ASSIS, Araken de. *O contempt of court* no direito brasileiro. **Revista Jurídica**, Porto Alegre, v. 318, p.07-23, 2004.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to Do Things with Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- BAKER, Mona & SALDANHA, Gabriela (eds.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Second Edition. London & New York: Routledge, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BASTIANETTO, Patrizia Collina. As funções do paratexto para a inteligibilidade da obra traduzida. **TradTerm**, São Paulo, v. 11, p. 53-69, abr. 2005.
- BBC News Brasil. **O cientista americano que vazou informações sobre a bomba atômica para os soviéticos e se safou**. 31 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49505447>. Acesso em: 01 set. 2019.
- BESSIE, Alvah. **Inquisition in Eden**. New York: Macmillan, 1965.
- BOLSONARO, Jair. **Site pessoal**. Disponível em: www.bolsonaro.com.br, [s.d.]. Acesso em: 27 out. 2019.
- BOSE, Erica. Three Brave Men: An Examination of Three Attorneys Who Represented the Hollywood Nineteen in the House Un-American Activities Committee Hearings in 1947 and the Consequences They Faced. **UCLA Entertainment Law Review**, Los Angeles, 6(2), 1999. Disponível em: <http://escholarship.org/uc/item/7mq6r2rb>. Acesso em: 27 out. 2019.

BUHLE, Paul. **Marxism in the United States**. Remapping the History of the American Left. London/New York: Verso, 1991.

BUHLE, Paul e WAGNER, Dave. **Hide in Plain Sight**. The Hollywood Blacklistees in Film and Television, 1950-2002. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

CASTRO, Marcílio Moreira de. **Dicionário de Direito, Economia e Contabilidade. Português-Inglês Inglês-Português**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2013.

CAUTE, David. **The Great Fear**: The Anti-Communist Purge Under Truman and Eisenhower. New York: Simon & Schuster, 1978.

CHAMPOLLION, Yves. **Wordfast Anywhere**. Versão 5.10.7, 2019. Disponível em: <https://www.freetm.com/>. Acesso em: 28 out. 2019.

CHOMSKY, Noam. **Requiem for the American Dream**. New York: Seven Stories Press, 2017.

COOK, Bruce. **Trumbo**. New York: Grand Central Publishing, 2015.

CORREIO DO POVO. **Presidente afastado da Ancine renuncia ao cargo**. 14 nov. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/arteaagenda/presidente-afastado-da-ancine-renuncia-ao-cargo-1.380401>. Acesso em: 15 nov. 2019.

COSTA, Iná Camargo. **Panorama do Rio Vermelho**. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

DECHERNEY, Peter. **Hollywood and the Culture Elite**: How the movies became American. New York: Columbia University Press, 2005.

DECHERNEY, Peter. **Hollywood**: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2016.

DICK, Bernard F. **Radical Innocence. A critical study of the Hollywood Ten**. Lexington: The University Press of Kentucky, 2009.

DUARTE-PLON, Leneide. Imigração e refugiados na Europa - O desafio do século. **Carta Maior**, São Paulo, 27 ago. 2015. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Imigracao-e-refugiados-na-Europa-O-desafio-do-seculo/6/34349>. Acesso em 28 out. 2019.

DUNAWAY, David King. **How Can I Keep from Singing?** The Ballad of Pete Seeger. New York: Villard Books, 2008.

DUNAWAY, David King. **Huxley in Hollywood**. New York: HarperCollins, 1989.

DUNAWAY, David King. **Entrevista concedida a Rebeca Leite Camarotto**. São Paulo, 22 fev. 2019. Arquivo mp3 (43 min.).

DUNBAR, David L. The Hollywood Ten: The Men Who Refused to Name Names. **Hollywood Reporter**, Los Angeles, 16 nov. 2015. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/lists/hollywood-ten-men-who-refused-839762/item/alvah-bessie-1904-1985-839779>. Acesso em: 10 nov. 2019.

EAGLETON, Terry. **Ideology**: an introduction. London: Verso, 1991.

EQUAL JUSTICE INITIATIVE. **Segregation in America**. Montgomery: EJI, 2018. Disponível em: <https://segregationinamerica.eji.org>. Acesso em: 10 nov. 2019.

ESTADOS UNIDOS. **Code of Laws of the United States of America**. Title 2 -The Congress; ch. 6 – Congressional and Committee Procedure. Washington, 1938.

ESTADOS UNIDOS. **Public Law 601**. 79th Congress, chapter 753, 2d session. Washington, 1946.

ESTADOS UNIDOS. **The Alien Registration Act**. 76th United States Congress, 3d session, ch. 439, 1940.

ESTADOS UNIDOS. **The United States Bill of Rights**. The Ten Original Amendments to the Constitution of the United States. Washington, 1789.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. **Atos de Tradução**. São Paulo: Humanitas, 2014.

FONSECA, Luciana Carvalho. O direito a um julgamento célere e *the right to a speedy trial* – Parte 2. **Migalhas**, São Paulo, 25 abr. 2011. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/LawEnglish/74,MI131552,71043-0+direito+a+um+julgamento+celere+e+the+right+to+a+speedy+trial+Parte+2>. Acesso em: 18 nov. 2019.

FONSECA, Luciana Carvalho. **Inglês Jurídico: Tradução e Terminologia**. São Paulo: Lexema, 2014.

FRIEDRICH, Otto. **City of Nets**. New York: Harper & Row, 1986.

FRONT, The. Direção: Martin Ritt, 1976. 95 min.

GENETTE, Gérard. **Paratexts**. Thresholds of interpretation. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GLOBO, O. Em substituição a biólogo marinho, ICMBio nomeia PM para chefiar Costa dos Corais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 nov. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/em-substituicao-biologo-marinho-icmbio-nomeia-pm-para-chefiar-costa-dos-corais-24069692>. Acesso em: 09 nov. 2019.

GÓES, Bruno. Diretor do Inpe será exonerado após questionamento de dados sobre desmatamento. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 ago. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/diretor-do-inpe-sera-exonerado-apos-questionamento-de-dados-sobre-desmatamento-23849988>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GOODSON, Mark. If I stood up earlier.... **The New York Times**, New York, 13 jan. 1991. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1991/01/13/magazine/if-i-stood-up-earlier.html>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GORDON, Bernard. **Hollywood Exile**: or how I learned to love the blacklist. Austin: University of Texas Press, 1999.

HENSCH, Mark. Gingrich: Revive House Un-American Activities Committee. **The Hill**, Washington, 14 jun. 2016. Disponível em: <http://thehill.com/blogs/ballot-box/283511-gingrich-revive-house-un-american-activities-committee>. Acesso em: 20 abr. 2018.

HOFSTADTER, Richard. **Ten Major Issues in American Politics**. New York: Oxford University Press, 1968.

HOLLYWOOD Ten, The. **Youtube**. Direção: John Berry, 1950. 15 min, p&b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=taancRcLQ8o>. Acesso em: 19 abr. 2018.

HOLLYWOOD on Trial. **Youtube**. Direção: David Helpern, 1976. 105 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JQ-dKru9RWM>. Acesso em: 19 abr. 2018.

HOUSE OF REPRESENTATIVES. **Hearings regarding the communist infiltration of the motion picture industry**. Hearings before the Committee on Un-American Activities. Washington: Government Printing Office, 1947.

HUMPHRIES, Reynold. **Hollywood's Blacklists: A Political and Cultural History**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

KANFER, Stefan. **A journal of the plague years**. New York: Atheneum, 1973.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KRUTNIK, Frank; NEALE, Steve; NEVE, Brian; STANFIELD, Peter (Ed.). **"Un-American" Hollywood**: politics and film in the blacklist era. New Brunswick: Rutgers University Press, 2007.

LEFEVERE, André. Translation: Its Genealogy in the West. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. **Translation, History & Culture**. London: Pinter, 1990.

LIDDICOAT, Anthony J. Intercultural mediation, intercultural communication and translation. **Perspectives**, vol. 24, n. 3, 2016. <https://doi.org/10.1080/0907676X.2014.980279>

LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império**. São Paulo: Boitempo, 2010.

LÖVY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.044>

LUEDTKE, Luther S. (ed.) **Making America**: the society and culture of the United States. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1992.

McGILLIAN, Patrick; BUHLE, Paul. **Tender Comrades**. A backstory of the Hollywood Blacklist. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

MAITINO, Martin. "Direita, sem vergonha". **Plural**, 25(1), 111-134, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2018.149018>

MICHAELS, Jonathan. **McCarthyism: the realities, delusions and politics behind the 1950s red scare**. New York: Routledge, 2017.

MORENO, Ana Carolina. Mortes de imigrantes no Mar Mediterrâneo atingem nível mais alto em 18 meses. **G1**, São Paulo, 21 jul. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/07/21/mortes-de-imigrantes-no-mar-mediterraneo-atingem-nivel-mais-alto-em-18-meses.ghtml/>. Acesso em: 28 out. 2019.

NAVASKY, Victor S. **Naming Names**. New York: Penguin, 1980.

NEWMARK, Peter. **About Translation**. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation**: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-oriented Text Analysis. Amsterdam, New York: Rodopi, 2005.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity**. Functional Approaches Explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

OPEN CULTURE. **The Red Menace**: A Striking Gallery of Anti-Communist Posters, Ads, Comic Books, Magazines & Films. 18 nov. 2014. Disponível em: <http://www.openculture.com/2014/11/the-red-menace-a-striking-gallery-of-anti-communist-propaganda.html>. Acesso em: 10 nov. 2019.

OPERATION Correction. Direção: Ernest Besig, 1960. 44 min, p&b. Disponível em: <https://www.c-span.org/video/?328976-1/operation-correction>. Acesso em: 21 set. 2019.

PAMPLONA, Marco A. **Revendando o Sonho Americano**: 1890-1972. São Paulo: Atual, 1996.

PEIXOTO, Fernando. **Hollywood**: episódios da histeria anticomunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

PRAÇA, Sérgio. Discurso de Bolsonaro poderia ser de 1965. **Exame**, São Paulo, 24 set. 2019. <https://exame.abril.com.br/blog/sergio-praca/discurso-de-bolsonaro-poderia-ser-de-1965/>. Acesso em: 20 out. 2019.

PUURTINEN, Tiina. Translating linguistic markers of Ideology. In: CHESTERMAN, Andrew, SALVADOR, Natividad Gallardo, GAMBIER, Yves (ed). **Translation in Context**. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

REED, Thomas J. **America's Two Constitutions. A Study of the Treatment of Dissenters in Time of War**. Madison: Fairleigh Dickinson University Press, 2017.

REUTERS. 'Vamos acabar com o cocô' que são corruptos e comunistas, diz Bolsonaro. In: **Exame**, São Paulo, 14 ago. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/vamos-acabar-com-o-coco-que-sao-corruptos-e-comunistas-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 20 out. 2019.

ROSSI, Amanda. Medo do comunismo nos EUA: os professores perseguidos e demitidos nos anos 50 sob a suspeita de serem 'vermelhos'. In: **BBC News Brasil**, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46502709>. Acesso em: 14 dez. 2018.

RYSKIND, Allan H. **Hollywood Traitors**: Blacklisted Screenwriters – Agents of Stalin, Allies of Hitler. Washington: Regnery History, 2015.

SCHÄFER, Anna Carolina. **Quando a tradução (re)conta a história**: análise textual e tradução comentada de interrogatórios da 'Rosa Branca'. 2015. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-23112015-133329. Acesso em: 21 out. 2016.

SCHÄFFNER, Christina. Strategies of Translating Political Texts. *In*: TROSBORG, Anna (ed). **Text typology and translation**. Amsterdam: J. Benjamins, 1997.

SCHÄFFNER, Christina. Functionalist approaches. *In*: BAKER, Mona & SALDANHA, Gabriela (eds.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Second Edition. London & New York: Routledge, 2009, p. 115-121.

SCHÄFFNER, Christina. Politics and Translation. *In*: KUHIWCZAK, Piotr & LITTAU, Karin (eds.) **A Companion to Translation Studies**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007, p. 134-147.

SCHRECKER, Ellen. **The Age of McCarthyism**. A Brief History with Documents. Second Edition. Boston: Bedford/St.Martin's, 2002.

SCHWARTZ, Richard A. **How the Film and Television Blacklists Worked**. https://richardaschwartz.weebly.com/uploads/1/8/6/9/18699458/how_the_blacklist_worked.pdf . s/d (published in a slightly different form in *Film & History Annual For 1999* (CD ROM)). Acesso em: 10 nov. 2019.

SILVA, Anderson. "Vamos caçar o pessoal que fica fazendo balbúrdia", diz ministro da Educação sobre a UFSC. **NSC Total**, Florianópolis, 25 out. 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/anderson-silva/vamos-cacar-o-pessoal-que-fica-fazendo-balburdia-diz-ministro-da-educacao>. Acesso em: 05 nov. 2019.

SOUZA, Renato. Artistas reclamam ao STF que Decreto de Bolsonaro é censura. **Correio Braziliense**, Brasília, 5 nov. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/11/05/interna_politica,803759/artistas-reclamam-ao-stf-que-decreto-de-bolsonaro-e-censura.shtml. Acesso em: 06 nov. 2019.

STEWART, William J. **Collins Dictionary of Law**. Glasgow: Collins, 2006. Disponível em: <https://legal-dictionary.thefreedictionary.com/hostile+witness>. Acesso em: 01 nov. 2019.

SYKES, Ed. Chomsky gives a masterclass on what happens when the US backs 'state terrorists'. **The Canary**, Bristol, 29 nov. 2018. Disponível em: <https://www.thecanary.co/trending/2018/11/29/chomsky-gives-a-masterclass-on-what-happens-when-the-us-backs-state-terrorists/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

TYMOCZKO, Maria; GENTZLER, Edwin (ed). **Translation and Power**. Amherst/Boston: University of Massachusetts Press, 2002.

UOL. **Apoiador de Bolsonaro, dono da Havan suspende propagandas na Rede Globo**. 7 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/07/dono-da-havan-suspende-propagandas-na-rede-globo.htm>. Acesso em: 08 nov. 2019.

VALENTE, Marcela Iochem. O paratexto do tradutor como importante elemento para a inteligibilidade da obra traduzida: o caso de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *In: Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n. 2, p. 293-310, 2015.

VARELA, James. HUAC - HOLLYWOOD (playlist). **Youtube**, 7 dez. 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLBAE424AE954C6B18>. Acesso em: 28 out. 2019.

VENCESLAU, Pedro; CAFARDO, Renata. Deputados criam CPI para intervir nas universidades. **Estadão**, São Paulo, 22 abr. 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,deputados-criam-cpi-para-intervir-nas-universidades,70002799048>. Acesso em: 09 nov. 2019.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. 2. ed. London: Routledge, 2008.

VENUTI, Lawrence. Translation as cultural politics: Regimes of domestication in English. **Textual Practice**, 7:2, 208-223, 1993. DOI: 10.1080/09502369308582166

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carlos; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015.

An aerial photograph of a hillside, likely in Hollywood, California. The foreground shows a steep, rocky slope with sparse vegetation. In the background, a dense residential area is visible, with a large, circular structure, possibly a stadium or arena, in the distance. The lighting is warm, suggesting late afternoon or early morning.

APÊNDICE

TRADUÇÃO DOS DEPOIMENTOS
DOS DEZ DE HOLLYWOOD AO COMITÊ
DE ATIVIDADES CONTRA-AMERICANAS
DA CÂMARA

“Ouvindo o rumor alegre da cidade, Rieux pensava que essa alegria estava sempre ameaçada. A multidão festiva ignorava o que se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece, fica dezenas de anos a dormir nos móveis e nas roupas, espera com paciência nos quartos, nos porões, nas malas, nos papéis, nos lenços - e chega talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acorda os ratos e os manda morrer numa cidade feliz.”

Albert Camus

(Tradução: Graciliano Ramos)

PREFÁCIO DA TRADUTORA

A Câmara dos Deputados resolve criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar uma suposta infiltração comunista nos filmes produzidos no país. Apoiadores declaram que há grupos operando para atender a interesses estrangeiros, que procuram por diversas formas destruir os valores e a soberania da nação. Segue-se uma intensa campanha governamental e de diversos setores da sociedade para que pessoas sejam denunciadas, expostas e cerceadas em seus direitos devido a suas posições políticas. Poderia ser o Brasil de 2019, mas foram os Estados Unidos da América de 1947.

A oposição entre os sistemas capitalista e comunista representados pelas superpotências mundiais que dominaram a política internacional durante a maior parte do século 20, Estados Unidos e União Soviética, teve efeitos não apenas nos diversos países que sofreram intervenções de suas políticas, mas também internamente, na medida em que o pensamento divergente dos cidadãos desses países não era tolerado em nome do dever de lealdade à pátria.

Nos Estados Unidos, o poder legislativo dedicou-se a investigar milhares de cidadãos durante duas décadas com o intuito de apontar e condenar aqueles filiados ao ou simpatizantes do Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA) ou de outras organizações vinculadas direta ou indiretamente a ele sob acusações de espionagem ou de defesa da derrubada do governo.

“Comunismo” é um termo que desde o início do século 20 tem sido usado por setores conservadores como hiperônimo, de tal modo que pacifistas, feministas, apoiadores de causas raciais e trabalhistas e defensores em geral de uma sociedade mais igualitária, foram em muitas ocasiões acusados de serem “comunistas”, não apenas nos Estados Unidos, mas também no Brasil, desde o Estado Novo, quando muitos foram presos sob essa alegação, passando pela ditadura militar e até mais recentemente.

O sentido atribuído ao “comunismo” pelos críticos dos posicionamentos mais à esquerda do espectro político também é bastante distante do teorizado por Karl Marx. Graças, sobretudo, à propaganda engendrada pelo governo conservador estadunidense, por organizações diversas e pela imprensa financiada pelas grandes corporações nas décadas de 1940 e 1950, o termo passou a ser associado ao totalitarismo, à supressão de direitos individuais, à opressão. Instaurou-se uma cultura do medo (da bomba atômica, da guerra nuclear, dos estrangeiros, dos negros, dos nativos, dos comunistas, dos russos), de tal maneira que a sociedade em geral apoiava quaisquer iniciativas de perseguição e de restrição de direitos em nome da defesa da nação contra os inimigos (imaginários ou não).

O Comitê de Atividades Contra-Americanas da Câmara dos Deputados foi uma das instâncias de investigação de supostos “comunistas”. Ganhou notoriedade em outubro de 1947, quando intimou profissionais da indústria cinematográfica de Hollywood para prestarem depoimento sobre a suposta infiltração de propaganda soviética nos filmes produzidos ali. Dez das testemunhas chamadas a depor decidiram não cooperar com as investigações, recusando-se a responder aos questionamentos do comitê e citando seu direito constitucional de liberdade de expressão e de livre associação. São os depoimentos desses dez homens, conhecidos como os “Dez de Hollywood”, que apresentamos nesta tradução.²³

Adrian Scott, Albert Maltz, Alvah Bessie, Dalton Trumbo, Edward Dmytryk, Herbert Biberman, John Howard Lawson, Lester Cole, Ring Lardner Jr. e Samuel Ornitz eram escritores e trabalhavam como roteiristas, produtores e/ou diretores nos estúdios de Hollywood. Todos eram filiados ao CPUSA, mas havia divergências entre eles sobre uma série de aspectos e posicionamentos dentro

23

HOUSE OF REPRESENTATIVES. **Hearings regarding the communist infiltration of the motion picture industry.** Hearings before the Committee on Un-American Activities. Washington: Government Printing Office, 1947.

do partido, especialmente em relação ao alinhamento à União Soviética. Depois que prestaram seu depoimento para o Comitê, perderam seus empregos e a possibilidade de trabalharem na indústria. Foram ainda presos por desacato ao Congresso. Alguns exilaram-se após deixarem a prisão, buscando encontrar trabalho em outros países (em seguida, o governo deixou de emitir passaporte para os “vermelhos”, impossibilitando assim que pudessem buscar sustento no exterior). Outros continuaram trabalhando sob pseudônimos ou usando o nome de outras pessoas, recebendo muito menos do que antes. A chamada “Lista Negra” perdurou até os anos 1970, quando a maior parte deles já estava no final da vida, sem grandes possibilidades de retomar a carreira.

Após as audiências de 1947, centenas de profissionais da indústria do entretenimento sofreram as consequências das “listas negras”. Apenas o fato de ser intimado pelo Comitê já trazia problemas para o indivíduo, que passava a ser *persona non grata* não só na indústria, mas também em seus círculos sociais e até mesmo em locais públicos. As empresas patrocinadoras de programas de rádio e televisão, e mesmo cidadãos atuando individualmente ou em associações, exigiam que os produtores demitissem atores, apresentadores, diretores, roteiristas e técnicos que fossem suspeitos de serem “vermelhos”.

A chamada “era McCarthy”, cunhada em referência ao seu expoente máximo, o senador Joseph McCarthy, investigou e perseguiu milhares de funcionários do governo, educadores, sindicalistas e até as forças armadas, destruindo reputações, encerrando carreiras, relacionamentos, vida social e condenando à prisão mesmo quando não havia provas contra essas pessoas. Frequentemente, a ameaça representada pelas reais ou supostas associações do indivíduo eram bastante exageradas. Posteriormente, muitas sentenças expedidas nesses processos foram anuladas e os Comitês da Câmara e do Senado caíram no descrédito devido aos seus procedimentos extralegais.

Ainda hoje há defensores das ações políticas desse período, bem como aqueles que criticam as vítimas das listas negras, que consideram traidoras e agentes do governo soviético. Convém lembrar, no entanto, que nunca foram apresentadas provas, nem sequer acusações formais de crime de conspiração contra o governo dos Estados Unidos. Houve, de fato, espiões e informantes para a URSS, porém, a ameaça de uma dominação comunista, como queria fazer crer a propaganda governamental, era bastante improvável.

O fato é que no final dos anos 1940 muitos dos intimados já não eram mais filiados ao CPUSA, que embora houvesse aumentado muito seus quadros durante a década de 1930 por seu trabalho ativo em favor dos trabalhadores e da igualdade racial, foi perdendo membros conforme passou a se isolar de outros grupos e a se alinhar ao stalinismo. Outros muitos nunca haviam sido filiados ou simpatizantes, muito menos defensores da derrubada do governo por força e violência, como alegavam os parlamentares do HUAC. As atrocidades cometidas pelo governo de Joseph Stalin, reveladas em 1956 pelo então Primeiro-Secretário do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Khrushchev, foram a pá de cal no já esvaído CPUSA.

O consenso alcançado pelo discurso hegemônico conservador, em grande parte baseado na cultura do medo e da desconfiança em relação a qualquer contestação do status quo, causou o lamentável resultado de homogeneizar completamente o discurso político do país, de tal forma que qualquer tentativa de contestação das políticas estadunidenses, ou qualquer aproximação com abordagens mais socialistas, como o *welfare state*, é condenada como radical demais e "antiamericana" até os dias de hoje.²⁴

Atualmente, são caracterizados como "*un-American*" ou "*anti-American*" principalmente os islâmicos, alvos constantes de ataques e perseguições perpetradas pelos Estados Unidos em nome

da democracia, mas também outros grupos e governos não alinhados aos Estados Unidos. Recentemente, o conselheiro de segurança nacional dos EUA, John Bolton, descreveu Venezuela, Cuba e Nicarágua como “a troika da tirania”²⁵ Assim como eles, os comunistas também eram denominados “terroristas” pelos congressistas e demais agentes do Estado. Contudo, é preciso considerar o que está dissimulado ou oculto nessa forma de representação, uma vez que os métodos e conduta dos Estados Unidos em relação aos seus opositores são tão violentos e polêmicos quanto aos dos tidos como “terroristas”, embora esse substantivo não seja jamais aplicado a qualquer instituição representante do “*Americanism*”.

Esta tradução, além de apresentar esse episódio da História dos Estados Unidos, é um convite à reflexão sobre o atual momento brasileiro. Têm sido frequentes os acenos do governo empossado em 2019 à censura, às restrições e ameaças a determinados grupos com a alegação de questões “ideológicas” (utilizadas em seu sentido negativo, pois ideológico é sempre o outro, como se quem acusa não tivesse motivações ideológicas também), assim como a tentativa de incitar o medo da sociedade em relação à atuação política de seus oponentes.

As chamadas *fake news*, termo que ganhou popularidade por meio de declarações do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, mas que já existiam em 1947, ganharam uma dimensão massiva com as atuais mídias digitais e passaram a ser uma ferramenta fundamental na guerra ideológica que temos vivenciado no Brasil. Se nas décadas de 1940 e 1950 o comunismo era o termo guarda-chuva para qualquer opositor do governo conservador, no Brasil a partir de 2016 foi o “petismo”, em referência ao Partido dos Trabalhadores (PT), que passou a ser o termo guarda-chuva que designa todo

25

SYKES, Ed. “Chomsky gives a masterclass on what happens when the US backs ‘state terrorists.’ The Canary, 29 nov. 2018. <https://www.thecanary.co/trending/2018/11/29/chomsky-gives-a-masterclass-on-what-happens-when-the-us-backs-state-terrorists/>. Acesso em: 10 ago. 2019.

aquele que não encampa a agenda conservadora, ainda que não apoiem ou sejam simpatizantes do PT. Até mesmo o “comunismo” tem sido reavivado como vilão, ao lado do “socialismo”, sendo utilizados indiscriminadamente pelo governo brasileiro para designar o que entende como ameaça à democracia e que são, na verdade, quaisquer grupos, políticas ou instituições que não o apoiam.²⁶

Assim como no macarthismo, atualmente o maniqueísmo dos que querem expurgar a divergência da arena política e cultural assume um caráter anti-intelectual que, no Brasil, tem se mostrado na contestação de dados científicos, na substituição de pessoal técnico especializado por indicações políticas na direção de órgãos importantes do meio ambiente e da cultura, na censura à produção cinematográfica e cultural por parte dos agentes financiadores do governo, vigilância e perseguição de professores e da comunidade acadêmica.

A leitura dos depoimentos dos Dez de Hollywood indica o caminho da resistência, daqueles que não se intimidaram diante da ofensiva dos poderosos contra os direitos que possuíam enquanto cidadãos daquele país, e que se recusaram a entregar seus colegas. Em vez de contribuir para o espetáculo armado pelo Comitê, apoiaram-se na própria Constituição, invocando a Primeira Emenda, que confere a liberdade de expressão e de associação.

Se ainda assim, naquele momento, esses direitos não foram respeitados, na Terra da Liberdade e da Democracia, cuja Constituição de 1789 é exaltada há mais de dois séculos justamente por conferir a seus cidadãos tais direitos, que devem ser a marca dos sistemas democráticos, o que podemos esperar de jovens democracias como a nossa?

26

PRAÇA, Sérgio. “Discurso de Bolsonaro poderia ser de 1965”. *Exame*, São Paulo, 24 set. 2019. <https://exame.abril.com.br/blog/sergio-praca/discurso-de-bolsonaro-poderia-ser-de-1965/>. Acesso em: 2 out. 2019.

Esta tradução procura também perpetuar a memória desses dez indivíduos, cujo talento e obras foram em grande parte esquecidos. Escritores profícuos e de renome em Hollywood até então, apenas Dalton Trumbo, que continuou a escrever sob pseudônimos ou como *ghost writer*, e Edward Dymytryk, que depois se retratou diante do Comitê para salvar a carreira, continuaram a produzir em Hollywood após as oitavas de 1947. Os demais não conseguiram prosseguir com sua carreira e aparecem nos créditos de poucas ou nenhuma obra.

Selecionamos para esta tradução o discurso de abertura das audiências, proferido pelo presidente do comitê à época, o deputado J. Parnell Thomas, no dia 20 de outubro de 1947; em seguida, os depoimentos de John Howard Lawson, ocorrido em 27 de outubro, Dalton Trumbo, Albert Maltz, do advogado de defesa, Robert Kenny e Alvah Bessie, ocorridos em 28 de outubro; o discurso de abertura da audiência de 29 de outubro, proferido por J. Parnell Thomas e os depoimentos de Samuel Ornitz, Herbert Biberman, Edward Dmytryk e Adrian Scott, ocorridos na mesma data; e por fim os depoimentos de Ring Lardner Jr. e Lester Cole, ocorridos no último dia de audiências, 30 de outubro. A próxima seção contém, portanto, a tradução desses discursos e depoimentos acompanhados por notas em que fornecemos informações adicionais; a seção seguinte contém a transcrição original em inglês; e a última seção contém uma minibiografia dos dez, dos dois advogados de defesa que se pronunciaram nos depoimentos e do presidente do comitê.

Esperamos que a história dos Dez de Hollywood, e dos demais homens e mulheres que resistiram aos ataques do macarthismo, possa servir de inspiração e esperança para aqueles que continuam a acreditar na importância da liberdade e da democracia.

AUDIÊNCIAS SOBRE A INFILTRAÇÃO COMUNISTA NA INDÚSTRIA CINEMATOGRÁFICA

AUDIÊNCIAS
PERANTE O
COMITÊ DE ATIVIDADES CONTRA-AMERICANAS¹
CÂMARA DOS DEPUTADOS
OCTAGÉSIMO CONGRESSO
PRIMEIRA SESSÃO

Lei 601

(Seção 121, Subseção Q (2))

20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, E 30 DE OUTUBRO DE 1947

Impresso para uso do Comitê de Atividades Contra-Americanas



ESTADOS UNIDOS
IMPRESA NACIONAL
WASHINGTON: 1947

1 O Comitê de Atividades Contra-Americanas foi uma comissão investigativa da Câmara dos Deputados, uma comissão parlamentar de inquérito.

COMITÊ DE ATIVIDADES CONTRA-AMERICANAS

J. PARNELL THOMAS, Nova Jersey, *Presidente*
KARL E. MUNDT, Dakota do Sul
JOHN S. WOOD, Geórgia
JOHN McDOWELL, Pensilvânia
JOHN E. RANKIN, Mississippi
RICHARD M. NIXON, Califórnia
J. HARDIN PETERSON, Flórida
RICHARD B. VAIL, Illinois
HERBERT C. BONNER, Carolina do Norte
ROBERT E. STRIPLING, *Investigador Chefe*
BENJAMIN MANDEL, *Diretor de Investigação*

AUDIÊNCIAS SOBRE A INFILTRAÇÃO COMUNISTA NAS ATIVIDADES DA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA DOS ESTADOS UNIDOS

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1947

Câmara dos Deputados,
Comitê de Atividades Contra-Americanas,
Washington, D. C.

O comitê reuniu-se às 10:30, Sua Ex.^a. J. Parnell Thomas² presidindo.

PRESIDENTE. Está aberta a sessão. Constará nos autos que os seguintes membros estão presentes: Sr. McDowell, Sr. Vail, Sr. Nixon, Sr. Thomas. Esta sessão está sendo realizada pelo subcomitê.

Pessoal técnico presente: Sr. Robert E. Stripling, investigador chefe; Srs. Louis J. Russell, Robert B. Gaston, H. A. Smith, e A. B. Leckie, investigadores; e Sr. Benjamin Mandel, diretor de investigação. Antes de iniciarmos esta audiência, eu gostaria de chamar atenção para alguns dos princípios básicos pelos quais o Comitê de Atividades Contra-Americanas está sendo norteados em sua investigação de supostas influências subversivas na indústria cinematográfica americana.

O comitê está muito ciente da magnitude do tema que está investigando. A indústria cinematográfica representa um investimento de bilhões de dólares.³ Representa emprego para milhares de trabalhadores, desde operários não qualificados até atores e executivos com salários elevados. E ainda mais importante, a indústria cinematográfica representa o que é provavelmente o único e maior veículo de entretenimento para o público americano - mais de 85.000.000 de pessoas vão aos cinemas toda semana.

Porém, é essa mesma magnitude da extensão da indústria cinematográfica que torna esta investigação tão necessária. Todos nós reconhecemos, certamente, o tremendo efeito que os filmes têm sobre seu imenso público, muito além dos cenários de Hollywood. Todos nós reconhecemos que aquilo que o cidadão assiste e ouve no cinema de seu bairro exerce um impacto poderoso sobre seus pensamentos e comportamentos.

Com tão vasta influência exercida sobre as vidas dos cidadãos americanos pela indústria cinematográfica, não é de se estranhar - na verdade, é bastante lógico - que forças subversivas e não democráticas procurassem utilizar esse meio para propósitos contra-americanos.

Quero enfatizar no início destas audiências que o fato de o Comitê de Atividades Contra-Americanas estar investigando supostas influências e infiltração Comunistas na indústria cinematográfica não deve ser considerado ou interpretado como um ataque contra a maioria das pessoas associadas a essa grande indústria. Possuo total confiança de que a grande maioria dos trabalhadores do cinema é de americanos leais e patriotas.

Este comitê, investido de autoridade pela Câmara dos Deputados, tem a responsabilidade de revelar e trazer à luz elementos subversivos onde quer que possam existir. Como já mencionei,

3 Os estúdios de Hollywood possuíam capital associado ou eram controlados por conglomerados de empresas de outros segmentos, como indústria automobilística, alimentícia, bancos, petróleo, etc.

era de se esperar que tais elementos se empenhassem desesperadamente para ganhar acesso à indústria cinematográfica, simplesmente porque a indústria representa uma arma poderosa de educação e propaganda. Que Comunistas tenham feito essa tentativa em Hollywood e com sucesso considerável já é evidente para este comitê a partir de seu trabalho investigativo preliminar.

O problema da infiltração Comunista não se limita à indústria do cinema. Que até mesmo nosso Governo Federal não esteja imune à ameaça é evidenciado pelo fato de que US\$ 11.000.000 estão sendo gastos agora para livrar a administração federal dos Comunistas.⁴ Os Comunistas estão também firmemente entrincheirados no controle de vários grandes e poderosos sindicatos de trabalhadores neste país. Porém simplesmente porque há líderes de sindicatos Comunistas entre os estivadores e marinheiros, por exemplo, não se infere que os proprietários das indústrias navais sejam Comunistas e simpatizantes dos Comunistas, ou que a maioria dos trabalhadores dessas indústrias tenha uma filosofia contra-americana. O mesmo ocorre com a indústria cinematográfica.

Nunca é demais salientar a seriedade da infiltração Comunista, a qual descobrimos ser um problema comum para muitas, muitas áreas de atuação nos Estados Unidos. Durante anos os Comunistas têm conduzido uma campanha implacável para “minar internamente” as instituições democráticas da América. Embora nunca tenham possuído grande peso numérico, os Comunistas mesmo assim descobriram que poderiam dominar as atividades dos

4 Em 21 de março de 1947, o Presidente Harry Truman estabeleceu o programa de lealdade dos funcionários do executivo. Em linhas gerais, determinava que todos os funcionários do executivo fossem investigados acerca de sua lealdade e que o indivíduo fosse demitido caso houvesse dúvida razoável quanto à sua lealdade. Entre as categorias de “deslealdade” estabelecidas pelo documento, estava a “filiação, participação ou associação simpatizante a qualquer organização, associação, movimento, grupo ou combinação de pessoas, nacional ou estrangeira, qualificada pelo Procurador Geral como totalitária, fascista, comunista ou subversiva...”. O valor de US\$ 11.000.000,00 investidos no programa equivale a US\$ 131.475.069,77 em valores atuais (2020), considerando a inflação do período (<https://www.dollartimes.com/inflation>).

sindicatos e outros empreendimentos de massa neste país apode-
rando-se de algumas poucas posições estratégicas de liderança.

Essa técnica, lamentoso dizer, tem sido incrivelmente lucrativa
para os Comunistas. E eles têm sido auxiliados em todo o percurso por
não-Comunistas que simpatizam com os objetivos do comunismo ou
não estão dispostos a reconhecer o perigo da infiltração Comunista.⁵

O propósito principal dos Comunistas é um fato bem estabele-
lecido. Apesar de declarações esporádicas em contrário com moti-
vações oportunistas, o movimento Comunista objetiva o estabeleci-
mento de governos totalitários dominados pelos soviéticos em todos
os países do mundo, e os Comunistas estão dispostos a utilizar a
força e a violência para alcançar esse objetivo se necessário.

Os Estados Unidos são um dos maiores obstáculos a esse
movimento. O fato foi ilustrado de forma espantosa recentemente
pelo pronunciamento de abertura da Internacional Comunista - uma
organização partidária internacional, que antes operava clandestina-
mente, dedicada a promover uma revolução Comunista mundial.

Os vitupérios dirigidos aos Estados Unidos por essa nova
organização internacional Comunista indicam claramente que a
América é considerada o principal obstáculo para os planos sovié-
ticos de dominação do mundo e é, portanto, o alvo principal no que
podemos chamar de guerra ideológica da União Soviética contra
governos não-soviéticos.

Não há dúvidas de que há Comunistas em Hollywood. Não
podemos minimizar sua importância ali, e que sua influência já se
fez sentir foi evidenciado pela agitação interna da indústria sobre

5 Em meados da década de 1930, os comunistas buscaram unir-se a outras correntes progressistas para formar uma coalizão contra o avanço do fascismo na Europa, especialmente durante a Guerra Civil Espanhola e após o fim do Pacto Nazi-Soviético em 1941. Nos Estados Unidos, as reformas econômicas do *New Deal* e o fortalecimento dos sindicatos de trabalhadores contribuíram para que houvesse uma aceitação maior ao Partido Comunista dos Estados Unidos.

a questão Comunista. Figuras proeminentes do mercado cinematográfico têm se envolvido numa espécie de combate sem trégua contra a infiltração Comunista pelos últimos 4 ou 5 anos e algumas organizações anticomunistas têm sido criadas dentro da indústria numa tentativa de combater essa ameaça.⁶

A questão diante deste comitê, portanto, e o escopo de seu presente inquérito, será determinar a extensão da infiltração Comunista na indústria cinematográfica de Hollywood. Nós queremos saber quais posições estratégicas na indústria foram capturadas por esses elementos, cuja lealdade é prometida em palavras e ações aos interesses de um poder estrangeiro.

O comitê está determinado a conduzir as oitivas de forma justa e imparcial. Nós intimamos testemunhas que representam ambos os lados da questão. Tudo o que buscamos são os fatos.

Agora, quero deixar claro para as testemunhas, os membros da imprensa, e outros convidados aqui hoje que esta audiência será conduzida de forma ordeira e digna em todos os momentos. Mas se houver alguém aqui hoje ou em qualquer das sessões futuras desta audiência que nutra qualquer esperança ou planos de perturbar o processo, é melhor desistir dessa ideia.

6 *A Motion Picture Alliance for the Preservation of American Ideals* (Aliança Cinematográfica pela Preservação dos Ideais Americanos) foi uma organização criada em 1944, composta por profissionais de destaque da indústria do cinema, conservadores politicamente, com o objetivo de posicionar-se contra e denunciar a infiltração comunista e fascista nessa indústria. Seus membros testemunharam diante do Comitê de Atividades Contra-Americanas, denunciaram inúmeras pessoas e apontaram filmes que supostamente continham propaganda comunista. Alguns de seus membros eram John Wayne, Ronald Regan e Walt Disney.

SR. KENNY. Sr. Presidente ---

PRESIDENTE. Sr. Stripling.

SR. KENNY. Sr. Presidente, sou advogado das 19 testemunhas⁷ intimadas, assim como o Sr. Bartley Crum. O senhor se recorda que ontem incluímos nos autos um telegrama com um pedido de anulação. Parece-me que a forma mais ordeira de o apresentarmos seria antes de qualquer testemunha prestar o juramento pois o pedido é idêntico para todas elas. Se o comitê não possui autoridade constitucional para proceder com ----

PRESIDENTE. Só um minuto. Posso perguntar seu nome, por favor?

SR. KENNY. Robert Kenny, e este é meu colega, Sr. Bartley Crum.

PRESIDENTE. E os senhores representam as 19 testemunhas cujos nomes estavam listados no telegrama que me foi enviado esta manhã?

SR. KENNY. Isso mesmo, Sr. Presidente.

PRESIDENTE. Sr. Kenny, essas suas testemunhas serão convocadas apenas na semana que vem, não comparecerão hoje, nem em nenhum outro dia desta semana. Então, se o senhor apresentar sua declaração para o comitê, nós examinaremos e então o senhor poderá apresentar os fundamentos, se o

7

Dentre as 43 testemunhas intimadas a depor entre 20 e 30 de outubro de 1947, 19 declararam previamente que não colaborariam com o comitê. Contudo, apenas 11 delas foram ouvidas: os *Hollywood Ten* e o escritor alemão Bertold Brecht. Brecht, por não ser cidadão estadunidense e, portanto, não possuir os direitos constitucionais assegurados aos demais, optou por não contestar a validade dos questionamentos e respondeu às perguntas como requerido. As outras oito testemunhas, embora não tenham sido ouvidas, também sofreram o ostracismo da Lista Negra. São elas: Richard Collins, Howard Koch, Gordon Kahn, Robert Rossen, Waldo Salt, Lewis Milestone, Irving Pichel e Larry Parks.

comitê julgar adequado, quando suas testemunhas vierem na próxima segunda-feira – acredito que as primeiras testemunhas serão ouvidas na segunda, ou terça ou quarta-feira. Então, por favor, apresente sua declaração ao comitê.

SR. CRUM. Sr. Presidente, posso incluir ----

PRESIDENTE. Apresente sua declaração ao comitê.

SR. CRUM. Obrigado. Eu gostaria de incluir este documento, Sr. Presidente.

(Um papel foi entregue ao Sr. Stripling.)

PRESIDENTE. Será incluído nos autos. Discuta a questão quando for apresentar suas testemunhas ao comitê.

Sr. Stripling, a primeira testemunha de hoje.

SR. STRIPLING. Peço ao Sr. H. A. Smith que se apresente.

SR. KENNY. Sr. Presidente ----

PRESIDENTE. Sinto muito. Só um minuto. Sinto muito, mas temos um determinado procedimento a seguir. O senhor, como ex-Procurador Geral do estado da Califórnia, tem conhecimento sobre como é importante seguir o procedimento. Conhece também a grande necessidade de mantermos a ordem. Será provavelmente difícil manter a ordem durante estas audiências. Então o senhor terá que ter paciência Sr. Kenny. O senhor pode retomar quando apresentar suas testemunhas na próxima semana.

SR. KENNY. Sr. Presidente ----

PRESIDENTE. Isso é tudo.

SR. CRUM. Podemos perguntar se temos o direito de fazer reperguntas?⁸

PRESIDENTE. O senhor não pode perguntar mais nada agora. Por favor, sente-se.

SR. CRUM. Muito americano.

8 Diferentemente do sistema da *commom law*, cujos procedimentos são sobretudo oralizados, apenas recentemente (2008) o ordenamento jurídico brasileiro passou a permitir que as partes possam fazer perguntas diretamente à testemunha, já que anteriormente apenas o juiz poderia fazê-lo. Dá-se o nome de repergunta à segunda inquirição da testemunha, conduzida pelo advogado da parte contrária daquela que a interrogou primeiro.

AUDIÊNCIAS SOBRE A INFILTRAÇÃO COMUNISTA NA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA⁹

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO DE 1947

Câmara dos Deputados,
Comitê de Atividades Contra-Americanas,
Washington, D. C.

O comitê reuniu-se às 10:30, Sua Ex.^a. J. Parnell Thomas presidindo.

Pessoal técnico presente: Sr. Robert E. Stripling, investigador chefe; Srs. Louis J. Russell, H. A. Smith, e Robert B. Craston, investigadores; e Sr. Benjamin Mandel, diretor de investigação.

PRESIDENTE. Está aberta a sessão. Queiram sentar-se por favor.

Será registrado que um subcomitê está presente, composto por Sr. Vail, Sr. MacDowell e Sr. Thomas.

Sr. Stripling, a primeira testemunha.

9

As oitavas prosseguiram entre 20 e 24 de outubro, quando foram ouvidas 24 testemunhas, que forneceram informações e nomes ao Comitê. Na semana seguinte, entre 27 e 30 de outubro, as oitavas prosseguiram com os depoimentos dos Dez de Hollywood.

SR. STRIPLING. A primeira testemunha, Sr. Presidente, é o Sr. John Howard Lawson.¹⁰

PRESIDENTE. Sr. Lawson.

SR. KENNY. Sr. Presidente, o senhor se recorda, no início desta audiência o Sr. Crum e eu apresentamos um pedido de anulação das intimações endereçadas ao Sr. Lawson e a outras 18 testemunhas que representamos. O senhor informou naquele momento que esta seria a ocasião apropriada para apresentarmos nossos argumentos para a anulação das intimações, com base na ilegalidade e inconstitucionalidade deste comitê, tanto na maneira como os poderes conferidos a ele pelo Congresso foi executada, como nos termos desses poderes em si.

Podemos proceder com esse pedido agora? Além disso, o Sr. Crum tem um pedido para reconvocação de algumas testemunhas, com possibilidade de inquiri-las. Eu gostaria de apresentar o pedido de anulação primeiro, Sr. Presidente, com sua licença.

PRESIDENTE. Sr. Kenny, o senhor não nos entregou um documento relacionado a esse pedido?

SR. KENNY. Um documento foi entregue. Porém, eu gostaria de ter a possibilidade de fazer a sustentação oral, para destacar para o comitê que ele não tem poder legal ou constitucional para prosseguir e portanto ----

SR. STRIPLING. Sr. Presidente ----

SR. KENNY (prossequindo). Esses pedidos devem ser anulados.

PRESIDENTE. Só um minuto.

Sr. Kenny, o senhor tem alguma informação adicional que não estava no documento?

SR. KENNY. Eu acho que temos informação adicional baseada na conduta do ----

PRESIDENTE. Bem, o senhor tem?

SR. KENNY. Ah, sim.

SR. CRUM. Nós a temos aqui.

PRESIDENTE. Estou ouvindo o Sr. Kenny.

SR. KENNY. Nós temos, baseada na conduta deste comitê na semana passada. Nós acreditamos que duas provas adicionais da ilegalidade deste comitê surgiram:

1. Nas tentativas de membros do comitê de impor a vários produtores o conteúdo de filmes que serão produzidos; e
2. Um esforço evidenciado pelo interrogatório de induzir os produtores cinematográficos a criarem uma lista negra, a contratarem homens não por sua habilidade, mas por suas crenças políticas. Afirmamos, agora, que ambas indicam um propósito inconstitucional, um propósito de invadir a esfera protegida pela primeira emenda¹¹, que é a previsão de que o Congresso não aprovará lei que viole a liberdade de expressão ou de consciência. E em relação a ----

PRESIDENTE. Esses dois pontos, então, constituem sua informação adicional?

SR. KENNY. Esses dois, mais, é claro - temos uma declaração sobre isso que poderíamos submeter.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente.

11

A Primeira Emenda à Constituição dos Estados Unidos é parte da Declaração dos Direitos, promulgada em 1791, e garante a liberdade de livre expressão, imprensa, religião e associação.

PRESIDENTE. Só um minuto.

Sr. Kenny, à parte de qualquer declaração que o senhor possa ter, seus pontos adicionais são os dois que o senhor mencionou, ou seja, imposição e a criação de uma lista negra; está correto, não está?

SR. KENNY. Esses são os pontos. Nós dissemos no início que este comitê era ilegal e inconstitucional ----

PRESIDENTE. Eu sei. Certo, Sr. Stripling, está com a palavra.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, o ponto que o Sr. Kenny levantou – se houver remédio, ele está nos tribunais e não diante de um comitê do Congresso. Um comitê do Congresso, mais do que qualquer outra coisa, não pode ignorar uma lei. Portanto, o Sr. Kenny deveria ir pela via judicial, caso procure alguma medida para os pontos que submeteu ao comitê. Não vejo razão para o comitê interromper seus procedimentos para permitir que o Sr. Kenny se levante e faça inúmeros apontamentos que estão fora do contexto deste tribunal.

SR. KENNY. Apenas uma rápida resposta a isso, que é: o comitê é servo da Constituição, tanto quanto o cidadão o é, e certamente o Congresso deveria ter a oportunidade, ou qualquer comitê do Congresso, de ponderar se está ou não procedendo constitucionalmente.

É verdade, como o Sr. Stripling diz, que o judiciário está disponível, mas eu acredito que a primeira chance deva ser dada a quem inicialmente é acusado de proceder ilegalmente.

Agora, o comitê tem esta oportunidade, neste momento, de considerar os princípios constitucionais básicos sob os quais está trabalhando, e acho que seria a primeira vez que este comitê o faria. Penso que, se nos derem essa oportunidade, o comitê poderá decidir a nosso favor, se puderem ouvir nossos argumentos com a devida atenção.

PRESIDENTE. Certo, Sr. Kenny, nós lemos seu documento atentamente. Considerando os pontos adicionais, porém, que o senhor apresentou, bem, o comitê irá agora analisar toda a questão, baseado não apenas em seu pedido original como também nesses pontos adicionais.

O comitê entrará agora em sessão executiva até que tenhamos concluído.

SR. CRUM. Sr. Presidente, posso pedir que considere nosso pedido para fazer reperguntas ----

PRESIDENTE. A sessão estará em recesso. O comitê deixará a sala e entrará em sessão executiva.

SR. CRUM. Podemos entregar isto ao senhor, Sr. Presidente?

PRESIDENTE. Sim, grato por isso.

SR. CRUM. Obrigado.

(O comitê entrou em sessão executiva).

PRESIDENTE. Está aberta a sessão. Sr. Kenny, esta é a decisão unânime deste subcomitê. É a decisão sobre o documento que o senhor apresentou, mais os dois pontos adicionais.

SR. KENNY. Sim.

PRESIDENTE. Nenhum comitê do Congresso tem o direito de estabelecer sua própria legalidade ou constitucionalidade. Um comitê do Congresso não pode desqualificar a si próprio diante das provisões da lei. Nós funcionamos nos termos da Lei 601.¹²

12

Publicada em 1946, a Lei 601 instituiu o Comitê de Atividades Contra-Americanas como um dos comitês da Câmara dos Deputados, autorizando-o a: "investigar (i) a extensão, caráter e objetos das atividades de propaganda contra-americana nos Estados Unidos, (ii) a difusão nos Estados Unidos de propaganda subversiva e contra-americana instigada por países estrangeiros ou de origem interna e que ataca o princípio da forma de governo garantida em nossa Constituição, e (iii) todas as outras questões relacionadas a essas que possam auxiliar o Congresso em qualquer legislação corretiva necessária."

Não podemos deixar essa lei de lado para nos adequarmos à conveniência de certas testemunhas e seus advogados. Como ex-Procurador Geral do Estado da Califórnia o senhor certamente sabe que sua solução, se houver, está no judiciário.

Sr. Stripling, a primeira testemunha.

SR. CRUM. Sr. Presidente ----

SR. STRIPLING. Sr. John Howard Lawson.

SR. CRUM. Sr. Presidente ----

PRESIDENTE. Sinto muito ----

SR. CRUM. Posso solicitar o direito de fazer reperguntas? Eu peço ao senhor que traga de volta e nos permita fazer reperguntas às testemunhas Adolph Menjou, Fred Niblo, John Charles Moffitt, Richard Macauley, Rupert Hughes, Sam Wood, Ayn Rand, James McGuinness ----¹³

PRESIDENTE. O pedido ----

SR. CRUM. Howard Rushmore ----

(Presidente batendo o malhete).

SR. CRUM. Morrie Ryskind, Oliver Carlson ----

PRESIDENTE. Pedido negado.

SR. CRUM. Para mostrar que essas testemunhas mentiram.

PRESIDENTE. Pedido negado.

Sr. Stripling, a primeira testemunha.

SR. STRIPLING. John Howard Lawson.

13

Essas pessoas, todas da indústria cinematográfica, prestaram depoimento na primeira semana de oitivas e fizeram acusações aos Dez de Hollywood, entre outros.

(John Howard Lawson, acompanhado por Robert W. Kenny e Bartley Crum sentam-se na mesa das testemunhas.)

PRESIDENTE. Levante-se e por favor erga a mão direita. O senhor jura solenemente que o depoimento que irá prestar é a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade, em nome de Deus?¹⁴

SR. LAWSON. Juro.

PRESIDENTE. Sente-se, por favor.

DEPOIMENTO DE JOHN HOWARD LAWSON

SR. LAWSON. Sr. Presidente, eu tenho uma declaração aqui que gostaria de ler ----

PRESIDENTE. Bem, certo, deixe-me ver sua declaração.

(Declaração entregue ao presidente.)

SR. STRIPLING. O senhor tem uma cópia disso?

SR. CRUM. Podemos providenciar cópias.

PRESIDENTE. Não é de meu interesse ler o restante da declaração. A declaração não será lida. Eu li a primeira linha.

SR. LAWSON. Os senhores passaram uma semana vilificando-me diante do público americano ----

PRESIDENTE. Só um minuto ----

14

O Código de Processo Penal brasileiro não estabelece juramento prévio ao depoimento: "Art. 186. Depois de devidamente qualificado e cientificado do inteiro teor da acusação, o acusado será informado pelo juiz, antes de iniciar o interrogatório, do seu direito de permanecer calado e de não responder perguntas que lhe forem formuladas." Esse procedimento tampouco é realizado com testemunhas ouvidas nas Comissões Parlamentares de Inquérito realizadas no Brasil.

SR. LAWSON. E o senhor não me permite fazer uma declaração sobre os meus direitos como cidadão americano.

PRESIDENTE. Eu não permito que o senhor leia a declaração, por causa da primeira frase dela. A declaração não é pertinente ao inquérito.

Ora, o presente comitê é do Congresso - um comitê do Congresso criado por lei. Nós devemos manter a ordem, e vamos manter a ordem.

Sr. Stripling, identifique a testemunha.

SR. LAWSON. Os direitos dos cidadãos americanos são importantes nesta sala, e eu pretendo defender esses direitos, Congressista Thomas.

SR. STRIPLING. Sr. Lawson, informe seu nome completo, por favor?

SR. LAWSON. Eu quero protestar contra a relutância deste comitê em ler a declaração quando os senhores permitiram que o Sr. Warner, o Sr. Mayer, e outros lessem declarações nesta sala.¹⁵

Meu nome é John Howard Lawson.

SR. STRIPLING. Qual é seu endereço atual?

SR. LAWSON. Avenida Burnett 9354, San Fernando, Califórnia.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu?

SR. LAWSON. Nova Iorque.

15

Os Dez de Hollywood não puderam ler ou foram autorizados a ler apenas parte das declarações que haviam preparado para a ocasião (exceto Albert Maltz), além de serem interrompidos em suas explicações. As transcrições dos depoimentos deles têm, no máximo, cinco páginas. As outras testemunhas ouvidas não só leram integralmente suas declarações como falaram livremente; há depoimentos cuja transcrição tem mais de trinta páginas.

SR. STRIPLING. Em que ano?

SR. LAWSON. 1894.

SR. STRIPLING. Informe a data exata.

SR. LAWSON. 25 de setembro.

SR. STRIPLING. Sr. Lawson, o senhor está aqui em resposta a uma intimação entregue ao senhor em 19 de setembro de 1947; está correto?

SR. LAWSON. Correto.

SR. STRIPLING. Essa intimação convocava sua presença diante do comitê em 23 de outubro, às 10:30, está correto?

SR. LAWSON. Correto.

SR. STRIPLING. O senhor recebeu o seguinte telegrama em 11 de outubro, endereçado ao senhor, Sr. John Howard Lawson, Avenida Burnett 9354, San Fernando, Califórnia?

SR. LAWSON. Recebi.

SR. STRIPLING. Ainda não li o telegrama.
Em resposta à intimação entregue ao senhor convocando sua presença diante do Comitê de Atividades Contra-Americanas, Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, em Washington, D.C., em 23 de outubro, V. S.^a está, pelo presente, intimado a comparecer em 27 de outubro em vez de 23 de outubro, às 10:30, sala 226, *Old House Office Building*.

Assinado: "J. Parnell Thomas, presidente."
O senhor recebeu esse telegrama?

SR. LAWSON. Recebi.

SR. STRIPLING. O senhor está aqui diante deste comitê em resposta a esta intimação e em resposta a esta convocação feita mediante telegrama enviado pelo presidente?

SR. LAWSON. Estou.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão, Sr. Lawson?

SR. LAWSON. Sou escritor.

SR. STRIPLING. Há quanto tempo o senhor é escritor?

SR. LAWSON. Minha vida toda - pelo menos 35 anos - minha vida adulta.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas¹⁶?

SR. LAWSON. A colocação de qualquer pergunta aqui relacionada a associação, crenças políticas ou afiliação ----

SR. STRIPLING. Sr. Presidente.

SR. LAWSON. Está absolutamente além dos poderes deste comitê.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente ----

SR. LAWSON. Mas ----

(Presidente batendo o malhete.)

SR. LAWSON. É de conhecimento público que eu sou membro do Sindicato dos Roteiristas.

SR. STRIPLING. Eu peço ----

16

O Sindicato dos Roteiristas foi criado em 1933 com o objetivo de organizar os roteiristas por reconhecimento e melhores condições de trabalho nos estúdios. Diversos de seus membros eram, ou haviam sido, membros do Partido Comunista.

[Aplausos.]

PRESIDENTE. Eu quero alertar as pessoas na plateia: os senhores são convidados deste comitê e terão que manter a ordem em todos os momentos. Não quero aplausos nem qualquer manifestação de qualquer tipo.

SR. STRIPLING. Agora, Sr. Presidente, eu também quero pedir que o senhor instrua a testemunha a responder as perguntas.

PRESIDENTE. Penso que a testemunha será mais receptiva às perguntas.

SR. LAWSON. Sr. Presidente, o senhor permitiu ----

PRESIDENTE (batendo o malhete). Não importa ----

SR. LAWSON (prosseguindo). Que testemunhas nesta sala dessem respostas de três ou quatro ou cinco centenas de palavras a perguntas aqui.

PRESIDENTE. Sr. Lawson, o senhor queira por favor responder as perguntas e abster-se de tentar perturbar a sessão.

SR. LAWSON. Eu não estou sendo julgado aqui, Sr. Presidente. É o comitê que está sendo julgado aqui diante do povo americano. Vamos deixar isso claro.

PRESIDENTE. Nós não queremos que o senhor seja julgado.

SR. STRIPLING. Sr. Lawson, há quanto tempo o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. LAWSON. Desde sua fundação no formato atual, em 1933.

SR. STRIPLING. O senhor já teve algum cargo no Sindicato?

SR. LAWSON. A pergunta sobre eu já ter ou não ocupado algum cargo é uma pergunta que está fora da alçada deste comitê.

(Presidente batendo o malhete.)

SR. LAWSON. É uma violação do direito de livre associação estabelecida na Declaração dos Direitos deste país.

PRESIDENTE. Por favor responda à pergunta.

SR. LAWSON. Também é ----

(Presidente batendo o malhete.)

SR. LAWSON. De conhecimento público ----

PRESIDENTE. O senhor pediu para ser ouvido. Por meio de seu advogado, o senhor pediu para ser ouvido, e nós queremos que o senhor seja ouvido. E se o senhor não quiser ser ouvido, então nós o dispensaremos e faremos o registro sem as suas respostas.

SR. LAWSON. Quero formular minhas próprias respostas a suas perguntas, Sr. Presidente, e pretendo fazer isso.

PRESIDENTE. E o senhor responderá as perguntas ou será dispensado do banco das testemunhas.

SR. LAWSON. Eu formularei minhas próprias respostas, Sr. Presidente.

PRESIDENTE. Vá em frente, Sr. Stripling.

SR. STRIPLING. Eu repito a pergunta, Sr. Lawson: o senhor já teve algum cargo no Sindicato dos Roteiristas?

SR. LAWSON. Eu disse que está fora da alçada dos direitos deste comitê indagar sobre qualquer forma de associação ----

PRESIDENTE. A Presidência determinará o que está na alçada deste comitê.

SR. LAWSON. Meus direitos como cidadão americano não valem menos do que as responsabilidades deste comitê do Congresso.

PRESIDENTE. Ora, o senhor está apenas fazendo uma grande cena para si mesmo e ficando "irritoso". [Risos.] Responda as perguntas, assim como todas as testemunhas fizeram. O senhor não é diferente do resto.

Continue, Sr. Stripling.

SR. LAWSON. Eu estou sendo tratado diferentemente do resto.

PRESIDENTE. O senhor não está sendo tratado diferentemente.

SR. LAWSON. Outras testemunhas fizeram declarações, que incluíram citações de livros, referências a material que não tinha qualquer ligação com o interesse deste comitê.

PRESIDENTE. Nós determinaremos se há ligação.

Agora, o senhor continue ----

SR. LAWSON. Está absolutamente além dos poderes deste comitê questionar sobre minha associação a qualquer organização.

PRESIDENTE. Sr. Lawson, o senhor terá que parar ou sairá do banco das testemunhas.

E o senhor sairá do banco das testemunhas porque o senhor está em desacato.¹⁷ É por essa razão que o senhor sairá do banco das testemunhas. E se o senhor está tentando forçar-me a colocá-lo em situação de desacato, o senhor não terá que tentar muito mais. Sabe o que aconteceu a várias pessoas que desacatarem este comitê este ano, não sabe?

SR. LAWSON. Que bom que deixou perfeitamente claro que irá ameaçar e intimidar as testemunhas, Sr. Presidente.

(Presidente batendo o malhete.)

SR. LAWSON. Sou americano e não sou facilmente intimidado de jeito nenhum, e não pense que eu sou.

(Presidente batendo o malhete.)

SR. STRIPLING. Sr. Lawson, vou refazer a pergunta. O senhor já teve algum cargo no Sindicato dos Roteiristas?

SR. LAWSON. Eu disse que a pergunta é ilegal. Mas é de conhecimento público que eu tive diversos cargos no Sindicato dos Roteiristas. Eu fui seu primeiro presidente, em 1933, e fiz parte da diretoria do Sindicato dos Roteiristas em outras ocasiões.

SR. STRIPLING. O senhor esteve empregado na indústria cinematográfica, não esteve?

SR. LAWSON. Estive.

SR. STRIPLING. O senhor poderia citar alguns dos estúdios em que esteve empregado?

SR. LAWSON. Praticamente todos os estúdios, todos os grandes estúdios.

SR. STRIPLING. Como roteirista?

SR. LAWSON. Correto.

SR. STRIPLING. O senhor poderia listar alguns filmes¹⁸ para os quais o senhor escreveu o roteiro?

18

Os filmes lançados em português foram traduzidos com o título informado na *Internet Movie Data Base* (www.imdb.com). Os filmes que não possuem versão em português foram mantidos com o título original em inglês.

SR. LAWSON. Eu devo dizer novamente que os senhores estão invadindo a liberdade de imprensa e comunicação, sobre a qual os senhores não possuem qualquer poder. Os senhores não precisam me fazer percorrer 4.500 quilômetros até aqui para descobrirem que filmes eu escrevi. Os filmes que eu escrevi são todos bem conhecidos. Eles são filmes como *Comboio para o Leste, Sahara* ---

SR. STRIPLING. Sr. Lawson ----

SR. LAWSON. Filmes como *Bloqueio*, do qual eu tenho muito orgulho e no qual apresentei o perigo que esta democracia correu a partir da tentativa de destruição da democracia na Espanha em 1937. Tudo isso é de conhecimento público.

SR. STRIPLING. Sr. Lawson, o senhor se opõe se eu listar os filmes, e então o senhor pode dizer se escreveu ou não os roteiros?

SR. LAWSON. Não me oponho em absoluto.

SR. STRIPLING. O senhor escreveu *Dinamite*, da M-G-M?

SR. LAWSON. Eu introduzo minha resposta, de novo, dizendo que isso está fora do âmbito deste comitê, mas é fato conhecido que eu escrevi.

SR. STRIPLING. *Monstro Marinho*, da M-G-M?

SR. LAWSON. É fato conhecido que eu escrevi.

SR. STRIPLING. *Paixão do Dinheiro*, RKO?

SR. LAWSON. Sim, é de uma peça minha, *Success Story*.

SR. STRIPLING. *Party Wire*, Columbia?

SR. LAWSON. Sim, escrevi.

SR. STRIPLING. *Bloqueio*, *United Artists*, Wanger?

SR. LAWSON. Está correto.

SR. STRIPLING. Argélia, *United Artists*, Wanger?

SR. LAWSON. Correto.

SR. STRIPLING. Vingança do Passado, *Twentieth Century Fox*.

SR. LAWSON. Correto.

SR. STRIPLING. Alma Russa, Columbia.

SR. LAWSON. Correto.

SR. STRIPLING. O senhor provavelmente escreveu outros, não escreveu, Sr. Lawson?

SR. LAWSON. Muitos outros. O senhor deixou de mencionar muitos deles.

SR. STRIPLING. O senhor não quer fornecê-los ao comitê, quer?

SR. LAWSON. Não tenho nenhum interesse em fazer isso.

SR. STRIPLING. Sr. Lawson, o senhor é hoje, ou já foi alguma vez membro do Partido Comunista dos Estados Unidos?

SR. LAWSON. Ao formular minha resposta a essa pergunta eu devo enfatizar os pontos que levantei anteriormente. A pergunta do comunismo não está relacionada de forma alguma a este inquérito, que é uma tentativa de obter controle do cinema e violar os direitos básicos dos cidadãos americanos em todas as áreas.

MR. MCDOWELL. Ora, eu protesto ----

SR. STRIPLING. Sr. Presidente ----

(Presidente batendo o malhete.)

SR. LAWSON. A pergunta aqui não se refere apenas à questão da minha associação a uma organização política qualquer, e sim que este comitê está tentando estabelecer o direito ---

(Presidente batendo o malhete.)

SR. LAWSON (prossequindo). Que tem sido historicamente negado a qualquer comitê desse tipo, a violar os direitos e privilégios e garantias dos cidadãos americanos, sejam eles protestantes, metodistas, judeus ou católicos, sejam eles republicanos ou democratas ou qualquer outra coisa.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Sr. Lawson, apenas se acalme novamente.

Sr. Lawson, a pergunta mais pertinente que podemos fazer é se o senhor foi ou não alguma vez membro do Partido Comunista. Agora, o senhor se importa em responder essa pergunta?

SR. LAWSON. O senhor está usando a velha técnica, que foi usada na Alemanha de Hitler para criar um pânico aqui ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Oh ----

SR. LAWSON. Para criar uma atmosfera inteiramente falsa na qual esta audiência está sendo conduzida ----

(Presidente batendo o malhete.)

SR. LAWSON. Para que os senhores possam então difamar a indústria cinematográfica, e possam avançar para a imprensa, e para qualquer outra forma de comunicação neste país.

PRESIDENTE. O senhor aprendeu ----

SR. LAWSON. A Declaração dos Direitos foi estabelecida precisamente para impedir a operação de qualquer comitê que pudesse violar os direitos básicos dos americanos. Agora, se os senhores querem saber ----

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, a testemunha não está respondendo a pergunta.

SR. LAWSON. Se os senhores querem saber ----

(Presidente batendo o malhete.)

SR. LAWSON. Sobre o falso testemunho que foi cometido aqui e o falso testemunho que está planejado.

PRESIDENTE. Sr. Lawson ----

SR. LAWSON. Permitam que eu e meus advogados tragamos aqui as testemunhas que depuseram na semana passada e permitam que façamos reperguntas¹⁹ a essas testemunhas, e nós mostraremos toda a trama mentirosa ----

PRESIDENTE (batendo o malhete). Nós teremos a resposta para a pergunta ainda que fiquemos aqui uma semana. O senhor é membro do Partido Comunista, ou já foi alguma vez membro do Partido Comunista?

SR. LAWSON. É lamentável e trágico que eu tenha que ensinar a este comitê os princípios básicos do ----

PRESIDENTE (batendo o malhete). Essa não é a pergunta. Essa não é a pergunta. A pergunta é: o senhor já foi alguma vez membro do Partido Comunista?

SR. LAWSON. Estou formulando minha resposta da única forma que um cidadão americano pode formular sua resposta a uma pergunta que viola completamente seus direitos.

PRESIDENTE. Então o senhor se recusa a responder essa pergunta, correto?

SR. LAWSON. Eu disse aos senhores que eu oferecerei minhas crenças, afiliações, e tudo o mais ao público americano, e eles conhecerão minha posição.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Dispensem a testemunha ---

SR. LAWSON. Como eles já conhecem a partir do que já escrevi.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Afaste-se do banco ----

SR. LAWSON. Eu escrevo sobre americanismo há muitos anos, e continuarei a lutar pela Declaração dos Direitos, que os senhores estão tentando destruir.

PRESIDENTE. Policiais, retirem esse homem do banco ----

[Aplausos e vaias.]

PRESIDENTE (batendo o malhete). Não haverá manifestações. Sem manifestações, contra ou a favor. Todos sentados, por favor.

DEPOIMENTO DE DALTON TRUMBO²⁰

SR. TRUMBO. Sr. Presidente, eu tenho uma declaração que gostaria de ler e incluir nos autos, se me permite ----

SR. STRIPLING. Sr. Trumbo, só um momento, por favor. Queremos conduzir a oitiva da forma mais ordeira possível, e estou certo de que o senhor deseja cooperar.

SR. TRUMBO. Eu desejo, de fato.

SR. STRIPLING. O senhor trouxe advogado?

SR. TRUMBO. Sim.

SR. STRIPLING. E poderia identificar seu advogado?

SR. TRUMBO. Sr. Bartley Crum e Sr. Robert Kenny.

Posso solicitar ao Presidente a oportunidade de ler e incluir uma declaração?

PRESIDENTE. Sim. Podemos ver sua declaração?

SR. TRUMBO. Sim.

PRESIDENTE. Para determinar se é pertinente ao inquérito.

(Declaração entregue ao presidente.)

SR. STRIPLING. O senhor tem uma cópia?

SR. CRUM (dirigindo-se ao Sr. Trumbo). O senhor tem uma cópia extra para o Sr. Stripling?

SR. TRUMBO. Sim.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente ----

PRESIDENTE. A Presidência está pronta para deliberar.

SR. TRUMBO. Pode repetir, senhor?

PRESIDENTE. Sr. Trumbo, nós examinamos esta declaração cuidadosamente. Temos permitido que as testemunhas leiam declarações pertinentes ao inquérito, ou seja, à suposta infiltração do comunismo na indústria cinematográfica.

Nós lemos sua declaração aqui. Nós concluímos, e unanimemente, que esta declaração não é pertinente ao inquérito. Portanto, a Presidência decidiu que a declaração não será lida.

SR. TRUMBO. A Presidência considerou a declaração de Gerald L. K. Smith²¹ pertinente ao inquérito.

PRESIDENTE. A declaração é inapropriada.

SR. TRUMBO. E em quê a minha é diferente daquela, senhor?

PRESIDENTE. Como testemunha, se o senhor se portar como a primeira testemunha de ontem, não terá o privilégio de ser uma testemunha diante de um comitê do Congresso, diante deste comitê do Congresso.

Continue, Sr. Stripling.

SR. STRIPLING. Sr. Trumbo ----

SR. TRUMBO. Eu gostaria de saber o que há em minha declaração que este comitê teme que seja lido ao povo americano?

PRESIDENTE. Continue, Sr. Stripling, faça uma pergunta ----

SR. TRUMBO. Eu tenho provas para apresentar ----

PRESIDENTE (batendo o malhete). Faça uma pergunta, Sr. Stripling ----

SR. TRUMBO. Eu gostaria de apresentar provas ----

PRESIDENTE (batendo o malhete). Ordem!

SR. STRIPLING. Diga seu nome, por favor.

SR. TRUMBO. Dalton Trumbo.

21

Gerald Lyman Kenneth Smith (1898-1976) foi um pastor e agitador político, anti-semita, supremacista branco, fundador do *America First Party* e do *Christian Nationalist Party*.

SR. STRIPLING. Qual é seu endereço atual?

SR. TRUMBO. South Rodeo Drive, 329, Beverly Hills, Califórnia.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu?

SR. TRUMBO. Eu nasci em Montrose, Colorado, em 9 de dezembro de 1905.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão?

SR. TRUMBO. Minha profissão é de escritor.

SR. STRIPLING. Há quanto tempo o senhor está na indústria cinematográfica como escritor?

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. TRUMBO. Neste momento, senhor, eu gostaria de apresentar certas provas relacionadas a este caso ----

SR. STRIPLING. Sr. Presidente ----

SR. TRUMBO. Eu ----

SR. STRIPLING. Só um momento, por favor ----

SR. TRUMBO. Eu gostaria de apresentar declarações ----

PRESIDENTE (batendo o malhete). Só um minuto ----

SR. TRUMBO. Sobre o meu trabalho ----

PRESIDENTE. Qual foi a pergunta ----

SR. TRUMBO. Do General Arnold do Corpo Aéreo do Exército

PRESIDENTE (batendo o malhete). Espere, só um minuto ----

SR. TRUMBO. De um juiz municipal ----

PRESIDENTE (batendo o malhete). Só um momento. A Presidência quer saber qual foi a pergunta e verificar se sua resposta é pertinente à pergunta. Qual foi a pergunta?

SR. STRIPLING. Sr. Trumbo, eu farei várias perguntas, todas elas podem ser respondidas "Sim" ou "Não". Se o senhor quiser dar uma explicação depois que tiver dado essa resposta, tenho certeza que o comitê irá concordar com isso.

Porém, para conduzir esta oitiva de forma ordeira, é necessário que o senhor responda a pergunta, sem fazer um discurso em resposta a cada pergunta.

SR. TRUMBO. Eu entendo, Sr. Stripling. Porém, o seu trabalho é fazer perguntas e o meu é respondê-las. Responderei "Sim" ou "Não", se eu quiser responder assim.

Responderei com minhas próprias palavras. Muitas perguntas podem ser respondidas "Sim" ou "Não" apenas por um imbecil ou um escravo.

PRESIDENTE. A Presidência concorda com sua asserção, de que o senhor não precisa responder "Sim" ou "Não" às perguntas ----

SR. TRUMBO. Obrigado, senhor.

PRESIDENTE. Mas o senhor deve responder as perguntas.

SR. TRUMBO. Obrigado, senhor.

PRESIDENTE. Continue, Sr. Stripling.

SR. TRUMBO. Posso, se a Presidência permitir, eu não farei um discurso. Eu simplesmente possuo provas sobre a natureza do meu trabalho fornecidas por pessoas responsáveis. Tenho 20 roteiros que eu proponho e desejo incluir nos autos para que se conheça o que é o meu trabalho, e aquilo que este comitê poderá impedir que o povo americano assista no futuro.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente ----

PRESIDENTE. Ora, não faça uma afirmação dessa. Ela não é correta. Posso perguntar qual o tamanho desses roteiros?

SR. TRUMBO. Sinto informar que a média é de 115 a 160 ou 170 páginas, com muito poucos deles do primeiro tipo.

PRESIDENTE. E quantos o senhor quer incluir nos autos?

SR. TRUMBO. Eu tenho 20. Estes não são todos os que já escrevi.

PRESIDENTE. Acho que a Presidência terá que decidir ----

SR. TRUMBO. Mas, senhor ----

PRESIDENTE. Eles são muito longos ----

SR. TRUMBO. Meu trabalho está sendo atacado.

PRESIDENTE. Páginas demais.

SR. TRUMBO. Então posso apresentar como provas declarações de pessoas sérias sobre o meu trabalho?

PRESIDENTE. Tudo bem, deixe o investigador fazer suas perguntas, e então o senhor responde da melhor forma que puder.

SR. STRIPLING. Ficarei feliz em tratar de todos os seus trabalhos, Sr. Trumbo.

SR. TRUMBO. Eu entendo, mas ontem tratou-se do trabalho de um homem depois que ele deixou o banco. Eu gostaria de falar sobre meu trabalho agora.

SR. STRIPLING. Bem, Sr. Trumbo, eu repetirei a pergunta: o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. TRUMBO. Responderei a pergunta em breve. Quero apenas protestar contra o fato de me ter sido negado o direito de apresentar provas, de apresentar declarações do General Arnold, de juízes do juizado de menores, do chefe da Divisão de Cinema da UNRRA²², do Capelão Naval responsável pelos projetos cinematográficos da Marinha dos Estados Unidos. Estes eu considero pertinentes. E com esse protesto, voltarei à sua pergunta.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. TRUMBO. Sr. Stripling, o direito sindical americano ao sigilo inviolável de suas listas de membros foi conquistado neste país às custas de muito sangue e às custas de muita fome. Esses direitos tornaram-se uma tradição americana. Pelo Voz da América²³ divulgamos para o mundo inteiro a liberdade de nossa força de trabalho.

PRESIDENTE. O senhor está respondendo a pergunta ou está fazendo outro discurso?

SR. TRUMBO. Senhor, estou verdadeiramente respondendo a pergunta.

PRESIDENTE. Porque se o senhor quiser fazer outro discurso podemos encontrar um canto por aqui onde o senhor possa fazer esses discursos.

SR. TRUMBO. Eu gostaria de fazer isso também.

PRESIDENTE. Certo, agora, qual foi a pergunta, Sr. Stripling?

22 *United Nations Relief and Rehabilitation Administration (UNRRA)*, foi uma agência da Organização das Nações Unidas que tinha por objetivo dar suporte às vítimas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

23 O Voz da América é um serviço de radiodifusão internacional do governo dos Estados Unidos, que opera exclusivamente fora do território estadunidense. Foi criado em 1942 e hoje é transmitido em mais de 40 línguas.

SR. STRIPLING. A pergunta, Sr. Presidente, é – perguntei se o Sr. Trumbo é membro do Sindicato dos Roteiristas.

SR. TRUMBO. O senhor fez uma pergunta que o autorizaria a arrastar cada membro de sindicato dos Estados Unidos até aqui para identificarem-se como membros de sindicatos, para submetê-los a futuras coações e intimidações. Essa, acredito eu, é uma pergunta inconstitucional.

PRESIDENTE. Ora, o senhor está fazendo outro discurso, ou essa é a resposta?

SR. TRUMBO. Essa é minha resposta, senhor.

PRESIDENTE. Bem, o senhor não pode responder: o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas, dizendo “Sim” ou “Não”, ou acho que sim, ou talvez, ou algo desse tipo?

SR. TRUMBO. Sr. Presidente, eu gostaria de atendê-lo. Posso tentar responder a pergunta novamente?

PRESIDENTE. Bem, certamente gostaríamos de que o senhor nos atendesse.

SR. TRUMBO. Se houvesse um comitê do Congresso, do qual todos os membros tivessem votado a favor do projeto de lei Taft-Hartley²⁴---

MR. MCDOWELL. Ah, não está respondendo a pergunta.

(Presidente batendo o malhete.)

SR. TRUMBO. Esse comitê poderia ser considerado hostil às causas trabalhistas.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Ora, Sr. Trumbo ---

MR. MCDOWELL. Não é vergonhoso, sabe, identificar-se como membro de um sindicato de trabalhadores dos Estados Unidos. A maioria de nós faz parte de alguma coisa.

PRESIDENTE. Agora, a pergunta é, Sr. Trumbo: o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. TRUMBO. Sr. Presidente, eu não considero vergonhoso ser membro de um sindicato de trabalhadores.

MR. MCDOWELL. É claro que ele não considera.

SR. TRUMBO. Mas os sindicatos de trabalhadores têm direito ao sigilo de suas listas de associados.

PRESIDENTE. Volto à pergunta: o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. TRUMBO. Sr. Presidente, essa pergunta foi elaborada para um propósito específico.
Primeiro ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). O senhor ---

SR. TRUMBO. Primeiro, vincular-me ao Sindicato dos Roteiristas; segundo, tentar vincular-me ao Partido Comunista e assim destruir aquela associação ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). O senhor está se recusando a responder as perguntas?

SR. TRUMBO. Não me recusarei a responder a nenhuma de suas perguntas, senhor.

PRESIDENTE. Bem, o senhor está se recusando a responder esta pergunta.

SR. TRUMBO. Não estou, de forma alguma, recusando-me a responder a pergunta.

PRESIDENTE. Vou fazer a pergunta ao senhor ---

SR. TRUMBO. Pergunte-me.

PRESIDENTE. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. TRUMBO. Eu repito ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Dispensem a testemunha ---

SR. STRIPLING. Um momento, Sr. Presidente ---

SR. TRUMBO. Estou dispensado?

SR. STRIPLING. Tenho mais perguntas ---

SR. TRUMBO. Estou dispensado ou não?

PRESIDENTE. Não, só um minuto. O investigador-chefe quer fazer algumas perguntas.

SR. STRIPLING. Só um momento. Tenho outras perguntas, Sr. Trumbo, que gostaria de fazer ao senhor. O senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. TRUMBO. Sr. Presidente, primeiro eu gostaria de saber se a natureza da minha última resposta foi aceitável, já que ainda estou no banco?

PRESIDENTE. Isso não tem nada a ver com sua resposta à última pergunta.

SR. TRUMBO. Entendo.

PRESIDENTE. Esta é uma nova pergunta, agora.

SR. TRUMBO. Entendo, Sr. Stripling, o senhor deve ter alguma razão para fazer essa pergunta ---

MR. MCDOWELL. Sim, nós temos.

SR. TRUMBO. Têm.

Soube que membros da imprensa receberam uma suposta carteira do Partido Comunista pertencente a mim, isso é verdade?

SR. STRIPLING. Isso não é verdade.

PRESIDENTE. O senhor não faz perguntas ---

SR. TRUMBO. Estava fazendo.

PRESIDENTE. O investigador-chefe faz as perguntas.

SR. TRUMBO. Peço desculpas, senhor.

PRESIDENTE. O senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. TRUMBO. Acredito que tenho o direito de conhecer quais são as provas que sustentam essa pergunta. Eu gostaria de ver o que os senhores têm.

PRESIDENTE. Oh. Bem, tenho certeza de que o senhor gostaria!

SR. TRUMBO. Sim.

PRESIDENTE. Bem, o senhor verá, muito em breve.

(Risos e aplausos.)

PRESIDENTE (batendo o malhete). A testemunha está dispensada. Impossível.

SR. TRUMBO. Este é o começo ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Só um minuto ----

SR. TRUMBO. De um campo de concentração americano.²⁵

PRESIDENTE. Isso é típica tática Comunista. Isso é típica tática Comunista.

[Batendo o malhete.]

(Aplausos.)

PRESIDENTE. Agora, não haverá manifestação das pessoas da plateia. As pessoas da plateia são convidados deste comitê. Este é um comitê do Congresso e devemos manter a ordem. Os que estão de pé ou andando por favor sentem-se.

DEPOIMENTO DE ALBERT MALTZ (ACOMPANHADO POR ROBERT W. KENNY E BARTLEY CRUM)²⁶

SR. STRIPLING. Sr. Maltz, informe seu nome completo e endereço atual oficialmente, por favor?

SR. MALTZ. Meu nome é Albert Maltz. Moro na Avenida Linden Hurst, 6526. Los Angeles.

Sr. Presidente, gostaria de poder ler uma declaração, por favor.

PRESIDENTE. O senhor tem uma declaração pronta?

SR. MALTZ. Tenho uma declaração pronta.

PRESIDENTE. Posso vê-la, por favor?

SR. MALTZ. Posso perguntar se o senhor pediu para ver a declaração do Sr. Gerald L. K. Smith antes de autorizá-lo a ler?

25 Entre 1942 e 1948, o governo dos Estados Unidos prendeu cerca de 120.000 pessoas, a maioria de etnia japonesa, em dez campos de "realocação".

26 Minibiografias na seção final deste volume.

PRESIDENTE. Eu não estava presidindo naquela ocasião.

SR. MALTZ. Entretanto o senhor estava no comitê, Sr. Thomas, não estava?

PRESIDENTE. Fiz muitas perguntas e ele também teve dificuldade para responder algumas delas.

SR. MALTZ. Interessante, mas ainda gostaria de saber se a declaração dele foi lida antes de ele ser autorizado a lê-la.

PRESIDENTE. Bem, vamos ler a sua.

SR. MALTZ. Percebo que o senhor não quer responder minha pergunta, Sr. Presidente.

(Após uma pausa)

PRESIDENTE. Sr. Maltz, o comitê é unânime em permitir que o senhor leia a declaração.

SR. MALTZ. Obrigado.

Sou americano e acredito que não há palavra mais gloriosa no vocabulário humano. Sou romancista e roteirista e produzi uma obra considerável nos últimos 15 anos. Como acontece com qualquer outro escritor, o que escrevi surgiu do tecido inteiro da minha vida - meu nascimento nesta terra, nossas escolas e jogos, nosso ambiente de liberdade, nossa tradição de questionamento, crítica, diálogo, tolerância. Seja eu o que for, sou o que os Estados Unidos fizeram de mim. E eu, no que me diz respeito, não possuo lealdade maior do que a que tenho por esta terra, ao bem-estar econômico e social de seu povo, à perpetuação e desenvolvimento de seu modo democrático de vida.

Agora, aos 39 anos, sou convocado a comparecer diante do Comitê de Atividades Contra-Americanas da Câmara.

Durante uma semana inteira esse comitê encorajou diversas testemunhas bem ensaiadas a testemunharem que eu e outros somos subversivos e contra-americanos. Negou-nos a oportunidade que qualquer batedor de carteira recebe em juízo: o direito de fazer reperguntas a essas testemunhas, de refutar seu depoimento, de revelar suas motivações, sua história e quem, exatamente, elas são. Além disso, concede imunidade parlamentar a essas testemunhas para que nós não possamos processá-las por calúnia, injúria ou difamação.

Reitero que esse procedimento é perverso e nulo; que é legalmente injusto e moralmente indecente - e que coloca em perigo todos os outros americanos, porque se os direitos de um cidadão podem ser violados, então as garantias constitucionais de todos os americanos foram subvertidas e ninguém mais está protegido da tirania oficial. O que fiz para que esse comitê queira destruir-me? Minhas obras? Muito bem, vamos falar delas.

Meu romance, *The Cross and the Arrow*, foi publicado em uma edição especial de 140.000 cópias por uma agência governamental do período de guerra, a edição das forças armadas, para militares americanos no exterior.

Meus contos foram reimpressos em mais de 30 antologias, por diversos editores americanos - todos subversivos, sem dúvida.

Meu filme, *Uma Luz nas Trevas*, estreou em 28 cidades no dia de comemoração da Batalha de Guadalcanal, com o apoio do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Outro filme, *Rumo a Tóquio*, estreou a bordo de um submarino dos Estados Unidos e foi adotado pela Marinha como filme oficial de treinamento.

Meu curta-metragem, *The House I Live In*, recebeu um prêmio especial da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas por sua contribuição para a tolerância racial.

Meu conto, *The Happiest Man on Earth*, ganhou o Prêmio O. Henry²⁷ de 1938 de melhor conto americano.

Essa, portanto, é a obra pela qual este comitê anseia que eu seja colocado na lista negra da indústria cinematográfica - e amanhã, se for bem-sucedido, das áreas editoriais e periódicas também.

Por pura censura, se não por lei, devo ser impedido de escrever. Essa censura cessará aqui? Ou serei agora marcado com os outros para ataque? Se é necessário aceitar as ideias deste comitê para permanecer imune ao estigma do contra-americanismo, então quem estará a salvo deste comitê exceto membros da Ku Klux Klan²⁸?

Por que mais este comitê procura agora destruir a mim e a outros? Por causa de nossas ideias, sem dúvida. Em 1801, quando era Presidente dos Estados Unidos, Thomas Jefferson escreveu:

A opinião, e sua justa preservação, nunca deve ser um crime no meu modo de ver, nem causar prejuízo ao indivíduo.

Mas há alguns anos, durante uma das audiências deste comitê, o deputado J. Parnell Thomas disse, e cito a transcrição oficial:

Quero apenas dizer isto agora, que parece que o *New Deal*²⁹ está trabalhando muito de perto com o Partido Comunista. O *New Deal* é a favor do Partido Comunista ou está fazendo o jogo do Partido Comunista.

27 O Prêmio O. Henry é concedido anualmente desde 1919, quando foi criado pela Sociedade de Artes e Ciências dos Estados Unidos, para contos de mérito excepcional. Após Albert Maltz, William Faulkner, Truman Capote e John Updike foram outros vencedores do prêmio.

28 Ku Klux Klan é um movimento terrorista dos Estados Unidos, iniciado no século 19 e atuante até hoje. Defende o nacionalismo branco e direciona seus ataques a imigrantes, homossexuais, católicos, nativos americanos, judeus e afrodescendentes. Os deputados J. Parnell Thomas, John Rankin e John Wood do Comitê de Atividades Contra-Americanas eram apoiadores do movimento.

29 O *New Deal* foi um programa de recuperação econômica implementado a partir da década de 1930 pelo então presidente Franklin D. Roosevelt, em resposta à Grande Depressão, que aliava a participação direta do Estado na economia a ações de assistência social.

Muito bem, assim, essa é a outra razão pela qual eu e outros fomos convocados a comparecer diante deste comitê: nossas ideias. Assim como muitos americanos, eu apoiei o *New Deal*. Assim como muitos americanos, eu apoiei, contra o Sr. Thomas e o Sr. Rankin³⁰, a lei antilinchamento³¹. Ao contrário deles, apoiei o controle de preços e de aluguel, a habitação emergencial para veteranos e a lei contra práticas empregatícias discriminatórias. Assinei petições apoiando essas medidas, ingressei em organizações que as apoiavam, contribuí financeiramente, algumas vezes discursi em espaços públicos, e continuarei fazendo isso. Sigo a filosofia de Thomas Paine³², Thomas Jefferson³³, Abraham Lincoln³⁴, e não serei controlado ou intimidado por homens para os quais a Ku Klux Klan, como consta nos registros do comitê, é uma instituição americana aceitável.

Declaro ainda que em muitas questões de interesse público minha opinião como cidadão nem sempre esteve consonante com as opiniões da maioria. Elas não são e nunca foram minhas opiniões definitivas e imutáveis, e não são agora definitivas e imutáveis; mas, certo ou errado, eu reivindico e insisto no meu direito de pensar livremente e de falar livremente; de associar-me ao Partido Republicano ou

- 30 John E. Rankin (1882-1960), um dos membros do Comitê, era representante do estado sulista do Mississippi, pelo Partido Democrata. Era simpatizante da Ku Klux Klan e atuou para que o grupo não fosse investigado pelo Comitê.
- 31 Até o presente momento (nov/2019), não existe lei federal que proíba o linchamento nos Estados Unidos. Estima-se que quase cinco mil afrodescendentes sofreram linchamento entre 1882 e 1968 no país, e que 99% dos autores não sofreram qualquer punição.
- 32 Thomas Paine (1737-1809) foi um intelectual britânico defensor do Iluminismo. Seus escritos influenciaram de forma definitiva a independência das treze colônias.
- 33 Thomas Jefferson (1743-1826) foi o principal autor e um dos signatários da Declaração de Independência dos Estados Unidos. Considerado um dos "pais fundadores" da nação, foi o terceiro presidente do país.
- 34 Abraham Lincoln (1809-1865) foi o 16º presidente dos Estados Unidos, tendo seu mandato coincidido com a Guerra de Secessão. Declarou o fim da escravidão no país e é considerado um de seus maiores presidentes devido a suas habilidades políticas.

ao Partido Comunista, ao Democrata ou ao Partido da Lei Seca³⁵; de publicar o que eu desejar; de manter minha opinião ou mudar de opinião, sem imposição de ninguém; de apresentar qualquer crítica que eu considere apropriada a qualquer funcionário ou política pública; de associar-me a quaisquer organizações que eu desejar, independentemente da opinião que certos parlamentares tenham sobre elas.

Acima de tudo, contesto o direito deste comitê de inquirir sobre minhas crenças políticas ou religiosas, de qualquer forma ou grau, e assevero que não apenas a conduta deste comitê, mas sua própria existência, são uma subversão da Declaração dos Direitos³⁶.

Se eu fosse um porta-voz do General Franco³⁷, não estaria aqui hoje. Eu prefiro estar aqui. Prefiro morrer a ser um americano desprezível, rebaixando-me diante de homens cujos nomes são Thomas e Rankin, mas que agora conduzem atividades na América como aquelas conduzidas na Alemanha por Goebbels e Himmler³⁸.

O povo americano terá que escolher entre a Declaração dos Direitos e o comitê do Thomas. Não podem ter os dois. Um ou outro terão que ser abolidos no futuro próximo.

PRESIDENTE. Sr. Stripling (batendo o malhete). Sr. Stripling.

SR. STRIPLING. Sr. Maltz, qual a sua profissão?

- 35 O Partido da Lei Seca, fundado em 1869 e ainda em atividade, é conhecido por sua oposição ao consumo de bebidas alcoólicas.
- 36 A Declaração dos Direitos é um documento em que foram estabelecidas as dez primeiras emendas à Constituição. Ratificada em 1791, seu propósito foi estabelecer garantias às liberdades individuais, limitando o poder do governo sobre essas liberdades.
- 37 Francisco Franco foi um militar espanhol, autor do golpe de Estado que destituiu o governo republicano da Espanha em 1936, dando início à Guerra Civil Espanhola. Governou o país ditatorialmente até sua morte em 1975.
- 38 Joseph Goebbels e Heinrich Himmler foram oficiais do primeiro escalão do regime nazista. Goebbels foi Ministro da Propaganda e Himmler foi Chefe da Polícia Nazista e Ministro do Interior.

SR. MALTZ. Sou escritor.

SR. STRIPLING. O senhor está empregado na indústria cinematográfica?

SR. MALTZ. Trabalho em várias áreas como autor e algumas vezes aceitei emprego na indústria cinematográfica.

SR. STRIPLING. O senhor escreveu o roteiro de alguns filmes?

SR. MALTZ. É de conhecimento público que escrevi roteiros para alguns filmes.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

PRESIDENTE. Mais alto, Sr. Stripling.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. MALTZ. Em seguida os senhores irão perguntar-me a que grupo religioso eu pertença.

PRESIDENTE. Não, não; não perguntaremos.

SR. MALTZ. E qualquer pergunta desse tipo ---

PRESIDENTE. Eu sei.

SR. MALTZ. É uma óbvia tentativa de violar meus direitos constitucionais.

SR. STRIPLING. O senhor se opõe a responder se é ou não membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. MALTZ. Não me opus a responder a pergunta. Pelo contrário, salientei que em seguida os senhores irão perguntar-me se eu sou ou não membro de um certo grupo religioso e sugerir que eu seja incluído na lista negra de uma indústria porque sou membro de um grupo de que os senhores não gostam.

(Presidente batendo o malhete.)

SR. STRIPLING. Sr. Maltz, o senhor recusa-se a responder a pergunta?

SR. MALTZ. Certamente não me recuso a responder a pergunta. Eu respondi a pergunta.

SR. STRIPLING. Eu repito, o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. MALTZ. E eu repito minha resposta, senhor, que qualquer pergunta assim é uma óbvia tentativa de violar meu direito de pertencer a organizações como cidadão americano e eu seria um americano desprezível se não respondesse como respondi.

SR. STRIPLING. Sr. Maltz, o senhor é membro do Partido Comunista?

SR. MALTZ. Em seguida os senhores irão perguntar-me quais são minhas crenças religiosas.

SR. MCDOWELL. Não está respondendo a pergunta.

SR. MALTZ. E insistirão com os vários membros da indústria que como não gostam das minhas crenças religiosas eu não devo trabalhar nessa indústria. Qualquer pergunta desse tipo é bastante irrelevante.

SR. STRIPLING. Eu repito a pergunta. O senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. MALTZ. Eu respondi a pergunta, Sr. Quisling³⁹. Sinto muito. Sinto muito. Quero que os senhores saibam ----

39

Vidkun Quisling (1887-1945) foi um militar norueguês que foi Ministro-Presidente da Noruega durante sua ocupação pelos nazistas, tendo colaborado pessoalmente para que a Alemanha invadisse a Noruega. Segundo o dicionário Merriam-Webster, desde a década de 1940 a palavra "*quisling*" é utilizada nas línguas escandinavas e inglesa com o sentido de "traidor", "que colabora com o inimigo".

SR. MCDOWELL. Eu protesto.

PRESIDENTE. Dispensem a testemunha. Sem mais perguntas. Típica linha Comunista.

SR. STRIPLING. Um momento, Sr. Presidente. Antes da testemunha sair, eu gostaria que seu advogado, Sr. Kenny, depusesse.

PRESIDENTE. Não. Quero que essa testemunha saia, depois o Sr. Kenny pode depor.

SR. MALTZ. Continuemos com os autos manipulados.

(Testemunha dispensada).

PRESIDENTE. Sr. Kenny, por favor apresente-se. Levante sua mão direita, por favor.

SR. STRIPLING. Sua mão direita.

PRESIDENTE. Sua mão direita.

SR. CRUM. Ele não consegue levantar a mão direita.

PRESIDENTE. Não consegue?

SR. CRUM. Não, ele é deficiente.

PRESIDENTE. O senhor jura solenemente que o depoimento que ora prestará é a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade?

SR. KENNY. Juro.

PRESIDENTE. Sente-se, por favor.

DEPOIMENTO DE ROBERT W. KENNY

PRESIDENTE. Sr. Kenny, a razão de ter sido chamado a depor hoje é um artigo de jornal publicado no *Times-Herald* desta tarde.

SR. KENNY. Sim, também vi.

PRESIDENTE. Eu gostaria de lê-lo para que o senhor tenha certeza de que sabe do que estou falando:

Advogado de 19 “testemunhas de defesa” da investigação da Câmara sobre os Vermelhos-na-terra-dos-filmes disse hoje que recomendaria a todos os seus clientes provocarem um processo judicial recusando-se a dizer se são Comunistas.

...o advogado de Hollywood, Robert W. Kenny, disse que também recomendaria aos outros 18 que “corram o risco”.

Sr. Kenny, essa citação está correta?

SR. KENNY. Bem, Sr. Thomas, o senhor me coloca numa posição duplamente constrangedora. Como já fui jornalista eu procuro nunca repudiar o que quer que esteja impresso em um jornal. O outro problema, é claro, é a relação entre advogado e cliente e essa também é uma situação de confidencialidade.

Posso dizer, no entanto, que o que eu disse – e palavras são precárias transmissoras de sentido – é que o documento que submeti ao senhor e aos outros membros do comitê também foi lido por meus clientes e que eu esperava que eles seguissem a lei que fundamenta o documento.

Agora, se o senhor se lembra do documento ---

PRESIDENTE. Lembro-me do documento. O que quero saber primeiro é: a citação está correta?

SR. KENNY. Bem, devo dizer que não está totalmente correta.

PRESIDENTE. Não está totalmente correta?

SR. KENNY. Mas eu também disse que aquilo que uma testemunha faz no curso de sua relação com este comitê é uma questão entre o comitê e a testemunha. O máximo que nós advogados podemos fazer é dar ao cliente a melhor orientação constitucional que pudermos. E isso é exatamente o que defendi no documento, que declarava que sentíamos que este comitê era inconstitucional e ilegal.

PRESIDENTE. Muito bem. Vou dizer onde quero chegar. O que quero saber é se o senhor recomendou a seus clientes, que estão aqui para depor, três deles já depuseram e recusaram-se a responder perguntas ---

SR. KENNY. Sr. Thomas, estou certo ---

PRESIDENTE. Recomendou a seus clientes que não respondessem perguntas do comitê ou do investigador chefe?

SR. KENNY. O senhor não é advogado, Sr. Thomas, e imagino que seu advogado ou qualquer outro diriam que isso seria extremamente inapropriado. Se há uma coisa sagrada neste país é o conteúdo da orientação que um advogado dá a seus clientes.

PRESIDENTE. Ah, sim.

SR. KENNY. Tenho certeza de que o senhor não tinha a intenção de violar essa proteção.

PRESIDENTE. Eu agradeço. Não sou advogado, admito.

SR. KENNY. Não.

PRESIDENTE. Mas gostaria de saber, como presidente de um comitê parlamentar, se o senhor, como advogado dessas

testemunhas, aconselhou-as ou não a não responder perguntas feitas a elas por este comitê parlamentar ou por seu investigador chefe.

SR. KENNY. Sr. Thomas, eu cairia em desgraça perante cada um dos 100.000 advogados dos Estados Unidos se eu respondesse essa pergunta. Essa é uma coisa que não pode ser respondida.

PRESIDENTE. O senhor está com o Código, Sr. Stripling?

SR. STRIPLING. Sim.

PRESIDENTE. Eu gostaria de ler o Código, porque se o senhor deu mesmo essa orientação a eles estaria fazendo todo o possível para prejudicar o comitê parlamentar, e estaria com problemas muito mais sérios do que algumas de suas testemunhas.

SR. KENNY. Bem, Sr. Thomas, não estou aqui para ser repreendido por este comitê. Penso mesmo que é muitíssimo inapropriado perguntar a um advogado que orientação ele deu a seu cliente.

PRESIDENTE. Eu gostaria de ler este Código.

SR. KENNY. Ah, sim; claro.

PRESIDENTE. Este é o Código Criminal seção 37, Conspirar para Praticar Crimes Contra os Estados Unidos:

Se duas ou mais pessoas conspirarem para cometer qualquer crime contra os Estados Unidos ou para defraudar os Estados Unidos, de qualquer forma, ou para qualquer propósito, e uma ou mais dessas pessoas cometer qualquer ato para concretizar o objeto de sua conspiração, cada membro dessa quadrilha será multado em não mais do que US\$10.000 ou preso por não mais do que 2 anos ou as duas coisas.

Datado 4 de março de 1909.

Agora, então, o senhor diz que o artigo da *Times* não é um relato correto?

SR. KENNY. Sim, Sr. Thomas. Eu disse ao senhor que não posso, é claro, dizer que orientação dei aos meus clientes. Isso obviamente, sem ser dramático, isso seria uma violação a um dos mais sagrados direitos - como o direito entre uma pessoa que confessa e outra que recebe a confissão, ou um médico e um paciente. Essas são as comunicações mais confidenciais que existem.

PRESIDENTE. Não, não. Estou perguntando agora sobre uma declaração que o senhor fez ao jornal, não sobre uma declaração feita a seus clientes.

SR. KENNY. Está certo.

PRESIDENTE. Agora se trata de uma declaração feita aos jornais. O senhor fez essa declaração ao jornal?

SR. KENNY. Não. O que disse ao comitê antes foi o que disse ao jornal em resposta a um questionamento sobre qual seria a direção tomada por meus clientes, que meus clientes todos tiveram a oportunidade de ler o mesmo documento que entreguei a este comitê, e que eu esperava que meus clientes tivessem um respeito maior por meus conhecimentos jurídicos do que tem este comitê.

PRESIDENTE. Entendo, sim. Bem, espero que tenham mesmo. [Risos.]

Volto ainda ao jornal ---

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, posso interromper?

PRESIDENTE. Só um momento.

SR. STRIPLING. É o *United Press*.

PRESIDENTE. Voltando ainda ao artigo do jornal, de que maneira esse artigo é, o artigo falhou em reportar o que o senhor disse?

SR. KENNY. Bem, tenho que examiná-lo.

PRESIDENTE. O que eu acabei de ler.

SR. KENNY. Terei que examiná-lo, Sr. Thomas, por favor.

(Após uma pausa)

SR. KENNY. Bem, isso, como disse, me coloca numa posição de repudiar o jornalista; mas os jornalistas não são todos advogados; alguns ex-jornalistas são, e eu não disse que recomendaria a meus clientes que provocassem uma ação judicial. Esse é o primeiro parágrafo. Isso é algo que eu simplesmente não orientei meus clientes a fazerem de forma alguma.

PRESIDENTE. Não orientou?

SR. KENNY. Porque acho que a forma como meus clientes todos se comportaram não provocaria uma ação judicial bem-sucedida.

Agora, vejamos o próximo parágrafo. Ele não se refere a mim. "Kenny disse – Desculpem. Perdoem a expressão – "ele também recomendaria aos outros 18 que "corram o risco".

Bem, o que eu disse sem dúvida é que eles provavelmente serão convidados a correr o risco. Eu não oriento ninguém a correr risco. Não sou um advogado tão ruim assim.

PRESIDENTE. Digo ao senhor, Sr. Kenny, como presidente, quero que saiba que o senhor escapou dessa temporariamente, mas se o comitê decidir que essa é uma violação à Lei de Conspiração, então o comitê irá analisar se deve submeter o caso ao Procurador dos Estados Unidos.

SR. KENNY. Está certo, Sr. Thomas. Posso dizer que o comitê escapou de uma também, porque estou certo de que o comitê não pretendia violar a esfera sagrada da relação entre advogado e cliente.

PRESIDENTE. Ah, não; nem o senhor gostaria de incorrer em conspiração.

SR. KENNY. Nenhum de nós está intimidado, correto, Sr. Presidente?

PRESIDENTE. Vamos chamar a próxima testemunha.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, penso que devemos registrar nos autos o extenso histórico Comunista do Sr. Maltz antes de seguirmos adiante.

SR. KENNY. Haverá, Sr. Presidente, uma oportunidade em algum momento para que os advogados registrem uma objeção e um pedido para tirar dos autos os depoimentos referentes a esses dossiês da testemunha Maltz, da testemunha Lawson, da testemunha Trumbo, que já se apresentaram, pelo fato de que são "ouvir-dizer"⁴⁰.

PRESIDENTE. Quando ouvirmos todas essas testemunhas – acho que são 18 ou 19; talvez faltem algumas – mas de qualquer forma, 18 ou 19, quando tivermos ouvido todas elas, e tivermos esses dossiês, como o senhor os chamou, bem registrados nos autos, receberemos seu pedido com muito prazer.

SR. CRUM. Obrigado.

SR. KENNY. Poderei então apresentar minhas alegações plenamente e oralmente?

PRESIDENTE. Ah, plenamente.
Sr. Stripling, prossiga.

DEPOIMENTO DE ALVAH BESSIE⁴¹

PRESIDENTE. Sente-se, por favor.

SR. BESSIE. Sr. Presidente, também tenho uma declaração que gostaria de ler para este comitê se quiserem examiná-la, ou preferem que eu leia?

PRESIDENTE. Examinaremos com satisfação. Primeiro, acho que o Sr. Stripling precisa identificar a testemunha.

SR. STRIPLING. Sr. Bessie, informe seu nome completo e endereço atual oficialmente, por favor?

SR. BESSIE. Meu nome é Alvah Bessie e moro na South Crescent Drive, 369, Beverly Hills, Califórnia.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu, Sr. Bessie?

SR. BESSIE. Nasci na cidade de Nova Iorque em 4 de junho de 1904.

SR. STRIPLING. O senhor está diante do comitê em resposta a uma intimação entregue ao senhor em 18 de setembro, convocando sua presença perante o comitê em 23 de outubro?

SR. BESSIE. Estou.

SR. STRIPLING. O senhor recebeu um telegrama datado 11 de outubro, endereçado ao senhor, Sr. Alvah Bessie, South Crescent Drive, 369, Beverly Hills, Califórnia, com o seguinte texto: Em resposta à intimação entregue ao senhor convocando sua presença diante do Comitê de Atividades Contra-Americanas, Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, em Washington, D.C., em 23 de outubro, V. está, pelo presente,

41

Minibiografia na seção final deste volume.

intimado a comparecer em 27 de outubro em vez de 23 de outubro, às 10:30, sala 226, *Old House Office Building*, Washington, D.C. Assinado: "J. Parnell Thomas, presidente."

SR. BESSIE. Recebi.

SR. STRIPLING. O senhor está aqui em resposta à intimação e à convocação ---

SR. BESSIE. Estou.

SR. STRIPLING. Na forma de um telegrama do presidente?

SR. BESSIE. Gostaria de perguntar sobre minha declaração neste momento. Tenho permissão para ler a declaração?

SR. STRIPLING. Só um momento, Sr. Bessie; o comitê está examinando a declaração.

SR. KENNY. O senhor tem uma cópia?

SR. BESSIE. Tenho outra cópia.

PRESIDENTE. Sr. Bessie, embora haja dúvidas se a declaração é pertinente ao inquérito, como ficará bastante evidente quando o senhor ler ---

SR. BESSIE. Eu ainda gostaria de ter permissão para lê-la.

PRESIDENTE. Só um minuto. No entanto, o comitê quer que o senhor leia a declaração.

Apenas pensamos, para economizarmos tempo, se o senhor poderia ler os dois primeiros parágrafos e então colocaremos o restante nos autos, como fizemos com o registro do Sr. Maltz.

SR. BESSIE. Em conformidade com sua solicitação, lerei os dois primeiros parágrafos e os dois últimos.

PRESIDENTE. Está bem. Muito obrigado. Prossiga.

SR. BESSIE. O meu entendimento da primeira emenda de nossa Constituição é que ela proíbe expressamente o Congresso de aprovar qualquer lei que cerceie a liberdade de expressão ou de opinião. E meu entendimento do funcionamento dos comitês parlamentares é que eles são criados pelo Congresso com o propósito explícito de investigar matérias que possam levar à criação de leis pelo Congresso.

Ora, ou a Constituição e sua Declaração dos Direitos significam exatamente o que dizem ou não significam coisa alguma. Ou a primeira emenda obriga o Congresso e todos os órgãos legislativos do nosso Governo, ou ela não significa nada. Não posso concordar com esse assim chamado comitê em sua crença implícita de que a Declaração dos Direitos quer dizer aquilo que essa instância escolher, ou que é aplicável apenas aqueles cujas opiniões são consonantes às deste comitê.

Esses são os dois primeiros parágrafos. Agora, os dois últimos parágrafos.

Ao convocar-me da minha casa até aqui, este órgão espera também desenterrar as brasas fumegantes da guerra que foi travada na Espanha de 1938 a 1939⁴². Este órgão, em todas as suas manifestações anteriores, acredita que o apoio à República Espanhola foi e é subversivo, contra-americano e inspirado pelo Comunismo. Essa mentira foi originalmente criada por Hitler e Franco, e a maioria do povo americano – na verdade, a maioria das pessoas no mundo – nunca acreditou nisso. E quero deixar registrado que eu não apenas apoiei a República Espanhola como foi um grande privilégio e a

maior honra que jamais tive ser um soldado voluntário nas fileiras das Brigadas Internacionais⁴³ em 1938. E continuarei apoiando a República Espanhola até o povo espanhol em sua majestade e poder retirar Francisco Franco e todos os seus apoiadores e restabelecer o governo legítimo que Franco e seus soldados nazistas e italianos fascistas derrubaram.

A compreensão que me levou a lutar na Espanha por aquela república, e minha experiência naquela guerra, ensinaram-me que este comitê está empenhado precisamente em atividades idênticas às aquelas em que estavam empenhados os comitês contra-espanhóis, contra-alemães e contra-italianos que o precederam em cada país que acabou sucumbindo ao fascismo. Nunca auxiliarei ou incentivarei tal comitê em sua evidente tentativa de promover o tipo de intimidação e terror que é o precursor inevitável de um regime Fascista. E assim reitero minha convicção de que este órgão não possui poderes legais para intrometer-se na opinião ou nas atividades de qualquer americano que acredita, como eu acredito, na Constituição, e que está disposto a qualquer momento a lutar para preservá-la - como eu lutei para preservá-la na Espanha.

PRESIDENTE. E agora, Sr. Bessie, em conformidade com nosso acordo, a declaração inteira será inserida nos autos.

SR. BESSIE. Obrigado.

(A declaração é a seguinte:)

DECLARAÇÃO DE ALVAH BESSIE AO COMITÊ DE ATIVIDADES CONTRA-AMERICANAS DA CÂMARA

O meu entendimento da primeira emenda de nossa Constituição é que ela proíbe expressamente o Congresso de

aprovar qualquer lei que cerceie a liberdade de expressão ou de opinião. E meu entendimento do funcionamento dos comitês parlamentares é que eles são criados pelo Congresso com o propósito explícito de investigar matérias que possam levar à criação de leis pelo Congresso.

Ora, ou a Constituição e sua Declaração dos Direitos significam exatamente o que dizem ou não significam coisa alguma. Ou a primeira emenda obriga o Congresso e todos os órgãos legislativos do nosso Governo, ou ela não significa nada. Não posso concordar com esse assim chamado comitê em sua crença implícita de que a Declaração dos Direitos quer dizer aquilo que essa instância escolher, ou que é aplicável apenas àqueles cujas opiniões são consonantes às deste comitê.

Não concordo com as opiniões, atividades, ou objetivos deste comitê ou de qualquer comitê remotamente semelhante. E como a única regulamentação que este comitê talvez pudesse criar cercearia automaticamente a liberdade de expressão e de opinião, e seria portanto automaticamente inconstitucional, cheguei à conclusão, que será em algum momento confirmada pelos acontecimentos, de que este órgão é totalmente inconstitucional e sem poderes para inquirir sobre qualquer coisa que eu pense, acredite, defenda e valorize, ou qualquer coisa que eu tenha alguma vez escrito ou dito, ou qualquer organização à qual eu tenha alguma vez me associado ou deixado de me associar.

Como ex-jornalista estive profundamente interessado na crescente reação de desaprovação da imprensa nacional das atividades deste comitê. Quando o conservador *New York Herald Tribune* diz "...as crenças de homens e mulheres que escrevem para o cinema são, como as crenças de quaisquer homens e mulheres comuns, da conta de todos menos deles próprios, como a Declaração dos Direitos mencionada. Nem o Sr. Thomas nem o Congresso de que ele é parte

têm poderes para dizer o que os americanos devem pensar”; e quando o *Washington Post* diz que esta “...investigação supercolossal de Hollywood é [destinada] a intimidar e coagir a indústria a aceitar sem questionamentos os conceitos de americanismo do Sr. Thomas”; e quando o *Chicago Times* diz que, “Certamente, o objeto real do Presidente Thomas e da maioria Republicana reacionária do Comitê de Atividades Contra-Americanas da Câmara não é fundamentalmente revelar influências subversivas em Hollywood. É manchar a reputação dos agentes do *New Deal* e qualquer que seja o nome dado a seus sucessores progressistas...” – então não é difícil para qualquer pessoa inteligente perceber que se essa investigação está autorizada a atingir seu objetivo imediato, ela não hesitará em passar da indústria cinematográfica que fragilizou para sufocar a imprensa, o rádio, o teatro e os editores de livros da América. Vimos esse padrão operando anteriormente, na Alemanha de Hitler, e entendemo-lo em profundidade. O verdadeiro propósito deste Comitê de Atividades Contra-Americanas é criar o ambiente e agir como ponta de lança para as forças realmente contra-americanas que estão preparando uma América Fascista.

Ao convocar-me da minha casa até aqui, este órgão espera também desenterrar as brasas fumegantes da guerra que foi travada na Espanha de 1938 a 1939. Esta instância, em todas as suas manifestações anteriores, acredita que o apoio à República Espanhola foi e é subversivo, contra-americano e inspirado pelo Comunismo. Essa mentira foi originalmente criada por Hitler e Franco, e a maioria do povo americano – na verdade, a maioria das pessoas no mundo – nunca acreditou nisso. E quero deixar registrado que eu não apenas apoiei a República Espanhola como foi um grande privilégio e a maior honra que jamais tive ser um soldado voluntário nas fileiras das Brigadas Internacionais em 1938. E continuarei apoiando a República Espanhola até o povo espanhol em sua

majestade e poder retirar Francisco Franco e todos os seus apoiadores e restabelecer o governo legítimo que Franco e seus soldados nazistas e italianos fascistas derrubaram.

A compreensão que me levou a lutar na Espanha por aquela república, e minha experiência naquela guerra, ensinaram-me que este comitê está empenhado precisamente em atividades idênticas àquelas em que estavam empenhados os comitês contra-espanhóis, contra-alemães e contra-italianos que o precederam em cada país que acabou sucumbindo ao fascismo. Nunca auxiliarei ou incentivarei tal comitê em sua evidente tentativa de promover o tipo de intimidação e terror que é o precursor inevitável de um regime Fascista. E assim reitero minha convicção de que este órgão não possui poderes para intrometer-se na mente ou nas atividades de qualquer americano que acredita, como eu acredito, na Constituição, e que está disposto a qualquer momento a lutar para preservá-la - como eu lutei para preservá-la na Espanha.

PRESIDENTE. Sr. Stripling.

SR. STRIPLING. Sr. Bessie, vou fazer algumas perguntas ao senhor e espero que o senhor responda adequadamente.

SR. BESSIE. Farei o meu melhor.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão?

SR. BESSIE. Sou escritor.

SR. STRIPLING. O senhor já esteve empregado na indústria cinematográfica?

SR. BESSIE. Tive empregos na indústria cinematográfica algumas vezes desde janeiro de 1943.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. BESSIE. Esse é o mesmo tipo de pergunta feita a outras testemunhas. Envolve uma questão sobre minhas associações.

SR. STRIPLING. O senhor recusa-se a responder a pergunta?

SR. BESSIE. Não me recusei a responder a pergunta, mas devo responder a pergunta da única maneira como sei responder, qual seja, que eu acredito que tal pergunta viola meu direito de livre associação e não é adequada - não acredito que caiba no escopo do inquérito deste comitê.

SR. STRIPLING. Passaremos à pergunta de US\$64⁴⁴, Sr. Bessie. O senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. BESSIE. Sr. Stripling e senhores do comitê, a não ser que tenha sido alterado depois de ontem em nosso país, temos voto secreto; e não acredito que este comitê tenha mais direito de inquirir sobre minhas afiliações políticas do que acredito que um servidor eleitoral tenha direito de entrar na cabine de votação e analisar o voto que foi marcado pelo eleitor. O próprio General Eisenhower recusou-se a revelar suas afiliações políticas, e o que vale para o General Eisenhower⁴⁵ vale para mim.

SR. STRIPLING. Sr. Bessie, este comitê oficialmente descobriu que o Partido Comunista dos Estados Unidos não é um partido político mas é, na verdade, o agente de um governo estrangeiro. Perguntarei ao senhor novamente: o senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

44 Nos anos de 1940 havia um programa da rádio CBS, *Take it or Leave it*, em que os convidados respondiam a perguntas sucessivas valendo dinheiro. A última pergunta era a do prêmio máximo, de US\$ 64. Em 1947, o galão (equivalente a 3,78 litros) de gasolina custava cerca de US\$ 0,22.

45 Dwight David "Ike" Eisenhower (1890-1965) foi o Comandante Supremo das Forças Aliadas na Europa durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1951, tornou-se o primeiro comandante supremo da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Foi também o 34º presidente dos Estados Unidos (1953-1961).

SR. BESSIE. Sr. Stripling, se o senhor não entendeu a resposta para a minha pergunta---

SR. STRIPLING. Eu entendi sua resposta.

SR. BESSIE. Sugiro que peça ao secretário para lê-la ao senhor.

SR. STRIPLING. Sr. Bessie, denúncias foram feitas perante este comitê de que o senhor é Comunista. Não percebi em qualquer parte de sua declaração que o senhor nega essa denúncia. O senhor está agora recebendo a oportunidade de negar se é ou não membro do Partido Comunista. O senhor não respondeu se é ou não membro do Partido Comunista.

SR. BESSIE. Na declaração que os senhores gentilmente permitiram que eu lesse, declarei que me posiciono com a Declaração dos Direitos sobre essa questão; e penso que ou a Declaração dos Direitos vale algo ou não vale nada; e se não vale nada, será novidade para mim, e penso que seria uma grande novidade para a maioria do povo americano.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, peço que o senhor oriente a testemunha a responder a pergunta se é atualmente ou não ou já foi alguma vez membro do Partido Comunista, que é a essência de toda essa questão.

PRESIDENTE. Sr. Bessie, para não perdermos muito tempo, gostaríamos de saber se o senhor é ou foi membro do Partido Comunista. Gostaríamos de uma resposta bem direta. O senhor pode responder "sim" ou "não"; ou se não quiser responder, apenas diga.

SR. BESSIE. Sr. Thomas, com o respeito que é devido a este comitê, eu declaro neste momento que já dei aos senhores minha resposta a essa pergunta. Não tentei esquivar-me da pergunta. Dei aos senhores a resposta às perguntas, segundo o meu entendimento de quais garantias são oferecidas ao

povo americano, e contesto violentamente o procedimento que este comitê adota, em uma tentativa de fazer as pessoas declararem o que pensam, acreditam, com quem se associam, com quem saem para jantar e assim por diante.

PRESIDENTE. A única parte de sua resposta que me lembro é a parte sobre o General Eisenhower; e não acho que é uma ---

SR. BESSIE. Posso perguntar se o senhor traria o General Eisenhower aqui e perguntaria ---

SR. STRIPLING. Só um minuto.

PRESIDENTE. Só um minuto.

SR. BESSIE. E perguntaria a ele se ele é membro do Partido Republicano ou Democrata.

PRESIDENTE. Não acho que essa resposta foi pertinente à pergunta. O que estamos tentando fazer – o que este comitê do Congresso está tentando fazer – é apurar a extensão da infiltração Comunista na indústria cinematográfica.

SR. BESSIE. Não acredito que seja isso o que este comitê está tentando fazer.

PRESIDENTE. Só um minuto ----

SR. BESSIE. Acredito que o que este comitê está tentando fazer --(Presidente batendo o malhete.)

SR. BESSIE. É fazer exatamente a mesma coisa ---

PRESIDENTE. Eu estou dizendo ao senhor o que o comitê está tentando fazer. Sabemos exatamente o que o comitê está tentando fazer.

SR. BESSIE. Tenho minha própria opinião sobre isso.

PRESIDENTE. Está certo; o senhor pode ter a opinião que quiser.

SR. BESSIE. Obrigado.

PRESIDENTE. O comitê gostaria de saber agora se o senhor foi alguma vez membro do Partido Comunista ou se é membro do Partido Comunista hoje?

SR. BESSIE. Dei aos senhores várias respostas para essa pergunta, e isso é o melhor que posso fazer pelo senhor, Sr. Presidente.

PRESIDENTE. Então o senhor ---

SR. BESSIE. Porque acredito que os senhores estão violando meus direitos como cidadão americano.

PRESIDENTE. Então o senhor recusa-se?

SR. BESSIE. Não estou me recusando. Disse aos senhores que essa é a resposta que dei.

A resposta está agora registrada várias vezes. Não acredito que os senhores têm direito de fazer essa pergunta a ninguém.

PRESIDENTE. É bem visível que o senhor está seguindo a mesma linha dessas outras testemunhas.

SR. BESSIE. Não estou seguindo linha alguma ---

PRESIDENTE (prossequindo). Que é definitivamente a linha Comunista.

SR. BESSIE. Estou usando minha própria cabeça, o que tenho o direito de fazer.

PRESIDENTE. O senhor está dispensado. Se quer fazer um discurso, saia daqui e vá para debaixo de uma árvore bem grande.

SR. BESSIE. Obrigado. [Risos.]

PRESIDENTE (batendo o malhete). Ordem, por favor.
Continue, Sr. Stripling.

Sr. Stripling, antes de começar, quero apenas fazer uma observação para o comitê. Estou muito certo disso também. Eu acredito que se o General Eisenhower fosse testemunha diante deste comitê e fosse perguntado "O senhor é membro do Partido Comunista?" ele não apenas responderia a pergunta como ficaria totalmente ofendido, e unicamente por esta razão: um grande homem como o General Eisenhower jamais pensaria ou sonharia em ser ou se rebaixaria a um Comunista desprezível. Continue.

[Fortes aplausos].

AUDIÊNCIAS SOBRE A INFILTRAÇÃO COMUNISTA NA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA

QUARTA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 1947

Câmara dos Deputados,
Comitê de Atividades Contra-Americanas,
Washington, D. C.

O comitê reuniu-se às 10:30, Sua Ex.^a J. Parnell Thomas presidindo.

PRESIDENTE. Está aberta a sessão.

Constará nos autos que um subcomitê está presente, composto pelos Sr. MacDowell, Sr. Vail e Sr. Thomas.

Pessoal técnico presente: Sr. Robert E. Stripling, investigador chefe; Srs. Louis J. Russell, H. A. Smith, e Robert B. Craston, investigadores; e Sr. Benjamin Mandel, diretor de investigação.

Agora, a Presidência neste momento gostaria de fazer uma breve recapitulação referente à investigação do comitê sobre influências Comunistas na indústria cinematográfica.

Atendendo às exigências do povo, o presente Comitê de Atividades Contra-Americanas conduziu uma investigação preliminar que resultou em provas abundantes de que uma

investigação completa sobre a extensão da infiltração Comunista em Hollywood era necessária.

Este comitê utilizou os serviços de investigadores capacitados, todos ex-agentes do FBI, para organizarem essas provas dessa maneira.

O poder deste comitê para conduzir tal investigação, de acordo com a Lei 601, é absolutamente claro.

Não violamos e não estamos violando os direitos de nenhum cidadão americano, nem mesmo o direito dos Comunistas cuja lealdade primeira é a um governo estrangeiro.

O comitê está bem ciente de que influências poderosas têm procurado de todas as maneiras desviar este comitê de seu curso principal de investigação.

Orgulho-me em dizer que este comitê não vacilou, não foi intimidado ou influenciado pelo glamour de Hollywood⁴⁶, pela pressão de grupos, ameaças, ridicularização ou táticas de alta pressão por parte de fantoches muito bem pagos e apologistas de certos elementos da indústria cinematográfica.

O povo terá os fatos, assim como anunciei no dia de abertura. Este comitê está em sessão há 7 dias. Na semana passada tivemos diante de nós 20 testemunhas, todas elas foram intimadas, todas elas de alto nível em suas profissões, e todas de Hollywood. Elas estão entre nossos mais proeminentes produtores, diretores, escritores e atores.

Seus nomes são conceituados, não apenas em Hollywood, mas no mundo todo, como grandes artistas e produtores de

46

No início das audiências, ainda havia certa incredulidade sobre as investigações e dúvidas sobre as alegações do Comitê e sua influência. Muitos profissionais de Hollywood apoiaram os Dez, criando o "Comitê pela Primeira Emenda" sendo que alguns atores e atrizes, como Humphrey Bogart e Lauren Bacall, foram pessoalmente à Washington acompanhar as audiências. No entanto, posteriormente, com a demissão dos Dez e a validação pelo judiciário da acusação de desacato, o Comitê saiu fortalecido e a maior parte dos apoiadores retratou-se para evitar sanções, alegando que haviam sido enganados pelos comunistas.

entretenimento. Eles certamente tinham mais a perder em Hollywood do que alguns dos atores que vieram a Washington, com estrelas e aspirantes para impressionar um comitê do Congresso dos Estados Unidos que ousou apontar os holofotes para os agentes estrangeiros operando dentro de sua própria indústria.

Esses americanos proeminentes que vieram na primeira semana, todos da indústria, são os que levantaram as acusações; não o comitê.

E agora, na segunda semana, quando aqueles que foram acusados publicamente, abertamente, de serem Comunistas e de tentarem utilizar o cinema para a promoção de uma ditadura cruel, vieram eles diante do comitê e responderam às acusações? Não. Eles vieram como os Comunistas sempre fazem e gritam, "Declaração dos Direitos", "Constituição", e difamam aqueles que os procuram expor.

Não pode haver dúvidas para quem tenha acompanhado essas audiências de que o Sr. Lawson, o Sr. Trumbo, o Sr. Bessie e o Sr. Maltz são Comunistas.

Eles foram Comunistas por muito tempo e continuarão a ser Comunistas, servindo não aos melhores interesses dos Estados Unidos, mas aos melhores interesses de um governo estrangeiro.

Ah, sim, os apologistas pagos por essas pessoas contrataram publicidade de página inteira para tentar distorcer e desviar o feixe de luz que viram direcionado a eles por este comitê para os expor. Declaro ao povo americano e a todos interessados que esse feixe de luz não será desligado ou desativado até que todos os Comunistas de Hollywood sejam expostos.

Sr. Stripling, chame a próxima testemunha.

SR. STRIPLING. Samuel Ornitz.

PRESIDENTE. Quem?

SR. STRIPLING. Sr. Samuel Ornitz.

PRESIDENTE. Sr. Ornitz.

Sr. Ornitz, levante sua mão direita, por favor.

O senhor jura solenemente que o depoimento que irá prestar é a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade, em nome de Deus?

SR. ORNITZ. Juro.

PRESIDENTE. Sente-se, por favor.

DEPOIMENTO DE SAMUEL ORNITZ⁴⁷

SR. STRIPLING. Sr. Ornitz, informe seu nome completo e endereço atual, por favor?

SR. ORNITZ. Samuel Ornitz, South Redondo Boulevard, 1044, Los Angeles.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu, Sr. Ornitz?

SR. ORNITZ. Cidade de Nova Iorque, 15 de novembro de 1890.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão?

SR. ORNITZ. Sou escritor.

Quero ter a oportunidade de fazer uma declaração ---

PRESIDENTE. Agora, apenas seja identificado, por favor.

SR. ORNITZ. Sim, senhor.

SR. STRIPLING. Essa identificação é suficiente, Sr. Presidente.

Neste momento, se ele tem uma declaração ---

PRESIDENTE. Gostaríamos de ver a declaração.

SR. STRIPLING. O senhor tem uma cópia?

SR. CRUM. Sim.

PRESIDENTE. Queremos examinar a declaração, para saber se é pertinente ao inquérito, e também se responde as acusações que foram levantadas contra o senhor.

(Declaração entregue ao presidente.)

SR. MCDOWELL. Não estou de acordo com nenhuma parte dela.

PRESIDENTE. Sr. Ornitz, esta declaração é claramente inapropriada. Não é pertinente de forma alguma. É só mais um caso de vilificação e a declaração não será lida pelo senhor.

SR. ORNITZ. Eu peço para discordar do presidente ---

SR. STRIPLING. Sr. ---

SR. ORNITZ. Essa declaração é particularmente pertinente ---

(Presidente batendo o malhete.)

SR. ORNITZ. Posto que sou acusado ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Só um minuto ----

SR. ORNITZ. Aqui ---

PRESIDENTE. Faça outra pergunta ---

SR. ORNITZ. Com licença ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Faça outra pergunta ---

SR. STRIPLING. Sr. Ornitz ---

SR. ORNITZ. Eu acuso os membros deste comitê de estarem

PRESIDENTE (batendo o malhete). O senhor não acusará
ninguém ---

SR. ORNITZ. Eu acuso-os sim ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Saia do banco das teste-
munhas ---

SR. STRIPLING. Só um momento, Sr. Presidente ---

Sr. Ornitz, o senhor está aqui diante deste comitê em res-
posta a uma intimação, não está?

SR. ORNITZ. Estou.

SR. STRIPLING. Uma intimação que foi entregue ao senhor
em 25 de setembro, correto?

SR. ORNITZ. Correto.

SR. STRIPLING. O senhor está aqui também em resposta a
um telegrama que foi enviado ao senhor pelo presidente em
11 de outubro, correto?

SR. ORNITZ. Está correto.

SR. STRIPLING. O senhor foi intimado a comparecer aqui
com o propósito de submeter-se a inquérito do Comitê de
Atividades Contra-Americanas?

SR. ORNITZ. Sim.

SR. STRIPLING. Algumas perguntas serão feitas ao senhor.
O senhor deve responder essas perguntas.

SR. ORNITZ. Estou preparado para respondê-las.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. ORNITZ. Quero responder essa pergunta dizendo que ela envolve uma séria questão de consciência para mim.

PRESIDENTE. Consciência?

SR. ORNITZ. Consciência, senhor, consciência.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. ORNITZ. Estou respondendo essa pergunta da melhor forma possível apesar das interrupções.

SR. MCDOWELL. Bem, o senhor é membro? Essa é a questão.

SR. ORNITZ. Se posso responder com menos detalhe do que nosso presidente respondeu esta manhã, exercendo intimidação, como ele tem exercido continuamente durante esta audiência ---

(Presidente batendo o malhete.)

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, isso não tem nada a ver com a pergunta – a resposta dada pela testemunha.

SR. ORNITZ. Já tentei responder a pergunta várias vezes. Farei outra tentativa.

SR. STRIPLING. É uma pergunta muito simples, Sr. Ornitz. O senhor é ou não é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. ORNITZ. A questão da consciência e dos direitos constitucionais não são temas simples para mim.

SR. STRIPLING. Isso não tem nada a ver com consciência ou direitos constitucionais, Sr. Ornitz.

SR. ORNITZ. Se me deixar responder sua pergunta, mostrarei que sim. Por gentileza, deixe-me responder a pergunta. Faço esse pedido como cidadão e contribuinte dos representantes do meu governo, que me deixem responder a pergunta conscienciosamente. Afirmando que os senhores levantam uma questão séria de consciência para mim quando pedem que eu aja em conjunto com os senhores para passar por cima da Constituição.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente ----

SR. ORNITZ. Espere um minuto. Deixem-me responder a pergunta----

(Presidente batendo o malhete.)

SR. STRIPLING. Só um minuto.

PRESIDENTE. Faça a próxima pergunta.

SR. MCDOWELL. Faça a próxima pergunta.

SR. ORNITZ. O senhor está pedindo que eu viole uma garantia constitucional.

SR. STRIPLING. Isso não envolve uma garantia constitucional.

SR. ORNITZ. Envolve.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Sr. Stripling, faça a próxima pergunta.

SR. ORNITZ. Quero responder esta pergunta. Ela é contrária à Constituição ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Faça a próxima pergunta.

SR. STRIPLING. O senhor se recusou a responder a pergunta.

SR. ORNITZ. Não me recusei. Não me permitiram terminar minha resposta. É contrário à Constituição pedirem que eu revele – não revele, mas declare, infrinja a inviolabilidade de associação.

SR. MCDOWELL. Faça a próxima pergunta.

SR. STRIPLING. Sr. Ornitz, o senhor declarou que é escritor. O Sindicato dos Roteiristas é um sindicato ou associação reconhecida na indústria cinematográfica. Certamente não haveria nada de comprometedor em responder se o senhor é ou não membro dessa associação. O senhor não se envergonha de ser membro da associação, certo?

SR. ORNITZ. Quis responder a pergunta, da minha maneira, não da sua maneira.

SR. STRIPLING. Sim. Estou ciente disso – de que o senhor não quer responder.

Agora, Sr. Ornitz, farei esta pergunta ---

SR. ORNITZ. Eu quero sim responder ---

SR. STRIPLING. O senhor é hoje, ou já foi alguma vez membro do Partido Comunista dos Estados Unidos?

SR. ORNITZ. Quero declarar aos senhores que minhas afiliações políticas, assim como minhas afiliações religiosas, são questões totalmente protegidas pela Constituição. Posso pertencer a qualquer partido que eu considere adequado para ingressar, e os senhores não têm direito algum de investigar ---

SR. STRIPLING. Mesmo que esse partido talvez seja afiliado a um governo estrangeiro e dirigido por um governo estrangeiro?

SR. ORNITZ. Essa pergunta é uma armadilha, e não cairei nela.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Muito bem; a testemunha

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Partido Comunista?

SR. ORNITZ. Já respondi. O senhor não tem direito de me
fazer essa pergunta.

PRESIDENTE (batendo o malhete). O depoimento está concluído.

SR. ORNITZ. Quero ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Levante-se.

SR. ORNITZ. Quero repetir ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Afaste-se.

A próxima testemunha. Continue. Muito bem; próxima
testemunha.

DEPOIMENTO DE HERBERT BIBERMAN⁴⁸

SR. STRIPLING. Sr. Biberman, informe seu nome completo e
endereço atual, por favor?

SR. BIBERMAN. Herbert Joseph Biberman, Deronda Drive,
3259, Hollywood, Califórnia.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu, Sr. Biberman?

SR. BIBERMAN. Nasci a alguns passos do Salão da Inde-
pendência na Filadélfia, no dia em que o Sr. McKinley tomou
posse como Presidente dos Estados Unidos, 4 de março de
1900, no segundo andar de um prédio na rua Sixth and South,
em cima de uma mercearia.

SR. STRIPLING. Sr. Biberman, o senhor garante ao comitê que será assim tão específico e detalhado em todas as suas respostas?

SR. BIBERMAN. Garanto que serei tão detalhado quanto específico nas respostas a quaisquer perguntas que os senhores dirijam a mim.

Sr. Presidente, tenho uma declaração aqui que penso ser da maior relevância para o objeto deste inquérito e para as colocações do presidente esta manhã.

PRESIDENTE. Já finalizou a identificação desta testemunha?

SR. BIBERMAN. Eu gostaria ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Só um minuto. Já finalizou a identificação desta testemunha?

SR. STRIPLING. Não, senhor; não finalizei.

PRESIDENTE. Então continue a identificá-lo.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão?

SR. BIBERMAN. Sou diretor, produtor e escritor – no teatro anteriormente e no cinema atualmente.

SR. STRIPLING. Há quanto tempo o senhor está na indústria cinematográfica?

SR. BIBERMAN. Desde 1935, 2 de janeiro.

SR. STRIPLING. O senhor é escritor?

SR. BIBERMAN. Sou escritor.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. BIBERMAN. Sr. Presidente, tenho uma declaração aqui que peço que o senhor veja. Poderia por gentileza vê-la agora?

(Declaração entregue ao presidente.)

PRESIDENTE. Sr. Biberman, esta declaração é claramente impertinente. Se outro caso ----

SR. BIBERMAN. O senhor quer dizer que ela vai direto ao ponto, Sr. Presidente?

PRESIDENTE. Este é outro caso de vilificação, e portanto não será lida.

SR. BIBERMAN. Não há vilificação nessa declaração. Sinto que sua recusa em permitir que eu a leia é um ato vergonhoso e covarde.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Próxima pergunta, Sr. Stripling.

SR. STRIPLING. Sr. Biberman, o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas ou já foi alguma vez membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. BIBERMAN. Sr. Stripling, gostaria de responder a isso muito calmamente – Sr. Presidente, também. Se eu não for interrompido, tentarei dar uma resposta completa a essa pergunta. Ficou muito claro para mim que o propósito real desta investigação ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Essa não é uma resposta para a pergunta ---

SR. BIBERMAN. É provocar uma divisão ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Essa não é a pergunta.

(Batendo o malhete.)

SR. BIBERMAN. Entre as partes que compõem ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Não é a pergunta ---

SR. BIBERMAN. A indústria cinematográfica.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Faça a próxima pergunta.

SR. BIBERMAN. E ao defender meus direitos constitucionais aqui estou defendendo ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Continue e faça a próxima pergunta.

SR. BIBERMAN. Não apenas os nossos direitos ---

SR. STRIPLING. O senhor é membro ---

SR. BIBERMAN. Mas dos produtores e do povo americano.

SR. STRIPLING. Do Partido Comunista?

PRESIDENTE. O senhor é membro do Partido Comunista, ou já foi alguma vez?

SR. STRIPLING. O senhor é membro ---

SR. BIBERMAN. Qual é a pergunta agora?

SR. STRIPLING. O senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. BIBERMAN. É perfeitamente claro, senhores, que se continuarem desse modo particular ---

(Presidente batendo o malhete.)

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, oriente a testemunha ---

SR. BIBERMAN. Os senhores têm uma única ideia ---

SR. STRIPLING. A responder a pergunta?

PRESIDENTE. Responda a pergunta.

SR. BIBERMAN. Que é causar conflito na indústria ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). O senhor está dispensado

SR. BIBERMAN. Caos na indústria, e isso eu não permitirei.

SR. STRIPLING. Oriente a testemunha a responder a pergunta antes de sair do banco?

SR. BIBERMAN. Não me recusei a responder a pergunta. Disse antes que responderei integralmente a pergunta.

SR. STRIPLING. Sr.Biberman ---

SR. BIBERMAN. Seu propósito é usar isso para desestabilizar a indústria cinematográfica ---

(Presidente batendo o malhete.)

SR. BIBERMAN. Para violar não apenas o meu direito ---

(Presidente batendo o malhete.)

SR. BIBERMAN. Mas o dos produtores ---

(Presidente batendo o malhete.)

SR. BIBERMAN. Seus pensamentos e suas opiniões ---

(Presidente batendo o malhete.)

SR. BIBERMAN. E isso não permitirei.

SR. STRIPLING. O senhor recusa-se a responder se é ou não é hoje ou se já foi alguma vez membro do Partido Comunista?

SR. BIBERMAN. Sr. Stripling, peço desculpas por uma coisa que é ter levantado a voz. Não tive intenção de fazer isso. [Risos.]

Disse ao senhor muitas vezes, se não me interromperem, responderei essa pergunta em profundidade. Posso prosseguir com a resposta à pergunta?

PRESIDENTE. Não. Pode responder a pergunta com “Sim” ou “Não”. É uma pergunta muito simples.⁴⁹

SR. BIBERMAN. Sr. Presidente, eu desconfiaria bastante de qualquer resposta que saísse de minha boca que satisfizesse este comitê.

SR. STRIPLING. Eu também.

PRESIDENTE (batendo o malhete). Muito bem, está dispensado. Leve-o daqui.

DEPOIMENTO DE EDWARD DMYTRYK⁵⁰ ACOMPANHADO POR SR. KENNY E SR. CRUM

SR. STRIPLING. Sr. Dmytryk, informe seu nome completo e endereço atual, por favor.

SR. DMYTRYK. Edward Dmytryk; meu endereço é Olympic Boulevard, 9361, Beverley Hills, Califórnia.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu?

49 Na *common law*, a objetividade nas perguntas e respostas é central em inquirições e depoimentos, sendo privilegiadas as perguntas cujas respostas pedem sim ou não (“Yes/No questions”). Divagações e narrativas evasivas, comuns em nossa cultura, causam estranheza na cultura anglo-americana, sobretudo em contextos judiciais, onde o discurso é fortemente controlado pelos advogados das partes.

50 Minibiografia na seção final deste volume.

SR. DMYTRYK. Nasci em 4 de setembro de 1908, em Grand Forks, British Columbia, Canadá.

SR. STRIPLING. Quando e como tornou-se cidadão dos Estados Unidos?

SR. DMYTRYK. Obtive a nacionalidade em 1939, em Los Angeles.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão?

SR. DMYTRYK. Sou diretor de cinema.

SR. STRIPLING. Há quanto tempo o senhor atua nessa profissão?

SR. DMYTRYK. Bem, sou diretor desde 1939. Porém, comecei no cinema no início de 1923.

SR. STRIPLING. Com quais estúdios está associado agora?

SR. DMYTRYK. Estou na R.K.O⁵¹.

SR. STRIPLING. Com quais estúdios esteve associado no passado?

SR. DMYTRYK. Trabalhei na Universal. A maior parte dos anos passei na Paramount.

SR. STRIPLING. Informaria ao comitê os nomes de alguns dos filmes que dirigiu?

SR. DMYTRYK. Sr. Presidente, tenho aqui uma declaração que gostaria de ler. Os nomes de alguns dos filmes que dirigi estão incluídos nela. Posso, por favor, ler a declaração?

SR. CRUM. Mostre-a ao presidente.

51

R.K.O. foi um estúdio de cinema fundado em 1928, que encerrou suas atividades em 1959. Produziu filmes de diversos gêneros e muitos de grande sucesso, entre eles, Cidadão Kane, de Orson Welles (1941).

PRESIDENTE. Deixe-me ver a declaração. [Após uma pausa.] Esta declaração é tipicamente como as outras declarações que examinamos. Não é pertinente de forma alguma a este inquérito. Portanto, a Presidência resolve que não poderá ser lida.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, o senhor registrará nos autos a composição do comitê, por favor?

SR. DMYTRYK. Sr. Presidente ----

PRESIDENTE. Só um minuto. Este comitê estava apenas em recesso após a audiência da manhã. Portanto, não é necessário apresentar a composição dos presentes neste momento.

SR. STRIPLING. Sr. Dmytryk, o senhor está aqui em resposta a uma intimação entregue ao senhor em 19 de setembro de 1947; está correto?

SR. DMYTRYK. Sim, estou.

SR. STRIPLING. E também em resposta a um telegrama que foi enviado ao senhor pelo presidente em 11 de outubro, correto?

SR. DMYTRYK. Sim.

Sr. Presidente, penso que como essa declaração refere-se às questões que têm sido levantadas aqui sobre o efeito desta investigação ---

PRESIDENTE. A Presidência decidiu que a declaração não era de forma alguma pertinente. O investigador chefe fará perguntas, e o senhor por favor irá respondê-las.

SR. DMYTRYK. Tudo bem.

SR. STRIPLING. Sr. Dmytryk, o senhor é membro do Sindicato dos Diretores de Cinema?⁵²

SR. DMYTRYK. Sr. Stripling, sinto que esses tipos de pergunta têm o intuito de ---

PRESIDENTE. Só um minuto. Não cabe ao senhor "sentir" qual é o intuito. Cabe ao senhor responder as perguntas e ser receptivo às perguntas.
Continue.

SR. DMYTRYK. Sr. Presidente, se me deixar eu responderei a pergunta. Porém, a maioria das outras testemunhas, certamente as testemunhas da primeira semana, tiveram o direito de responder como quiseram. Algumas falaram por bastante tempo---

SR. STRIPLING. Perdoe-me, Sr. Dmytryk. Quanto tempo o senhor precisaria para responder se é ou não membro do Sindicato dos Diretores de Cinema? Cinco minutos é tempo suficiente?

SR. DMYTRYK. Eu levaria muito menos de 5 minutos.

PRESIDENTE. Levaria 5 minutos para responder se é membro do Sindicato dos Diretores de Cinema?

SR. DMYTRYK. Eu disse que levaria muito menos de 5 minutos, Sr. Presidente.

PRESIDENTE. Muito menos de 5 minutos. Não consegue responder "sim" ou "não", é membro do Sindicato dos Diretores de Cinema?

SR. DMYTRYK. Não há muitas perguntas que podem ser respondidas com "sim" ou "não" ---

PRESIDENTE. Refiro-me a esta pergunta. Consegue responder "sim" ou "não"?

SR. DMYTRYK. Eu gostaria de responder a pergunta. Eu gostaria de respondê-la da minha própria maneira.

PRESIDENTE. Queremos que responda a pergunta, mas queremos uma resposta específica. Essa pergunta pode ser respondida com "sim" ou "não".

SR. DMYTRYK. Não acho que o senhor deva me dizer como devo responder a pergunta. Eu disse que gostaria de responder a pergunta da minha própria maneira.

PRESIDENTE. Bem, tente responder a pergunta da melhor forma possível, mas deixe bem claro se o senhor é membro ou não é membro do Sindicato dos Diretores de Cinema.

SR. DMYTRYK. Ficarei feliz em responder.

PRESIDENTE. Se demorar muito para responder, bem, algo está errado.

SR. DMYTRYK. Não acho que demorará tempo suficiente para entediá-lo, Sr. Presidente.

PRESIDENTE. Continue.

SR. DMYTRYK. Penso que esse tipo de questionamento está projetado para causar uma cisão em muitas associações entre os membros das associações num momento em que acabamos de conquistar a união entre as associações. Quero dizer, no entanto, que é de conhecimento público, desde a disputa que alguns de nós travou contra o Sr. Wood

- Sam Wood⁵³ - em que o Sr. Wood acabou perdendo, com a associação inteira contra Sam Wood, que eu fui da diretoria do Sindicato dos Diretores de Cinema.

SR. STRIPLING. O senhor é hoje, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista, Sr. Dmytryk?

SR. DMYTRYK. Bem, Sr. Stripling, penso que há uma questão de direitos constitucionais envolvida aqui. Não acredito que o senhor tem ---

PRESIDENTE. Quando aprendeu sobre a Constituição? Diga-me quando aprendeu sobre a Constituição.

SR. DMYTRYK. Ficarei feliz em responder essa pergunta, Sr. Presidente. Aprendi sobre a Constituição primeiro na escola secundária e novamente ---

SR. MCDOWELL. Passemos à resposta da outra pergunta.

SR. DMYTRYK. Perguntaram quando eu aprendi sobre a Constituição.

SR. STRIPLING. Acredito que a primeira pergunta, Sr. Dmytryk, foi: o senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. DMYTRYK. Muito bem, senhores; se fizerem perguntas simples, uma por vez, ficarei feliz em respondê-las.

SR. STRIPLING. É muito simples.

SR. DMYTRYK. O presidente fez outra pergunta para mim.

53

Samuel Grosvenor "Sam" Wood (1884-1949) foi ator, produtor e cineasta. Foi fundador e presidente da *Motion Picture Alliance for the Preservation of American Ideals* (Aliança Cinematográfica pela Preservação dos Ideais Americanos). Era membro do Sindicato dos Diretores de Cinema, mas denunciou diversos outros membros ao Comitê dizendo que compunham um bloco pró-Comunista.

PRESIDENTE. Esqueça minha pergunta. Eu retiro a pergunta.

SR. DMYTRYK. Fui advertido de que há uma questão de direitos constitucionais envolvida. A Constituição não estabelece que tal pergunta seja respondida da forma como o Sr. Stripling quer que seja. Penso que as organizações às quais pertencço, o que eu penso, e o que eu digo não pode ser questionado por este comitê.

SR. STRIPLING. Então o senhor recusa-se a responder a pergunta?

SR. DMYTRYK. Não me recuso a respondê-la. Respondi do meu próprio jeito.

SR. STRIPLING. O senhor não respondeu se é ou não membro do Partido Comunista.

SR. DMYTRYK. Respondi dizendo que não acho que o senhor tem direito de perguntar ---

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, aparentemente a testemunha está seguindo a mesma linha das outras testemunhas.

PRESIDENTE. A testemunha está dispensada.

(Testemunha dispensada).

DEPOIMENTO DE ADRIAN SCOTT⁵⁴

SR. STRIPLING. Sr. Scott, informe seu nome completo e endereço atual oficialmente, por favor?

SR. SCOTT. Meu nome é Adrian Scott. Meu endereço é North Beverly Drive, 603, Beverly Hills, Califórnia.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu?

SR. SCOTT. Em Nova Jersey, em 6 de fevereiro de 1911.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão?

SR. SCOTT. Sou produtor.

SR. STRIPLING. Há quanto tempo o senhor é produtor?

SR. SCOTT. Acredito que um pouco mais de 2 anos.

SR. STRIPLING. Está aqui diante do comitê em resposta à uma intimação entregue ao senhor em 19 de setembro?

SR. SCOTT. Sim.

SR. STRIPLING. E em resposta a um telegrama enviado ao senhor em 11 de outubro pelo presidente convocando-o a comparecer em 29 de outubro, correto?

SR. SCOTT. Sim, está correto.

SR. STRIPLING. Tem uma declaração, Sr. Scott?

SR. SCOTT. Tenho sim uma declaração que gostaria de ler. Acredito que a declaração seja pertinente. Trata sobre Rancor⁵⁵ e antissemitismo.

PRESIDENTE. Só um minuto. Estamos tentando ler a declaração.

SR. SCOTT. Obrigado.

PRESIDENTE. É difícil ler a declaração e ouvi-lo ao mesmo tempo.

(Após uma pausa)

PRESIDENTE. Pode não ser a pior declaração que recebemos, mas é quase a pior.

SR. SCOTT. Posso discordar do presidente, por favor?

PRESIDENTE. Portanto, é claramente inapropriada, não é pertinente de forma alguma, não tem relação alguma com o inquérito, e a Presidência decidiu que a declaração não será lida.
Sr. Stripling.

SR. STRIPLING. Sr. Scott, o senhor é membro de alguma associação, do Sindicato dos Diretores de Cinema ou do Sindicato dos Roteiristas?

SR. SCOTT. Não acho que essa pergunta seja apropriada, Sr. Stripling.

SR. STRIPLING. O senhor já foi membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. SCOTT. Sr. Stripling, repito, não acho que essa pergunta seja apropriada.

SR. STRIPLING. O senhor é hoje, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. SCOTT. Posso responder a primeira pergunta, Sr. Stripling?

SR. STRIPLING. O senhor disse que não é uma pergunta apropriada.

SR. SCOTT. Verei se consigo responder de forma apropriada.

PRESIDENTE. O senhor disse que não é uma pergunta apropriada.

SR. SCOTT. Acredito que é uma pergunta que viola meus direitos como cidadão. Não acredito que seja adequado para este comitê inquirir sobre minhas relações pessoais, minhas relações privadas, minhas relações públicas.

PRESIDENTE. Então o senhor recusa-se a responder a pergunta?

SR. SCOTT. O comitê não tem direito de inquirir sobre o que penso, com quem me associo.

SR. STRIPLING. Não estamos inquirindo sobre o que pensa, Sr. Scott.

Sr. Scott, gostaríamos de saber se o senhor alguma vez foi membro do Sindicato dos Roteiristas.

SR. SCOTT. Creio que respondi sua pergunta.

SR. STRIPLING. Sr. Presidente, peço que oriente a testemunha a responder a pergunta.

PRESIDENTE. A testemunha terá que responder a pergunta.

SR. SCOTT. Como?

PRESIDENTE. A testemunha deve responder a pergunta dando a resposta.

SR. SCOTT. Creio que respondi a pergunta, Sr. Presidente.

PRESIDENTE. O senhor recusa-se a responder a pergunta?

SR. SCOTT. Respondi da forma como gostaria de responder.

PRESIDENTE. Foi membro alguma vez? Não entendi de sua resposta se foi ou não membro.

SR. SCOTT. Minha resposta ainda permanece.

PRESIDENTE. O senhor é membro?

SR. SCOTT. Creio que respondi a pergunta. Gostariam que eu respondesse da forma como respondi antes?

PRESIDENTE. Pela sua resposta, devo ser terrivelmente burro, mas pela sua resposta não sei dizer se o senhor é membro ou não.

SR. SCOTT. Sr. Thomas, não concordo com o senhor. Não acho que o senhor seja. Respondi a pergunta da melhor forma que posso.

PRESIDENTE. Sr. Vail, consegue dizer se ele é membro ou não?

SR. VAIL. Não, não consigo.

PRESIDENTE. Sr. McDowell, consegue dizer?

SR. MCDOWELL. Não.

PRESIDENTE. Não consigo dizer se o senhor é membro.

SR. SCOTT. Sinto muito.

SR. STRIPLING. Sr. Scott, pode dizer ao comitê se o senhor é hoje ou já foi alguma vez membro do Partido Comunista?

SR. SCOTT. Sr. Stripling, essa pergunta pretende inquirir sobre minha vida pessoal e privada. Não penso que seja pertinente a este – não penso que seja uma pergunta apropriada tampouco.

SR. STRIPLING. O senhor recusa-se a responder a pergunta, Sr. Dmytryk?

SR. SCOTT. Sr. Scott.

SR. STRIPLING. Sr. Scott.

SR. SCOTT. Acredito que essa pergunta também viola meus direitos como cidadão.

Acredito que também viola a primeira emenda. Acredito que eu não deveria associar-me criminosamente com os senhores para violar a primeira emenda.

PRESIDENTE. Ora, não conseguimos dizer nem mesmo dessa resposta se o senhor é membro do Partido Comunista.

SR. STRIPLING. Eu repito a pergunta, Sr. Scott: pode afirmar se já foi ou não alguma vez membro do Partido Comunista?

SR. SCOTT. Eu repito minha resposta, Sr. Stripling.

PRESIDENTE. Muito bem, a testemunha está dispensada.

(Testemunha dispensada).

PRESIDENTE. A Presidência gostaria de anunciar que por votação unânime do subcomitê, o subcomitê recomenda ao pleno do comitê que Adrian Scott seja citado por desacato e que as medidas cabíveis sejam tomadas imediatamente.

DEPOIMENTO DE RING LARDNER, JR.⁵⁶, ACOMPANHADO PELOS ADVOGADOS, SR. KENNY E SR. CRUM

SR. STRIPLING. Sr. Lardner, informe seu nome completo e endereço atual, por favor?

SR. LARDNER. Ring W. Lardner, Jr., Avenida Georgina, 325, Santa Monica, Califórnia.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu, Sr. Lardner?

SR. LARDNER. Em 19 de agosto de 1915, em Chicago, Illinois.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão?

SR. LARDNER. Escritor.

SR. STRIPLING. Há quanto tempo o senhor é escritor?

SR. LARDNER. Sou escritor há cerca de 10 anos.

Sr. Presidente, tenho aqui uma declaração curta que gostaria de ler.

PRESIDENTE. Finalizou a identificação?

SR. STRIPLING. É suficiente.

(A testemunha entrega a declaração ao presidente.)

SR. CRUM. Tem uma cópia para o Sr. Stripling?

SR. LARDNER. Sim.

(A testemunha entrega a declaração para o Sr. Stripling.)

PRESIDENTE. Sr. Lardner, o comitê é unânime em permitir que depois de testemunhar o senhor leia sua declaração.

SR. LARDNER. Obrigado.

SR. STRIPLING. Sr. Lardner, o senhor está aqui diante do comitê em resposta à uma intimação entregue ao senhor em 19 de setembro, correto?

SR. LARDNER. Sim.

SR. STRIPLING. Sr. Lardner, o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. LARDNER. Sr. Stripling, quero cooperar, mas há alguns limites à minha cooperação.

Não quero ajudá-los a dividir ou destruir essa associação em particular, ou infiltrarem-se no mercado cinematográfico com o propósito que me parece ser tentar controlar esse mercado, controlar o que o povo americano pode ver e ouvir em suas salas de cinema.

PRESIDENTE. Ora, Sr. Lardner, não faça como os outros, se eu fosse o senhor, ou o senhor nunca lerá sua declaração. Sugiro ---

SR. LARDNER. Sr. Presidente, deixe-me ---

PRESIDENTE. Responda à pergunta.

SR. LARDNER. Estou ---

PRESIDENTE. A pergunta é, e farei a pergunta; repetirei a pergunta.

SR. LARDNER. Tudo bem.

PRESIDENTE. A pergunta é: o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. LARDNER. Mas entendi que o senhor disse que eu poderia ler a declaração, Sr. Presidente.

PRESIDENTE. Sim, depois que terminarmos as perguntas e respostas ---

SR. LARDNER. Sim.

PRESIDENTE. Mas certamente não respondeu as perguntas.

SR. LARDNER. Bem, responderei as perguntas, mas não acho que o senhor qualificou de forma alguma sua afirmação de que eu poderia ler esta declaração.

PRESIDENTE. Então qualificarei agora. Se recusar-se a responder as perguntas então não lerá sua declaração.

SR. LARDNER. Bem, sei que essa é uma forma indireta de dizer que os senhores não querem que eu leia a declaração.

PRESIDENTE. Então sabe agora mesmo que não responderá a pergunta, correto?

SR. LARDNER. Não, responderei a pergunta.

PRESIDENTE. Tudo bem, então; responda a pergunta.

SR. LARDNER. Tudo bem, senhor. Penso que os pontos que estou levantando são relevantes para a pergunta porque tenho que considerar por que a pergunta está sendo feita ---

PRESIDENTE. Nós determinaremos por que a pergunta foi feita. Queremos saber se o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas.

SR. LARDNER. Sim.

PRESIDENTE. É uma pergunta muito simples. Pode responder "sim" ou "não". Não precisa fazer um longo sermão ou discurso. Se quer fazer um discurso sabe onde pode ir.

SR. LARDNER. Bem, não sou muito bom em fazer sermões, e não tentarei fazer um, mas me parece que se puderem me fazer responder essa pergunta, amanhã poderão perguntar a alguém se ele acredita em espiritualismo.

PRESIDENTE. Ah, não; não há chance de perguntarmos se acreditam em espiritualismo, e sabe disso. Isso é totalmente tolo.

SR. LARDNER. Podem ---

PRESIDENTE. Ora, não aprendeu suas falas muito bem.

SR. LARDNER. Bem ---

PRESIDENTE. Quero saber se é capaz de responder a pergunta "sim" ou "não".

SR. LARDNER. Se perguntasse, por exemplo, a alguém sobre isso poderia perguntar ---

PRESIDENTE. Bem, ora, não importa o que perguntaria. Estamos perguntando ao senhor agora, o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. LARDNER. Mas ----

PRESIDENTE. O senhor é americano ---

SR. LARDNER. Mas essa é uma pergunta ---

PRESIDENTE. E americanos não deveriam ter medo de responder isso.

SR. LARDNER. Sim; mas também me preocupo como americano com a questão de se este comitê tem o direito de perguntar-me ---

PRESIDENTE. Bem, temos o direito e até que o senhor prove que não temos o direito então o senhor tem que responder a pergunta.

SR. LARDNER. Como disse, se perguntarem a alguém, digamos, sobre espiritualismo ---

PRESIDENTE. O senhor é testemunha, não é? O senhor não é testemunha?

SR. LARDNER. Sr. Presidente ----

PRESIDENTE. O senhor não é testemunha aqui?

SR. LARDNER. Sim, sou.

PRESIDENTE. Muito bem, então, um comitê do Congresso está perguntando ao senhor:

o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas? Agora responda "sim" ou "não".

SR. LARDNER. Bem, estou dizendo que para responder isso ---

PRESIDENTE. Muito bem, faça a próxima pergunta. Vá para a pergunta de US\$64.

TESTEMUNHA. Eu não ---

PRESIDENTE. Vá para a próxima pergunta.

SR. STRIPLING. Sr. Lardner, o senhor é hoje, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. LARDNER. Bem, eu gostaria de responder essa pergunta, também.

SR. STRIPLING. Sr. Lardner, uma denúncia foi feita para este comitê de que o Sindicato dos Roteiristas do qual, como consta, o senhor é membro, quer admita ou não, possui diversos indivíduos que são membros do Partido Comunista. Este comitê está procurando determinar a extensão da infiltração Comunista no Sindicato dos Roteiristas e em outras associações dentro da indústria cinematográfica.

SR. LARDNER. Sim.

SR. STRIPLING. E certamente a pergunta se o senhor é ou não membro do Partido Comunista é muito pertinente. Agora, o senhor é membro, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. LARDNER. Parece-me que estão tentando desacreditar o Sindicato dos Roteiristas através de mim e a indústria cinematográfica através do Sindicato dos Roteiristas e todo o nosso exercício de liberdade de expressão.

SR. STRIPLING. Se o senhor e outros são membros do Partido Comunista são os senhores que estão desacreditando o Sindicato dos Roteiristas.

SR. LARDNER. Estou tentando responder a pergunta afirmando primeiramente o que penso sobre o propósito da pergunta que, como disse, é desacreditar a indústria cinematográfica como um todo.

PRESIDENTE. O senhor não afirmará nada primeiramente. Está recusando-se a responder a pergunta.

SR. LARDNER. Estou dizendo que meu entendimento é que como residente dos Estados Unidos ---

PRESIDENTE. Não importa seu entendimento. Há uma pergunta: o senhor é, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. LARDNER. Eu poderia responder exatamente como o senhor quer, Sr. Presidente ---

PRESIDENTE. Não ---

SR. LARDNER (prosseguindo). Mas penso que é ---

PRESIDENTE. Não é uma questão de querermos que responda. É uma pergunta muito simples. Qualquer um ficaria

orgulhoso em respondê-la – qualquer americano de verdade ficaria orgulhoso de responder a pergunta “O senhor é ou já foi alguma vez membro do Partido Comunista” – qualquer americano de verdade.

SR. LARDNER. Depende das circunstâncias. Eu poderia responder, mas se respondesse iria odiar-me amanhã.

PRESIDENTE. Retire-se do banco das testemunhas

SR. LARDNER. Essa é uma pergunta que ---

PRESIDENTE. Retire-se do banco das testemunhas.

SR. LARDNER. Porque é uma pergunta ---

PRESIDENTE (batendo o malhete). Retire-se do banco das testemunhas

SR. LARDNER. Penso que estou sendo forçado a me retirar.

PRESIDENTE. Sargento, leve a testemunha.

(Aplausos.)

DEPOIMENTO DE LESTER COLE⁵⁷

SR. STRIPLING. Sr. Cole, informe seu nome completo e endereço atual, por favor?

SR. COLE. Lester Cole, Avenida Courtney, 15, Hollywood, Califórnia.

SR. STRIPLING. Quando e onde o senhor nasceu, Sr. Cole?

SR. COLE. Nasci em 19 de junho de 1904, na cidade de Nova Iorque.

SR. STRIPLING. Qual a sua profissão?

SR. COLE. Sou escritor.

SR. STRIPLING. Há quanto tempo o senhor é escritor?

SR. COLE. Há aproximadamente 15, 16 anos.

SR. STRIPLING. Há quanto tempo está em Hollywood?

SR. COLE. Desde - fui a primeira vez para Hollywood em 1925; voltei para Nova Iorque em 1929; retornei em 1932 e estou lá desde então.

SR. STRIPLING. O senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. COLE. Sr. Presidente, gostaria neste momento de fazer uma declaração (entrega a declaração ao presidente).

SR. MCDOWELL. Considero insultante, na minha opinião.

PRESIDENTE. Essa declaração é claramente outro caso de vilificação e não é pertinente de forma alguma ao inquérito. Portanto, o senhor não lerá a declaração.

SR. COLE. Bem, Sr. Presidente ---

PRESIDENTE. Sr. Stripling, faça a primeira pergunta.

SR. COLE. Sr. Presidente, posso apenas perguntar se eu não ler minha declaração ---

PRESIDENTE. O senhor não perguntará coisa alguma.

SR. COLE. O editorial do New York Times é pertinente - o editorial do *Herald Tribune* é pertinente?

PRESIDENTE. Continue e faça a pergunta.

SR. STRIPLING. Sr. Cole, o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. COLE. Gostaria de responder essa pergunta e ficarei feliz em responder. Acredito que a razão pela qual a pergunta é feita é ajudar a esclarecer ---

PRESIDENTE. Não, não, não, não, não.

SR. COLE. Ouço o senhor, Sr. Presidente, ouço, lamento, mas ---

PRESIDENTE. Vai ouvir ainda mais.

SR. COLE. Estou tentando fazer com que essas afirmações sejam pertinentes.

PRESIDENTE. Responda a pergunta, "Sim" ou "Não".

SR. COLE. Sinto muito, senhor, mas devo responder a pergunta da minha própria maneira.

PRESIDENTE. É uma pergunta muito simples.

SR. COLE. O que tenho a dizer é uma resposta muito simples.

PRESIDENTE. Sim, mas responda "Sim" ou "Não".

SR. COLE. Não é necessariamente tão simples assim.

PRESIDENTE. Se responder "Sim" ou "Não", então poderá dar alguma explicação.

SR. COLE. Bem, Sr. Presidente, eu realmente devo responder da minha própria maneira.

PRESIDENTE. O senhor recusa-se a responder a pergunta?

SR. COLE. De forma alguma, de forma alguma.

PRESIDENTE. Perguntou à testemunha se está aqui sob intimidação?

SR. COLE. O que foi, Sr. Presidente? Desculpe?

SR. STRIPLING. Sr. Cole, está aqui sob intimidação entregue ao senhor em 19 de setembro, não está?

SR. COLE. Sim, estou.

SR. STRIPLING. E a pergunta feita ao senhor é: o senhor é membro do Sindicato dos Roteiristas?

SR. COLE. Entendi a pergunta, e penso que sei como posso respondê-la de forma satisfatória ao comitê. Gostaria de ter permissão para fazer isso.

PRESIDENTE. Não pode responder a pergunta?

SR. COLE. Os senhores não permitiram que eu lesse minha declaração e a pergunta é respondida na minha declaração.

PRESIDENTE. É capaz de responder à pergunta "Sim" ou "Não", ou não é capaz de respondê-la "Sim" ou "Não"?

SR. COLE. Não sou capaz de responder "Sim" ou "Não". Sou capaz, e gostaria de respondê-la da minha própria maneira. Não tenho o direito concedido a mim, como foi ao Sr. McGuinness e outras pessoas que estiveram aqui?

PRESIDENTE. Primeiro, queremos que responda "Sim" ou "Não", depois pode dar explicações sobre sua resposta.

SR. COLE. Entendo o que quer, senhor. Gostaria que entendesse que acredito que eu devo responder da minha própria maneira, porque o que tenho a dizer ---

PRESIDENTE. Então o senhor se recusa a responder a pergunta?

SR. COLE. Não, não me recuso a responder a pergunta. Pelo contrário, gostaria muito de respondê-la; só me dêem a chance.

PRESIDENTE. Supondo que déssemos ao senhor a oportunidade de dar uma explicação, quanto tempo levaria para dar essa explicação?

SR. COLE. Ah, diria que entre um minuto a 20, não sei.

PRESIDENTE. Vinte?

SR. COLE. Sim, não sei.

PRESIDENTE. E tudo teria a ver com a pergunta?

SR. COLE. Certamente teria.

PRESIDENTE. Então finalmente responderia "Sim" ou "Não"?

SR. COLE. Bem, não acho mesmo que seja essa a questão diante de nós agora, certo?

PRESIDENTE. Então vá para a próxima pergunta.

SR. STRIPLING. Sr. Cole, o senhor é hoje, ou já foi alguma vez, membro do Partido Comunista?

SR. COLE. Gostaria de responder essa pergunta também e ficarei muito feliz em responder. Acredito que a razão pela qual a pergunta é feita é porque atualmente há uma eleição no Sindicato dos Roteiristas em Hollywood que por 15 anos o Sr. McGuinness e outros ---

PRESIDENTE. Eu nem mesmo sabia que havia uma eleição por lá. Prossiga e responda a pergunta. O senhor é membro do Partido Comunista?

SR. COLE. Se não sabe que há uma eleição lá o senhor não ouviu o depoimento do Sr. Lavery ontem.

PRESIDENTE. Alguma partes eu não ouvi.

SR. COLE. Lamento, mas gostaria de deixar registrado que há uma eleição lá.

PRESIDENTE. Muito bem, há uma eleição lá. Agora, responda a pergunta. O senhor é membro do Partido Comunista?

SR. COLE. Posso responder da minha própria maneira, por favor?

Posso, por favor? Posso ter esse direito? O Sr. McGuinness foi autorizado a responder como quis.

PRESIDENTE. O senhor é americano, não é?

SR. COLE. Sim, certamente sou, e afirmo isso em minha declaração.

PRESIDENTE. Então o senhor deveria ficar muito orgulhoso em responder a pergunta.

SR. COLE. Fico muito orgulhoso em responder a pergunta, e responderei quando sentir que é apropriado.

PRESIDENTE. Seria muito simples responder.

SR. COLE. É muito simples responder a pergunta ---

PRESIDENTE. Pode apostar.

SR. COLE (prosseguindo). E quando sentir que é apropriado eu responderei, mas gostaria de manter meus direitos de associação ----

PRESIDENTE. Nós determinaremos se é apropriado.

SR. COLE. Não, senhor. Sinto que devo determinar isso também.

PRESIDENTE. Nós determinaremos se é apropriado. O senhor está dispensado.

Próxima testemunha, Sr. Stripling.

(Testemunha dispensada).

Hearings regarding the communist infiltration of the motion picture industry

Hearings
Before the
Committee on un-american activities
House of representatives
Eightieth congress
First session

Public law 601

(Section 121, subsection q (2))

October 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, and 30, 1947

Printed for the use of the committee on un-american activities



United states

Government printing office
Washington: 1947

COMMITTEE ON UN-AMERICAN ACTIVITIES

J. PARNELL THOMAS, New Jersey, *Chairman*

KARL E. MUNDT, South Dakota

JOHN S. WOOD, Georgia

JOHN McDOWELL, Pennsylvania

JOHN E. RANKIN, Mississippi

RICHARD M. NIXON, California

J. HARDIN PETERSON, Florida

RICHARD B. VAIL, Illinois

HERBERT C. BONNER, North Carolina

ROBERT E. STRIPLING, *Chief Investigator*

BENJAMIN MANDEL, *Director of Research*

HEARINGS REGARDING THE COMMUNIST INFILTRATION OF THE MOTION-PICTURE INDUSTRY ACTIVITIES IN THE UNITED STATES

MONDAY, OCTOBER 20, 1947

House of Representatives,
Committee on Un-American Activities,
Washington, D. C.

The committee met at 10:30 a. m., Hon. J. Parnell Thomas (chairman) presiding.

THE CHAIRMAN. The meeting will come to order. The record will show that the following members are present: Mr. McDowell, Mr. Vail, Mr. Nixon, Mr. Thomas. A subcommittee is sitting.

Staff members present : Mr. Robert E. Stripling, chief investigator; Messrs. Louis J. Russell, Robert B. Gaston, H. A. Smith, and A. B. Leckie, investigators; and Mr. Benjamin Mandel, director of research. Before this hearing get under way, I would like to call attention to some of the basic principles by which the Committee on Un-American Activities is being guided in its investigation into alleged subversive influence in America's motion-picture industry.

The committee is well aware of the magnitude of the subject which it is investigating. The motion-picture business represents an investment of billions of dollars. It represents employment for thousands of workers, ranging from unskilled laborers to high-salaried actors and executives. And even more important, the motion-picture industry represents what is probably the largest single vehicle of entertainment for the American public — over 85,000,000 persons attend the movies each week.

However, it is the very magnitude of the scope of the motion-picture industry which makes this investigation so necessary. We all recognize, certainly, the tremendous effect which moving pictures have on their mass audiences, far removed from the Hollywood sets. We all recognize that what the citizen sees and hears in his neighborhood movie house carries a powerful impact on his thoughts and behavior.

With such vast influence over the lives of American citizens as the motion-picture industry exerts, it is not unnatural — in fact, it is very logical — that subversive and undemocratic forces should attempt to use this medium for un-American purposes.

I want to emphasize at the outset of these hearings that the fact that the Committee on Un-American Activities is investigating alleged Communist influence and infiltration in the motion-picture industry must not be considered or interpreted as an attack on the majority of persons associated with this great industry. I have every confidence that the vast majority of movie workers are patriotic and loyal Americans. This committee, under its mandate from the House of Representatives, has the responsibility of exposing and spotlighting subversive elements wherever they may exist. As I have already pointed out, it is only to be expected that such elements would strive desperately to gain entry to the motion-picture industry, simply because the industry offers such a tremendous weapon for education and propaganda.

That Communists have made such an attempt in Hollywood and with considerable success is already evident to this committee from its preliminary investigative work.

The problem of Communist infiltration is not limited to the movie industry. That even our Federal Government has not been immune from the menace is evidenced by the fact that \$11,000,000 is now being spent to rid the Federal service of Communists. Communists are also firmly entrenched in control of a number of large and powerful labor unions in this country. Yet simply because there are Communist union leaders among the longshoremen or seamen, for example, one does not infer that the owners of the shipping industries are Communists and Communist sympathizers, or that the majority of workers in those industries hold to an un-American philosophy. So it is with the movie industry.

I cannot emphasize too strongly the seriousness of Communist infiltration, which we have found to be a mutual problem for many, many different fields of endeavor in the United States. Communists for years have been conducting an unrelentless "boring from within" campaign against America's democratic institutions. While never possessing a large numerical strength, the Communists nevertheless have found that they could dominate the activities of unions or other mass enterprises in this country by capturing a few strategic positions of leadership.

This technique, I am sorry to say, has been amazingly profitable for the Communists. And they have been aided all along the line by non-Communists, who are either sympathetic to the aims of communism or are unwilling to recognize the danger in Communist infiltration.

The ultimate purpose of the Communists is a well-established fact. Despite sporadic statements made to the contrary for reasons of expediency, the Communist movement looks to the

establishment of Soviet-dominated, totalitarian governments in all of the countries of the world, and the Communists are willing to use force and violence to achieve this aim if necessary.

The United States is one of the biggest obstacles to this movement. The fact was startlingly illustrated recently by the open announcement of the Communist International — a world-wide party organization dedicated to promoting world-wide Communist revolution, which previously operated underground.

The vituperation leveled at the United States by this new international Communist organization clearly indicated that America is considered the chief stumbling block in the Soviet plans for world domination and is therefore the chief target in what we might call the Soviet Union's ideological war against non-Soviet governments.

There is no question that there are Communists in Hollywood. We cannot minimize their importance there, and that their influence has already made itself felt has been evidenced by internal turmoil in the industry over the Communist issue. Prominent figures in the motion-picture business have been engaged in a sort of running battle over Communist infiltration for the last 4 or 5 years and a number of anti-Communist organizations have been set up within the industry in an attempt to combat this menace.

The question before this committee, therefore, and the scope of its present inquiry, will be to determine the extent of Communist infiltration in the Hollywood motion-picture industry. We want to know what strategic positions in the industry have been captured by these elements, whose loyalty is pledged in word and deed to the interests of a foreign power.

The committee is determined that the hearings shall be fair and impartial. We have subpoenaed witnesses representing both sides of the question. All we are after are the facts.

Now, I want to make it clear to the witnesses, the audience, the members of the press, and other guests here today that this hearing is going to be conducted in an orderly and dignified manner at all times. But if there is anyone here today or at any of the future sessions of this hearing who entertains any hopes or plans for disrupting the proceedings, he may as well dismiss it from his mind.

MR. KENNY. Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. Mr. Stripling.

MR. KENNY. Mr. Chairman, I am attorney for the 19 subpoenaed witnesses, as is Mr. Bartley Crum. You recall that we submitted a telegram yesterday on a motion to quash. It seems to me that the most orderly way that we can present this would be to do so before a witness has been sworn under any subpoena as the motion would be identical for any witness. If the committee is without constitutional authority to proceed to ----

THE CHAIRMAN. Just a minute. May I ask your name, please?

MR. KENNY. Robert Kenny, and this is my associate, Mr. Bartley Crum.

THE CHAIRMAN. And you represent the 19 witnesses whose names were listed in the telegram sent to me this morning?

MR. KENNY. That is right, Mr. Chairman.

THE CHAIRMAN. Mr. Kenny, these witnesses of yours will not be called until next week, they will not come up today at all, or any other day this week. So if you will present your statement to the committee, we will take it under advisement, and then you can argue the question, if the committee sees fit, when your witnesses come up next Monday — I believe the first witnesses are to come up Monday or Tuesday or Wednesday. So if you will just present your statement to the committee.

MR. CRUM. Mr. Chairman, may I file ----

THE CHAIRMAN. Present your statement to the committee.

MR. CRUM. Thank you. I would like to file this with you, Mr. Chairman.

(A paper was handed to Mr. Stripling.)

THE CHAIRMAN. That will be filed. You discuss the matter further when you present your witnesses to the committee.

Mr. Stripling, the first witness today.

MR. STRIPLING. I will ask Mr. H. A. Smith to take the stand.

MR. KENNY. Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. I am sorry. Just a minute. I am very sorry, but we have a certain procedure to follow. You, as the former Attorney General in the State of California, know how important it is to follow the procedure. You also know the great necessity for order. It will probably be difficult to maintain order in these hearings. So you will just have to bear with us, Mr. Kenny. You may come back when you present your witnesses next week.

MR. KENNY. Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. That is all.

MR. CRUM. May we ask if we have a right to cross-examine?

THE CHAIRMAN. You may not ask one more thing at this time. Please be seated.

MR. CRUM. Certainly American.

HEARINGS REGARDING THE COMMUNIST INFILTRATION OF THE MOTION-PICTURE INDUSTRY

MONDAY, OCTOBER 27, 1947

House of Representatives,
Committee on Un-American Activities,
Washington, D. C.

The committee met at 10: 30 a. m., Hon. J. Parnell Thomas (chairman), presiding.

Staff members present : Mr. Robert E. Stripling, chief investigator; Messrs. Louis J. Russell, H. A. Smith, and Robert B. Craston, investigators; and Mr. Benjamin Mandel, director of research.

THE CHAIRMAN. The meeting will come to order. Everyone please take their seats. The record will show that a subcommittee is present, consisting of Mr. Vail, Mr. McDowell, and Mr. Thomas.

Mr. Stripling, the first witness.

MR. STRIPLING. The first witness, Mr. Chairman, is Mr. John Howard Lawson.

THE CHAIRMAN. Mr. Lawson.

MR. KENNY. Mr. Chairman, if you will recall, at the outset of this hearing Mr. Crum and I made a motion to quash the subpoenas addressed to Mr. Lawson and some 18 other witnesses whom we represent. You indicated at that time that this would be the appropriate occasion at which to present our arguments for the quashing of the subpoenas, on the ground that this committee is illegal and unconstitutional, both in the manner in which the authority given to it by the Congress has been executed, and by the terms of that authority itself.

Can we proceed at this time with that motion? Also, Mr. Crum has a motion relating to the recalling of certain witnesses, with an opportunity to examine them.

I would like to present the motion to quash first, Mr. Chairman, if you please.

THE CHAIRMAN. Mr. Kenny, didn't you give us a brief in connection with that motion?

MR. KENNY. There has been a brief submitted. However, I would like the opportunity to argue it orally, to point out to the committee that it has no legal or constitutional power to proceed and that therefore ----

MR. STRIPLING. Mr. Chairman ----

MR. KENNY (continuing). These motions should be quashed.

THE CHAIRMAN. Just a minute.

Mr. Kenny, do you have any additional information that was not in the brief?

MR. KENNY. I think we have additional information based on the conduct of the ---

THE CHAIRMAN. Well, do you have it?

MR. KENNY. Oh, yes.

MR. CRUM. We have it here.

THE CHAIRMAN. I am listening to Mr. Kenny.

MR. KENNY. We do, based on the conduct of this committee last week. We think two additional evidences of the illegality of this committee came out:

1. In attempts by members of the committee to dictate to various producers the content of films that are to be produced; and 2. An effort indicated by questioning to induce the motion-picture producers to create a blacklist, to hire men not on the basis of ability, but on the basis of political beliefs.

Now, both of these, we say, indicate an unconstitutional purpose, a purpose to invade the domain protected by the first amendment, which is the provision that Congress shall pass no law invading the freedom of speech or of conscience. And as to ----

THE CHAIRMAN. Those two points, then, constitutes your additional information?

MR. KENNY. Those two, plus, of course — we have a statement on that which we could file.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman.

THE CHAIRMAN. Just a minute.

Mr. Kenny, aside from any statement that you may have, your additional points are the two that you mentioned, that is, dictation and the creation of a blacklist ; that is correct, is it?

MR. KENNY. Those are the points. We said at the outset that this committee was illegal and unconstitutional ----

THE CHAIRMAN. I know. All right, Mr. Stripling, you may be heard.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, the point which Mr. Kenny has set forth — if he has a remedy it is in the courts of the land and not before a committee of Congress. A committee of Congress can no more set aside a law than it can do any other thing. Therefore, Mr. Kenny should go into court, if he seeks any remedy on the points which he has submitted to the committee. I see no point for the committee to interrupt its proceedings to permit Mr. Kenny to stand up and make a lot of points which he knows are out of order before this tribunal.

MR. KENNY. Just one brief response to that, and that is: The committee is the servant of the Constitution, just as much as the citizen is, and certainly Congress should be given the opportunity, or any committee of Congress, to consider whether or not it is proceeding constitutionally.

It is quite true, as Mr. Stripling says, that the courts are open, but I believe that the first opportunity should be given the person who first is accused of proceeding illegally.

Now, the committee has this opportunity at this time to consider the basic constitutional principles under which it is proceeding, and I think it would be the first time that this committee ever has done that.

I think, if we are given that opportunity, the committee might well rule with us, if they can hear our arguments out and give them full consideration.

THE CHAIRMAN. All right, Mr. Kenny, we have read your brief very carefully. In view of the additional points, however, which you bring up, why, the committee will now take under consideration the whole question, not only based on your original brief, but also these additional points.

The committee will go into executive session until we have concluded.

MR. CRUM. Mr. Chairman, may I ask that you consider our motion to cross-examine ----

THE CHAIRMAN. The meeting will be in recess. The committee will leave the room and go into executive session.

MR. CRUM. May we hand these to you, Mr. Chairman?

THE CHAIRMAN. Yes ; glad to have them.

MR. CRUM. Thank you.

(The committee went into executive session.)

THE CHAIRMAN. The meeting will come to order.
Mr. Kenny, this is the unanimous decision of this subcommittee. It is the decision on the brief which you submitted, plus the two additional points.

MR. KENNY. Yes.

THE CHAIRMAN. No committee of Congress has the right to establish its own legality or constitutionality. A committee of Congress cannot disqualify itself from the provisions of the law. We operate under Public Law 601. We cannot set aside this law to suit the convenience of certain witnesses or their counsel. As a former attorney general of the State of California you certainly know that your remedy, if any, is in the courts.

MR. STRIPLING, the first witness.

MR. CRUM. Mr. Chairman ----

MR. STRIPLING. Mr. John Howard Lawson.

MR. CRUM. Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. I am sorry ----

MR. CRUM. May I request the right of cross-examination?
I ask you to bring back and permit us to cross-examine the
witnesses, Adolph Menjou, Fred Niblo, John Charles Moffitt,
Richard Macauley, Rupert Hughes, Sam Wood, Ayn Rand,
James McGuinness ----

THE CHAIRMAN. The request ----

MR. CRUM. Howard Rushmore ----

(The chairman pounding gavel.)

MR. CRUM. Morrie Ryskind, Oliver Carlson ----

THE CHAIRMAN. The request is denied.

MR. CRUM. In order to show that these witnesses lied.

THE CHAIRMAN. That request is denied.

Mr. Stripling, the first witness.

MR. STRIPLING. John Howard Lawson.

(John Howard Lawson, accompanied by Robert W. Kenny
and Bartley Crum take places at witness table.)

THE CHAIRMAN. Stand and please raise your right hand.
Do you solemnly swear the testimony you are about to give is
the truth, the whole truth, and nothing but the truth, so help
you God?

MR. LAWSON. I do.

THE CHAIRMAN. Sit down, please.

TESTIMONY OF JOHN HOWARD LAWSON

MR. LAWSON. Mr. Chairman, I have a statement here which I wish to make ----

THE CHAIRMAN. Well, all right ; let me see your statement.

(Statement handed to the chairman.)

MR. STRIPLING. Do you have a copy of that?

MR. CRUM. We can get you copies.

THE CHAIRMAN. I don't care to read any more of the statement. The statement will not be read. I read the first line.

MR. LAWSON. You have spent 1 week vilifying me before the American public ----

THE CHAIRMAN. Just a minute ----

MR. LAWSON. And you refuse to allow me to make a statement on my rights as an American citizen.

THE CHAIRMAN. I refuse you to make the statement, because of the first sentence in your statement. That statement is not pertinent to the inquiry.

Now, this is a congressional committee — a congressional committee set up by law. We must have orderly procedure, and we are going to have orderly procedure.

Mr. Stripling, identify the witness.

MR. LAWSON. The rights of American citizens are important in this room here, and I intend to stand up for those rights, Congressman Thomas.

MR. STRIPLING. Mr. Lawson, will you state your full name, please?

MR. LAWSON. I wish to protest against the unwillingness of this committee to read a statement, when you permitted Mr. Warner, Mr. Mayer, and others to read statements in this room.

My name is John Howard Lawson.

MR. STRIPLING. What is your present address?

MR. LAWSON. 9354 Burnett Avenue, San Fernando, Calif.

MR. STRIPLING. When and where were you born?

MR. LAWSON. New York City.

MR. STRIPLING. What year?

MR. LAWSON. 1804.

MR. STRIPLING. Give us the exact date.

MR. LAWSON. September 25.

MR. STRIPLING. Mr. Lawson, you are here in response to a subpoena which was served upon you on September 19, 1947; is that true?

MR. LAWSON. That is correct.

MR. STRIPLING. That subpoena called for your appearance before the committee on October 23, at 10:30 a. m.; is that correct?

MR. LAWSON. That is correct.

MR. STRIPLING. Did you receive the following telegram on October 11, addressed to you, Mr. John Howard Lawson, 9354 Burnett Avenue, San Fernando, Calif.?

MR. LAWSON. I did.

MR. STRIPLING. I haven't read the telegram yet.

In response to the subpoena served upon you summoning you to appear before the Committee on Un-American Activities, United States House of Representatives, in Washington, D. C, on October 23, you are hereby directed to appear on October 27 instead of October 23, at the hour of 10 : 30 a. m., room 226, Old House Office Building.

Signed: "J. Parnell Thomas, chairman."

Did you receive that telegram?

MR. LAWSON. I did.

MR. STRIPLING. You are here before the committee in response to this subpoena and in response to this summons in the form of a telegram from the chairman?

MR. LAWSON. I am.

MR. STRIPLING. What is your occupation, Mr. Lawson?

MR. LAWSON. I am a writer.

MR. STRIPLING. How long have you been a writer?

MR. LAWSON. All my life — at least 35 years — my adult life.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. LAWSON. The raising of any question here in regard to membership, political beliefs, or affiliation ----

MR. STRIPLING. Mr. Chairman ----

MR. LAWSON. Is absolutely beyond the powers of this committee.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman ----

MR. LAWSON. But ----

(The chairman pounding gavel.)

MR. LAWSON. It is a matter of public record that I am a member of the Screen Writers Guild.

MR. STRIPLING. I ask ----

[Applause.]

THE CHAIRMAN. I want to caution the people in the audience: You are the guests of this committee and you will have to maintain order at all times. I do not care for any applause or any demonstrations of one kind or another.

MR. STRIPLING. Now, Mr. Chairman, I am also going to request that you instruct the witness to be responsive to the questions.

THE CHAIRMAN. I think the witness will be more responsive to the questions.

MR. LAWSON. Mr. Chairman, you permitted ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Never mind ----

MR. LAWSON (continuing). Witnesses in this room to make answers of three or four or five hundred words to questions here.

THE CHAIRMAN. Mr. Lawson, you will please be responsive to these questions and not continue to try to disrupt these hearings.

MR. LAWSON. I am not on trial here, Mr. Chairman. This committee is on trial here before the American people. Let us get that straight.

THE CHAIRMAN. We don't want you to be on trial.

MR. STRIPLING. Mr. Lawson, how long have you been a member of the Screen Writers Guild?

MR. LAWSON. Since it was founded in its present form, in 1933.

MR. STRIPLING. Have you ever held any office in the guild?

MR. LAWSON. The question of whether I have held office is also a question which is beyond the purview of this committee.

(The chairman pounding gavel.)

MR. LAWSON. It is an invasion of the right of association under the Bill of Rights of this country.

THE CHAIRMAN. Please be responsive to the question.

MR. LAWSON. It is also a matter ----

(The chairman pounding gavel.)

MR. LAWSON. Of public record ----

THE CHAIRMAN. You asked to be heard. Through your attorney, you asked to be heard, and we want you to be heard. And if you don't care to be heard, then we will excuse you and we will put the record in without your answers.

MR. LAWSON. I wish to frame my own answers to your questions, Mr. Chairman, and I intend to do so.

THE CHAIRMAN. And you will be responsive to the questions or you will be excused from the witness stand.

MR. LAWSON. I will frame my own answers, Mr. Chairman.

THE CHAIRMAN. Go ahead, Mr. Stripling.

MR. STRIPLING. I repeat the question, Mr. Lawson : Have you ever held any position in the Screen Writers Guild?

MR. LAWSON. I stated that it is outside the purview of the rights of this committee to inquire into any form of association

THE CHAIRMAN. The Chair will determine what is in the purview of this committee.

MR. LAWSON. My rights as an American citizen are no less than the responsibilities of this committee of Congress.

THE CHAIRMAN. Now, you are just making a big scene for yourself and getting all "het up". [Laughter.]
Be responsive to the questioning, just the same as all the witnesses have. You are no different from the rest.

Go ahead, Mr. Stripling.

MR. LAWSON. I am being treated differently from the rest.

THE CHAIRMAN. You are not being treated differently.

MR. LAWSON. Other witnesses have made statements, which included quotations from books, references to material which had no connection whatsoever with the interest of this committee.

THE CHAIRMAN. We will determine whether it has connection. Now, you go ahead ----

MR. LAWSON. It is absolutely beyond the power of this committee to inquire into my association in any organization.

THE CHAIRMAN. Mr. Lawson, you will have to stop or you will leave the witness stand. And you will leave the witness stand because you are in contempt. That is why you will leave the witness stand. And if you are just trying to force me to put you in contempt, you won't have to try much harder. You know what has happened to a lot of people that have been in contempt of this committee this year, don't you?

MR. LAWSON. I am glad you have made it perfectly clear that you are going to threaten and intimidate the witnesses, Mr. Chairman.

(The chairman pounding gavel.)

MR. LAWSON. I am an American and I am not at all easy to intimidate, and don't think I am.

(The chairman pounding gavel.)

MR. STRIPLING. Mr. Lawson, I repeat the question. Have you ever I held any position in the Screen Writers Guild?

MR. LAWSON. I have stated that the question is illegal. But it is a matter of public record that I have held many offices in the Screen Writers Guild. I was its first president, in 1933, and I have held office on the board of directors of the Screen Writers Guild at other times.

MR. STRIPLING. You have been employed in the motion-picture industry; have you not?

MR. LAWSON. I have.

MR. STRIPLING. Would you state some of the studios where you have been employed?

MR. LAWSON. Practically all of the studios, all the major studios.

MR. STRIPLING. As a screen writer?

MR. LAWSON. That is correct.

MR. STRIPLING. Would you list some of the pictures which you have written the script for?

MR. LAWSON. I must state again that you are now inquiring into the freedom of press and communications, over which you have no control whatsoever. You don't have to bring me here 3,000 miles to find out what pictures I have written. The pictures that I have written are very well known. They are such pictures as Action in the North Atlantic, Sahara ----

MR. STRIPLING. Mr. Lawson ----

MR. LAWSON. Such pictures as Blockade, of which I am very proud and in which I introduced the danger that this democracy faced from the attempt to destroy democracy in Spain in 1937. These matters are all matters of public record.

MR. STRIPLING. Mr. Lawson, would you object if I read a list of the pictures, and then you can either state whether or not you did write the scripts?

MR. LAWSON. I have no objection at all.

MR. STRIPLING. Did you write Dynamite, by M-G-M?

MR. LAWSON. I preface my answer, again, by saying that it is outside the province of this committee, but it is well known that I did.

MR. STRIPLING. The Sea Bat, by M-G-M?

MR. LAWSON. It is well known that I did.

MR. STRIPLING. Success at Any Price, RKO?

MR. LAWSON. Yes ; that is from a play of mine, Success Story.

MR. STRIPLING. Party Wire, Columbia?

MR. LAWSON. Yes; I did.

MR. STRIPLING. Blockade, United Artists, Wanger?

MR. LAWSON. That is correct.

MR. STRIPLING. Algiers, United Artists, Wanger?

MR. LAWSON. Correct.

MR. STRIPLING. Earth Bound, Twentieth Century Fox.

MR. LAWSON. Correct.

MR. STRIPLING. Counterattack, Columbia.

MR. LAWSON. Correct.

MR. STRIPLING. You have probably written others; have you not, Mr. Lawson?

MR. LAWSON. Many others. You have missed a lot of them.

MR. STRIPLING. You don't care to furnish them to the committee, do you?

MR. LAWSON. Not in the least interested.

MR. STRIPLING. Mr. Lawson, are you now, or have you ever been a member of the Communist Party of the United States?

MR. LAWSON. In framing my answer to that question I must emphasize the points that I have raised before. The question of communism is in no way related to this inquiry, which is an attempt to get control of the screen and to invade the basic rights of American citizens in all fields.

MR. MCDOWELL. Now, I must object ----

MR. STRIPLING. Mr. Chairman ----

(The chairman pounding gavel.)

MR. LAWSON. The question here relates not only to the question of my membership in any political organization, but this committee is attempting to establish the right ----

(The chairman pounding gavel.)

MR. LAWSON (continuing). Which has been historically denied to any committee of this sort, to invade the rights and privileges and immunity of American citizens, whether they be Protestant, Methodist, Jewish, or Catholic, whether they be Republicans or Democrats or anything else.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Mr. Lawson, just quiet down again.

Mr. Lawson, the most pertinent question that we can ask is whether or not you have ever been a member of the Communist Party. Now, do you care to answer that question?

MR. LAWSON. You are using the old technique, which was used in Hitler Germany in order to create a scare here ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Oh ----

MR. LAWSON. In order to create an entirely false atmosphere in which this hearing is conducted ----

(The chairman pounding gavel.)

MR. LAWSON. In order that you can then smear the motion-picture industry, and you can proceed to the press, to any form of communication in this country.

THE CHAIRMAN. You have learned ----

MR. LAWSON. The Bill of Rights was established precisely to prevent the operation of any committee which could invade the basic rights of Americans.

Now, if you want to know ----

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, the witness is not answering the question.

MR. LAWSON. If you want to know ----

(The chairman pounding gavel.)

MR. LAWSON. About the perjury that has been committed here and the perjury that is planned.

THE CHAIRMAN. Mr. Lawson ----

MR. LAWSON. You permit me and my attorneys to bring in here the witnesses that testified last week and you permit us to cross-examine these witnesses, and we will show up the whole tissue of lie ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). We are going to get the answer to that question if we have to stay here for a week. Are you a member of the Communist Party, or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. LAWSON. It is unfortunate and tragic that I have to teach this committee the basic principles of American ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). That is not the question. That is not the question. The question is: Have you ever been a member of the Communist Party?

MR. LAWSON. I am framing my answer in the only way in which any American citizen can frame his answer to a question which absolutely invades his rights.

THE CHAIRMAN. Then you refuse to answer that question; is that correct?

MR. LAWSON. I have told you that I will offer my beliefs, affiliations, and everything else to the American public, and they will know where I stand.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Excuse the witness ----

MR. LAWSON. As they do from what I have written.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Stand away from the stand ----

MR. LAWSON. I have written Americanism for many years, and I shall continue to fight for the Bill of Rights, which you are trying to destroy.

THE CHAIRMAN. Officers, take this man away from the stand ----

[Applause and boos.]

THE CHAIRMAN (pounding gavel). There will be no demonstrations. No demonstrations, for or against. Everyone will please be seated.

TESTIMONY OF DALTON TRUMBO

MR. TRUMBO. Mr. Chairman, I have a statement I should like to read into the record, if you please ----

MR. STRIPLING. Mr. Trumbo, just a moment, please. We want to conduct the hearing as orderly as possible, and I am sure you desire to cooperate.

MR. TRUMBO. I do, indeed.

MR. STRIPLING. You have counsel with you?

MR. TRUMBO. I have.

MR. STRIPLING. And would you identify your counsel?

MR. TRUMBO. Mr. Bartley Crum and Mr. Robert Kenny. May I request of the Chair the opportunity to read a statement into the record?

THE CHAIRMAN. Yes. May we see your statement?

MR. TRUMBO. Yes.

THE CHAIRMAN. To determine whether it is pertinent to the inquiry.

(Statement handed to the chairman.)

MR. STRIPLING. Do you have a copy?

MR. CRUM (addressing Mr. Trumbo). Do you have an extra copy for Mr. Stripling?

MR. TRUMBO. Yes.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. The Chair is ready to rule.

MR. TRUMBO. I beg your pardon, sir?

THE CHAIRMAN. Mr. Trumbo, we have looked over this statement very carefully. It has been our practice to permit witnesses to read statements that are pertinent to the inquiry, that is, the alleged infiltration of communism in the moving-picture industry.

We have read your statement here. We have concluded, and unanimously so, that this statement is not pertinent to the inquiry. Therefore, the Chair will rule that the statement will not be read.

MR. TRUMBO. The Chair has considered a statement from Gerald L. K. Smith to be pertinent to its inquiries.

THE CHAIRMAN. That statement is out of order.

MR. TRUMBO. And where is mine different from that, sir?

THE CHAIRMAN. As a witness, if you conduct yourself like the first witness yesterday, you won't be given the privilege of being a witness before a committee of Congress, before this committee of Congress.

Go ahead, Mr. Stripling.

MR. STRIPLING. Mr. Trumbo ----

MR. TRUMBO. I would like to know what it is that is in my statement that this committee fears be read to the American people?

THE CHAIRMAN. Go ahead, Mr. Stripling, ask a question ----

MR. TRUMBO. I have some evidence to introduce ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Ask one question, Mr. Stripling ----

MR. TRUMBO. I should like to introduce evidence ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). You are out of order.

MR. STRIPLING. State your name, please.

MR. TRUMBO. Dalton Trumbo.

MR. STRIPLING. What is your present address?

MR. TRUMBO. 329 South Rodeo Drive, Beverly Hills, Calif.

MR. STRIPLING. When and where were you born, sir?

Mr. TRUMBO. I was born in Montrose, Colo., on December 9, 1905.

MR. STRIPLING. What is your occupation?

MR. TRUMBO. My occupation is that of a writer.

MR. STRIPLING. How long have you been in the motion-picture industry as a writer?

MR. TRUMBO. I believe since 1934 or 35.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. TRUMBO. At this point, sir, I should like to introduce certain evidence bearing upon this case ----

MR. STRIPLING. Mr. Chairman ----

MR. TRUMBO. I ----

MR. STRIPLING. Just a moment, please ----

MR. TRUMBO. I should like to introduce statements ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Just a minute ----

MR. TRUMBO. About my work ----

THE CHAIRMAN. What was the question ----

MR. TRUMBO. From General Arnold of the Army Air Forces ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Now, just a minute ----

MR. TRUMBO. From a municipal judge ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Just a moment. The Chair wants to find out what the question was and to see whether your answer is pertinent to the question. What was the question?

MR. STRIPLING. Mr. Trumbo, I shall ask various questions, all of which can be answered "Yes" or "No." If you want to give an explanation after you have made that answer, I feel sure that the committee will agree to that.

However, in order to conduct this hearing in an orderly fashion, it is necessary that you be responsive to the question, without making a speech in response to each question.

MR. TRUMBO. I understand, Mr. Stripling. However, your job is to ask questions and mine is to answer them. I shall answer "Yes" or "No," if I please to answer. I shall answer in my own words. Very many questions can be answered "Yes" or "No" only by a moron or a slave.

THE CHAIRMAN. The Chair agrees with your point, that you need not answer the questions "Yes" or "No" ----

MR. TRUMBO. Thank you, sir.

THE CHAIRMAN. But you should answer the questions.

MR. TRUMBO. Thank you, sir.

THE CHAIRMAN. Go ahead, Mr. Stripling.

MR. TRUMBO. May I, if the Chair please, I am not going to make a speech. I simply have evidence from responsible people as to the nature of my work. I have 20 scripts which I propose and wish to introduce into the record so that it may be known what my work is, and what this committee may seek to prevent the American people from seeing in the future.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. Now, don't make a statement like that. That is not correct.

May I ask how long one of these scripts may be?

MR. TRUMBO. I am sorry to say that they average from 115 to 160 or 170 pages, with very few of them of the latter type.

THE CHAIRMAN. And how many do you want to put in the record?

MR. TRUMBO. I have 20. They are not quite all that I have written.

THE CHAIRMAN. I think the Chair will have to rule ----

MR. TRUMBO. But, sir ----

THE CHAIRMAN. They are too long ----

MR. TRUMBO. My work has been under attack.

THE CHAIRMAN. Too many pages.

MR. TRUMBO. Then may I introduce into evidence statements of responsible people concerning my work?

THE CHAIRMAN. All right, you let the investigator ask his questions, and then you answer them the best you can.

MR. STRIPLING. I will be glad to cover all of your works, Mr. Trumbo.

MR. TRUMBO. I realize that, but yesterday a man's work was covered after he had left the stand. I should like to discuss my work now.

MR. STRIPLING. Well, Mr. Trumbo, I will repeat the question : Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. TRUMBO. I shall answer that question in just a moment. I want only to protest the fact that I have been denied the right to introduce evidence, to introduce statements of General Arnold, of juvenile court judges, of the head of the Motion Picture Division of the UNRRA, of the Naval Chaplain in

charge of motion-picture projects for the United States Navy. These I consider pertinent. And with that protest, I shall go to your question.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. TRUMBO. Mr. Stripling, the rights of American labor to inviolably secret membership lists have been won in this country by a great cost of blood and a great cost in terms of hunger. These rights have become an American tradition. Over the Voice of America we have broadcast to the entire world the freedom of our labor.

THE CHAIRMAN. Are you answering the question or are you making another speech?

MR. TRUMBO. Sir, I am truly answering the question.

THE CHAIRMAN. Because if you want to make another speech we can find a corner right up here where you can make some of these speeches.

MR. TRUMBO. I would be willing to do that, too.

THE CHAIRMAN. All right, now, what was the question, Mr. Stripling?

MR. STRIPLING. The question, Mr. Chairman, is — I asked Mr. Trumbo if he is a member of the Screen Writers Guild.

MR. TRUMBO. You asked me a question which would permit you to haul every union member in the United States up here to identify himself as a union member, to subject him to future intimidation and coercion. This, I believe, is an unconstitutional question.

THE CHAIRMAN. Now, are you making another speech, or is that the answer?

MR. TRUMBO. This is my answer, sir.

THE CHAIRMAN. Well, can't you answer : Are you a member of the Screen Writers Guild, by saying "Yes" or "No," or I think so, or maybe, or something like that?

MR. TRUMBO. Mr. Chairman, I should like to accommodate you. May I try to answer the question again?

THE CHAIRMAN. Well, we would certainly like to have you accommodate us.

MR. TRUMBO. If there were a committee of Congress, all the members of which had voted in favor of the Taft-Hartley bill

MR. MCDOWELL. Oh, that isn't answering the question.

(The chairman pounding gavel.)

MR. TRUMBO. It might be considered that committee was hostile to labor.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Now, Mr. Trumbo ----

MR. MCDOWELL. It is no disgrace, you know, to identify yourself as a member of a labor union in the United States. Most of us belong to something.

THE CHAIRMAN. Now the question is, Mr. Trumbo : Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. TRUMBO. Mr. Chairman, I would not consider it a disgrace to be a member of a labor union.

MR. MCDOWELL. Of course he wouldn't.

MR. TRUMBO. But labor unions have the right to secrecy of their membership lists.

THE CHAIRMAN. I am getting back to the question: Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. TRUMBO. Mr. Chairman, this question is designed to a specific purpose. First ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Do you ----

MR. TRUMBO. First, to identify me with the Screen Writers Guild; secondly, to seek to identify me with the Communist Party and thereby destroy that guild ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Are you refusing to answer the questions?

MR. TRUMBO. I will refuse to answer none of your questions, sir.

THE CHAIRMAN. Well, you are refusing to answer this question.

MR. TRUMBO. I am, indeed, not refusing to answer the question.

THE CHAIRMAN. I will ask you the question ----

MR. TRUMBO. You ask me.

THE CHAIRMAN. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. TRUMBO. I repeat ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Excuse the witness ----

MR. STRIPLING. Just a moment, Mr. Chairman ----

MR. TRUMBO. Am I excused?

MR. STRIPLING. I have more questions ----

MR. TRUMBO. Am I excused, or not?

THE CHAIRMAN. No ; just a minute. The chief investigator wants to ask some questions.

MR. STRIPLING. Just a moment. I have some other questions, Mr. Trumbo, that I would like to ask you. Are you now, or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. TRUMBO. Mr. Chairman, first I should like to know whether the quality of my last answer was acceptable, since I am still on the stand?

THE CHAIRMAN. This hasn't got anything to do with your answer to the last question.

MR. TRUMBO. I see.

THE CHAIRMAN. This is a new question, now.

MR. TRUMBO. I see.

Mr. Stripling, you must have some reason for asking this question ----

MR. MCDOWELL. Yes, we do.

MR. TRUMBO. You do.

I understand that members of the press have been given an alleged Communist Party card belonging to me — is that true?

MR. STRIPLING. That is not true.

THE CHAIRMAN. You are not asking the question ----

MR. TRUMBO. I was.

THE CHAIRMAN. The chief investigator is asking the questions.

MR. TRUMBO. I beg your pardon, sir.

THE CHAIRMAN. Are you or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. TRUMBO. I believe I have the right to be confronted with any evidence which supports this question. I should like to see what you have.

THE CHAIRMAN. Oh. Well, you would !

MR. TRUMBO. Yes.

THE CHAIRMAN. Well, you will, pretty soon.

(Laughter and applause.)

THE CHAIRMAN (pounding gavel). The witness is excused. Impossible.

MR. TRUMBO. This is the beginning ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Just a minute ----

MR. TRUMBO. Of an American concentration camp.

THE CHAIRMAN. This is typical Communist tactics. This is typical Communist tactics. [Pounding gavel.]

(Applause.)

THE CHAIRMAN. Now, there will be no demonstration from the persons in the audience. People in the audience are the guests of this committee. This is a congressional committee and we must maintain order. Those standing up or walking around will please sit down.

**TESTIMONY OF ALBERT MALTZ
(ACCOMPANIED BY ROBERT W. KENNY AND BARTLEY CRUM)**

MR. STRIPLING. Mr. Maltz, will you state your full name and present address for the record, please?

MR. MALTZ. My name is Albert Maltz. I live at 6526 Linden Hurst Avenue. Los Angeles.

Mr. Chairman, I would like the privilege of making a statement, please.

THE CHAIRMAN. Do you have a prepared statement?

MR. MALTZ. I have a prepared statement.

THE CHAIRMAN. May we see it, please?

MR. MALTZ. May I ask whether you asked Mr. Gerald L. K. Smith to see his statement before you allowed him to read it?

THE CHAIRMAN. I wasn't chairman at that time.

MR. MALTZ. Nevertheless you were on the committee, Mr. Thomas, were you not?

THE CHAIRMAN. I asked him a great many questions and he had a hard time answering some of them, too.

MR. MALTZ. I am interested in that, but I still would like to know whether he had his statement read before he was permitted to read it.

THE CHAIRMAN. Well, we will look at yours.

MR. MALTZ. I gather that you don't want to answer my question, Mr. Chairman.

(After a pause)

THE CHAIRMAN. Mr. Maltz, the committee is unanimous in permitting you to read the statement.

MR. MALTZ. Thank you.

I am an American and I believe there is no more proud word in the vocabulary of man. I am a novelist and a screen writer and I have produced a certain body of work in the past 15 years. As with any other writer, what I have written has come from the total fabric of my life — my birth in this land, our schools and games, our atmosphere of freedom, our tradition of inquiry, criticism, discussion, tolerance. Whatever I am, America has made me. And I, in turn, possess no loyalty as great as the one I have to this land, to the economic and social welfare of its people, to the perpetuation and development of its democratic way of life.

Now at the age of 39, I am commanded to appear before the House Committee on Un-American Activities. For a full week this committee has encouraged an assortment of well-rehearsed witnesses to testify that I and others are subversive and un-American. It has refused us the opportunity that any pickpocket receives in a magistrate's court — the right to cross-examine these witnesses, to refute their testimony, to reveal their motives, their history, and who exactly, they are. Furthermore it grants these witnesses congressional immunity so that we may not sue them for libel for their slanders.

I maintain that this is an evil and vicious procedure; that it is legally unjust and morally indecent — and that it places in danger every other American, since if the rights of any one citizen can be invaded, then the constitutional guaranties of every other American have been subverted and no one is any longer protected from official tyranny.

What is it about me that this committee wishes to destroy? My writings? Very well, let us refer to them.

My novel, *The Cross and the Arrow*, was issued in a special edition of 140,000 copies by a wartime Government agency, the armed services edition, for American servicemen abroad.

My short stories have been reprinted in over 30 anthologies, by as many American publishers — all subversive, no doubt.

My film, *The Pride of the Marines*, was premiered in 28 cities at Guadalcanal Day banquets under the auspices of the United States Marine Corps.

Another film, *Destination Tokyo*, was premiered aboard a United States submarine and was adopted by the Navy as an official training film.

My short film, *The House I Live In*, was given a special award by the Academy of Motion Picture Arts and Sciences for its contribution to racial tolerance.

My short story, *The Happiest Man on Earth*, won the 1938 O. Henry Memorial Award for the best American short story.

This, then, is the body of work for which this committee urges I be blacklisted in the film industry — and tomorrow, if it has its way in the publishing and magazine fields also.

By cold censorship, if not legislation, I must not be allowed to write. Will this censorship stop with me? Or with the others now singled out for attack? If it requires acceptance of the ideas of this committee to remain immune from the brand of un-Americanism, then who is ultimately safe from this committee except members of the Ku Klux Klan?

Why else does this committee now seek to destroy me and others? Because of our ideas, unquestionably. In 1801, when he was President of the United States, Thomas Jefferson wrote:

Opinion, and the just maintenance of it, shall never be a crime in my view; nor bring injury to the individual.

But a few years ago, in the course of one of the hearings of this committee. Congressman J. Parnell Thomas said, and I quote from the official transcript :

I just want to say this now, that it seems that the New Deal is working along hand in glove with the Communist Party. The New Deal is either for the Communist Party or it is playing into the hands of the Communist Party.

Very well, then, here is the other reason why I and others have been commanded to appear before this committee — our ideas. In common with many Americans, I supported the New Deal. In common with many Americans I supported, against Mr. Thomas and Mr. Rankin, the antilynching bill. I opposed them in my support of OPA controls and emergency veteran housing and a fair employment practices law. I signed petitions for these measures, joined organizations that advocated them, contributed money, sometimes spoke from public platforms, and I will continue to do so. I will take my philosophy from Thomas Payne, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln, and I will not be dictated to or intimidated by men to whom the Ku Klux Klan, as a matter of committee record, is an acceptable American institution.

I state further that on many questions of public interest my opinions as a citizen have not always been in accord with the opinions of the majority. They are not now nor have my opinions ever been fixed and unchanging, nor are they now fixed and unchangeable; but, right or wrong, I claim and I insist upon my right to think freely and to speak freely; to join the Republican Party or the Communist Party, the Democratic or the Prohibition Party; to publish whatever I please; to fix my mind or change my mind, without dictation from anyone; to offer any criticism I think fitting of any public official or policy; to join whatever organizations I please, no matter what certain legislators may think of them. Above all, I challenge the

right of this committee to inquire into my political or religious beliefs, in any manner or degree, and I assert that not only the conduct of this committee but its very existence are a subversion of the Bill of Rights.

If I were a spokesman for General Franco, I would not be here today. I would rather be here. I would rather die than be a shabby American, groveling before men whose names are Thomas and Rankin, but who now carry out activities in America like those carried out in Germany by Goebbels and Himmler. The American people are going to have to choose between the Bill of Rights and the Thomas committee. They cannot have both. One or the other must be abolished in the immediate future.

THE CHAIRMAN. Mr. Stripling (pounding gavel).
Mr. Stripling.

MR. STRIPLING. Mr. Maltz, what is your occupation?

MR. MALTZ. I am a writer.

MR. STRIPLING. Are you employed in the motion-picture industry?

MR. MALTZ. I work in various fields of writing and I have sometimes accepted employment in the motion-picture industry.

MR. STRIPLING. Have you written the scripts for a number of pictures?

MR. MALTZ. It is a matter of public record that I have written scripts for certain motion pictures.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

THE CHAIRMAN. Louder, Mr. Stripling.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. MALTZ. Next you are going to ask me what religious group I belong to.

THE CHAIRMAN. No, no; we are not.

MR. MALTZ. And any such question as that ----

THE CHAIRMAN. I know.

MR. MALTZ. Is an obvious attempt to invade my rights under the Constitution.

MR. STRIPLING. Do you object to answering whether or not you are a member of the Screen Writers Guild?

MR. MALTZ. I have not objected to answering that question. On the contrary, I point out that next you are going to ask me whether or not I am a member of a certain religious group and suggest that I be blacklisted from an industry because I am a member of a group you don't like.

(The chairman pounds gavel.)

MR. STRIPLING. Mr. Maltz, do you decline to answer the question?

MR. MALTZ. I certainly do not decline to answer the question. I have answered the question.

MR. STRIPLING. I repeat, Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. MALTZ. And I repeat my answer, sir, that any such question is an obvious attempt to invade my list of organizations as an American citizen and I would be a shabby American if I didn't answer as I have.

MR. STRIPLING. Mr. Maltz, are you a member of the Communist Party?

MR. MALTZ. Next you are going to ask what my religious beliefs are.

MR. MCDOWELL. That is not answering the question.

MR. MALTZ. And you are going to insist before various members of the industry that since you do not like my religious beliefs I should not work in such industry. Any such question is quite irrelevant.

MR. STRIPLING. I repeat the question. Are you now or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. MALTZ. I have answered the question, Mr. Quisling. I am sorry. I want you to know ----

MR. MCDOWELL. I object to that statement.

THE CHAIRMAN. Excuse the witness. No more questions. Typical Communist line.

MR. STRIPLING. Just a moment, Mr. Chairman. Before the witness leaves the stand I would like for his counsel, Mr. Kenny, to take the stand for a moment.

THE CHAIRMAN. No. I want this witness to leave the stand, and then Mr. Kenny will take the stand.

MR. MALTZ. Let's go on with the rigged record.

(Witness excused.)

THE CHAIRMAN. Mr. Kenny, will you please take the stand? Raise your right hand, please.

MR. STRIPLING. Your right hand.

THE CHAIRMAN. Your right hand.

MR. CRUM. He cannot raise his right hand.

THE CHAIRMAN. He cannot?

MR. CRUM. No; he is crippled.

THE CHAIRMAN. Do you solemnly swear that the testimony you are about to give is the truth, the whole truth, and nothing but the truth?

MR. KENNY. I do.

THE CHAIRMAN. Sit down, please.

TESTIMONY OF ROBERT W. KENNY

THE CHAIRMAN. Mr. Kenny, the reason for calling you to the stand this afternoon is a newspaper article which appeared in this afternoon's Times-Herald. MR. KENNY. Yes; I saw that too.

THE CHAIRMAN. I would just like to read it to you so that you are sure you know what I am referring to:

Counsel for 19 "defense witnesses" in the House Reds-in-filmland investigation said today he would advise all his clients to invite prosecution by refusing to say whether they are Communists. * * *

Hollywood attorney Robert W. Kenny said he would also advise the other "to walk the plank."

Mr. Kenny, is that a correct quotation?

MR. KENNY. Well, Mr. Thomas, you put me in a doubly embarrassing position. As a former newspaperman I have always made it a practice never to disavow anything that is ever printed in a newspaper.

The other problem, of course, is the relationship between attorney and client and that is also a privileged situation.

I may say, however, that what I have said — and words are poor conveyors of meaning — is that the brief that I submitted to you and the other members of the committee has also been read by my clients and that I hoped that they would follow the law that is set out in that brief.

Now, if you recall the brief ----

THE CHAIRMAN. I recall the brief. What I want to know is, first, is that a correct quotation?

MR. KENNY. Well, I will have to say that it is not quite correct.

THE CHAIRMAN. Not quite correct?

MR. KENNY. But I have also said that what a witness does in his relation with this committee is a matter between the committee and the witness. The best that we lawyers can do is to give the client the best constitutional advice that we can. And that is exactly what I embraced in the brief, which recited that we felt that this committee was unconstitutional and illegal.

THE CHAIRMAN. All right. Here is what I am driving at. What I would like to know is did you advise your clients, who are to be witnesses here, three of whom have already taken the stand and refused to answer questions ----

MR. KENNY. Mr. Thomas, I am sure ----

THE CHAIRMAN. Did you advise your clients not to answer questions put to them by the committee or its chief investigator?

MR. KENNY. You are not a lawyer, Mr. Thomas, and, as I think your counsel, or someone, would advise you, that would be highly inappropriate. If there is one thing that is sacred in this country it is the matter of advice that a counsel gives his clients.

THE CHAIRMAN. Oh, yes.

MR. KENNY. I am sure you didn't intend to invade that.

THE CHAIRMAN. I appreciate that. I am not a lawyer; I admit that.

MR. KENNY. No.

THE CHAIRMAN. But I would like to know, as the chairman of a congressional committee, whether or not you, as the attorney for these witnesses, advised them not to answer questions put to them by this congressional committee or its chief investigator.

MR. KENNY. Mr. Thomas, I would be disgraced before every one of 100,000 lawyers in the United States if I answered that question. That is one thing that cannot be answered.

THE CHAIRMAN. Have you got the statute there, Mr. Stripling?

MR. STRIPLING. Yes.

THE CHAIRMAN. I would like to read the statute, because if you did give them that advice you would be doing everything you possibly could to frustrate the congressional committee, and you would be in more serious trouble than some of your witnesses.

MR. KENNY. Well. Mr. Thomas, I am not here to be lectured by this committee. I do think that it is the highest impropriety to ask a lawyer what advice he gave his client.

THE CHAIRMAN. I would like to read this statute.

MR. KENNY. Oh, yes; surely.

THE CHAIRMAN. This is Criminal Code section 37, Conspiring To Commit an Offense Against the United States :
If two or more persons conspire either to commit any offense against the United States or to defraud the United States, in any manner, or for any purpose, and one or more of such persons do any act to effect the object of the conspiracy, each of the parties to such conspiracy shall be fined not more than \$10,000 or imprisoned not more than 2 years or both.

Dated March 4, 1909.

Now, then, you say that this Times article is not a correct reporting?

MR. KENNY. Yes, Mr. Thomas. I had told you that I cannot, of course, tell you what advice I have given my clients. That is obviously, without being dramatic about it, that would be an invasion of one of the most sacred rights — like the right between a person who confesses and one who receives the confession, or a doctor and patient. Those are all the most privileged communications that we have.

THE CHAIRMAN. No, no. I am asking you now about a statement you made to the newspaper, not about a statement made to your clients.

MR. KENNY. That is right.

THE CHAIRMAN. Now it has to do with a statement made to the newspapers. Did you make this statement to the newspaper?

MR. KENNY. No. What I told the committee earlier was what I had said to the newspaper in response to an inquiry as to what the course would be taken by my clients, that my clients had all had an opportunity of reading the same brief that I had given to this committee, and that I hoped that my clients might have a higher respect for my legal learning than this committee has.

THE CHAIRMAN. I see; yes. Well, I hope they do. [Laughter.]
I still get back to the newspaper ----

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, may I interrupt?

THE CHAIRMAN. Just a moment.

MR. STRIPLING. It is the United Press.

THE CHAIRMAN. Still getting back to the newspaper article,
in what way is this article, has the article failed to report what
you said?

MR. KENNY. Well, I will have to examine it.

THE CHAIRMAN. The one I just read.

MR. KENNY. I will have to examine it, Mr. Thomas, please.

(After a pause:)

MR. KENNY. Well, this, as I say, puts me in the position of
disavowing a newspaperman; but newspapermen aren't all
lawyers; some ex-newspapermen are — and I did not say that
I would advise my clients to invite prosecution. That is the first
paragraph. That is simply something that I did not advise my
clients at all.

THE CHAIRMAN. You didn't?

MR. KENNY. Because I think my clients have all behaved
themselves in a manner that would not invite a successful
prosecution.

Now, let's see the next paragraph. That doesn't refer to me.
Kenny said —

Pardon me. You will pardon the expression — he also would
advise the other 18 "to walk the plank."

Well now, what I undoubtedly did say is that they are probably going to be invited to walk the plank. I don't advise anybody to walk any plank. I am not that bad a lawyer.

THE CHAIRMAN. I will tell you, Mr. Kenny, as chairman, I want to let you know that you squirmed out of this one temporarily, but if the committee should determine that is a violation of this Conspiracy Act, then the committee will take under consideration referring the matter to the United States attorney.

MR. KENNY. That is right, Mr. Thomas. I might say that the committee has squirmed out of one too, because I am sure that committee did not intend to invade the sacred province of relationship between attorney and client.

THE CHAIRMAN. Oh, no; and neither would you want to commit conspiracy.

MR. KENNY. Neither one of us are intimidated; is that right, Mr. Chairman?

THE CHAIRMAN. We will have the next witness.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, I think we should get the record straight as to the extensive Communist record of Mr. Maltz before we proceed any further.

MR. KENNY. I wonder, Mr. Chairman, if there will be an opportunity somewhere along for counsel to register an objection and a motion to strike the testimony concerning these dossiers of the witness Maltz, the witness Lawson, the witness Trumbo, who have appeared already, on the ground that they are hearsay?

THE CHAIRMAN. When we hear all of these witnesses — I think there are 18 or 19; I think maybe you are losing a couple — but anyway, 18 or 19, when we have heard all of them, and we have got these dossiers, as you call them, well fixed in the record, we will be very pleased to have you make a motion.

MR. CRUM. Thank you.

MR. KENNY. May I at that time argue it rather fully and orally?

THE CHAIRMAN. Oh, fully.

Mr. Stripling, proceed.

TESTIMONY OF ALVAH BESSIE

THE CHAIRMAN. Sit down, please.

MR. BESSIE. Mr. Chairman, I also have a statement I would like to read to this committee if you would like to examine it, or would you prefer to have me read it?

THE CHAIRMAN. We will be pleased to examine it. First, I think Mr. Stripling ought to identify the witness.

MR. STRIPLING. Mr. Bessie, will you state your full name and present address for the record, please?

MR. BESSIE. My name is Alvah Bessie and I live at 369 South Crescent Drive, Beverly Hills, Calif.

MR. STRIPLING. When and where were you born, Mr. Bessie?

MR. BESSIE. I was born in New York City on June 4, 1904.

MR. STRIPLING. Are you here before the committee in response to a subpoena which was served upon you on September 18, calling for your appearance before the committee on October 23?

MR. BESSIE. I am.

MR. STRIPLING. Did you receive a telegram dated October 11, addressed to you, Mr. Alvah Bessie, 369 South Crescent Drive, Beverly Hills, Calif., which read as follows :

In response to the subpoena served upon you summoning you to appear before the Committee on Un-American Activities, United States House of Representatives, Washington, D. C, on October 23, you are hereby directed to appear on October 27, instead of October 23. at the hour of 10:30 a. m., room 226, Old House Office Building, Washington, D. C.

Signed, "J. Parnell Thomas, chairman."

MR. BESSIE. I did.

MR. STRIPLING. You are here in response to the subpoena and the summons ----

MR. BESSIE. I am.

MR. STRIPLING. In the form of a telegram from the chairman?

MR. BESSIE. I would like to ask about my statement at this point. May I be permitted to read the statement?

MR. STRIPLING. Just a moment, Mr. Bessie; the committee is considering the statement.

MR. KENNEY. Do you have a copy of it?

MR. BESSIE. I have another copy of it.

THE CHAIRMAN. Mr. Bessie, while there is some doubt that your statement is pertinent to the inquiry, as will be very evident when you read it ----

MR. BESSIE. I would still like to have permission to read it.

THE CHAIRMAN. Just a minute. Nevertheless, the committee is willing that you read the statement. We are just wondering, in order to save time, if you couldn't read the first couple of paragraphs and then let us put it in the record at this point, just as we did with the record of Mr. Maltz.

MR. BESSIE. In accordance with your request, I will read the first two paragraphs and the last two.

THE CHAIRMAN. That is fine. Thank you very much. Proceed.

MR. BESSIE. It is my understanding of the first amendment to our Constitution that it expressly forbids Congress to pass any law which shall abridge freedom of speech or of opinion. And it is my understanding of the function of congressional committees that they are set up by the Congress for the express purpose of inquiring into matter that may lead to the initiation of legislation in the Congress.

Now either the Constitution and its Bill of Rights mean what they say or they do not mean what they say. Either the first amendment is binding upon Congress and all legislative bodies of our Government, or it means nothing at all. I cannot agree with this so-called committee in its implied belief that the Bill of Rights means whatever this body chooses it to mean, or is applicable only to those with whose opinions this committee is in agreement.

Those are the first two paragraphs. Now, the last two paragraphs. In calling me from my home this body hopes also to rake over the smoldering embers of the war that was fought in Spain

from 1938 to 1939. This body, in all its previous manifestations, is on record as believing that support of the Spanish Republic was and is subversive, un-American, and Communist-inspired. That lie was originally spawned by Hitler and Franco, and the majority of the American people — in fact, the majority of the people of the world — never believed it. And I want it on the record at this point that I not only supported the Spanish Republic but that it was my high privilege and the greatest honor I have ever enjoyed to have been a volunteer soldier in the ranks of its International Brigades throughout 1938. And I shall continue to support the Spanish Republic until the Spanish people in their majesty and power remove Francisco Franco and all his supporters and reestablish the legal government Franco and his Nazi and Italian Fascist soldiers overthrew.

The understanding that led me to fight in Spain for that republic, and my experience in that war, teach me that this committee is engaged in precisely the identical activities engaged in by un-Spanish committees, un-German committees, and un-Italian committees which preceded it in every country which eventually succumbed to fascism. I will never aid or abet such a committee in its patent attempt to foster the sort of intimidation and terror that is the inevitable precursor of a Fascist regime. And I therefore restate my conviction that this body has no legal authority to pry into the mind or activities of any American who believes, as I do, in the Constitution, and who is willing at any time to fight to preserve it— as I fought to preserve it in Spain.

THE CHAIRMAN. And now, Mr. Bessie, in accordance with our agreement, the whole statement will be placed in the record.

MR. BESSIE. Thank you.

(The statement is as follows:)

STATEMENT OF ALVAH BESSIE TO THE HOUSE COMMITTEE
ON UN-AMERICAN ACTIVITIES

It is my understanding of the first amendment to our Constitution that it expressly forbids Congress to pass any law which shall abridge freedom of speech or of opinion. And it is my understanding of the function of congressional committees that they are set up by the Congress for the express purpose of inquiring into matter that may lead to "the initiation of legislation in the Congress.


Now either the Constitution and its Bill of Rights mean what they say or they do not mean what they say. Either the first amendment is binding upon Congress and all legislative bodies of our Government or it means nothing at all. I cannot agree with this so-called committee in its implied belief that the Bill of Rights means whatever this body chooses it to mean, or it is applicable only to those with whose opinions and activities this committee is in agreement.

I am not in agreement with the opinions, activities, or objectives of this committee or any committee remotely resembling it. And since the only legislation this committee could possibly initiate would automatically abridge freedom of speech and opinion, and would therefore be automatically unconstitutional, I have come to the conclusion, that will eventually be borne out by events, that this body is totally unconstitutional and without power to inquire into anything I think, believe, uphold, and cherish, or anything I have ever written or said, or any organization I have ever joined or failed to join.

As a one-time newspaperman I have been deeply interested in the mounting reaction of disapproval by the press of the Nation of the activities of this committee. When the conservative New York Herald Tribune can say " * * * the beliefs of men and women who write for the screen are, like the beliefs of any ordinary men or women, everybody's business but

their own, as the Bill of Rights mentions. Neither Mr. Thomas nor the Congress in which he sits is empowered to dictate what Americans shall think * * * ; and when the Washington Post can state that this " * * * supercolossal Hollywood investigation is [intended] to intimidate and coerce the industry into an even more rigid acceptance of Mr. Thomas' concepts of Americanism * * * " ; and when the Chicago Times can say, "Of course, the real object of Chairman Thomas and the reactionary Republican majority of the House Un-American Activities Committee is not primarily to uncover subversive influences in Hollywood. It is to smear New Dealers and whatever their progressive successors may be called * * * " — then it is not difficult for any intelligent person to realize that if this investigation is permitted to achieve its immediate objective, it will not hesitate to move on from the motion-picture industry it has emasculated, to the throttling of the press, the radio, the theater, and the book publishers of America. We saw this pattern at work before, in Hitler's Germany, and we understand it thoroughly. The true purpose of this Committee on Un-American Activities is to provide the atmosphere and to act as the spearhead for the really un-American forces preparing a Fascist America.

In calling me from my home this body hopes also to rake over the smoldering embers of the war that was fought in Spain in 1938 to 1930. This body in all its previous manifestations is on record as believing that support of the Spanish Republic was and is subversive, un-American, and Communist-inspired. That lie was originally spawned by Hitler and Franco, and the majority of the American people — in fact, the majority of the people of the world — never believed it. And I want it on the record at this point that I not only supported the Spanish Republic but that it was my high privilege and the greatest honor I have ever enjoyed to have been a volunteer soldier in the ranks of its International Brigades throughout 1938.



And I shall continue to support the Spanish Republic until the Spanish people in the majesty and power remove Francisco Franco and all his supporters and reestablish the legal government Franco and his Nazi and Italian Fascist soldiers overthrew. The understanding that led me to fight in Spain for that republic, and my experience in that war, teach me that this committee is engaged in precisely the identical activities engaged in by un-Spanish committees, un-German committees, and un-Italian committees which preceded it in every country which eventually succumbed to fascism. I will never aid or abet such a committee in its patent attempt to foster the sort of intimidation and terror that is the inevitable precursor of a Fascist regime. And I therefore restate my conviction that this body has no legal authority to pry into the mind or activities of any American who believes, as I do, in the Constitution, and who is willing at any time to fight to preserve it — as I fought to preserve it in Spain.

THE CHAIRMAN. Mr. Stripling.

MR. STRIPLING. Mr. Bessie, I am going to address certain questions to you and I hope you will give me a responsive answer.

MR. BESSIE. I will do my best.

MR. STRIPLING. What is your occupation?

MR. BESSIE. I am a writer.

MR. STRIPLING. Have you ever been employed in the motion-picture industry?

MR. BESSIE. I have been employed on and off in the motion-picture industry since January 1943.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. BESSIE. This is the same sort of a question that was asked of other witnesses. It involves a question of my association.

MR. STRIPLING. Do you refuse to answer the question?

MR. BESSIE. I have not refused to answer the question, but I must answer the question in the only way in which I know how, and that is, that I believe that such a question violates my right of association and is not properly falling — I do not believe it falls properly within the scope of this committee's inquiry.

MR. STRIPLING. We will move on to the \$64 question, Mr. Bessie.

Are you now or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. BESSIE. Mr. Stripling and gentlemen of the committee, unless it has been changed since yesterday in our country, we have a secret ballot; and I do not believe this committee has any more right to inquire into my political affiliations than I believe an election official has the right to go into the voting booth and examine the ballot which has been marked by the voter. General Eisenhower himself has refused to reveal his political affiliations, and what is good enough for General Eisenhower is good enough for me.

MR. STRIPLING. Mr. Bessie, this committee has officially found that the Communist Party in the United States is not a political party but is, in fact, the agent of a foreign government. I will ask you again: Are you now, or have you ever been, a member of the Communist Party?

MR. BESSIE. Mr. Stripling, if you did not understand the answer to my question ---

MR. STRIPLING. I understood your answer.

MR. BESSIE. I suggest you have the secretary read it back to you.

MR. STRIPLING. Mr. Bessie, there have been charges made before this committee that you are a Communist. I didn't notice anywhere in your statement that you denied that charge. You are now being given an opportunity to deny whether or not you are a member of the Communist Party. You have not answered whether or not you are a member of the Communist Party.

MR. BESSIE. In the statement which you were kind enough to permit me to read, I stated I stand on the Bill of Rights on this issue; and I think either the Bill of Rights means something or it doesn't; and if it doesn't mean anything, it is news to me, and I think it would be great news to the majority of the American people.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, I ask you to direct the witness to answer the question whether or not he is now or has ever been a member of the Communist Party, which is the essence of this entire matter.

THE CHAIRMAN. Mr. Bessie, in order to save a lot of time, we would like to know whether you are or have ever been a member of the Communist Party. We would like a very frank answer. You can answer it "yes" or "no" ; or if you don't care to answer it, just say so.

MR. BESSIE. Mr. Thomas, with whatever respect is due this committee, I now state I have given you my answer to this question. I have not attempted to evade the question. I have given you the answer to the questions, according to my understanding: of what protections are offered the American people, and I object violently to the procedure this committee engages in, in an attempt to make people state what they think,

believe, with whom they associate, whom they go to dinner with, or what have you.

THE CHAIRMAN. The only part of your answer I can remember is that part about General Eisenhower; and I don't think that is a ----

MR. BESSIE. May I ask if you would have General Eisenhower here and ask him --

MR. STRIPLING. Just a minute.

THE CHAIRMAN. Just a minute.

MR. BESSIE. And ask him whether he is a member of the Republican or Democratic Party.

THE CHAIRMAN. I don't think that was a responsive answer to the question. What we are attempting to do — what this committee of Congress is attempting to do — is to ascertain the extent of Communist infiltration in the moving-picture industry.

MR. BESSIE. I don't believe that that is what this committee is trying to do.

THE CHAIRMAN. Just a minute ----

MR. BESSIE. I believe what this committee is trying to do ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. BESSIE. Is to do exactly the same thing ----

THE CHAIRMAN. I am telling you what the committee is trying to do. We know exactly what the committee is trying to do.

MR. BESSIE. I have my own opinion of it.

THE CHAIRMAN. That is all right; you can have any opinion you want.

MR. BESSIE. Thank you.

THE CHAIRMAN. The committee would like to know now whether you have ever been a member of the Communist Party or whether you are a member of the Communist Party now?

MR. BESSIE. I have given you several answers to that question, and that is the best I can do for you, Mr. Chairman.

THE CHAIRMAN. Then do you ----

MR. BESSIE. Because I believe you are violating my rights as an American citizen.

THE CHAIRMAN. So you refuse?

MR. BESSIE. I am not refusing. I have told you that is the answer I have given you. The answer is now recorded several times. I don't believe you have the right to ask this question of anybody.

THE CHAIRMAN. It is very apparent you are following the same line of these other witnesses.

MR. BESSIE. I am following no line ----

THE CHAIRMAN (continuing). Which is definitely the Communist line.

MR. BESSIE. I am using my own head, which I am privileged to do.

THE CHAIRMAN. You are excused. If you want to make a speech, go out here under a big tree.

MR. BESSIE. Thank you. [Laughter.]

THE CHAIRMAN (pounding gavel). May we have order, please.

Go ahead, Mr. Stripling.

Mr. Stripling, before you start, I just want to make one observation for the committee. I am very definite in this, to. It is my belief that if General Eisenhower were a witness before this committee and he was asked the question "Are you a member of the Communist Party?" he would not only be very responsive to the question, but he would be absolutely insulted, and solely for this reason: A great man like General Eisenhower would not ever think or dream or stoop to ever being a low-down Communist. Go ahead. [Loud applause.]

HEARINGS REGARDING THE COMMUNIST INFILTRATION OF THE MOTION-PICTURE INDUSTRY

WEDNESDAY, OCTOBER 29, 1947

House of Representatives,
Committee on Un-American Activities,
Washington D. C.

The committee met at 10 : 30 a. m., Hon. J. Parnell Thomas (chairman) presiding.

THE CHAIRMAN. The meeting will come to order. The record will show that a subcommittee is sitting, with Mr. McDowell, Mr. Vail, and Mr. Thomas present.

Staff members present: Mr. Robert E. Stripling, chief investigator; Messrs. Louis J. Russell, H. A. Smith, Robert B. Gaston, investigators; and Mr. Benjamin Mandel, director of research.

Now, the Chair at this point would like to make a brief recapitulation with reference to the committee's investigation of Communist influences in the motion-picture industry.

Responding to the demand of the people, the present Committee on Un-American Activities made a preliminary investigation which produced ample evidence that a full-scale investigation was in order of the extent of Communist infiltration in Hollywood.

This committee has utilized the services of trained investigators, all former FBI agents, to assemble this evidence in this manner.

The committee's authority to conduct such an investigation, under authority of Public Law 601, is crystal clear.

We have not violated and we are not violating the rights of any American citizen, not even the rights of the Communists whose first allegiance is to a foreign government. The committee is well aware that powerful influences have sought in every manner to divert this committee from its main course of inquiry.

I am proud to say that this committee has not been swayed, intimidated, or influenced by either Hollywood glamor, pressure groups, threats, ridicule, or high-pressure tactics on the part of high-paid puppets and apologists for certain elements of the motion-picture industry.

The people are going to get the facts, just as I announced on the opening day.

This committee has now been sitting for 7 days. Last week we had before us 20 witnesses, all of whom had been subpoenaed, all of whom were tops in their profession, and all from Hollywood. They are among our most prominent producers, directors, writers, and actors.

Their names stand high, not only in Hollywood, but throughout the world, as great entertainers and producers of entertainment. They certainly had more at stake in Hollywood than some of the actors who have descended upon Washington, with stars and starlets to bowl over a committee of the Congress of the United States who dared to put the spotlight on the Communist foreign agents operating within their very industry.

These prominent Americans who appeared the first week, all from the industry, are the ones who leveled the charges; it wasn't the committee.

And now, in the second week, when those who have been accused publicly, openly, of being Communists and of

attempting to utilize the motion picture for the furtherance of a ruthless dictatorship, have they come before this committee and answered these charges? No.

They have come as Communists always do and scream, "Bill of Rights," "Constitution," and vilify those who would seek to expose them.

There can be no doubt in anyone's mind who has attended these meetings that Mr. Lawson, Mr. Trumbo, Mr. Bessie, and Mr. Maltz are Communists. They have been Communists for a long while and they will continue to be Communists, serving not the best interests of the United States, but the best interests of a foreign government.

Oh, yes, the paid apologists for these people have employed full-page ads in an effort to distort and to divert the beam of exposure which they saw was descending upon them from this committee. This is to state to the American people and to everyone concerned that this beam is not going to be turned off or shut off until all the Communists in Hollywood are exposed.

Mr. Stripling, call the next witness.

MR. STRIPLING. Samuel Ornitz.

THE CHAIRMAN. Who?

MR. STRIPLING. Mr. Samuel Ornitz.

THE CHAIRMAN. Mr. Ornitz.

Mr. Ornitz, raise your right hand, please.

Do you solemnly swear that the testimony you are about to give is the truth, the whole truth, and nothing but the truth, so help you God?

MR. ORNITZ. I do.

THE CHAIRMAN. Sit down, please.

TESTIMONY OF SAMUEL ORNITZ

MR. STRIPLING. Mr. Ornitz, will you please state your full name and present address?

MR. ORNITZ. Samuel Ornitz, 1044 South Redondo Boulevard, Los Angeles.

MR. STRIPLING. When and where were you born, Mr. Ornitz?

MR. ORNITZ. New York City, November 15, 1890.

MR. STRIPLING. What is your occupation?

MR. ORNITZ. I am a writer.

I wish the opportunity to make a statement ----

THE CHAIRMAN. Now, just be identified, please.

MR. ORNITZ. Yes, sir.

MR. STRIPLING. That is sufficient identification, Mr. Chairman. At this point, if he has a statement ----

THE CHAIRMAN. We would like to see the statement.

MR. STRIPLING. Do you have a copy?

MR. CRUM. Yes.

THE CHAIRMAN. We want to see the statement, to see if it is pertinent to the inquiry, and also whether it answers the charges that have been leveled against you.

(Statement handed to the chairman.)

MR. MCDOWELL. I wouldn't have any part of it.

THE CHAIRMAN. Mr. Ornitz, this statement is clearly out of order. It is not at all pertinent. It is just another case of vilification, and the statement will not be read by you.

MR. ORNITZ. I beg to differ with the chairman ----

MR. STRIPLING. Mr. ----

MR. ORNITZ. This statement is particularly pertinent ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. ORNITZ. In that I am accused ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Just a minute ----

MR. ORNITZ. Here ----

THE CHAIRMAN. Ask another question ----

MR. ORNITZ. I beg your pardon ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Ask another question ----

MR. STRIPLING. Mr. Ornitz ----

MR. ORNITZ. I accuse the members of this committee of being ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). You will not accuse anybody ----

MR. ORNITZ. I do accuse them ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Step aside from the witness stand ----

MR. STRIPLING. Just a moment, Mr. Chairman.

Mr. Ornitz, you are here before this committee in response to a subpoena; are you not?

MR. ORNITZ. I am.

MR. STRIPLING. A subpoena which was served upon you on September 25; is that correct?

MR. ORNITZ. Correct.

MR. STRIPLING. You are also here in response to a telegram which was sent to you by the chairman on October 11; is that correct?

MR. ORNITZ. That is correct.

MR. STRIPLING. You were subpoenaed here for the purpose of submitting yourself to questioning by the Committee on Un-American Activities?

MR. ORNITZ. I am.

MR. STRIPLING. Certain questions will be directed to you. You are expected to answer those questions.

MR. ORNITZ. I am prepared to answer them.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. ORNITZ. I wish to reply to that question by saying that this involves a serious question of conscience for me.

THE CHAIRMAN. Conscience?

MR. ORNITZ. Conscience, sir, conscience.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. ORNITZ. I am replying to that question to the best of my ability and in spite of the interruptions.

MR. MCDOWELL. Well, are you a member? That is the thing.

MR. ORNITZ. If I may reply to it in less detail than our chairman did this morning, in practicing intimidation, as he has practiced it continually during this hearing ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, this has nothing to do with the question — the answer the witness has given.

MR. ORNITZ. I have tried to answer this question several times now. I will make another attempt.

MR. STRIPLING. It is a very simple question, Mr. Ornitz. Are you or are you not a member of the Screen Writers Guild?

MR. ORNITZ. The question of conscience and constitutional rights are not simple matters to me.

MR. STRIPLING. It has nothing to do with conscience or constitutional rights, Mr. Ornitz.

MR. ORNITZ. If you will let me answer your question, I will establish that.

Kindly let me answer the question. I am asking this as a citizen and taxpayer of representatives of my Government, to let me answer the question conscientiously. I say you do raise a serious question of conscience for me when you ask me to act in concert with you to override the Constitution.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman ----

MR. ORNITZ. Wait a minute. Let me answer the question ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. STRIPLING. Just a minute.

THE CHAIRMAN, Ask the next question.

MR. MCDOWELL. Ask the next question.

MR. ORNITZ. You are asking me to violate a constitutional guaranty.

MR. STRIPLING. It does not involve a constitutional guaranty.

MR. ORNITZ. It does.

THE CHAIRMAN (pounding gavel.) Mr. Stripling, ask the next question.

MR. ORNITZ. I want to answer this question. It is against the Constitution ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Ask the next question.

MR. STRIPLING. You have refused to answer the question.

MR. ORNITZ. I have not refused. I have not been allowed to finish my answer. It is against the Constitution to ask me to reveal — not to reveal, but to state, to violate the sanctity of association.

MR. MCDOWELL. Ask the next question.

MR. STRIPLING. Mr. Ornitz, you stated that you were a writer. The Screen Writers Guild is a recognized union or guild within the motion-picture industry. Certainly there could be nothing compromising by answering whether or not you are a member of that guild. You are not ashamed of being a member of the guild; are you?

MR. ORNITZ. I have wanted to answer the question, in my way, and not your way.

MR. STRIPLING. Yes. I am quite aware of that — that you don't want to answer it.

Now, Mr. Ornitz, I will ask you this question ----

MR. ORNITZ. I do want to answer ----

MR. STRIPLING. Are you now, or have you ever been a member of the Communist Party of the United States?

MR. ORNITZ. I wish to state to you that my political affiliations, like my religious affiliation, is a matter fully guaranteed by the Constitution. I can belong to any party that I see fit to join, and you have no right to inquire into ----

MR. STRIPLING. Even though that party may be affiliated with a foreign government and directed by a foreign government?

MR. ORNITZ. That is a loaded question, and I will not fall for it.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). All right; the witness ----

MR. STRIPLING. Are you a member of the Communist Party?

MR. ORNITZ. I have replied to that. You have no right to ask me that question.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). The witness is through.

MR. ORNITZ. I wish ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Stand aside.

MR. ORNITZ. I wish to repeat ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Stand away.

The next witness. Go ahead. All right; next witness.

TESTIMONY OF HERBERT BIBERMAN

MR. STRIPLING. Mr. Biberman, will you state your full name and present address, please?

MR. BIBERMAN. Herbert Joseph Biberman, 3259 Deronda Drive, Hollywood, Calif.

MR. STRIPLING. When and where were you born, Mr. Biberman?

MR. BIBERMAN. I was born within a stone's throw of Independence Hall in Philadelphia, on the day when Mr. McKinley was inaugurated as President of the United States, March 4, 1900, on the second floor of a building at Sixth and South, over a grocery store.

MR. STRIPLING. Mr. Biberman, would you assure the committee that you will be as detailed and specific in all your answers?

MR. BIBERMAN. I assure you I will be as detailed and specific in answers to any questions you direct at me.

Mr. Chairman, I have a statement here which I feel has the greatest relevance to the subject of this inquiry and to the chairman's remark of this morning.

THE CHAIRMAN. Have you fully identified this witness?

MR. BIBERMAN. I would ----

THE CHAIRMAN (sounding gavel). Just a minute. Have you fully identified this witness?

MR. STRIPLING. No, sir; I haven't.

THE CHAIRMAN. Then continue to identify him.

MR. STRIPLING. What is your occupation?

MR. BIBERMAN. I am a director, a producer, and a writer — in the theater in the past and in motion pictures at present.

MR. STRIPLING. How long have you been in the motion-picture industry?

MR. BIBERMAN. Since 1935, January 2.

MR. STRIPLING. You have been a writer?

MR. BIBERMAN. I have been a writer.

MR. STRIPLING. Have you been a member of the Screen Writers' Guild?

MR. BIBERMAN. Mr. Chairman, I have a statement here I ask you to look at. Would you kindly do that now?

(Statement handed to the chairman.)

THE CHAIRMAN. Mr. Biberman, this statement is clearly not pertinent. If another case ----

MR. BIBERMAN. You mean because it is directly on the subject, Mr. Chairman?

THE CHAIRMAN. It is another case of vilification, and therefore will not be read.

MR. BIBERMAN. There is no vilification in this statement. I feel your refusal to allow me to read it is a shameful and cowardly act.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Next question, Mr. Stripling.

MR. STRIPLING. Mr. Biberman, are you a member of the Screen Writers' Guild or have you ever been a member of the Screen Writers' Guild?

MR. BIBERMAN. Mr. Stripling, I would like to reply to this very quietly — Mr. Chairman, also. If I will not be interrupted, I will attempt to give you a full answer to this question. It has become very clear to me that the real purpose of this investigation ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). That is not an answer to the question ----

MR. BIBERMAN. Is to drive a wedge ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). That is not the question.
(Pounding gavel.)

MR. BIBERMAN. Into the component parts ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Not the question ----

MR. BIBERMAN. Of the motion-picture industry.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Ask him the next question.

MR. BIBERMAN. And by defending my constitutional rights here I am defending --

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Go ahead and ask him the next question.

MR. BIBERMAN. The right not only of ourselves ----

MR. STRIPLING. Are you a member ----

MR. BIBERMAN. But of the producers and of the American people.

MR. STRIPLING. Of the Communist Party?

THE CHAIRMAN. Are you a member of the Communist Party or have you ever been?

MR. STRIPLING. Are you a member ----

MR. BIBERMAN. What is the question now?

MR. STRIPLING. Are you now or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. BIBERMAN. It is perfectly clear, gentlemen, that if you continue in this particular fashion ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, will you direct the witness ----

MR. BIBERMAN. You have only one idea ----

MR. STRIPLING. To answer the question?

THE CHAIRMAN. Answer the question.

MR. BIBERMAN. And that is to cause strife in the industry ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). You are excused ----

MR. BIBERMAN. Chaos in the industry, and this I will not permit.

MR. STRIPLING. Will you direct the witness to answer that question before he leaves the stand?

MR. BIBERMAN. I have not refused to answer the question. I told you before I will answer this question fully.

MR. STRIPLING. My. Biberman ----

MR. BIBERMAN. Your purpose is to use this to disrupt the motion- picture industry ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. BIBERMAN. To invade the right not only of me ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. BIBERMAN. But of the producers ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. BIBERMAN. To their thoughts and to their opinions ----

(The chairman pounds gavel.)

MR. BIBERMAN. And this I will not permit.

MR. STRIPLING. Do you refuse to answer whether or not you are now or have ever been a member of the Communist Party?

MR. BIBERMAN. Mr. Stripling, I apologize for one thing and that is raising my voice. I had no intention of doing so. [Laughter.]

I told you many times, if you will not interrupt me, I will answer this question at great length. Shall I proceed with answering this question?

THE CHAIRMAN. No. You can answer the question "Yes" or "No". That is a very simple question.

MR. BIBERMAN. Mr. Chairman, I would be very suspicious of any answer that came out of my mouth that pleased this committee.

MR. STRIPLING. I would, too.

THE CHAIRMAN (pounding gavel). All right, you are excused. Take him away.

**TESTIMONY OF EDWARD DMYTRYK,
ACCOMPANIED BY MR. KENNY AND MR. CRUM**

MR. STRIPLING. Mr. Dmytryk, will you state your full name and present address, please.

MR. DMYTRYK. Edward Dmytryk; my address is 9361 Olympic Boulevard, Beverley Hills, Calif.

MR. STRIPLING. When and where were you born?

MR. DMYTRYK. I was born on September 4, 1908, in Grand Forks, British Columbia, Canada.

MR. STRIPLING. When and how did you become a citizen of the United States?

MR. DMYTRYK. I was nationalized in 1939 in Los Angeles.

MR. STRIPLING. What is your occupation?

MR. DMYTRYK. I am a motion-picture director,

MR. STRIPLING. How long have you been acting in that occupation?

MR. DMYTRYK. Well, I have been a director since 1939. However, I first entered motion pictures early in 1923.

MR. STRIPLING. With what studios are you now associated?

MR. DMYTRYK. I am with R. K. O.

MR. STRIPLING. What studios were you associated with in the past?

MR. DMYTRYK. I have worked at Universal. Most of my years were spent at Paramount.

MR. STRIPLING. Would you give the committee the names of some of the pictures you have directed?

MR. DMYTRYK. Mr. Chairman, I have a statement here that I would like to make. The names of some of the pictures I have directed are included in here. May I please make this statement?

MR. CRUM. Show it to the chairman.

THE CHAIRMAN. Let me see the statement. [After a pause.] This statement is typical of the other statements that we have inspected. It is not at all pertinent to this inquiry. Therefore, the Chair rules it cannot be read.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, will you let the record show the membership of the committee, please?

MR. DMYTRYK. Mr. Chairman

THE CHAIRMAN. Just a minute. This committee is just in recess over this morning's hearing. Therefore, it is not necessary to show the membership present at this time,

MR. STRIPLING. Mr. Dmytryk, you are here in response to a subpoena served upon you on September 19 ; is that true?

MR. DMYTRYK. Yes; I am.

MR. STRIPLING. And also in response to a telegram which the chairman sent you on October 11 ; is that correct?

MR. DMYTRYK. Yes.

Mr. Chairman, I feel that since this statement concerns the questions which have been brought up here as to the effect of this investigation ----

THE CHAIRMAN. The Chair has ruled that the statement was not pertinent at all. The chief investigator will ask questions, and you will please answer them.

MR. DMYTRYK. All right.

MR. STRIPLING. Mr. Dmytryk, are you a member of the Screen Directors Guild?

MR. DMYTRYK. Mr. Stripling, I feel that these kinds of questions are designed to ----

THE CHAIRMAN. Just a minute. It is not up to you to "feel" what the design is. It is up to you to answer the questions and be responsive to the questions.

Go ahead.

MR. DMYTRYK. Mr. Chairman, if you will let me I will answer the question. However, most other witnesses, certainly the witnesses the first week, were given the right to answer as they pleased. Some went on at great length ----

MR. STRIPLING. Pardon me, Mr. Dmytryk. About how long a time would you require to answer whether or not you were a member of the Screen Directors Guild? Would 5 minutes be long enough?

MR. DMYTRYK. It would take me a lot less than 5 minutes.

THE CHAIRMAN. It would take you 5 minutes to answer whether you are a member of the Screen Directors Guild?

MR. DMYTRYK. I said it would take me a lot less than 5 minutes, Mr. Chairman.

THE CHAIRMAN. A lot less than 5 minutes. Can't you answer "yes" or "no," are you a member of the Screen Directors Guild?

MR. DMYTRYK. There aren't many questions that can be answered "yes" or "no" ----

THE CHAIRMAN. I am referring to this one question. Can you answer it "yes" or "no?"

MR. DMYTRYK. I would like to answer the question. I would like to answer it in my own way.

THE CHAIRMAN. We want you to answer the question, but we want a specific answer. That question can be answered "yes" or "no."

MR. DMYTRYK. I don't feel you should tell me how to answer the question. I have told you that I would like to answer the question in my own way.

THE CHAIRMAN. Well, you try to answer the question to the best of your ability, but you must make it very plain whether you are a member or not a member of the Screen Directors Guild.

MR. DMYTRYK. I will be glad to answer.

THE CHAIRMAN. If it takes a long time to answer it, why, something is wrong.

MR. DMYTRYK. I don't think it will take long enough to bore you, Mr. Chairman.

THE CHAIRMAN. Go ahead.

MR. DMYTRYK. I think that this kind of questioning is designed to bring about a split in many of the guilds among the members of the guilds at a time when we have just succeeded in getting unity between the guilds.

I do want to say, however, that it is a matter of public record, since a fight some of us had against Mr. Wood — Sam Wood

— in which Mr. Wood wound up on the losing end, with the entire guild against Sam Wood, that I was an officer of the Screen Directors Guild.

MR. STRIPLING. Are you now or have you ever been a member of the Communist Party, Mr. Dmytryk?

MR. DMYTRYK. Well, Mr. Stripling, I think that there is a question of constitutional rights involved here. I don't believe that you have ----

THE CHAIRMAN. When did you learn about the Constitution? Tell me when you learned about the Constitution.

MR. DMYTRYK. I will be glad to answer that question, Mr. Chairman. I first learned about the Constitution in high school and again ----

MR. MCDOWELL. Let's have the answer to the other question.

MR. DMYTRYK. I was asked when I learned about the Constitution.

MR. STRIPLING. I believe the first question, Mr. Dmytryk, was: Are you now, or have you ever been, a member of the Communist Party?

MR. DMYTRYK. All right, gentlemen ; if you will keep your questions simple, and one at a time, I will be glad to answer.

MR. STRIPLING. That is very simple.

MR. DMYTRYK. The chairman asked me another question.

THE CHAIRMAN. Never mind my question. I will withdraw the question.

MR. DMYTRYK. I have been advised that there is a question of constitutional rights involved. The Constitution does not ask that such a question be answered in the way that Mr. Stripling wants it answered. I think that what organizations I belong to, what I think, and what I say cannot be questioned by this committee.

MR. STRIPLING. Then you refuse to answer the question?

MR. DMYTRYK. I do not refuse to answer it. I answered it in my own way.

MR. STRIPLING. You haven't answered whether or not you are a member of the Communist Party.

MR. DMYTRYK. I answered by saying I do not think you have the right to ask ----

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, it is apparent that the witness is pursuing the same line as the other witnesses.

THE CHAIRMAN. The witness is excused.

(Witness excused.)

TESTIMONY OF ADRIAN SCOTT

MR. STRIPLING. Mr. Scott, will you state your full name and present address for the record, please?

MR. SCOTT. My name is Adrian Scott. My address is 603 North Beverly Drive, Beverly Hills, Calif.

MR. STRIPLING. When and where were you born?

MR. SCOTT. In New Jersey, on February 6, 1911.

MR. STRIPLING. What is your occupation?

MR. SCOTT. I am a producer.

MR. STRIPLING. How long have you been a producer?

MR. SCOTT. I believe it is a little over 2 years.

MR. STRIPLING. Are you here before the committee in response to a subpoena served upon you on September 19?

MR. SCOTT. I am.

MR. STRIPLING. And in response to a telegram sent to you on October 11 by the chairman calling for your appearing on October 29; is that right?

MR. SCOTT. Yes; that is right.

MR. STRIPLING. Do you have a statement, Mr. Scott?

MR. SCOTT. I do have a statement which I would like to read. I believe the statement is pertinent. It deals with "Crossfire" and anti-Semitism.

THE CHAIRMAN. Just a minute. We are trying to read the statement.

MR. SCOTT. Thank you.

THE CHAIRMAN. It is hard to read the statement and listen to you at the same time.

(After a pause.)

THE CHAIRMAN. This may not be the worst statement we have received, but it is almost the worst.

MR. SCOTT. May I disagree with the chairman, please?

THE CHAIRMAN. Therefore, it is clearly out of order, not pertinent at all, hasn't anything to do with the inquiry, and the Chair will rule that the statement will not be read.

Mr. Stripling.

MR. STRIPLING. Mr. Scott, are you a member of any guild, either the Screen Directors Guild or the Screen Writers Guild?

MR. SCOTT. I don't think that is a proper question, Mr. Stripling.

MR. STRIPLING. Were you ever a member of the Screen Writers Guild?

MR. SCOTT. Mr. Stripling, I repeat, I don't think that is a proper question.

MR. STRIPLING. Are you now or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. SCOTT. May I answer the first question, Mr. Stripling?

MR. STRIPLING. You said it wasn't a proper question.

MR. SCOTT. I will see if I can answer it properly.

THE CHAIRMAN. You said it wasn't a proper question.

MR. SCOTT. I believe it is a question which invades my rights as a citizen. I do not believe it is proper for this committee to inquire into my personal relationships, my private relationships, my public relationships.

THE CHAIRMAN. Then you refuse to answer the question?

MR. SCOTT. The committee has no right to inquire into what I think, with whom I associate.

MR. STRIPLING. We are not inquiring into what you think, Mr. Scott.

Mr. Scott, we would like to know whether you were ever a member of the Screen Writers Guild.

MR. SCOTT. I believe I have answered your question.

MR. STRIPLING. Mr. Chairman, I ask that you direct the witness to answer the question.

THE CHAIRMAN. The witness will have to answer the question.

MR. SCOTT. I beg your pardon?

THE CHAIRMAN. The witness must respond to the question by answering.

MR. SCOTT. I believe I have responded to the question, Mr. Chairman.

THE CHAIRMAN. Do you decline to answer the question?

MR. SCOTT. I have answered it the way I would like to answer it.

THE CHAIRMAN. Were you ever a member? I don't know from your answer whether you were or were not a member.

MR. SCOTT. My answer still stands.

THE CHAIRMAN. Are you a member?

MR. SCOTT. I believe I have answered the question. Would you like me to answer it in the way I did before?

THE CHAIRMAN. From your answer, I must be terribly dumb, but from your answer I can't tell whether you are a member or not.

MR. SCOTT. Mr. Thomas, I don't agree with you. I don't think you are. I have answered the question the best way I can.

THE CHAIRMAN. Mr. Vail, can you tell whether he is a member or not?

MR. VAIL. No ; I cannot.

THE CHAIRMAN. Mr. McDowell, can you tell?

MR. MCDOWELL. No.

THE CHAIRMAN. I just can't tell whether you are a member.

MR. SCOTT. I am very sorry.

MR. STRIPLING. Mr. Scott, could you tell the committee whether or not you are now or have ever been a member of the Communist Party?

MR. SCOTT. Mr. Stripling, that question is designed to inquire into my personal and private life. I don't think it is pertinent to this — I don't think it is a proper question either.

MR. STRIPLING. Do you decline to answer the question. Mr. Dmytryk?

MR. SCOTT. Mr. Scott.

MR. STRIPLING. Mr. Scott.

MR. SCOTT. I believe that question also invades my rights as a citizen. I believe it also invades the first amendment. I believe that I could not engage in any conspiracy with you to invade the first amendment.

THE CHAIRMAN. Now, we can't tell even from that answer whether you are a member of the Communist Party.

MR. STRIPLING. I repeat the question, Mr. Scott: Can you state whether or not you have ever been a member of the Communist Party?

MR. SCOTT. I repeat my answer, Mr. Stripling.

THE CHAIRMAN. All right, the witness is excused.

(Witness excused.)

THE CHAIRMAN. The Chair would like to announce that by unanimous vote of the subcommittee, the subcommittee recommends to the full committee that Adrian Scott be cited for contempt and that appropriate action be taken immediately.

TESTIMONY OF RING LARDNER, JR., ACCOMPANIED BY COUNSEL, MR. KENNY AND MR. CRUM

MR. STRIPLING. Mr. Lardner, will you please state your full name and present address?

MR. LARDNER. Ring W. Lardner, Jr., 325 Georgina Avenue, Santa Monica. Calif.

MR. STRIPLING. When and where were you born. Mr. Lardner?

MR. LARDNER. On August 19, 1915, in Chicago. 111.

MR. STRIPLING. What is your occupation?

MR. LARDNER. A writer.

MR. STRIPLING. How long have you been a writer?

MR. LARDNER. I have been a writer about 10 years. Mr. Chairman, I have a short statement I would like to make.

THE CHAIRMAN. Have you completed the identification?

MR. STRIPLING. That is sufficient.

(The witness hands statement to the chairman.)

MR. CRUM. Have you a copy for Mr. Stripling?

MR. LARDNER. Yes.

(The witness hands statement to Mr. Stripling.)

THE CHAIRMAN. Mr. Lardner, the committee is unanimous in the fact that after you testify you may read your statement.

MR. LARDNER. Thank you.

MR. STRIPLING. Mr. Lardner, you are here before the committee in response to a subpoena served upon you on September 22; is that correct?

MR. LARDNER. Yes.

MR. STRIPLING. Mr. Lardner, are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. LARDNER. Mr. Stripling, I want to be cooperative about this, but there are certain limits to my cooperation. I don't want to help you divide or smash this particular guild, or to infiltrate the motion-picture business in any way for the purpose which seems to me to be to try to control that business, to control what the American people can see and hear in their motion-picture theaters.

THE CHAIRMAN. Now, Mr. Lardner, don't do like the others, if I were you, or you will never read your statement. I would suggest ----

MR. LARDNER. Mr. Chairman, let me ----

THE CHAIRMAN. You be responsive to the question.

MR. LARDNER. I am ----

THE CHAIRMAN. The question is, and I will ask it ; I will repeat the question.

MR. LARDNER. All right.

THE CHAIRMAN. The question is: Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. LARDNER. But I understood you to say that I would be permitted to read the statement, Mr. Chairman.

THE CHAIRMAN. Yes; after you are finished with the questions and answers ----

MR. LARDNER. Yes.

THE CHAIRMAN. But you certainly haven't answered the questions.

MR. LARDNER. Well, I am going to answer the questions but I don't think you qualified in any way your statement that I would be allowed to read this statement.

THE CHAIRMAN. Then I will qualify it now. If you refuse to answer the questions then you will not read your statement.

MR. LARDNER. Well, I know that is an indirect way of saying you don't want me to read the statement.

THE CHAIRMAN. Then you know right now you are not going to answer the question : is that correct?

MR. LARDNER. No ; I am going to answer the question.

THE CHAIRMAN. All right, then; answer that question.

MR. LARDNER. All right, sir. I think these points I am bringing out are relevant to the question because I have to consider why the question is asked ----

THE CHAIRMAN. We will determine why the question was asked.

We want to know whether you are a member of the Screen Writers Guild.

MR. LARDNER. Yes

THE CHAIRMAN. That is a very simple question. You can answer that "yes" or "no." You don't have to go into a long harangue or speech. If you want to make a speech you know where you can go out there.

MR. LARDNER. Well, I am not very good in haranguing, and I won't try it, but it seems to me that if you can make me answer this question, tomorrow you could ask somebody whether he believed in spiritualism.

THE CHAIRMAN. Oh, no; there is no chance of our asking anyone whether they believe in spiritualism, and you know it. That is just plain silly.

MR. LARDNER. You might ----

THE CHAIRMAN. Now, you haven't learned your lines very well.

MR. LARDNER. Well ----

THE CHAIRMAN. I want to know whether you can answer the question "yes" or "no."

MR. LARDNER. If you did, for instance, ask somebody about that you might ask him ----

THE CHAIRMAN. Well, now, never mind what we might ask him. We are asking you now, Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. LARDNER. But ----

THE CHAIRMAN. You are an American ----

MR. LARDNER. But that is a question ----

THE CHAIRMAN. And Americans should not be afraid to answer that.

MR. LARDNER. Yes ; but I am also concerned as an American with the question of whether this committee has the right to ask me ----

THE CHAIRMAN. Well, we have got the right and until you prove that we haven't got the right then you have to answer that question.

MR. LARDNER. As I said, if you ask somebody, say, about spiritualism ----

THE CHAIRMAN. You are a witness, aren't you? Aren't you a witness?

MR. LARDNER. Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. Aren't you a witness here?

MR. LARDNER. Yes ; I am.

THE CHAIRMAN. All right, then, a congressional committee is asking you : Are you a member of the Screen Writers Guild? Now you answer it "yes" or "no."

MR. LARDNER. Well, I am saying that in order to answer that ----

THE CHAIRMAN. All right, put the next question. Go to the \$64 question.

THE WITNESS. I haven't ----

THE CHAIRMAN. Go to the next question.

MR. STRIPLING. Mr. Lardner, are you now or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. LARDNER. Well, I would like to answer that question, too.

MR. STRIPLING. Mr. Lardner, the charge has been made before this committee that the Screen Writers Guild which, according to the record, you are a member of, whether you admit it or not, has a number of individuals in it who are members of the Communist Party.

This committee is seeking to determine the extent of Communist infiltration in the Screen Writers Guild and in other guilds within the motion-picture industry.

MR. LARDNER. Yes.

MR. STRIPLING. And certainly the question of whether or not you are a member of the Communist Party is very pertinent. Now, are you a member or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. LARDNER. It seems to me you are trying to discredit the Screen Writers Guild through me and the motion-picture industry through the Screen Writers Guild and our whole practice of freedom of expression.

MR. STRIPLING. If you and others are members of the Communist Party you are the ones who are discrediting the Screen Writers Guild.

MR. LARDNER. I am trying to answer the question by stating first what I feel about the purpose of the question which, as I say, is to discredit the whole motion-picture industry.

THE CHAIRMAN. You won't say anything first. You are refusing to answer this question.

MR. LARDNER. I am saying my understanding is as an American resident ----

THE CHAIRMAN. Never mind your understanding. There is a question: Are you or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. LARDNER. I could answer exactly the way you want, Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. No ----

MR. LARDNER (continuing). But I think that is a ----

THE CHAIRMAN. It is not a question of our wanting you to answer that. It is a very simple question. Anybody would be proud to answer it — any real American would be proud to answer the question, "Are you or have you ever been a member of the Communist Party" — any real American.

MR. LARDNER. It depends on the circumstances. I could answer it, but if I did I would hate myself in the morning.

THE CHAIRMAN. Leave the witness chair.

MR. LARDNER. It was a question that would ----

THE CHAIRMAN. Leave the witness chair.

MR. LARDNER. Because it is a question ----

THE CHAIRMAN (pounding gavel). Leave the witness chair.

MR. LARDNER. I think I am leaving by force.

THE CHAIRMAN. Sergeant, take the witness away.

(Applause.)

TESTIMONY OF LESTER COLE

MR. STRIPLING. Mr. Cole, will you please state your full name and present address?

MR. COLE. Lester Cole, 15 Courtney Avenue, Hollywood, Calif.

MR. STRIPLING. When and where were you born, Mr. Cole?

MR. COLE. I was born June 19, 1904, in New York City.

MR. STRIPLING. What is your occupation?

MR. COLE. I am a writer.

MR. STRIPLING. How long have you been a writer?

MR. COLE. For approximately 15, 16 years.

MR. STRIPLING. How long have you been in Hollywood?

MR. COLE. Since — I first came to Hollywood in 1925; I left and went back to New York in 1929; returned in 1932, and have been there ever since.

MR. STRIPLING. Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. COLE. Mr. Chairman, I would like at this time to make a statement (handing statement to the chairman).

MR. MCDOWELL. I think it is insulting, myself.

THE CHAIRMAN. This statement is clearly another case of villification and not pertinent at all to the inquiry. Therefore, you will not read the statement.

MR. COLE. Well, Mr. Chairman ----

THE CHAIRMAN. Mr. Stripling ask the first question.

MR. COLE. Mr. Chairman, may I just ask if I do not read my statement ----

THE CHAIRMAN. You will not ask anything.

MR. COLE. Is the New York Times editorial pertinent — the editorial in the Herald Tribune pertinent?

THE CHAIRMAN. Go ahead and ask the question.

MR. STRIPLING. Mr. Cole, are you a member of the Screen Writers Guild?

Mr. COLE. I would like to answer that question and would be very happy to. I believe the reason this question is asked is to help enlighten ----

THE CHAIRMAN. No, no, no, no, no.

MR. COLE. I hear you, Mr. Chairman, I hear you, I am sorry, but ----

THE CHAIRMAN. You will hear some more.

MR. COLE. I am trying to make these statements pertinent.

THE CHAIRMAN. Answer the question, "Yes" or "No."

MR. COLE. I am sorry, sir, but I have to answer the question in my own way.

THE CHAIRMAN. It is a very simple question.

MR. COLE. What I have to say is a very simple answer.

THE CHAIRMAN. Yes; but answer it "Yes" or "No."

MR. COLE. It isn't necessarily that simple.

THE CHAIRMAN. If you answer it "Yes" or "No," then you can make some explanation.

MR. COLE. Well, Mr. Chairman, I really must answer it in my own way.

THE CHAIRMAN. You decline to answer the question?

MR. COLE. Not at all, not at all.

THE CHAIRMAN. Did you ask the witness if he was here under subpoena?

MR. COLE. What is it, Mr. Chairman? I beg your pardon?

MR. STRIPLING. Mr. Cole, you are here under subpoena served upon you on September 19, are you not?

MR. COLE. Yes; I am.

MR. STRIPLING. And the question before you is: Are you a member of the Screen Writers Guild?

MR. COLE. I understand the question, and I think I know how I can answer it to the satisfaction of the committee. I wish I would be permitted to do so.

THE CHAIRMAN. Can't you answer the question?

MR. COLE. You wouldn't permit me to read my statement and the question is answered in my statement.

THE CHAIRMAN. Are you able to answer the question "Yes" or "No," or are you unable to answer it "Yes" or "No?"

MR. COLE. I am not able to answer "Yes" or "No." I am able, and I would like to answer it in my own way. Haven't I the right accorded to me, as it was to Mr. McGuinness and other people who came here?

THE CHAIRMAN. First, we want you to answer "Yes" or "No," then you can make some explanation of your answer.

MR. COLE. I understand what you want, sir. I wish you would understand that I feel I must make an answer in my own way, because what I have to say ----

THE CHAIRMAN. Then you decline to answer the question?

MR. COLE. No ; I do not decline to answer the question. On the contrary, I would like very much to answer it; just give me a chance.

THE CHAIRMAN. Supposing we gave you a chance to make an explanation, how long would it take you to make that explanation?

MR. COLE. Oh, I would say anywhere from a minute to 20, I don't know.

THE CHAIRMAN. Twenty?

MR. COLE. Sure, I don't know.

THE CHAIRMAN. And would it all have to do with the question?

MR. COLE. It certainly would.

THE CHAIRMAN. Then would you finally answer it "Yes" or "No"?

MR. COLE. Well, I really don't think that is the question before us now, is it?

THE CHAIRMAN. Then go to the next question.

MR. STRIPLING. Mr. Cole, are you now or have you ever been a member of the Communist Party?

MR. COLE. I would like to answer that question as well; I would be very happy to. I believe the reason the question is being asked is that because at the present time there is an election in the Screen Writers Guild in Hollywood that for 15 years Mr. McGuinness and others ----

THE CHAIRMAN. I didn't even know there was an election out there. Go ahead and answer the question. Are you a member of the Communist Party?

MR. COLE. If you don't know there is an election there you didn't hear Mr. Lavery's testimony yesterday.

THE CHAIRMAN. There were some parts I didn't hear.

MR. COLE. I am sorry, but I would like to put it into the record that there is an election there.

THE CHAIRMAN. All right, there is an election there. Now, answer the question. Are you a member of the Communist Party?

MR. COLE. Can I answer that in my own way, please? May I, please? Can I have that right? Mr. McGuinness was allowed to answer in his own way.

THE CHAIRMAN. You are an American, aren't you?

MR. COLE. Yes; I certainly am, and it states so in my statement.

THE CHAIRMAN. Then you ought to be very proud to answer the question.

MR. COLE. I am very proud to answer the question, and I will at times when I feel it is proper.

THE CHAIRMAN, It would be very simple to answer.

MR. COLE. It is very simple to answer the question ----

THE CHAIRMAN. You bet.

MR. COLE (continuing). And at times when I feel it is proper I will, but I wish to stand on my rights of association ----

THE CHAIRMAN. We will determine whether it is proper.

MR. COLE. No, sir. I feel I must determine it as well.

THE CHAIRMAN. We will determine whether it is proper. You are excused.

Next witness, Mr. Stripling.

(Witness excused.)

OS DEZ DE HOLLYWOOD



Na fileira de cima: Ring Lardner Jr, Edward Dmytryk e Adrian Scott. Na fileira do meio: Dalton Trumbo, John Howard Lawson, Alvah Bessie e Samuel Ornitz. Na fileira de baixo: Herbert Biberman, os advogados Martin Popper e Robert Kenny, Albert Maltz e Lester Cole.

Fonte: Bruce Hoertel/The New York Times, 1947

ADRIAN SCOTT (1911-1972)

Nascido em 6 de fevereiro de 1911 em Arlington, Nova Jersey. Formado em Língua Inglesa e História pelo Amherst College. Foi coautor de alguns roteiros até ser contratado pelo estúdio RKO em 1942, onde produziu seis filmes, três deles de bastante sucesso, fazendo dele um dos maiores produtores de Hollywood à época. Foi demitido por não colaborar com o HUAC e processou o estúdio em 1948 buscando reparação, mas o caso foi encerrado em 1957 quando a Suprema Corte recusou-se a apreciar o caso. Em 1949, sua esposa, a atriz Anne Shirley, pediu o divórcio diante da recusa de Scott em retratar-se diante do HUAC. Mudou-se para Londres em busca de trabalho. Em 1950 retornou aos Estados Unidos quando foi condenado a doze meses de prisão e multa de mil dólares por desacato ao Congresso, tendo cumprido nove meses na *Federal Correctional Institution* no estado de

Kentucky, com Dalton Trumbo e John Howard Lawson. Entre 1954 e 1961 escreveu roteiros para a televisão sob o nome de outras pessoas, entre elas Joan La Cour, que depois passou a ser sua colaboradora, e com quem se casou em 1955. Em 1961 muda-se para Londres para trabalhar para a MGM. Retorna a Hollywood em 1968, onde consegue produzir um filme para a televisão em 1969, baseado em sua peça de teatro *"Mr. Lincoln's Whiskers"*, que foi ao ar apenas um ano após sua morte. Faleceu em 1972 de câncer de pulmão em Los Angeles.

Créditos em filmes: 11 entre 1940 e 1947, depois nenhum com seu nome (Caute, 1978).

ALBERT MALTZ (1908-1985)

Nascido em 28 de outubro de 1908 em Nova York. Formado em Filosofia pela Columbia University e estudou na Yale School of Drama. Começou a carreira no teatro e escreveu peças, contos e romances antes de ser contratado como roteirista pela Paramount em 1941. Já em 1938, seu conto *"The Happiest Man on Earth"* recebeu o Prêmio O. Henry Memorial. Em 1946, publicou o artigo *"What Shall We Ask of Writers?"* na revista *New Masses*, defendendo mais liberdade artística para os escritores membros do Partido Comunista. O artigo foi mal recebido pelo CPUSA e Maltz teve que se retratar publicamente. Dois de seus documentários foram premiados com o Oscar e outros dois filmes em que figurou como roteirista foram indicados ao prêmio. Após seu depoimento ao HUAC, foi condenado por desacato ao Congresso em 1950 a doze meses de prisão e multa de mil dólares, tendo cumprido dez meses na Mill Point Prison Camp, em West Virginia, junto com Edward Dmytryk. Viveu no México entre 1952 e 1962. Voltou assinar seu trabalho no final da década de 1960, tendo escrito dois roteiros no início dos anos 1970. Teve dois filhos com a primeira esposa, Margaret Larkin, e casou-se outras duas vezes. Faleceu em 1985, em Los Angeles.

Créditos em filmes: 7 entre 1932 e 1948, depois nenhum até 1970 (Caute, 1978).

ALVAH BESSIE (1904-1985)

Nascido em 4 de junho de 1904 em Nova York. Formado em Inglês pela Columbia University. Trabalhou como ator e diretor de palco no teatro, foi tradutor de literatura francesa e escreveu contos, romances e textos para várias revistas, tendo sido também editor. Em 1938 foi à Espanha lutar na Guerra Civil como voluntário da Abraham Lincoln Battalion, ao lado dos republicanos e serviu também em Los Angeles durante a Segunda Guerra. Em 1943 foi contratado pela Warner Brothers como roteirista. Recebeu uma indicação ao Oscar, pelo roteiro original de Um Punhado de Bravos (1945). Após seu depoimento ao HUAC, foi condenado por desacato ao Congresso em 1950 a doze meses de prisão e multa de mil dólares, tendo cumprido dez meses na Federal Correctional Institution no Texas, junto com Herbert Biberman. Trabalhou numa boate em São Francisco e revisou roteiros sob pseudônimos. Voltou a escrever romances em 1957. Teve três filhos com sua esposa, Sylviane L. Martin. Faleceu em 1985 de ataque cardíaco em Terra Linda, Califórnia.

Créditos em filmes: 5 entre 1943 e 1948, depois nenhum (Caute, 1978).

DALTON TRUMBO (1905-1976)

Nascido em 5 de dezembro de 1905 em Montrose, Colorado. Frequentou a University of Colorado, porém mudou-se com sua família para Los Angeles quando seu pai perdeu o emprego. Estudou escrita, crítica e psicologia na University of Southern California, enquanto trabalhava em uma padaria. Publicou seu primeiro conto em 1931. Entre 1931 e 1937 escreveu contos e artigos para diversas revistas. Começou a escrever roteiros em 1936, na Warner Brothers. Casou-se com Cleo Fincher em 1938, com quem teve três filhos. Foi correspondente de guerra em 1945 na zona de combate

do Pacífico e membro da delegação dos Estados Unidos na conferência de fundação das Nações Unidas em São Francisco no mesmo ano. Após as audiências do HUAC de 1947, foi demitido pela MGM e passou a escrever sob o nome de outras pessoas, sendo que dois de seus roteiros venceram o Oscar nesse período. Apenas na década de 1970 os créditos desses filmes foram corrigidos. Foi condenado a multa de mil dólares e doze meses de prisão, tendo cumprido dez meses na Federal Correctional Institution, em Kentucky, junto com Adrian Scott e John Howard Lawson. Ficou conhecido como o primeiro a romper as listas negras quando o cineasta Otto Preminger anunciou que Trumbo escreveria o roteiro do filme "Exodus." Faleceu em 1976 de ataque cardíaco em Los Angeles.

Créditos em filmes: 27 entre 1936 e 1945, depois nenhum oficialmente até 1960 (Caute, 1978).

EDWARD DMYTRYK (1908-1999)

Nascido em 4 de setembro de 1908 em Grand Forks, British Columbia, Canadá. Estudou um ano no California Institute of Technology. Trabalhou como projetorista e editor de filmes na Paramount. Dirigiu seu primeiro filme em 1935. Após o depoimento ao HUAC, mudou-se para Londres, onde dirigiu dois filmes. Retornou aos Estados Unidos quando foi condenado a seis meses de prisão e multa de mil dólares (Dmytryk e Herbert Biberman receberam suas sentenças de um juiz diferente dos demais; receberam apenas seis meses de reclusão em vez dos doze meses dos demais). Cumpriu quatro meses e meio e foi o único dos dez a retratar-se diante do HUAC, citando vinte e seis nomes de supostos comunistas, e retomando a carreira em Hollywood. Dirigiu 52 filmes até 1975, quando passou a lecionar teoria e produção de cinema na University of Texas at Austin, de 1976 a 1981. A partir de 1981, foi professor da University of Southern California, até cerca de dois anos antes

de sua morte. Teve quatro filhos, sendo o primeiro com Madeleine Robinson, de quem se divorciou em 1947, e os outros três com a atriz Jean Porter, com quem foi casado de 1948 até sua morte, em 1999, em Encino, Califórnia.

Créditos em filmes: 27 entre 1935 e 1947; 25 entre 1952 e 1975 (Caute, 1978).

HERBERT BIBERMAN (1900-1971)

Nascido em 4 de março de 1900 na Filadélfia. Formado em Economia pela University of Pennsylvania. Estudou na escola de artes dramáticas da Yale University, onde recebeu o título de Mestre em Artes Dramáticas. Trabalhou como diretor em peças teatrais e escreveu uma série para a rádio CBS. Casou-se com a atriz Gale Sondergaard, que também teve a carreira interrompida pelas listas negras. Foi contratado pela Columbia em 1935 para dirigir dois filmes. Em seguida, escreveu roteiros, dirigiu e coproduziu outros filmes em Hollywood. Foi condenado a seis meses de prisão e multa de mil dólares por desacato ao Congresso. Cumpriu cinco meses na Federal Correctional Institution, no Texas, junto com Alvah Bessie. Em 1954, dirigiu o filme O Sal da Terra, produzido de forma independente juntamente com outros profissionais que também haviam sido citados nas listas negras, Paul Jarrico (produtor) e Michael Wilson (roteirista). O filme trata de uma greve de mineradores no estado do Novo México, denunciando suas precárias condições de trabalho. Foi exibido apenas uma vez em Nova York e banido por 11 anos nos Estados Unidos, embora tenha sido exibido na Europa e vencido prêmios na França e na Tchecoslováquia. Teve dois filhos com Sondergaard, com quem permaneceu casado até sua morte em 1971.

Créditos em filmes: 7 entre 1935 e 1947, depois nenhum em Hollywood até 1969 (Caute, 1978).

JOHN HOWARD LAWSON (1894-1977)

Nascido em 25 de setembro de 1894 em Nova York. Formado em Inglês pela Williams College. Escreveu peças de teatro antes de ser contratado pela MGM em 1928, mas continuou a escrever para o teatro mesmo trabalhando em Hollywood. Fundou e foi o primeiro presidente do Sindicato dos Roteiristas, em 1933. Foi condenado a doze meses de prisão e multa de mil dólares por desacato ao Congresso. Cumpriu dez meses na Federal Correctional Institution, em Kentucky, junto com Dalton Trumbo e Adrian Scott. Após a prisão, morou no México mas retornou aos Estados Unidos, onde foi convidado a lecionar em algumas universidades e escreveu ainda um roteiro sob pseudônimo. Teve três filhos, o primeiro com sua primeira esposa, Kate Drain, e os outros dois com sua segunda esposa, Sue Edmond. Faleceu em 1977, em São Francisco.

Créditos em filmes: 16 entre 1929 e 1947, depois nenhum (Caute, 1978).

LESTER COLE (1904-1985)

Nascido em 19 de junho de 1904 em Nova York. Iniciou a carreira no teatro, tendo dirigido e escrito diversas peças até ser contratado pela Paramount em 1932. Em 1933, fundou o Sindicato dos Roteiristas com John Howard Lawson e Samuel Ornitz, entre outros. Foi demitido pela MGM após seu depoimento ao HUAC e processou o estúdio; embora tenha vencido a princípio, a decisão foi revertida e o caso encerrado em 1952. Foi condenado a doze meses de prisão e multa de mil dólares por desacato ao Congresso. Cumpriu dez meses na Federal Correctional Institution, em Connecticut, junto com Ring Lardner Jr. Após a prisão, trabalhou sob pseudônimos e lecionou escrita de roteiros na San Francisco State University. Foi casado com a ativista Katharine Hogle e faleceu em 1985 em São Francisco.

Créditos em filmes: 36 entre 1932 e 1948, depois nenhum (Caute, 1978).

RING LARDNER JR. (1915-2000)

Nascido em 19 de agosto de 1915 em Chicago. Venceu o Oscar pelo roteiro de *A Mulher do Dia* (1943). Em 1947, assinou contrato com a Twentieth Century Fox, com um dos mais altos salários pagos a roteiristas em Hollywood. Porém, foi demitido após o depoimento ao HUAC e condenado a doze meses de prisão e multa de mil dólares por desacato ao Congresso. Cumpriu nove meses e meio na Federal Correctional Institution em Connecticut, junto com Lester Cole. Trabalhou sob pseudônimos e voltou a ser creditado em Hollywood já em 1965. Venceu mais um Oscar pelo roteiro de *M.A.S.H* em 1971. Teve três filhos, sendo dois com a primeira esposa, Sylvia Schulman, e um com a segunda esposa, Frances Chaney. Faleceu em 2000 em Nova York.

Créditos em filmes: 10 entre 1939 e 1948, depois nenhum até 1965 (Caute, 1978).

SAMUEL ORNITZ (1890-1957)

Nascido em 15 de novembro de 1890 em Nova York. Trabalhou como assistente social, escreveu peças e romances. Começou a trabalhar como roteirista em Hollywood em 1928. Foi um dos fundadores do Sindicato dos Roteiristas em 1933. Foi condenado a doze meses de prisão e multa de mil dólares por desacato ao Congresso. Cumpriu nove meses no Medical Center for Federal Prisoners no Missouri devido a problemas de saúde. Publicou seu romance mais famoso enquanto estava preso, *Bride of the Sabbath*, que ficou em décimo lugar na lista de mais vendidos. Foi casado com Sadie Ornit, com quem teve dois filhos. Faleceu de câncer em 1957 em Los Angeles.

Créditos em filmes: 26 entre 1929 e 1945, depois nenhum (Caute, 1978).

BIBLIOGRAFIA SOBRE OS DEZ DE HOLLYWOOD:

BESSIE, Alvah. **Inquisition in Eden**. New York: Macmillan, 1965.

CAUTE, David. **The Great Fear: The Anti-Communist Purge Under Truman and Eisenhower**. New York: Simon & Schuster, 1978.

COLE, Lester. **Hollywood Red: The Autobiography of Lester Cole**. Palo Alto: Ramparts Press, 1981.

COOK, Bruce. **Trumbo**. New York: Grand Central Publishing, 2015.

DICK, Bernard F. **Radical Innocence. A critical study of the Hollywood Ten**. Lexington: The University Press of Kentucky, 2009.

DMYTRYK, Edward. **It's a Hell of Life but Not a Bad Living: A Hollywood Memoir**. New York: Times Books, 1978.

DUNBAR, David L. The Hollywood Ten: The Men Who Refused to Name Names. *Hollywood Reporter*, Los Angeles, 16 nov. 2015. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/lists/hollywood-ten-men-who-refused-839762/item/alvah-bessie-1904-1985-839779>. Acesso em 10/11/2019.

HORNE, Gerald. **The final victim of the blacklist : John Howard Lawson, dean of the Hollywood Ten**. Berkeley: University of California Press, 2006.

KANFER, Stefan. **A journal of the plague years**. New York: Atheneum, 1973.

LARDNER JR., Ring. **I'd Hate Myself in the Morning: A Memoir**. New York: Thunder's Mouth Press, 2000.

NAVASKY, Victor S. **Naming Names**. New York: Penguin, 1980.

ADVOGADOS



Fonte: California State
Library, 1939.

Robert W. Kenny (1901-1976)

Nascido em 21 de agosto de 1901 em Los Angeles. Estudou jornalismo na Stanford University e trabalhou como jornalista em diversos veículos. Depois, formou-se em direito pela Loyola College e começou a advogar em 1926. Foi juiz do Tribunal Superior da Califórnia e eleito pelo Partido Democrata para a assembleia legislativa estadual entre 1939 e 1943. Foi Procurador Geral da Califórnia entre 1943 e 1947. Seu envolvimento com Hollywood teve início já em 1940, quando passou a ser advogado do Sindicato dos Roteiristas. Foi advogado dos Dez de Hollywood até a libertação deles, trabalhando praticamente pro bono, já que a maior parte já não tinha meios de lhe pagar os honorários. Faleceu em 1976.

Bartley Crum (1900-1959)

Nascido em 27 de novembro de 1900 em Sacramento, Califórnia. Formado pela University of California at Berkeley e pela Boalt School of Law. Foi advogado de grandes empresas e do magnata William Randolph Hearst, passando depois a defender causas trabalhistas. Seu ativismo em causas como as dos Dez de Hollywood e outras como do *American Crusade Against Lynching* [Crusada Americana Contra o Linchamento] colocaram-no sob vigilância intensa do FBI e fizeram-no perder diversos clientes e amigos. Mudou-se para Nova York buscando fugir da perseguição do FBI e reestabelecer-se, afastando-se das causas políticas. Cometeu suicídio em 1959.



Fonte: G.B. Kress/Corbis, 1947.

BIBLIOGRAFIA SOBRE ROBERT KENNY E BARTLEY CRUM:

BOSE, Erica. Three Brave Men: An Examination of Three Attorneys Who Represented the Hollywood Nineteen in the House Un-American Activities Committee Hearings in 1947 and the Consequences They Faced. In: *UCLA Entertainment Law Review*, 6(2), 1999. <http://escholarship.org/uc/item/7mq6r2rb> Acesso em 15/10/2019.

BOSWORTH, Patricia. **Anything your Little Heart Desires: An American Family Story**. New York: Simon & Schuster, 1998.

KENNY, Robert W. **My first Forty Years in California Politics**. Los Angeles: University of California, 1964. Disponível em: <https://archive.org/details/myfirstfortyyear00kenn>. Acesso em 15/10/2019.

PRESIDENTE DO HUAC



Fonte: Library of Congress, 1948.

J. Parnell Thomas (1895-1970)

Nascido em 16 de janeiro de 1895 em Nova Jérsei. Estudou na University of Pennsylvania e serviu no exército durante a Primeira Guerra Mundial, em 1917. Trabalhou no mercado de ações em Nova York e entrou na política em 1925. Em 1936 foi eleito para a Câmara dos Deputados pelo Partido Republicano e reeleito seis vezes. Em 1946, foi nomeado presidente do Comitê de Atividades Contra-Americanas. Em 1948, foi acusado de empregar funcionários em seu gabinete e reter seus salários. Durante seu julgamento, recusou-se a responder as perguntas, invocando a Quinta Emenda. Foi condenado por fraude e cumpriu nove meses de prisão em 1950, na mesma penitenciária em Connecticut em que estavam Lester Cole e Ring Lardner Jr. Após sua libertação, trabalhou como jornalista e tentou retornar à política, sem sucesso. Faleceu em 1970 na Flórida.

BIBLIOGRAFIA SOBRE J. PARNELL THOMAS:

SPARTACUS EDUCATIONAL. J. Parnell Thomas. s/d. Disponível em: <https://spartacus-educational.com/USAparnell.htm>. Acesso em 15/10/2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

americanismo 132, 146, 163
análise e interpretação 56, 59
anti-American 75, 76, 77, 100
anticomunismo 11, 17, 20, 27, 28, 40
audiências 11, 16, 17, 20, 32, 39, 40, 54, 61, 63, 74, 75, 99, 103,
107, 112, 146, 171, 172, 310

C

censura 79, 85, 93, 101, 102, 146
Comitê de Atividades Contra-Americanas 15, 61, 77, 78, 95,
98, 104, 106, 107, 110, 114, 118, 122, 144, 146, 158,
163, 170, 175, 316
comitês parlamentares 11, 20, 31, 160, 162
Commissions 78
Committees 78
Communist Party of the United States of America 21
compreensão do texto 51, 69
comunismo 15, 16, 22, 36, 41, 42, 54, 60, 68, 69, 92, 98, 101,
102, 109, 129, 133
Congresso 15, 23, 28, 31, 35, 37, 39, 42, 63, 78, 81, 99, 115, 116,
117, 118, 121, 126, 134, 139, 143, 160, 161, 162, 167,
172, 200, 307, 308, 309, 311, 312, 313
conjuntura política e social 17, 20
contexto histórico 17, 20, 53, 65
CP 10, 42, 45, 71, 94
CPUSA 10, 21, 22, 27, 28, 33, 35, 36, 42, 46, 54, 63, 65, 66, 67,
69, 97, 98, 100, 308
cultura de partida 17, 45, 74
cultura do medo 23, 42, 98, 100

D

Declaração dos Direitos 43, 74, 116, 125, 130, 132, 148,
160, 162, 166, 172

democracia 16, 21, 53, 74, 85, 86, 101, 102, 103, 128
depoimentos 14, 17, 18, 36, 53, 54, 55, 60, 68, 74, 75, 86, 95, 98,
102, 103, 114, 121, 157, 184

deportações 21
desdobramentos 15, 16, 17, 20, 65
destinatários 46, 61, 63, 64, 68, 72
dimensão política 17, 48, 50
direitos civis 21, 22, 43
Doutrina Truman 23

E

elementos suprassegmentais 67, 69
elite econômica 20, 21
embate ideológico 55, 60
emissor 45, 61, 62, 63
era McCarthy 11, 15, 40, 42, 99
espiões 23, 28, 100
Estados Unidos 10, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 28, 31, 32, 34, 35, 40,
41, 42, 43, 53, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 73, 74, 75,
78, 85, 90, 97, 100, 101, 106, 108, 109, 116, 118, 122,
129, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 154, 156,
158, 165, 172, 178, 179, 185, 201, 307, 310, 311, 312

estratégias 12, 18, 57, 59, 66, 72, 73
estratégias de tradução 57
estrutura sintática 60, 67, 69
Estudos de Tradução 47, 53
etnocentrismo 50

F

falso testemunho 39, 62, 63, 131
fatores extratextuais 61, 62, 66, 67
FBI 10, 30, 31, 35, 171, 270, 315
Federal Bureau of Investigation 10, 35

fonte documental primária 16
fontes indiretas 16
fontes primárias 60
função 17, 45, 46, 57, 59, 61, 66, 74
função metatextual 46
fundamentação teórica 17, 43

G

Grande Depressão 22, 146
guerras civis 16

H

Hollywood 10, 11, 13, 14, 15, 17, 20, 22, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 60, 61, 65, 67, 81, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 98, 102, 103, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 119, 121, 152, 163, 171, 172, 179, 191, 202, 203, 206, 212, 213, 214, 252, 263, 270, 271, 272, 279, 301, 305, 307, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315

Hollywood Ten 10, 15, 17, 61, 88, 89, 111, 314

House of Representatives 12, 16, 54, 78, 211, 212, 217, 225, 259, 270

House Un-American Activities Committee 10, 15, 78, 87, 90, 263, 315

HT 10, 36, 39, 53, 54, 60, 64, 66

HUAC 10, 11, 13, 15, 16, 17, 20, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 53, 54, 60, 63, 64, 66, 67, 68, 75, 77, 78, 94, 100, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 316

I

imigrantes 20, 21, 34, 91, 146

indústria cinematográfica 13, 36, 39, 46, 54, 64, 67, 98, 104, 106, 107, 108, 110, 114, 119, 127, 130, 133, 135, 146, 149, 163, 164, 167, 170, 171, 178, 180, 182, 183, 200, 201

inquirição 53, 62, 69, 70, 74, 80, 113

intenção 35, 48, 50, 51, 53, 61, 62, 63, 65, 153, 184

interpretação 12, 48, 51, 56, 59, 81, 86

interrogados 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70

intolerância 16

J

Joseph McCarthy 15, 28, 99

L

LC 10, 46, 71

lealdade 40, 41, 47, 51, 97, 108, 110, 144, 171

léxico 62, 67, 68

Língua de chegada 10

Lista Negra 15, 99, 111

livre mercado 68, 74

local 22, 24, 32, 61, 64

looping model 55

M

macarthismo 15, 28, 40, 41, 43, 85, 102, 103

mídia 59, 61, 64

migração em massa 16

minibiografias 18

movimentos sindicais e sociais 21

N

nazi-fascismo 21, 34

neutralidade 49

New Deal 22, 23, 74, 109, 146, 147, 163, 247, 248

P

partidos conservadores 16

perseguições 21, 41, 100

pretexto 61, 65, 66

problemas de tradução 18, 57, 59, 60, 70, 71

processo de tradução 11, 18, 48, 53, 55, 56, 70

propaganda 15, 23, 35, 40, 46, 65, 66, 67, 92, 98, 100, 108, 110, 118, 212

propaganda anticomunista 23

propósito da tradução 17, 48, 57

R

radicais 21, 27, 41

radicalismo islâmico 16

realidade extralinguística 67, 69

Red Channels 30, 31

red scare 27, 91

S

Screen Writers Guild 10, 33, 73, 225, 226, 227, 229, 237, 239,
240, 241, 242, 249, 250, 265, 275, 276, 277, 291,
292, 295, 296, 297, 298, 299, 301, 302, 303, 305

Segunda Guerra 21, 23, 34, 35, 138, 165, 309

sindicatos 22, 33, 34, 36, 42, 108, 109, 139, 140

Skopostheorie 45

Socialist Party of America 21

soluções 12, 18, 51, 57, 59, 71, 72, 73

SWG 10, 33, 54, 66, 69

T

TC 10, 45, 46, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 70

tempo 30, 33, 47, 61, 62, 65, 75, 123, 124, 135, 159, 166, 172, 180,
185, 187, 188, 191, 192, 196, 203, 206

teorias funcionalistas 17, 47

terroristas 16, 101

testemunhas 29, 36, 38, 39, 54, 64, 79, 81, 98, 110, 111, 112, 114,
115, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 131, 133, 145,
152, 154, 157, 165, 168, 171, 175, 187, 190, 202

Texto de chegada 10

Texto de partida 10

TP 10, 45, 46, 55, 60, 61, 65, 67, 68, 70, 71, 73

tradução 11, 12, 14, 17, 18, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 55, 56, 57,
58, 59, 60, 61, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 82, 83,
84, 85, 86, 93, 94, 98, 101, 103

tradução documental 46, 72, 73

tradução-política 49

tradutor 11, 17, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 61,
66, 70, 72, 94, 309

transcrição 46, 54, 60, 61, 63, 64, 68, 70, 103, 121, 146

U

Un-American 10, 15, 71, 75, 78, 87, 90, 91, 98, 211, 212, 217, 225,
246, 259, 263, 270, 275, 315

União Soviética 23, 28, 97, 99, 100, 109

V

valores nacionais 16

vermelhos 27, 28, 29, 31, 92, 99

W

Wordfast Anywhere 57, 88

X

xenofobia 28

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

www.PIMENTACULTURAL.com

HOLLYWOOD

**TRADUÇÃO DOS DEPOIMENTOS
DOS DEZ DE HOLLYWOOD
AO COMITÊ DE ATIVIDADES
CONTRA-AMERICANAS**

